

RESUMOS DAS AULAS – FILOSOFIA GERAL

E ESPÍRITA

CONSIDERAÇÕES GERAIS

ESCOLA DE ESPIRITISMO – FILOSOFIA GERAL E FILOSOFIA ESPÍRITA

Os contatos para matrícula, perguntas, sugestões, etc., serão através do e-mail jose.fleuri.queiroz@gmail.com

- 1 – A matéria completa pode ser vista no site www.josefleuri.com.br ;**
- 2 – As aulas serão, no início do curso, às terças, das 19:00 hs às 20:30 hs;**
- 3 – Atualizaremos no site, antecipadamente, todo fim de semana, o resumo das aulas que serão objeto de estudo às terças;**
- 3 – Sugerimos, aos alunos que tiverem condições, e se assim o desejarem, além de leitura e estudo no momento que dispuserem de tempo, também o façam a sós, ou com acompanhantes, no mesmo dia e horário acima indicados, que serão mais eficientes os resultados, porque estarão em sintonia com os nossos trabalhos;**
- 4 – Aos alunos que já estiverem mais afeiçoados à Doutrina Espírita, recomendamos, se adotarem a sugestão do item 3 acima, que coloquem uma vasilha de água sobre a mesa para ser fluidificada pelos mentores espirituais, para ser ingerida pelos interessados após os estudos, e a sobra pode ser misturada com a água dos filtros, para consumo normal; se desejarem trocar passes, basta a simples imposição das mãos sobre a cabeça do assistido, por 15 a 30 segundos, sem toque corporal, e, simultaneamente, a prece mental solicitando a Assistência dos Mentores Espirituais, os verdadeiros doadores dos fluidos;**
- 5 – Aos alunos mencionados no item 4 acima sugerimos, também, se o desejarem, como recomendava Allan Kardec, que realizem, no final da reunião, o exercício de prática para o desenvolvimento de possível mediunidade psicográfica, ou de outra natureza, se forem portadores da faculdade correspondente (basta pegar papel e caneta e colocar-se em posição de escrever, após pedir a assistência e proteção dos Anjos Guardiães);**
- 6 – Encerrar a aula do dia com a prece PAI NOSSO, em agradecimento à Assistência dos Mentores Espirituais Presentes e, simultaneamente, orando por todos os necessitados encarnados ou desencarnados;**
- 7 – Começamos o estudo de “FILOSOFIA ESPÍRITA E FILOSOFIA GERAL” do volume II de IV, porque é o início da História da Filosofia, enquanto o volume I de IV EXISTENCIALISMO E INTEREXISTENCIALISMO, trata da Filosofia Contemporânea, que exige o conhecimento anterior; e com relação à “ESCOLA DE ESPIRITISMO – J.HERCULANO PIRES – 4 ANOS”, que contém matéria mais complexa, será precedida, neste ano, do “CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO J.HERCULANO PIRES”, com a duração de 1 ano;**
- 8 – Além dos estudos de nossas aulas resumidas, consideramos indispensável a leitura e estudos completos nas apostilas e livros que elaboramos e dos quais foram extraídos, constantes de nosso site e podendo ser baixados gratuitamente;**
- 9 - O desenvolvimento de um programa assim estruturado, para um curso de quatro anos, é ainda insuficiente para o estudo realmente profundo e minucioso da Doutrina Espírita. Mas serão criados, também, cursos de especialização ou de pós-graduação, de dois ou três anos, conforme as necessidades da matéria. As provas do curso, para aprovação nos anos sucessivos, não devem depender de exames nem de notas. A avaliação será feita pelo próprio Professor, através dos contatos com os alunos.**

**1ª AULA
07/ABRIL/2015**

**CURSO PREPARATÓRIO
PARA
ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES
Vide site www.josefleuri.com.br**

**I – RELIGIÃO ESPÍRITA
PRECE DE ABERTURA (PAI NOSSO)
INTRODUÇÃO**

**Livro: Calma (Emmanuel)
CALMA.**

Agitações na Terra.
Tempos de transição.
Dificuldades de entendimento.
Impactos do progresso.
Conflitos de gerações.

Estes são os motivos apresentados por muitos amigos para que lhes enderecemos algumas páginas sobre serenidade e segurança, já que a vida não nos permite parar, nem no Plano Físico, nem no Mais Além.

Realmente, a evolução não se interrompe.

Sofrendo ou aprendendo, criando ou recriando, melhorando ou renovando, errando ou reajustando, toda criatura prosseguirá sempre, em demanda aos objetivos supremos da Sabedoria Divina.

De qualquer modo, porém, e seja qual for o ponto do Universo em que se lhe ergue a moradia, o espírito necessita de paz em si mesmo, a fim de construir o seu próprio caminho para outros caminhos de elevação.

Desses raciocínios nasceu este livro que entregamos ao leitor amigo, desejando-lhe harmonia e confiança em Deus, na edificação da felicidade que aspiramos a conquistar.

"Calma" é a legenda que nos define o volume despretenso.

Que semelhante benção possa fortalecer-nos a todos, em meio dos obstáculos e embates, dificuldades e provas com que, porventura, sejamos defrontados em nossa marcha para o Amanhã Sempre Melhor, com o apoio de Jesus, o Mestre e Senhor, são os nossos votos.

Emmanuel

*

**MENSAGEM MEDIÚNICA
RECEBIDA POR MÉDIUM DO LICEU ALLAN KARDEC
003) CALMA! PACIÊNCIA! FÉ!**

Muita Paz meus Irmãos!

Sim, muita Paz. Hoje sinto que realmente está tudo mais tranquilo com vocês, meus irmãos, Sei que alguns de vocês têm passado por algumas amarguras e, porque não, até por momentos de muita impaciência e grandes tristezas. Sem saber o que fazer. Mas tenho acompanhado vocês bem de perto e senti que estão sabendo praticar mais a paciência e em consequência estão mais calmos. Agora, quero lhes dizer que

sejam sempre prudentes. Não deixem de se apegar sempre em Deus e não se esqueçam das palavras de Jesus. Tenham Fé. Fé n'Ele. No nosso Criador. Momentos de incerteza e de tristeza haverão de ser para o nosso aprimoramento, mas nunca se desesperem. Creiam sempre. Não percam a Fé e continuem Fortes e Firmes, como hoje os vejo em paz; muita harmonia, muita paz.

Continuem sempre otimistas. Pois aqueles que os esperam precisam de sua calma, de sua paciência e de sua Fé. Continuem Fortes, para transmitir-lhes pensamentos mais otimistas. Pois vocês são o exemplo que eles, os seus entes queridos, estão observando para poderem melhorar-se intimamente.

Sou eu a amiga de sempre que os acompanho e velo por vocês no dia a dia. Fiquem com Deus e não percam a Fé em Deus. Pois só Ele é o nosso sustentáculo.

Boa Noite!

Dolores. (Espírito). Psicografia da Médium Domitila – Liceu Allan Kardec. Buri Novembro de 1998.

*

TROCA DE PASSES (OPTATIVO)

*

II – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Consolador. (Emmanuel)

FILOSOFIA

115 – *É a Filosofia a interpretação sintética de todas as atividades do espírito em evolução na Terra?*

-A Filosofia constitui, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado, na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas umas à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas.

116 – *O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?*

-Como a maioria das criaturas humana se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus.

Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da Terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117 – *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias experiências do Espírito sobre a Terra?*

-Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118 – *Como se registram as experiências do Espírito em uma encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subsequentes?*

-É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119 – *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?*

-Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições

da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfectibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120 – *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?*

-Diremos, melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

*

III – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)

Num século de Espiritismo

Questão nº 1

Num século inteiro de atividades, temos visto a Ciência procurando apaixonadamente as realidades do Espírito.

Provas indiscutíveis não lhe foram regateadas.

E tantas foram elas que Richet conseguiu articular, com êxito, as bases clássicas da Metapsíquica, usando recursos tão demonstrativos e convincentes quanto aqueles empregados na exposição de qualquer problema de patologia ou botânica.

Sábios distintos, entre os quais Wallace e Zöllner, Crookes e Lombroso, Myers e Lodge, mobilizando médiuns notáveis, efetuaram experiências de valor incontestes.

Entretanto, se nos vinte lustros passados a mediunidade serviu para atender aos misteres brilhantes da observação científica, projetando inquirições do homem para a Esfera Espiritual, é justo satisfaça agora às necessidades morais da Terra, carreando avisos da Esfera Espiritual para o homem.

Se o primeiro século de Doutrina Espírita viu realizações admiráveis, desde os cálculos profundos da física nuclear aos rudimentos da astronáutica, surpreendeu, igualmente, calamidades terríveis, como sejam: as guerras de conquista e rapinagem, nas quais os campos de prisioneiros foram teatro para os mais hediondos espetáculos de barbárie e degradação, em nome do direito; a técnica na destruição de cidades em massa; as inquisições políticas, à feição das antigas inquisições religiosas, amordaçando a liberdade de consciência; a proliferação das indústrias do aborto, às vezes com o amparo de autoridades respeitáveis; a onda crescente dos suicídios; o delírio dos entorpecentes; o abuso da hipnose; o lenocínio transformado em costume elegante da vida moderna; o aumento dos chamados crimes perfeitos, com manifesta perversão da inteligência, e a percentagem assustadora das moléstias mentais com alicerces na obsessão.

Desse modo, não nos basta apenas um “espiritismo científico” que despenda indefinida quota de tempo averiguando a sobrevivência do ser, além do sepulcro.

Embora a elevação de propósitos dos pesquisadores eminentes, que tateiam os domínios da alma, não podemos esquecer a edificação do sentimento.

É assim que, repetindo as lições do Cristo para o mundo atormentado, não nos achamos simplesmente diante de um “espiritismo social”, mas em pleno movimento de recuperação da dignidade humana, porquanto, em verdade, perante o materialismo irresponsável, a sombrear universidades e gabinetes, administrações e conselhos, laboratórios e templos, cenáculos e multidões, o Evangelho de Jesus, para esclarecimento do povo, tem regime de urgência.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação
José Herculano Pires
Informações Preliminares.

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tiques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatórios.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais frequentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Na Antiguidade a obsessão era tratada com violência. As práticas do exorcismo, até hoje vigentes no Judaísmo e no Catolicismo, destinam-se a afastar o demônio de maneira agressiva e violenta. No Espiritismo o método empregado é o da persuasão progressiva do obsessor e do obsedado. É o que se chama de doutrinação, ou seja, esclarecimento de ambos à luz da Doutrina Espírita. Não se usa nenhum ingrediente especial. Emprega-se apenas a prece e a conversação persuasiva. Esclarecido o obsedado, atinge-se o obsessor, que ficam, por assim dizer, vacinados contra novas ocorrências obsessivas.

*

IV – PARAPSIKOLOGIA
Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã
J. Herculano Pires
O que é o homem?

A pergunta "O que é o homem?" abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica — ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine — encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às consequências desse processo. *O homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de *se abrir* no extra-sensório, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O homem-psi é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem — e reagirão ainda por algum tempo — certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. *O homem-psicológico* moderno

está irremediavelmente superado pelo *homem-psi* contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

*

**V – PRÁTICA – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS
DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE
Livro: O Livro dos Médiuns (Allan Kardec)
CAPÍTULO XVII
DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS**

Desenvolvimento da mediunidade. Mudança de caligrafia. - Perda e suspensão da mediunidade.

Desenvolvimento da mediunidade

200. Ocupar-nos-emos aqui, especialmente, com os médiuns escreventes, por ser o gênero de mediunidade mais espalhado e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos. E também o que toda gente ambiciona possuir. Infelizmente, até hoje, por nenhum diagnóstico se pode inferir, ainda que aproximadamente, que alguém possua essa faculdade. Os sinais físicos, em os quais algumas pessoas julgam ver indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se lhe comprovar a existência. É experimentar.

Pode obter-se a escrita, como já vimos, com o auxílio das cestas e pranchetas, ou, diretamente, com a mão. Sendo o mais fácil e, pode dizer-se, o único empregado hoje, este último modo é o que recomendamos à preferência de todos. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em a pessoa tomar de um lápis e de papel e colocar-se na posição de quem escreve, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, para que alcance bom êxito, muitas recomendações se fazem indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos se evite tudo o que possa embarçar o movimento da mão. É mesmo preferível que esta não descanse no papel. A ponta do lápis deve encostar neste o bastante para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Todas essas precauções se tomam inúteis, desde que se tenha chegado a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detém mais a mão.

São meras preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente que se use da pena ou do lápis. Alguns médiuns preferem a pena que, todavia, só pode servir para os que estejam formados e escrevem pausadamente. Outros, porém, escrevem com tal velocidade, que o uso da pena seria quase impossível, ou, pelo menos, muito incômodo. O mesmo sucede, quando a escrita é feita às arrancadas e irregularmente, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA
AMOR DA SABEDORIA E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)

Vide site www.josefleuri.com.br

INTRODUÇÃO E AUTO-APRESENTAÇÃO

Relembramos, aqui, a nossa proposta de elaboração de quatro volumes, com o título acima, conciliando, na medida do possível, a Filosofia Espírita e a Filosofia Geral, procurando demonstrar a superioridade, a atualidade e perpetuidade da primeira. Para esse fim, estamos recorrendo, principalmente, às obras de J. Herculano Pires (O Filósofo para o Século XXI) e de Emmanuel (psicografadas por Francisco Cândido Xavier), comprovando que a Doutrina Espírita, elaborada por ALLAN KARDEC, é “A FILOSOFIA”.

Como já afirmado no Volume I – Existencialismo e Interexistencialismo -, esta iniciativa é dirigida, preliminarmente, ao meio acadêmico em geral, ou seja, Faculdades de Filosofia, Direito e congêneres, onde detectamos a necessidade de um novo dinamismo no conteúdo programático das matérias escolares de suas responsabilidades. Por extensão, pretendemos relembrar ao leitor espírita a figura extraordinária de J. Herculano Pires que porfiou bravamente pela pureza doutrinária do Espiritismo, enfatizando seu caráter filosófico, como atestam seus inúmeros livros, principalmente os que foram escritos após ter galgado o título de Mestre em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP).

Nosso primeiro volume (Existencialismo e Interexistencialismo) demonstrou a parcial identidade da Filosofia Existencial Contemporânea com a Filosofia Espírita, sendo que esta não só corrige aquela, quando necessário, como, também, a extrapola demonstrando e comprovando as relações interexistenciais, isto é, entre os Planos Físico e Espiritual.

Este trabalho parte do início da História da Filosofia, com Tales de Mileto chegando até Ibn Khaldun, sendo intercalados textos de vários autores e, dentre eles, como já dito, de J. Herculano Pires, Emmanuel e Allan Kardec. Tendo por alvo principal a divulgação da Filosofia Espírita, não tecemos nenhum comentário, deixando esse mister para os autênticos escritores e filósofos do futuro.

Pretendemos, nos demais volumes, III e IV, manter o mesmo critério, seguindo a cronologia Histórica da Filosofia: Moderna e Contemporânea.

Na qualidade de Mestre em Filosofia do Direito e do Estado (PUC-SP, 1998), Pós-graduado em Direito Penal – Especialização – (FMU-SP, 1996), Advogado Criminalista, Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil (aposentado, 1991), espírita atuante desde 1975 (de 1975 a 1990, junto à Federação Espírita do Estado de São Paulo, na capital paulista), dirigente do Liceu Allan Kardec (ainda embrião) e do Centro Espírita ‘Sinhainha’, ambos em Buri-SP, e tendo já lançado os seguintes livros: 1) A Educação Como Direito e Dever à Luz da Filosofia e do Direito Natural (Dissertação de Mestrado – 2.003); 2) Código de Direito Natural Espírita (2.006); 3) Suicídio É Ou Não É Crime? (2.007); 4) Ciência Médica e Medicina Espírita – Mediunidade Curadora (2.009); 5) Pena de Duração Indeterminada (2.009), todos pela mesma Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, colocamo-nos sob o dever peremptório de dar prosseguimento à divulgação da maravilhosa Doutrina Espírita, através dos expoentes já fartamente mencionados, que sublimaram a

figura incomparável de ALLAN KARDEC, cuja obra, tendo por fundamento os ensinamentos de JESUS CRISTO, jamais será superada.

Buri, 16 de Outubro de 2.009.

José Fleurí Queiroz.

*

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro de José Fleurí Queiroz

Vide site www.josefleuri.com.br

INTRODUÇÃO

Primeiramente desejo agradecer aos queridos leitores que têm prestigiado com seu interesse os nossos trabalhos, através desta Editora: 1) Educação Como Direito e Dever À Luz da Filosofia e do Direito Natural, em 2.003; 2) Código de Direito Natural Espírita, 1ª. Edição em 2003 e 2ª. Edição em 2010; 3) Suicídio É Ou Não É Crime? Em parceria com meu filho Allan Francisco Queiroz, em 2007; 4) Filosofia do Direito e Filosofia Espírita – Pena Indeterminada -, em 2009 e 5) Medicina Espírita e Ciência Médica, em 2.009.

Esses livros, bem como este, **Filosofia Geral Versus Filosofia Espírita**, além de contemplar os adeptos do Espiritismo, visam, também, divulgar a Filosofia Espírita nos meios universitários: Direito, Administração Medicina, Filosofia, etc., como também aos profissionais dessas áreas, sem omitir o público em geral.

Tendo militado por muitos anos como Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil, Advogado Criminalista, Professor Universitário – na condição de Mestre em Filosofia do Direito e do Estado -, realizado vários cursos de Pós-Graduação na área do Direito, frequentado por longo tempo a Federação Espírita do Estado de São Paulo, concluí, finalmente, haver grande carência em nossa Cultura Geral de valores espirituais apoiados em conclusões racionais e lógicas.

Convenci-me da grande responsabilidade a que a vida me conduziu e propus-me, apesar dos poucos recursos, mas com fervoroso ideal, contribuir para a divulgação da fantástica Filosofia Espírita, atirando-me às pesquisas e coletando o melhor que pudesse para tentar transmitir ao meu semelhante, no tempo mais curto possível, o que me custou mais de 40 anos para assimilar.

Quanto a este livro, minha querida esposa já disse tudo no Prefácio, restando-me apenas reproduzir parte de suas observações:

(...) Sua pesquisa partiu do início da História da Filosofia reunindo as doutrinas dos principais pensadores, Amantes da Sabedoria (como os chamara Pitágoras), confrontando com a Filosofia Espírita, a Terceira Revelação, o outro Consolador prometido por Jesus, sob a égide do Espírito de Verdade, Codificada por Allan Kardec, no século XIX, através da qual todas as lacunas, incoerências e possíveis contradições do passado foram sanadas, tranquilizando toda Humanidade quanto à sua destinação e fornecendo-lhe os meios indispensáveis para a conquista da Real Felicidade.

Como se não bastasse, o Menino Fleurí avançou no tempo, adentrando os séculos XX e XXI, e estudando todas as obras do extraordinário Filósofo José Herculano Pires e as do Espírito Emmanuel, estas psicografadas pelo não menos fantástico Francisco Cândido Xavier – o Chico Xavier -, não apenas ratifica e consolida como, também, demonstra toda a atualidade de Allan Kardec, comprovando, ainda, a superioridade da Filosofia Espírita em confronto com as Filosofias da Existência de nossos dias.

Desse confronto FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA, além da Cultura Geral que adquirirá, não resta ao maior dos céticos senão convencer-se de que o mundo é uma GRANDE ESCOLA onde estamos todos matriculados com o objetivo

principal do autoconhecimento e conseqüente aperfeiçoamento moral como Aprendizes do Evangelho, a bússola que O MAIOR DOS FILÓSOFOS – JESUS CRISTO – nos legou para que pudéssemos alcançar a Felicidade levando-a, também, ao nosso próximo pelo cumprimento da máxima “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO” - NEM FELICIDADE!

QUE ASSIM SEJA!

*

**EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO
(OPTATIVO)**

*

**VIBRAÇÕES - PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA**

*

2ª AULA – 14/ABRIL/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

Vide site www.josefleuri.com.br

I – INTRODUÇÃO

Livro: Calma. (Emmanuel)

NOS ENCARGOS DA VIDA

Recorda: Deus nos criou para a execução de determinados encargos, em que nos fazemos felizes.

Não digas que a Terra é um mundo exclusivamente de provações.

Em qualquer degrau da evolução, podes instalar-te no lugar próprio à criação de tuas próprias alegrias.

Necessário reconhecer que te encontras na condição certa e com as criaturas mais adequadas para a tarefa a cumprir.

Conscientiza-te de que ninguém consegue realizar algo sem o apoio de alguns, competindo-nos a todos adquirir paciência e tolerância de uns para com os outros

Aprendamos a viver sem reclamações e sem queixas.

Os obstáculos e problemas, em maioria, com que somos defrontados na desincumbência de nossos deveres partem de nós e não dos outros

Adaptarmo-nos às exigências do trabalho a realizar, sem perder altura no ideal superior que abraçamos, é norma de triunfo em nossas obrigações.

Lembremo-nos de que todos aqueles que sabem desculpar as dificuldades e faltas alheias estão criando fatores de base ao próprio êxito.

Quem se consagra a servir, serve para viver, honrando a vida em qualquer posição.

*

MENSAGEM MEDIÚNICA recebida no Liceu.

006) FORÇA DE VONTADE. FÉ. PERFEIÇÃO!

Boa noite irmãos!

Estamos novamente aqui para o nosso burilamento íntimo. Aprendendo cada dia um pouco mais, ou melhor, recordando o que já, há muito, aprendemos.

Hoje, estamos um pouco distanciados do verdadeiro caminho, o qual, como já disse, há muito conhecemos; mas, se estamos reunidos é para aprendermos a ser hoje um pouco melhores que ontem e, amanhã, um pouco melhores que hoje. Pois, o caminho é a perfeição, a pureza de Espírito que necessitamos ter para chegar ao Pai; pois só nos melhorando e aperfeiçoando, um dia chegaremos a transpô-lo. Mas, para isso precisamos de Força de Vontade; porque o que é o certo e o que é o errado não precisamos que ninguém nos diga.

Força de vontade é o que precisamos e, a Fé, só se encontra com a Força de Vontade de conhecermos o que já conhecemos, para o nosso burilamento; não só para sermos melhores para nós, mas, melhorarmos para poder servir de exemplo e ajudar aos que ainda não viram a luz que temos o privilégio de ver.

Força de Vontade Irmãos e muita Paz!

Sou eu, Dolores!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri 11/12/1998).

*

Poesia
SALVE KARDEC
Cornélio Pires

Sobre a Terra de sombra e de amargura
A treva espessa e triste se fizera.
A Ciência e a Fé nas asas da quimera
Mais se afundavam pela noite escura.

A alma humana de então se desespera,
E eis que das luzes místicas da altura
Desce outra luz confortadora e pura,
De que o mundo infeliz se achava à espera.

E KARDEC recebe-a, sobre o abismo
Espalhando as lições do Espiritismo,
Em claridades de consolação.
Emissário da Luz e da Verdade,
Entrega ao coração da Humanidade
A Doutrina de Amor e Redenção.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (A.KARDEC)
CAPÍTULO I – ITEM 7

7. Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a lei, porém cumpri-la", também o Espiritismo diz: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução." Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

*

TROCA DE PASSES (OPTATIVO)

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos (Allan Kardec).

Questões 886 e 887

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entende Jesus?
– Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como irmãos”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus ensinou ainda: “Amai aos vossos inimigos”. Ora, o amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

– Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagarlhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores; pela vingança nos colocamos abaixo deles.

*

IV - CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação - (J. Herculano Pires)

I - O sentido da vida.

Porquê e para que vivemos? A resposta a esta pergunta é de importância para compreendermos o problema da obsessão. Segundo o Espiritismo, vivemos para desenvolver as potencialidades psíquicas de que todos somos dotados.

Nossa existência terrena tem por fim a transcendência, ou seja, a superação constante da nossa condição humana. Desde o nascimento até o nosso último dia passamos pelas experiências que desenvolvem as nossas aptidões inatas, em todos os sentidos. A criança recém-nascida cresce dia a dia, desenvolve o seu organismo, aprende a comunicar-se com os outros, a falar e a raciocinar, a querer e a agir para conseguir o que quer. Transcende a condição em que nasceu e passa para as fases superiores da infância, entrando depois na adolescência e depois na mocidade, na maturidade e na velhice.

Ao fazer todo esse trajeto ela desenvolveu suas forças orgânicas e psíquicas, sua afetividade, sua capacidade de compreender o que se passa ao seu redor e seu poder de dominar as circunstâncias. Isso é transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu.

É para isso que vivemos. E isso nos mostra que o sentido da vida é transcendência.

Hoje, a Filosofia Existencial sustenta esse mesmo princípio no campo filosófico.

Os existencialistas consideram o homem como um projeto, ou seja, um ser projetado na existência como uma flecha em direção a um alvo, que é a transcendência. Mas no Espiritismo as existências são muitas e sucessivas, de maneira que em cada existência terrena atingimos um novo grau de transcendência. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre a reencarnação confirmam esse princípio. O fato de vivermos muitas vidas na Terra, e não apenas uma, mostra que temos no inconsciente uma armazenagem de lembranças e conhecimentos, aspirações, frustrações e traumas muito maior que a descoberta por Freud.

É bom anotar na memória este dado importante: quando Kardec descobriu as manifestações do inconsciente, através de suas pesquisas sobre os fenômenos anímicos, Freud tinha apenas um ano de idade. Isso não desmerece Freud, que não conhecia as pesquisas de Kardec, mas nos prova a segurança das pesquisas espíritas do psiquismo humano. A concepção espírita da vida humana na Terra não é imaginária, mas real, baseada em pesquisas científicas. Os que consideram o Espiritismo como uma doutrina supersticiosa, gerada pela ignorância, revelam ser mais ignorantes do que poderiam pensar de si mesmos. A Doutrina Espírita está hoje comprovada cientificamente pelos cientistas mais avançados. Dizemos isto para mostrar aos leitores que o sentido da vida, a que nos referimos, não é uma hipótese, mas uma realidade. Se não compreendermos que a vida é transcendência, crescimento, elevação e desenvolvimento constante e comprovado do ser espiritual que somos, não poderemos encarar com naturalidade o problema da obsessão e lutar para resolvê-lo.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA
Livro: Introdução à Filosofia Espírita (J. Herculano Pires)
Do Indivíduo Como Representação Coletiva

Na tribo ou na horda, nas civilizações agrárias ou nas civilizações teocráticas, o indivíduo é apenas uma peça da engrenagem social. Funciona segundo as exigências do meio, guiado pelas forças operantes da estrutura sociocultural. Denis de Rougemont demonstrou como essas forças determinam a sujeição absoluta do indivíduo à estrutura. Quando ele se reconhece dotado de características próprias, realizando-se na transcendência horizontal da relação social, destaca-se da massa. Corre então o risco da excomunhão. Mas se dispuser de estrutura individual suficientemente unificada (personalidade) poderá elevar-se sobre o meio, iniciando a fase da transcendência vertical. Nesse caso ele se projeta como uma forma de representação coletiva. Será então o chefe, o líder, o guia, integrando o grupo dirigente da comunidade, a sua *inteligência*. Mas assim mesmo estará freado pelos condicionamentos sociais, terá de fazer concessões à moral social, aos sistemas estabelecidos, às crenças vigentes, ao contexto geral da tradição. Se quiser sobrepor-se a esses fatores poderá ser esmagado pela pressão da massa, traduzida nas sanções institucionais. Foi o caso de Sócrates, como foi o caso de Jesus.

(...)

*

VI – PARAPSIKOLOGIA
Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã
(J. Herculano Pires)

PSI e as transformações sociais

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. À primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores consequências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os arquétipos coletivos de Jung, os instintos do eu de Freud; a vontade de poder de Nietzsche; a compensação de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lenin há toda uma sequência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

(...)

*

**VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS
DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE. DESOBSCESSÃO
Livro dos Médiuns (Allan Kardec)
Questões 203 a 205**

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder conversar com Espíritos de pessoas queridas, mas essa impaciência deve ser moderada, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta quase sempre dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. Somente na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito comunicante.

Pode ser, portanto, que o Espírito desejado não esteja em condições propícias, apesar de se encontrar presente. Como pode ser, ainda, que ele não tenha possibilidade nem permissão de atender ao apelo. Convém, pois, no princípio, abster-se o médium de chamar um determinado Espírito, porque muitas vezes acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário tratar do desenvolvimento da faculdade, fazendo para isso um apelo geral e se dirigindo sobretudo ao seu anjo guardião.

Não há para isso fórmulas sacramentais. Quem pretender oferecer uma fórmula pode ser firmemente taxado de impostor, porque para o Espírito a forma nada vale. Entretanto a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes: Rogo a Deus todo poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo, fazendo-me escrever; rogo também ao meu Anjo Guardião que me assista e afaste de mim os Espíritos maus.

Espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode ser um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda. Num caso ou noutro, geralmente ele se dá a conhecer escrevendo o nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das que requerem maior experiência, pois são poucos os iniciantes que não estejam expostos a ser enganados. Tratamos disso logo mais, em capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender, como os de parentes e amigos. Nesse caso a evocação pode ser feita assim: Em nome de Deus todo poderoso, rogo ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou ainda: Rogo a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que

se comunique comigo. Ou por outras palavras correspondentes a esse mesmo pensamento.

É também necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de maneira que as respostas sejam dadas simplesmente por um sim ou não. Por exemplo: Estás aí? Queres responder? Podes fazer-me escrever? etc. Mais tarde, essa precaução será desnecessária. No começo, trata-se de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a coisas de interesse privado, e sobretudo que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver o capítulo especial sobre Evocações)

204. Mais importante a se observar, do que a maneira de fazer o apelo, é a calma e o recolhimento que se deve ter, junto a um desejo ardente e uma firme vontade de êxito. E por vontade não entendemos aqui um desejo efêmero e inconsequente, a cada momento interrompido por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada com firmeza, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações.

Nada mais resta então a fazer, senão isto: renovar todos os dias a tentativa, durante dez minutos, um quarto de hora ou mais de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se necessário. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e elevado. Mas é bom lembrar que, quando se propõe aos Espíritos a questão de saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente. Propõe-se ao Espírito uma questão geral e ele responde de maneira geral. Como se sabe, nada mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e nos mais diversos graus. Pode-se, portanto, ser médium sem o perceber e num sentido diferente do que se pensa.

A esta questão vaga: Sou médium? O Espírito responde: Sim. A esta mais precisa: Sou médium escrevente? Ele pode responder: Não. Deve ainda conhecer a natureza do Espírito interrogado. Há Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estúrdios. Eis porque aconselhamos dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidades de êxito.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA
AMOR DA SABEDORIA E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br

**Livro “Os Filósofos”. J. Herculano Pires, Edições FEESP, 1ª.
 Edição, págs. 13-16. –**

PRELIMINARES

A Filosofia é um ato de contrição e um exame de consciência. Quando o Homem se sente cansado das solicitações exteriores, volta-se para si mesmo, procurando beber novas forças e nova luz, na fonte oculta do coração. Mergulhar em si mesmo, esquadrihar os próprios pensamentos, sondar os anseios que disfarçam intenções secretas, para descobrir no fundo de si, como no fundo do poço, a pureza da verdade nua, isso é filosofar. E todos o fazem, todos são obrigados a fazê-lo. A Filosofia, dizia o nosso filósofo Farias Brito, é uma atividade permanente do espírito.

Mas assim como para andar precisamos de uma fase de exercício e aprendizado, para pensar precisamos de um critério de clareza, para sentir devemos orientar o coração, assim, também, para filosofar precisamos aprender a ciência do mergulho em nós mesmos. E como aprendê-la melhor, se não pelo exemplo daqueles que a praticam, e se possível até mesmo no seu convívio? Daí o interesse de livros em que a Filosofia é apresentada na dinâmica do seu processo histórico, marcando seus próprios rumos através da ação e do sofrimento dos homens. Por falhas ou débeis que se apresentem, estas tentativas de mostrar a Filosofia em ação contribuem sempre para aguçar e orientar o nosso espírito.

As definições de Filosofia são muitas, e não raro contraditórias. A melhor e a mais profunda, segundo cremos, é ainda a da resposta de Pitágoras a Leonte (tirano governante grego): *amor da sabedoria*. Em sentido moderno, dentro das exigências de precisão do nosso tempo, diremos que *a Filosofia é a crítica do conhecimento*. Embora a restrição pareça excessiva, não damos à expressão o sentido kantiano, mas um sentido mais amplo. Desde que começou a pensar, o Homem sentiu a necessidade de criticar, de tempos a tempos, o conhecimento do mundo, que elaborava em sua mente. Esse é o processo da Filosofia, a sua função, o seu sentido, a sua natureza.

O leitor pode ver isso nos primeiros capítulos deste livro, pelo exemplo histórico. A filosofia grega é um processo completo, um mundo inteiro, que nos proporciona a visão integral do desenvolvimento do pensamento numa grande civilização. Vemos nela, a partir de Pitágoras, como a reflexão filosófica renova sem cessar as formas do conhecimento. Dos filósofos da Escola de Mileto, já libertados do orfismo (dogmas, mistérios, princípios e

poemas filosóficos atribuídos a Orfeu) pitagórico, até o episódio dos sofistas, há um verdadeiro desenrolar dialético da história do pensamento, através da Crítica. Sócrates, Platão e Aristóteles completam esse processo, que por fim se dilui na fase helenística, esmaecendo no tempo, como os lampejos cada vez mais tênues de um entardecer.

(...)

*

FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro de José Fleurí Queiroz

Vide site www.josefleuri.com.br

CAPÍTULO I - EXISTENCIALISMO - PRIMEIRA PARTE

FILOSOFIA GERAL - FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA

A Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica - A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria (ilegítima, adulterada) do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices (leviandades, extravagâncias) da cantora Julliete Grecco, que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de “O Ser e o Nada” e da “Crítica da Razão Dialética” costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia.

Vida e Existência – O Homem é um pro-jecto - O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um ‘pro-jecto’, um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, o homem se completa na morte. A Filosofia Existencial admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único “existente”. Esta palavra, “existente”, designa o homem como ser na existência.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES - PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA.

3ª AULA – 21/ABRIL/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES
 Vide site www.josefleuri.com.br

I – INTRODUÇÃO

Livro: Calma (Emmanuel)

Passando pela Terra

Sempre útil não te esqueceres de que te encontras em estágio educativo na Terra.

Jornadeando nas trilhas da evolução, não é o tempo que passa por ti, mas, inversamente, és a criatura que passa pelo tempo.

Conserva a esperança em teus apetrechos de viagem.

Caminha trabalhando e fazendo o bem que puderes.

Aceita os companheiros do caminho, qual se mostram, sem exigir-lhes a perfeição da qual todos nos vemos ainda muito distantes.

Suporta as falhas do próximo com paciência, reconhecendo que nós, os espíritos ainda vinculados à Terra, não nos achamos isentos de imperfeições.

Levanta os caídos e ampara os que tropeçam.

Não te lamentes.

Habitua-te a facear dificuldades e problemas, de ânimo firme, assimilando-lhes o ensino de que se façam portadores.

Não te detenhas no passado, embora o passado deva ser uma lição inesquecível no arquivo da experiência.

Desculpa, sem condições, quaisquer ofensas, sejam quais sejam, para que consigas avançar, estrada afora, livre do mal.

Auxilia aos outros, quanto estiver ao teu alcance, e repete semelhante benefício, tantas vezes quantas isso te for solicitado.

Não te sirvam de estorvo ao trabalho evolutivo as calamidades e provas em que te vejas, já que te reconheces passando pela Terra, a caminho da Vida Maior.

Louva, agradece, abençoa e serve sempre.

E não nos esqueçamos de que as nossas realizações constituem a nossa própria bagagem, onde estivermos, e nem olvidemos que das parcelas de tudo aquilo que doamos ou fazemos na Terra, teremos a justa equação na Vida Espiritual.

*

Mensagem Mediúnica

009) ANO VELHO e ANO NOVO!

Irmãos: estamos novamente com vocês para participar de mais um dia de trabalho. Digamos, mais uma etapa, pois a nossa reforma íntima adquirida nestes trabalhos e no cotidiano é feita por etapas; pois sempre há uma etapa para vencer, uma após outra e nunca chegamos ao fim. Façam de conta que nestes últimos dias do ano que passa, fossem os nossos últimos momentos na vida. Já pensaram!? Como é terrível ir de repente e deixar nossos entes queridos e percebermos que nada fizemos, ainda, para nossa melhora íntima, para a nossa aproximação a Deus. E, então, já será tarde demais...

Pensemos... Mas não deixemos os minutos transcorrerem vazios. Se, neste último momento, ainda sentirem vontade de chegar-se a uma pessoa ou uma situação que os magoam, ou irritam, não percam tempo; o momento é já, pois não haverá outro e deixem desabrochar de dentro de cada um a criança que existe dentro de nós. Pois as crianças são puras, as crianças não fingem. Deixem que morra com o ano velho, o velho ou a velha que existe dentro de cada um e deixem que a criança ressurja cheia de alegria ou com vontade de chorar. Riam, chorem, aplaudam. Não se envergonhem de serem apenas sinceros; só assim começarão o ano novo de cada um como fazem as criancinhas! Esquecem tudo, perdoam tudo e começam tudo outra vez.

Assim como o sol nasce brilhando após a tempestade, esqueçamos tudo e recomeçamos! Onde foi que erramos, onde foi que falhamos? Não, não importa, esqueçamos tudo e recomeçamos, pois a vida é um eterno recomeço e é feita por etapas. Se não terminarmos nossa obra hoje, certamente terminaremos algum dia, mas não percam tempo. Ano Velho e Ano Novo. Onde termina e onde começa? Se não aproveitamos os ensinamentos da vida como fazem as criancinhas na sua pureza... Então... Não fizemos nada!

O momento é hoje. O momento é agora. Acabe com o Homem Velho ou a Mulher Velha que existe em você e deixe aflorar a pureza da criança que todos temos dentro de nós.

Deus os abençoe.

Aqui, somos Dolores e Elias.

(*Espíritos: Dolores e Elias. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 29/12/1998*).

*

Poesia

OBSESSOR

Cornélio Pires

Nhô Cacique, na Roça do Boi Manso,
Engolia a branquinha assossegado,
Mas dizia que estava obsedado,
Encolhido na rede de balanço.

Um dia, na sessão de Nhô Picanço
Ele falou ao guia incorporado:
“Ah! meu irmão, tem dó de meu estado! ...
Que defunto perturba meu descanso?”

O guia disse: “Deus te fortaleça...
Pega o arado! Serviço na cabeça

Cura esse sofrimento que te abafa! ...

Morto que te persegue, Nhô cacique,
É a cana doce, morta no alambique,
Enterrada na boca de garrafa.”

Livro: Poetas Redivivos –
Psicografia: Francisco Cândido Xavier – Autores diversos

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA
O Evangelho Segundo o Espiritismo
Allan Kardec - Capítulo II, 3.
A VIDA FUTURA

3. Os judeus tinham idéias muito imprecisas sobre a vida futura. Acreditavam nos anjos, que consideravam como os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens, um dia, pudessem tornar-se anjos e participar da felicidade angélica. Segundo pensavam, a observação das leis de Deus era recompensada pelos bens terrenos, pela supremacia de sua nação no mundo, pelas vitórias que obteriam sobre os inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram os castigos da desobediência. Moisés o confirmou, ao dizer essas coisas, ainda mais fortemente, a um povo ignorante, de pastores, que precisava ser tocado antes de tudo pelos interesses deste mundo. Mais tarde, Jesus veio lhes revelar que existe outro mundo, onde a justiça de Deus se realiza. É esse mundo que ele promete aos que observam os mandamentos de Deus. É nele que os bons são recompensados. Esse mundo é o seu reino, no qual se encontra em toda a sua glória, e para o qual voltará ao deixar a Terra.

Jesus, entretanto, conformando o seu ensino ao estado dos homens da época, evitou de lhes dar o esclarecimento completo, que os deslumbraria em vez de iluminar, porque eles não o teriam compreendido. Ele se limitou a colocar, de certo modo, a vida futura como um princípio, uma lei da natureza, à qual ninguém pode escapar. Todo cristão, portanto, crê forçosamente na vida futura, mas a ideia que muitos fazem dela é vaga, incompleta, e por isso mesmo falsa em muitos pontos. Para grande número, é apenas uma crença, sem nenhuma certeza decisiva, e daí as dúvidas, e até mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em muitos outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens se mostraram maduros para compreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida; futura não é mais simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade material, provada pelos fatos. Porque são as testemunhas oculares que a vêm descrever em todas as suas fases e peripécias, de tal maneira, que não somente a dúvida já não é mais possível, como a inteligência mais vulgar pode fazer uma ideia dos seus mais variados aspectos, da mesma forma que imaginaria um país do qual se lê uma descrição detalhada. Ora, esta descrição da vida futura é de tal maneira circunstanciada, são tão racionais as condições da existência feliz ou infeliz dos que nela se encontram, que acabamos por concordar que não podia ser de outra maneira, e que ela bem representa a verdadeira justiça de Deus.

*

TROCA DE PASSES (OPTATIVO)

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos - Allan Kardec – Questões 358 a 360

358. O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção?

– Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida à criança antes do seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.

359. No caso em que a vida da mãe estivesse em perigo pelo nascimento da criança, haveria crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

– É preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.

360. É racional ter pelos fetos o mesmo respeito que se tem pelo corpo de uma criança que tivesse vivido?

– Em tudo isto vede a vontade de Deus e a sua obra, e não trateis levianamente as coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da Criação, que às vezes são incompletas pela vontade do Criador? Isso pertence aos seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns - Allan Kardec

Questão 3 - Existem Espíritos?

3. Tudo isto não passa de uma teoria mais racional do que a outra. Mas já não é bastante ser uma teoria que a razão e a ciência não contradizem? Além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a sanção da lógica e da experiência. Encontramos os fatos nos fenômenos de manifestações espíritas, que nos dão a prova positiva da existência e da sobrevivência da alma. Há muita gente, porém, que nega a possibilidade dessas comunicações com os Espíritos. São pessoas que acreditam na existência da alma, e conseqüentemente na dos Espíritos, mas sustentam a teoria de que os seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Trata-se de uma dúvida originada pela ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, da qual geralmente se faz uma ideia falsa, considerando-os seres abstratos, vagos e indefinidos, que não é verdade.

Consideremos o Espírito, antes de tudo, na sua união com o corpo. O Espírito é o elemento principal dessa união, pois é o *ser pensante e que sobrevive à morte*. O corpo não é mais que um acessório do Espírito, um invólucro, uma roupa que ele abandona depois de usar. Além desse envoltório material o Espírito possui outro, semimaterial, que o liga ao primeiro. Na morte, o Espírito abandona o corpo, mas não o segundo envoltório, a que chamamos de *perispírito*. Este envoltório semimaterial que tem a mesma forma humana do corpo, é uma espécie de corpo fluídico, vaporoso, invisível para nós no seu estado normal, mas possuindo ainda algumas propriedades da matéria. (O apóstolo Paulo, como podemos ver na 1ª. Epístola aos Coríntios, chama o perispírito de *corpo espiritual*, que é o corpo da ressurreição. As investigações científicas da Metapsíquica e da Parapsicologia tiveram também de enfrentar, malgrado o materialismo dos pesquisadores, a existência desse corpo semimaterial. (N. do T.)

Não podemos, pois, considerar o Espírito como uma simples abstração, mas como um ser limitado e circunscrito, a que só falta ser visível e palpável para assemelhar-se às criaturas humanas. Por que não poderia ele agir sobre a matéria? Pelo fato de ser fluídico o seu corpo? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, como a

eletricidade, por exemplo, e os que se consideram mais imponderáveis, que encontramos as mais poderosas forças motoras? A luz imponderável não exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos ainda a natureza íntima do perispírito, mas o podemos supor constituído de substância elétrica, ou de outra espécie de matéria tão sutil como essa. Por que, separado, não poderia agir da mesma maneira, dirigido pela vontade? (Além das ações químico-físicas dos elementos imponderáveis, a Parapsicologia moderna provou, em experiências de laboratório, a ação da mente sobre a matéria. O prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, chegou à conclusão de que a mente não é física, mas age por *via-extrafísica*, sobre o mundo material. Os parapsicólogos soviéticos, materialistas, comprovaram a ação mental sobre a matéria, afirmando que o córtex cerebral deve possuir uma energia material ainda não conhecida pelas ciências. (N. do T.)

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

J. Herculano Pires

II - As dimensões da vida.

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da anti-matéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física, bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos théta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem a diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do Prof. Rhine) e semi-materiais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano da matéria densa da Terra até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução À Filosofia Espírita - J. Herculano Pires

O Que é Filosofia?

1. O que é Filosofia?

É comum ouvir-se de pessoas que não aceitam o Espiritismo a afirmação de que a Filosofia Espírita não existe. Conhecido professor brasileiro de Filosofia chegou a declarar numa entrevista à imprensa brasileira que "O Livro dos Espíritos" nada tem de filosófico. A mesma coisa acontece com o Marxismo. Papini esforçou-se, em toda a sua vida, para provar que Marx era um economista, e portanto, não devia ser confundido com um filósofo. Como se um economista não pudesse e até mesmo não precisasse de filosofar. Sartre, pelo contrário, considera o Marxismo como a única Filosofia do nosso tempo. As opiniões são contraditórias, mas isso não nos deve impressionar, pois opiniões não passam de palpites, de pontos de vista individuais, sujeitos às idiosincrasias de cada um. E Pitágoras, o criador do termo Filosofia, já afirmava que a Terra é a morada da opinião. Mais tarde, Descartes advertiu que o preconceito e a precipitação, dois vícios comuns da espécie humana, prejudicam o juízo e impedem a descoberta da verdade.

Um filósofo, um professor de filosofia, um pensador honesto e até mesmo uma simples criatura de bom-senso não podem negar a existência da Filosofia Espírita, a menos que não saibam o que essa palavra significa. Muito menos negar a natureza filosófica de "O Livro dos Espíritos", que é um verdadeiro tratado de Filosofia. Veja-se, por exemplo, como Yvonne Castellan, que não é espírita, encara esse livro em seu estudo sobre o Espiritismo. Consulte-se o "Dicionário Técnico e Científico de Filosofia", de Lalande. E leia-se o admirável ensaio de Gonzales Soriano, desafiadoramente intitulado "El Espiritismo es la Filosofia".

São muitas as definições de Filosofia, mas a que subsiste como essencial é ainda a de Pitágoras: "Amor da Sabedoria". Daí a exatidão daquele axioma: "A Filosofia é o pensamento debruçado sobre si mesmo". Eis a descrição perfeita de um ato de amor: a mãe se debruça sobre o filho porque o ama e deseja conhecê-lo. A sabedoria é filha do pensamento, que a embala em seus braços, alimentando-a e fazendo-a crescer. Assim, o objeto da Filosofia é ela mesma, não está fora, no exterior, mas dentro dela. Podemos defini-lo como a relação entre o pensamento e a realidade. Essa a razão de Gonzales Soriano afirmar que o Espiritismo é a Filosofia. Razão, aliás, que ele demonstra filosoficamente em seu livro. O Espiritismo é, segundo sua definição, "a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade." É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã. – J.Herculano Pires

IX - PSI e a revolução cristã

Rompida com a prova científica da existência das *funções psi* a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano, que na sua futilidade fizera do nosso planeta o centro do cosmos e posteriormente da nossa forma animal de vida, o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais inteligentes, foi abatido no seu último reduto. *Psi* abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear revelando a outra face do Cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa.

Ao fazer isso *psi* transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração, o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos então, aquele universo pleno de deuses de que falava Tales, não no sentido greco-mitológico mas no *sentido psi*, ou seja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de *psi* não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas teoricamente ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas Zener e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns - Allan Kardec

Questões 206 e 207

206. Um meio que dá quase sempre bom resultado é o emprego, como auxiliar momentâneo, de um bom médium escrevente flexível e já formado.

Se ele puser a mão ou os dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que ela não se mova imediatamente. Compreende-se o que então se passa: a mão que segura o lápis torna-se uma espécie de apêndice da mão do médium, como o seria a cesta ou a prancheta. Mas isso não impede que esse exercício seja realmente útil quando se pode empregá-lo, pois que, frequente e regularmente repetido, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Às vezes, também, basta magnetizar com essa intenção o braço e a mão do que deseja escrever. Muitas vezes o magnetizador se limita a pousar sua mão no ombro da pessoa, e temos visto ela escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito se pode ainda produzir sem nenhum contato e pelo simples efeito da vontade. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu poder, para produzir esse resultado, deve exercer um grande papel, e que um magnetizador incrédulo exerceria fraca ou nenhuma ação. (Pode-se alegar atualmente que o magnetismo não tem essa força, pois na verdade não passaria de simples efeito da sugestão. Mas o problema da hipnose ainda não está suficientemente esclarecido, como alguns pretendem. É bom lembrar que nas atuais pesquisas de telepatia conseguiu-se hipnotizar pessoas à distância, sem que elas a soubessem. Vejam-se as experiências de Héricourt, Pierre Janet e Gibert. Mais recentemente as "sugestões à distância" de Vassiliev, na Rússia. (N. do T.)

O concurso de um guia experimentado é também muito útil, algumas vezes, para indicar ao iniciante uma série de pequenas precauções que ele costuma negligenciar, em detrimento da rapidez do seu progresso. É útil, sobretudo, para esclarecê-lo quanto à natureza das primeiras perguntas e a maneira de fazê-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa quando a gente se tornou bastante hábil.

207. Outro meio que pode também contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e da mesma intenção. Todas, guardando absoluto silêncio, num recolhimento religioso, simultaneamente experimentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo guardião ou a algum Espírito simpático. Uma delas pode também fazer sem designação especial e por todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo, por exemplo: Em nome de Deus todo-poderoso rogamos aos bons Espíritos que se dignem comunicar se pelas pessoas aqui presentes. É raro que entre elas não haja algumas que deem prontamente sinais de mediunidade ou mesmo escrevam de maneira fluente em pouco tempo.

Fácil compreender o que se passa nessa circunstância. As pessoas unidas por uma mesma intenção formam um todo coletivo, cujo poder e cuja sensibilidade aumentam por uma espécie de influência magnética que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa conjugação de vontades há os que encontram em meio aos assistentes o instrumento que lhes convém. Se não for um, será outro e eles o aproveitam. Esse meio deve sobretudo ser empregado pelos grupos espíritas que não dispõem de médiuns, ou que não os têm em número suficiente. (As explicações científicas tendem para o efeito da sugestão. Muitos "experts", como afirma Robert Amadou, "facilmente demonstram que se trata de simples sugestão", e assim por diante. É realmente uma "fácil" descoberta, mas as comunicações posteriormente obtidas demonstram de maneira mais complexa, através de notáveis sequências de provas, exatamente o contrário dessas hipóteses levemente levantadas e sustentadas em nome das Ciências. (N. do T.)

FILOSOFIA ESPÍRITA
AMOR DA SABEDORIA E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Visite o site www.josefleuri.com.br

2) – HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores.

APRESENTAÇÃO:

Há no mundo um mistério, que nem mesmo a voracidade do cotidiano consegue trazer. Os desenvolvimentos técnicos e científicos, as descobertas e invenções que dia após dia despertam fascínio e polêmica não nos afastam – ao contrário, nos aproximam – desse encantamento. Quem, diante do universo que as sondas espaciais hoje revelam, já não se indagou de onde veio tudo isso? De onde viemos nós?

Essas são perguntas que de há muito acompanham o ser humano. Muita gente, ao longo dos séculos, tem procurado responder a elas. De tentativa em tentativa, o leque dos interesses humanos foi ampliando. Matemática, geometria, física, química, biologia, astronomia, ética, política, sociologia, economia, tudo derivou de uma curiosidade inicial, à qual alguns homens da Grécia Antiga procuraram satisfazer usando a razão. Deixaram de lado a explicação de que os deuses eram os responsáveis pela vida e pelos fenômenos que a constituíam para buscar respostas neles mesmos. E criaram aquilo que hoje conhecemos por filosofia, termo oriundo do grego e que significa amor ao conhecimento.

A JORNADA INICIAL: O Pensamento Oriental.

É difícil precisar o instante – se é que houve um – em que a história do pensamento começou. Poder-se-ia considerar, talvez, os mitos e as lendas que nos chegaram como primeiras tentativas de explicação do mundo e de seus fenômenos, mas essa seria uma empresa arriscada. Essa fase da aventura humana perdeu-se em milênios de caminhada, e hoje, envolta em mistérios, pouco ajuda a elucidar como o homem iniciou a jornada que o acabaria levando à filosofia e à ciência.

Para resolver esse impasse, estudiosos e especialistas elegeram como ponto de partida os séculos VI e V antes de Cristo. Nesse período, testemunha do surgimento de homens como Sócrates (Grécia), Buda (Índia) e Lao-tsé (China), toma forma um pensamento mais aberto à nossa compreensão, o qual, herdeiro das tradições culturais de um passado ainda mais remoto, é também marco de uma etapa que levaria o homem a procurar o sentido do mundo e da vida na própria realidade, na própria natureza. É o momento em que os deuses vão perdendo seu papel como origem de todas as coisas, e que o raciocínio passa a ocupar o espaço antes destinado ao mito. É o que fazem, por exemplo, os pensadores que viviam nas colônias gregas da Jônia, em meados do século VI a.C. E a partir daí nasce o que mais tarde seria conhecido como filosofia ocidental.

No Oriente, o panorama é outro. Lá, filosofia, mito e religião entrecruzam-se por muito tempo. Enquanto os gregos tentavam descobrir o que é o homem, o pensamento oriental avançava no sentido de sistematizar doutrinas. Na Mesopotâmia, em 4000 a.C. assírios e caldeus estruturaram uma visão de mundo que perdurou até Zoroastro propor um deus único e fazer uma reforma religiosa, no atual Irã. Na Índia, os textos dos *Vedas* (Livros do Saber) já influenciavam as mentes em 1500 a.C., e o hinduísmo, o bramismo e o budismo vieram à tona até o século VI a.C. A China, onde a dinastia Chang introduziu transformações culturais em 1600

a.C., mais tarde assistiu à expansão do misticismo do Tao e à sistematização religioso-político-familiar de Confúcio, que moldou a sociedade chinesa dos séculos seguintes.

A Mesopotâmia, da Deusa-Mãe a Zoroastro.

A primeira escrita de que se tem notícia – a suméria – apareceu nessa região da Ásia, situada entre os rios Tigre e Eufrates (partes, hoje, do Iraque e do Irã). A roda, a organização da agricultura e a engenharia hidráulica foram outras inovações surgidas ali. Além disso, cidades como Nippur, Uruk e Eridu já existiam em 3000 a.C., com um comércio de crescimento regular e uma cultura que se estendeu a povos vizinhos, alcançando terras distantes como a Índia e a China.

Nessas primeiras células de vida urbana, numa área que depois viu florescer Nínive e Babilônia, tem origem um pensamento elaborado. A antiga crença na Deusa-Mãe, que no período Neolítico personificava a fertilidade da terra, desdobrou-se em inúmeros cultos a divindades ou entes sobrenaturais que correspondem às forças da natureza.

Anu, a abóbada celeste, simboliza a água e sua fertilidade. Ishtar representa o amor e as relações sexuais. Os deuses, que comandam os fenômenos da natureza, aos poucos assumem o papel de causadores dos acontecimentos humanos: a guerra, a paz, o sucesso, a desgraça. Por volta de 2000 a.C., Hamurabi, soberano da Babilônia, estabelece o culto a Marduk (ou Baal), reverenciado como o mais importante dos deuses.

O complexo sistema de deuses e crenças é depurado no século VIII a.C., por Zoroastro (ou Zaratustra), que numa nação ao sul, a Pérsia (atual Irã), ensina existir um único deus, princípio do Bem: Ahura Mazda. Presente na mente de cada homem, ele luta constantemente contra Arimã, o princípio do Mal. Cabe a cada um agir corretamente para a vitória final do Bem. O pensamento, nessa fase, dispensa a ira dos deuses ou os fenômenos naturais. A busca de explicações já pede mais ordem e clareza e um maior grau de abstração.

A Índia antes de Buda.

Muito da cultura indiana se perdeu no tempo. Os registros que servem como material de estudo iniciam-se com os arianos, que chegaram ali a partir de 1500 a.C. Rudimentar no início, essa cultura amplia-se, aprofunda-se e cristaliza-se numa coleção de obras em sânscrito, os livros dos *Vedas*. Em hinos épicos como o *Rigveda* emergem idéias poderosas, como a existência de uma ordem no universo, nos níveis físico (*rita*) e moral (*darma*) e a necessidade de sacrifícios para conservá-la. Uma complexa liturgia, da qual se encarrega a casta dos sacerdotes (os brâmanes), auxilia nessa tarefa controlando a energia cósmica (*brâman*), princípio de todas as coisas e da qual dependem todos os acontecimentos do mundo.

Os *Brâmanas*, livros dos mais importantes da literatura védica, ajudam a entender a evolução doutrinária na Índia antiga, preenchendo um período que vai pelo menos até 850 a.C. e no qual tudo se faz sob o manto generoso e dominador do deus Varuna. Numa fase posterior, até aproximadamente 700 a.C., o pensamento indiano vai mais fundo em suas abstrações e compõe outra grandiosa elaboração filosófico-religiosa, os *Upanichades*. Esse termo significa “comunicações confidenciais” e sugere que boa parte dos muitos textos ali contidos é de difícil acesso a não-iniciados. Os *Upanichades* rompem com as idéias originais de divindade e veem o *brâman* como espírito único da Realidade, presente em tudo. Cabe ao homem purificar o seu *atmã* (“Este Eu”, alma) para se identificar com esse real eterno. Isso se faz por meio de sucessivas reencarnações, que se definem e se dirigem por

uma “linha” ou “regra”, o *carma*. Uma ardente convocação para essa ascensão espiritual está no *Bhagavad-Gita* (Canto do Bem-Aventurado), o mais famoso livro sagrado do hinduísmo, que por sua vez é apenas um episódio de um grande texto épico de 250 mil versos, o *Mahabharata* (Grande Índia).

Esse fulcro de idéias, em que se menosprezam práticas e no qual a salvação individual consiste em abandonar o ego e mergulhar numa Essência universal, constitui a base do jainismo (fundado por Mahavira) e do budismo, ensinado por um ex-príncipe, Sidartha Gautama, nascido em 556 a.C. num reino ao norte da Índia, junto à atual fronteira com o Nepal. Meditando, Gautama atingiu a Iluminação e tornou-se Buda (Iluminado). Até morrer, com 86 anos, em 470 a.C. (ano em que, na Grécia, nascia Sócrates), Buda propunha o esforço de cada um para livrar-se dos desejos, das ilusões e do individualismo a fim de chegar ao Nirvana – cortando desse modo a cadeia de reencarnações que levaria de novo a enfrentar doenças, sofrimento e morte.

Os mundos complementares da China.

A ideia de que o mundo é regido por forças misteriosas e de que cabe ao imperador intermediar entre o homem e Shang-Ti, a divindade celeste, surge na China do século XVI a.C. A felicidade depende da sabedoria desse soberano e das corretas consultas da *Ching* – O Livro das Mutações. No cerne de cada situação, ou de cada ato, atuam duas forças opostas (e, quando bem entendidas, complementares): o yin e o yang. Longe de polos opostos que representariam bem e mal, luz e trevas, certo e errado, em eterna luta, eles são, na verdade, a ação e a reação inerentes à natureza e ao homem. O universo contém o que é móvel e o que é imóvel. Relativo e absoluto, masculino e feminino, céu e terra, ação e repouso são algumas das infinitas combinações que se devem apreender para captar a realidade.

Esse conjunto de idéias está presente em duas correntes que, embora adversárias, têm raízes comuns na tradição chinesa: confucionismo e taoísmo. O primeiro, fundado por Confúcio (c. 551-479 a.C.), é uma sistematização ético-filosófica destinada a manter a estabilidade (e, portanto, a felicidade) da nação. O imperador deve ser sábio e dar exemplos edificantes, assim como o pai aos filhos. O homem digno deve trabalhar muito, contentar-se com pouco, ter paciência nas desventuras, respeitar sempre os superiores.

O taoísmo despreza sumariamente valores sociais, família ou governo. Tudo isso, mais desejos e egoísmo, são artifícios passageiros, como prega Lao-tsé (em português, Velho Mestre), que se supõe ter vivido de 604 a 531 a.C. Em seu *Tao Te Ching* (Livro do Sentido da Vida), ele fala do “indefinível”, o Tao, ao mesmo tempo meta e caminho, algo que contém o yin e o yang, mas que os transcende numa harmonia superior.

De intenso conteúdo místico, o taoísmo propõe renunciar aos atos de vontade, ignorar o sucesso e a desgraça, contemplar o curso natural das coisas e saber quando convém agir ou abster-se. Pode-se, assim, aderir placidamente ao ritmo da vida e identificar-se, em cada pequeno gesto, com o que se chama de “realidade impenetrável”.

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Vide site www.josefleuri.com.br

CAPÍTULO II – DEUS - FILOSOFIA GERAL

Teorias dos Primeiros Filósofos Gregos

Os filósofos gregos, quando começaram a escrever e a ensinar, não procuraram destronar os deuses ou lançar diretamente dúvidas a seu respeito. Muitos dos primeiros acreditavam nos deuses, segundo o espírito e a tradição os conceberam. Procuraram, porém, explicar a existência das coisas de modo diferente da dos deuses. *Tales*, por exemplo, procurou explicar o aparecimento do mundo e de todas as demais coisas por processos naturais, sem apelar a seres divinos. Conquanto *Anaximandro* ensinasse que a substância original, donde tudo provém, fosse o *infinito*, não associou essa idéia à crença popular acerca dos deuses.

Contudo, pairava, sempre, atrás do pensamento daqueles primeiros filósofos, a crença de que a criação e a ordem do universo eram resultados da obra de Deus. Vemo-los, muitas vezes, referirem-se a Deus como a fonte da matéria original do universo e como a força que, de certo modo, estabeleceu a ordem do universo. Esses filósofos, porém, não foram muito claros. É possível que muitos deles fossem profundamente religiosos e procurassem “carregar a religião num cesto e a filosofia em outro”, misturando, muitas vezes, em seu pensamento, o conteúdo de ambas.

Já *Heráclito* manifestou profundo desprezo pela religião das massas e não hesitou em escrever: “E a essas imagens elas elevam suas preces, como se alguém tivesse que falar com a casa de um homem, pois os homens não sabem o que são deuses ou heróis.” Heráclito, sem dúvida, acreditava saber o que eram os deuses e os heróis.

Xenófanes, poeta e filósofo do século VI. A. C., atacou as crenças religiosas populares de seu tempo, contrapondo a asserção de que Deus é um só e imutável. Condenou acerbamente a idéia de que os deuses se assemelham aos mortais. “Realmente” – escreveu – “se os bois ou os leões tivessem mãos e pudessem pintar, produzindo obras de arte da mesma maneira que os homens, os leões pintariam os deuses com as formas de leões, e os bois com as de bois. Cada um representá-los-ia com corpos segundo suas próprias formas.” Em outro trecho, diz: “Assim, os etíopes fazem seus deuses pretos e de nariz chato; os trácios dão, aos seus, cabelos ruivos e olhos azuis.”

Em vez daquelas crenças acerca dos deuses, que lhe pareciam grosseiras, *Xenófanes* doutrinava que Deus difere dos seres humanos em todos os sentidos. É quem governa o universo, sem esforço algum. Vive em determinado lugar e não se move. É um todo, sem começo ou fim, uma unidade eterna. Como um todo, Deus não se move, mas suas partes se movimentam.

Xenófanes refere-se a Deus como o princípio fundamental do universo. É o mundo, a totalidade da natureza viva. *Xenófanes*, assim, apega-se a um nítido panteísmo, à crença de que tudo no universo é Deus, e Deus todas as coisas no universo. É *Uno e Tudo*. Para *Xenófanes*, existe um só Deus: o universo. Como universo, é o Todo, a unidade, o Uno. Mas há no universo, em Deus, muitas partes que trocam de lugar entre si, permanecendo o todo, entretanto, imutável. *Xenófanes* despreza o politeísmo popular – a crença na existência de muitos deuses – e adota um monoteísmo – crença num só deus – mais adiantado.

Evidencia-se, portanto, que durante o período pré-sofista da filosofia grega, a religião popular, com muitos deuses, estava sendo contestada através da concepção mais filosófica de um só deus, de certo modo a fonte de todo o universo e a força que jaz em todos os seus fenômenos. Além disso, à idéia popular de deuses e seres muito semelhantes ao homem antepusera-se à de um único deus, muito diferente do homem em todos os aspectos.

Essa última idéia atingiu um ponto elevado durante o período dos *sofistas*. Esses professores práticos dos jovens instavam em atacar e desafiar tudo, a eles não escapando a crença nos deuses. Apelavam para a razão e insistiam, constantemente, em que a crença popular em muitos deuses não era razoável. Conquanto sua obra fosse prejudicial às crenças geralmente aceitas, tornou-se muito valiosa, pois obrigou os homens a pensarem seriamente nelas, num esforço para rebaterem as objeções por eles apresentadas. Os filósofos sentiram a necessidade de indagar “qual a verdadeira concepção sobre Deus”, disse resultando uma concepção mais consistente e mais pura sobre a natureza de Deus.

Sócrates, Platão e Aristóteles

Um dos filósofos que procurou desenvolver uma concepção mais consistente e mais pura de Deus foi *Sócrates*, mas pagou o preço de ser o pioneiro, visto as massas o terem compreendido mal; julgaram que ele estava destruindo a crença nos deuses e condenaram-no à morte, pela sua impiedade.

Platão, seu discípulo, empregou a palavra Deus, num sentido muito confuso. Tem-se muitas vezes a impressão de que aos deuses ele se refere da mesma maneira que às massas, como seres que governam diferentes setores do universo. De fato, a concepção do povo acha-se espalhada em suas obras. Outras vezes, Platão parece pregar a existência de um Deus supremo, mestre e senhor de todo o universo. Em seu livro *Timeu*, explicou a criação do universo usando um demiurgo, espécie de arquiteto que tomou as idéias e a matéria já criadas e, com elas, moldou o universo. Em outro ponto, vemo-lo referindo-se ao Criador como a fonte das almas.

Isso nos leva a concluir que Platão acreditava na existência de muitos deuses, cada um dos quais julgava semelhar muito à alma humana. Entre esses deuses, acham-se a idéia de Deus, o mundo total das idéias, o demiurgo, a alma do mundo, as almas dos planetas e todos os deuses da religião popular. Nessa questão, Platão não se mostra muito claro. Talvez procurasse usar as crenças populares para pregar verdades mais profundas. Em algumas passagens somos levados a crer que não procurou explicar a formação do mundo das idéias ou da matéria, considerando-as como existentes desde o começo. Tampouco procurou explicar a origem do demiurgo. Este também existia desde o começo. Dados o demiurgo, as idéias e a matéria, Platão prossegue dizendo que o primeiro, usando idéias e matéria, criou todos os deuses, nos quais as massas creem.

Em outros trechos, porém, Platão fala em Deus como o criador de todas as coisas e o alvo de toda a vida humana bem como da vida de toda a natureza. Sustentando que o espírito do homem se assemelha a Deus, sendo o corpo uma prisão da alma, escreveu que “devemos voar para longe da terra, o mais depressa que pudermos, e voar para longe é tornar-se igual a Deus.” Nesse ponto, ele parece aproximar-se do misticismo.

O pensamento de *Aristóteles* é, nesse ponto, muito mais claro que o de Platão. Aristóteles acreditava haver duas causas no universo – forma e matéria. Para ele, as formas são forças que se concretizam no mármore. Daí, tornarem-se a causa do movimento. A matéria movimenta-se por causa da forma.

Na verdade, Aristóteles revela traços da velha idéia grega de que a matéria é viva. Não só a forma, que se acha dentro da matéria, move a matéria, como esta procura tornar-se ou concretizar-se em forma. Por exemplo, o carvalho é a forma, e a bolota, a matéria. A bolota desenvolve-se, transformando-se em carvalho, concretiza a forma do *carvalho* que nela se acha como bolota, sem ser concretizada. No desenvolvimento, segundo Aristóteles, ela estava esforçando-se em tornar-se um carvalho. É esse o seu movimento.

Mas, antes da bolota, havia matéria e uma idéia ou a forma *bolota*. Essa forma estava na matéria e esta esforçava-se em tornar-se uma bolota, devido à presença da forma nela. Podia-se prosseguir averiguando a série de eventos, desde a matéria mais crua, acompanhando, passo a passo, o carvalho e ir mais além, percebendo-se que, a cada ponto, existem matéria e forma, a matéria lutando para tornar-se forma e sendo por esta movida. Essa série continua eternamente?

A isso Aristóteles respondeu *não*. No fim existe a forma pura, sem matéria, a que denominou a eterna *causa motriz imóvel*, a causa final de todo o movimento, de tudo o que vem a *ser* no universo. *Deus* é a causa do movimento, mas não se move. Como é isso possível?

Todos nós passamos pela experiência de conhecer uma pessoa, que considerávamos um herói e à qual desejávamos nos igualar. Moldamos nossa vida pela dela e crescemos parecendo com ela. A história imortal de Hawthorne, *The Great Stone Face*, constitui um exemplo dessa experiência. O menino contemplava tanto a figura da pedra que acabou parecendo com ela. Mas sua face não se alterou. Não se transformou. Dá-se o mesmo com a *causa motriz imóvel* de Aristóteles; faz moverem-se os homens, atraí a matéria, mas mantém-se imóvel, permanece indiferente.

Todo o universo, todos os objetos e seres nele desejam concretizar-se por causa de Deus. Assim, Deus é o centro que todas as coisas procuram alcançar; é, portanto, o princípio unificador. Todas as possibilidades, todas as formas, nele se concretizam.

O Deus de Aristóteles é o ideal do filósofo, porquanto é tudo o que o filósofo se esforça em ser, a inteligência pura.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES - PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ECERRAMENTO DA AULA

*

4ª AULA - 28/ABRIL/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO**J. HERCULANO PIRES**Vide site www.josefleuri.com.br**I – INTRODUÇÃO****Livro: Calma (Emmanuel)****FALA EM PAZ**

Justo lembrar: a voz humana está carregada de vibrações.

Esforça-te por evitar os gritos intempestivos e inoportunos.

Uma exclamação tonitroante equivale a uma pedrada mental.

Se alguém te dirige a palavra em tom muito alto, faze-lhe o obséquio de responder em tom mais baixo.

Os nervos dos outros são iguais aos teus: desequilibram-se facilmente.

Discussão sem proveito é desperdício de forças.

Não te digas sofrendo esgotamento e fadiga para poder lançar frases tempestuosas e ofensivas; aqueles que se encontram realmente cansados procuram repouso e silêncio.

Se te sentes à beira da irritação, estás doente e o doente exige remédio.

Barulho verbal apenas complica.

Pensa nisso: a tua voz é o teu retrato sonoro.

*

Poesia**Livro: Poetas Redivivos – Psicografia:****Francisco Cândido Xavier – Autores diversos****SUICÍDIO****Cornélio Pires**

Suicídio, não pense nisso

Nem mesmo por brincadeira...

Um ato desses resulta

Na dor de uma vida inteira.

Por paixão, Quim afogou-se

Num poço de Guararema.

Renasceu em provação

Atolado no enfisema.

Matou-se com tiro certo

A menina Dilermanda.

Voltou em corpo doente,

Não fala, não vê nem anda.

Pôs fogo nas próprias vestes

Dona Cesária da Estiva...

Está de novo na Terra

Num corpo que é chaga viva.

Suicidou-se à formicida

Maricota da Trindade...

Voltou... Mas morreu de câncer

Aos quatro meses de idade.

Enforcou-se o Columbano

Para mostrar rebeldia...

De volta, trouxe a doença
Chamada paraplegia.

Queimou-se com gasolina
Dona Lília Dagele.
Noutro corpo sofre sarna
Lembrando fogo na pele.

Tolera com paciência
Qualquer problema ou pesar;
Não adianta morrer,
Adianta é se melhorar.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. III, item 2. DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

2. A Casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos desencarnados estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser interpretadas pelo estado feliz ou infeliz dos Espíritos na erraticidade. Conforme for ele mais ou menos puro e liberto das atrações materiais, o meio em que estiver, o aspecto das coisas, as sensações que experimentar, as percepções que possuir, tudo isso varia ao infinito. Enquanto uns, por exemplo, não podem afastar-se do meio em que vieram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos. Enquanto certos Espíritos culpados erram nas trevas, os felizes gozam de uma luz resplandecente e do sublime espetáculo do infinito. Enquanto, enfim, o malvado, cheio de remorsos e pesares, frequentemente só, sem consolações, separado dos objetos da sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, junto aos que ama, goza de uma indizível felicidade. Essas também são, portanto, diferentes moradas, embora não localizadas nem circunscritas.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

Questões 274 a 277

274 – *Qual a intenção de Moisés no Deuteronômio, recomendando “que ninguém interrogasse os mortos para saber a verdade?”*.

-Antes de tudo, faz-se preciso considerar que a afirmativa tem sido objeto injusto de largas discussões por parte dos adversários da nova revelação que o Espiritismo trouxe aos homens, na sua feição de Consolador.

As expressões sectárias, todavia, devem considerar que a época de Moisés não comportava as indagações do Invisível, porquanto o comércio com os desencarnados se faria com um material humano excessivamente grosseiro e inferior.

PROFETAS

Emmanuel

275 – *Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem?*

-Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo, desde a primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus.

276 – *A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo?*

-Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Ele poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados, para sondar com precisão as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus.

277 – *Os Espíritos elevados, como os profetas antigos, devem ser considerados como anjos ou como Espíritos eleitos?*

– Como missionário do Senhor, junto à esfera de atividade propriamente material, os profetas antigos eram também dos “chamados” à iluminação sementeira.

Para a nossa compreensão, a palavra “anjo”, neste passo, deve designar somente as entidades que já se elevaram ao plano superior; plenamente redimidas, onde são “escolhidos” na tarefa sagrada d’Aquele cujas palavras não passarão. O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo.

A compreensão do homem, todavia, em se tratando de angelitude, generalizou a definição, estendendo-a a todas as almas virtuosas e boas, nos bastidores da sua literatura, o que justifica, entendendo-se que a palavra “anjo” significa “mensageiro”.

*

Troca de Passes – (optativo)

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA **O Livro dos Espíritos (A. Kardec)** **Questões 711 a 714**

III – GOZO DOS BENS DA TERRA

711. O uso dos bens da terra é um direito de todos os homens?

– Esse direito é a consequência da necessidade de viver. Deus não pode impor um dever sem conceder os meios ele ser cumprido.

712. Com que fim Deus fez atrativos os gozos dos bens materiais?

– Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e também para o provar na tentação.

712-a. Qual o objetivo dessa tentação?

– Desenvolver a razão, que deve preservá-lo dos excessos.

Se o homem não fosse instigado ao uso dos bens da terra senão em vista da sua utilidade, sua indiferença poderia ter comprometido a harmonia do Universo. Deus lhe deu o atrativo do prazer que o solicita à realização dos desígnios da Providência.

Mas, por meio desse mesmo atrativo, Deus quis prová-lo também pela tentação que o arrasta ao abuso, do qual a sua razão deve livrá-lo.

713. Os gozos têm limites traçados pela Natureza?

– Sim, para vos mostrar o termo do necessário; mas pelos vossos excessos chegais até o aborrecimento e com isso vos punis a vós mesmos.

714. Que pensar do homem que procura nos excessos de toda espécie um refinamento dos seus gozos?

– Pobre criatura, que devemos lastimar e não invejar, porque está bem próximo da morte!

714-a. É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

– De uma e de outra.

O homem que procura, nos excessos de toda espécie, um refinamento dos gozos, coloca-se abaixo dos animais, porque estes sabem limitar-se à satisfação de suas necessidades. Ele abdica da razão que Deus lhe deu para guia e quanto maiores forem os seus excessos maior é o império que concede à sua natureza animal sobre a espiritual. As doenças, a decadência, a morte mesmo, que são a consequência do abuso, são também a punição da transgressão da lei de Deus.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA **O Livro dos Médiuns. Questões 29 a 31**

29. Os meios de convicção variam extremamente, segundo os indivíduos. O que persuade a uns não impressiona a outros. Se um se convence por meio de certas manifestações materiais, outro por comunicações inteligentes, a maioria é pelo raciocínio. Podemos mesmo dizer que, para a maior parte dos que não estão em condições de apreciá-los pelo raciocínio, os fenômenos materiais são de pouca significação. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, afastando-se bastante das leis conhecidas, maior oposição encontram. E isso por um motivo muito simples: é que somos naturalmente levados a duvidar daquilo que não tem uma sanção racional. Cada qual o encara a seu modo e dá sua explicação particular: o materialista descobre uma causa física ou uma trapaça; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural. Entretanto, uma explicação antecipada tem o efeito de destruir as idéias preconcebidas e mostrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade do fato. Compreende-se antes de ver, pois desde que aceitamos a possibilidade, três quartos da convicção foram realizados.

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, nossa insistência em persuadi-lo o leva a crer na sua importância pessoal, que é uma razão para mais se obstinar. Aquele que não se convence pelo raciocínio nem pelos fatos, deve ainda sofrer a prova da incredulidade. Devemos deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há muita gente que só deseja receber a luz, para estarmos perdendo tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo destes, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras. Ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem. Há dores a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação. O Espiritismo impregna a atmosfera: expande-se pela própria força das circunstâncias e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoando ao seu redor, entre os seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar ou a se renderem.

31. Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se faz nas ciências ordinárias, seria necessário passar em revista toda a série de fenômenos que podem produzir-se, a começar dos mais simples até chegar, sucessivamente, aos mais complicados. Ora, isso é impossível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química. Nas Ciências Naturais opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e quase sempre se consegue determinar os efeitos. No Espiritismo, tem-se de lidar com inteligências dotadas de liberdade e que provam, a cada instante, não estarem sujeitas aos nossos caprichos. É necessário, pois, observar, esperar os resultados e colhê-los na ocorrência.

Por isso declaramos energicamente que: *todo aquele que se vangloriar de obtê-los à vontade não passa de ignorante ou impostor*. Eis porque o verdadeiro Espiritismo jamais servirá para exibições nem subirá jamais aos palcos. É mesmo ilógico supor que os Espíritos se entreguem a exibições e se submetam à pesquisa como objetos de curiosidade. Os fenômenos, por isso mesmo, podem não ocorrer quando mais os desejamos ou apresentar-se de maneira muito diversa da que pretendíamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, necessitamos de pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito, segundo a aptidão de cada indivíduo. Ora, sendo extremamente raro que uma mesma pessoa tenha todas as aptidões, a dificuldade aumenta, pois, seria necessário dispormos sempre de uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

É muito simples o meio de evitar estes inconvenientes. Basta começar pela teoria. Nela, todos os fenômenos são passados em revista, são explicados e se pode conhecê-los

e compreender a sua possibilidade, as condições em que podem ser produzidos e os obstáculos que podem encontrar. Dessa maneira, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias nos fizerem vê-los, nada terão que possa surpreender-nos. E há ainda outra vantagem: a de evitar muitas decepções ao experimentador. Prevenido quanto às dificuldades, pode manter-se vigilante e poupar-se das experiências à própria custa.

Desde que nos ocupamos de Espiritismo foram tantas as pessoas que nos acompanharam, que seria difícil presenciar o seu número.

Entre elas, quantas permaneceram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais evidentes, só se convencendo mais tarde através de uma explicação racional. Quantas outras foram predispostas a aceitar por meio do raciocínio; e quantas, afinal, acreditaram sem nada terem visto, levadas unicamente pela compreensão. Falamos, portanto, por experiência, e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, do que só temos que nos felicitar. (Ao pé da página, Kardec acrescentou esta nota: "Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito". Com isso, evitava interpretações maldosas e dava o exemplo que foi sempre seguido pelos espíritas responsáveis em todo o mundo. O verdadeiro ensino espírita é sempre gratuito. N. do T.)

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação
J. Herculano Pires
Inconsciente e Memória Subliminar. Infecção e Infestação
IV - Inconsciente e memória subliminar.

Dos trabalhos de Kardec resultaram as pesquisas psíquicas do século XIX, a Ciência Psíquica Inglesa, a Metapsíquica Francesa de Richet, as pesquisas do automatismo psicológico de Pierre Janet, Psicobiofísica de Schrenk-Notzing, a Física Transcendental de Friedrich Zollner, na Alemanha e a Parapsicologia atual. Resultou também o famoso livro de Frederic Myers 'A Personalidade Humana e sua Sobrevivência', com a colaboração científica de Henri Sidgwich e Edmund Hurney. Esse livro coloca o problema das duas consciências: a supraliminar, voltada para os problemas existenciais, e a subliminar voltada para a transcendência e a vida de após morte. A percepção paranormal pertence à consciência subliminar, que equivale na Psicanálise ao Inconsciente.

Explica-se o Gênio pelo afloramento de conteúdos subliminares na consciência supraliminar, provocado por percepções extra-sensoriais. Esses afloramentos podem ser também de idéias negativas, perturbando o comportamento atual.

No Espiritismo isso se liga à teoria platônica da reminiscência, são resíduos de experiências vividas em outras vidas. As pesquisas de Albert De Rochas sobre a reencarnação, no século passado, e as pesquisas parapsicológicas atuais confirmam a tese espírita. É bastante clara a diferença entre esses afloramentos anímicos (da própria alma do médium) e os casos típicos de manifestação de espíritos.

V - Infecção e infestação.

Não só no plano psicológico verificam-se as obsessões, mas também na patologia geral. Sintomas de doenças infecciosas são transmitidos por entidades espirituais enfermas a pessoas sãs. Para fazer a distinção, adotou-se no Espiritismo o termo infestação para designar essas doenças fantasmas, que tanto podem ser de origem anímica como espírita. Fortes impressões e temores podem ocasionar a sintomatologia-fantasma.

Nos casos de infestação verifica-se o processo indutivo dos vasos comunicantes: o espírito transfere à vítima, geralmente sem o saber, os sintomas da doença que o levou à morte e que persistem no seu perispírito ou corpo espiritual. A prova científica, objetiva, da existência desse corpo espiritual foi feita na França por Raul de Motyndon, na primeira

metade do século e atualmente por físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, na universidade de Kirov, na URSS, que deram ao referido corpo a designação do corpo-bioplásmico.

Kardec pesquisou o problema, no seu tempo, confirmando a hipótese da infestação por meio do tratamento e cura dos pseudos-doentes com o simples afastamento das entidades enfermigas infestadoras. O Dr. Karl Wikland, nos Estados Unidos, comprovou também o fenômeno pelo espaço de três décadas, expondo os resultados, minuciosamente, no livro 'Trinta Anos Entre Os Mortos'. Em sua famosa clínica de Chicago, o Dr. Wikland conseguiu êxitos surpreendentes. A pseudo-doença de centenas de pacientes, cansados de percorrer consultórios e clínicas, estagiando inutilmente em hospitais especializados, encontravam a solução para os seus casos. E ele não era, propriamente, um médico espírita. Era apenas um médico estudioso e pesquisador, que tivera a ventura de casar-se com uma jovem dotada de grande sensibilidade mediúmica. Os casos relatados em seu livro revelam a riqueza dos fenômenos com que ele se defrontou no seu trabalho médico. Seu caso não é único, foi apenas um entre milhares que ocorreram e ocorrem no mundo. Mencionamo-lo aqui porque foi um dos mais positivos e importantes.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

3. — A Tradição Filosófica

A Filosofia Espírita se apresenta naturalmente integrada na tradição filosófica. Foi por isso que Kardec colocou, sob o título de "*O Livro dos Espíritos*", a indicação: "Filosofia Espiritualista". Em "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" ele indica Sócrates e Platão como precursores do Cristianismo e do Espiritismo, sendo este o desenvolvimento histórico daquele. Mas podemos ir mais longe, demonstrando as múltiplas relações da Filosofia Espírita com as mais significativas escolas filosóficas do passado. Na verdade, a Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.

Essa convergência, porém, não se faz de súbito, não é um "arranjo", como pretendem os adversários gratuitos do Espiritismo. Podemos ver "com os olhos" o processo de convergência delinear-se na própria História da Filosofia. Dos pitagóricos (com sua simbiose espiritual traduzida na doutrina da metempsicose) aos jônicos (com sua busca da origem única, da substância originária), aos eleatas (com a procura do Ser em seu sentido absoluto), até Plotino (o neoplatonismo investigando a "alma-viajora"), passando pela contribuição da doutrina de forma e matéria, de Aristóteles (antecipação da teoria espírita do perispírito), chegamos ao Renascimento. E é nesta fase que a confluência se define: primeiro com a rebelião de Abelardo, preparando o advento de Descartes; depois, com este, o pai do pensamento moderno, que escreveu o "Discurso do Método" sob inspiração do Espírito da Verdade; a seguir com Espinosa, que fez da "Ética" um livro precursor (em estrutura, substância e ligações históricas) de "*O Livro dos Espíritos*".

A tradição filosófica é o terreno vasto e profundo em que podemos descobrir as raízes da Filosofia Espírita. Mas, como vimos, essa tradição se prolonga até o mundo moderno que começou no Renascimento e veio findar na guerra de 1914-18. E depois, no mundo contemporâneo, reencontramos as conotações filosóficas do passado. No mundo moderno podemos lembrar as figuras centrais de Hegel e Kant, o primeiro com sua dialética da idéia (evolução do princípio espiritual através da matéria) e o segundo com sua teoria do 'númeno' e do 'fenômeno' e sua crítica da razão (correspondentes à teoria espírita da alma e matéria e a crítica da fé em Kardec).

Na atualidade as principais escolas filosóficas apresentam relações evidentes com a Filosofia Espírita. Estudaremos essas relações no prosseguimento deste trabalho. Mas convém destacar desde logo o paralelismo da corrente filosófica característica do pensamento atual com o Espiritismo. Paralelismo tanto mais evidente quanto se apresenta no tempo e no espaço (contemporaneidade), no método de abordagem dos problemas filosóficos (o enfoque ontológico existencial), e na procura da compreensão racional (humana e não teológica) da problemática da existência. É a corrente das Filosofias da Existência, que surgiu na mesma época do Espiritismo; na Europa, na mesma posição assistemática (Kierkegaard e sua aversão aos sistemas), com o mesmo processo de abordagem do problema do Ser (através do ser humano na existência) e a mesma busca de transcendência na interpretação da natureza humana ou essência do ser.

Mas acontece com o Existencialismo o que Kardec assinalou no tocante às ciências materiais: o paralelismo com o Espiritismo vai até o limite da conceituação da "existência". Depois desse limite o Espiritismo prossegue sozinho, investigando e aprofundando o problema das relações interexistenciais, que abre as possibilidades de comprovação das antigas intuições sobre as existências múltiplas do ser. No Espiritismo essas intuições, que desde a antiga metempsicose egípcia, adotada pelos pitagóricos, até a ressurreição judaica e a teoria católica de ressurreição da carne se mantiveram no plano sobrenatural, transformam-se em conceitos racionais comprovados pela experiência e a investigação científica.

Chegamos assim a um ponto de contato da Filosofia Espírita com o panteísmo de Espinosa, que é o da negação do sobrenatural. A Filosofia Espírita não é panteísta, o que está explícito em "*O Livro dos Espíritos*". Mas isso não impede que haja entre Espinosa e Kardec a concordância no tocante ao sobrenatural. Para a Filosofia Espírita o sobrenatural, segundo a concepção vigente até nossos dias, é apenas "o natural ainda não conhecido", pois tudo quanto existe pertence à Natureza e tudo quanto estiver além da Natureza não é acessível ao nosso conhecimento (posição paralela à do criticismo kantiano). Esse conceito de Natureza no Espiritismo é um dos pontos mais significativos da Filosofia Espírita e a coloca numa posição de vanguarda perante o pensamento contemporâneo. Quando as ciências atuais se viram obrigadas a adotar a expressão "paranormal", como substitutiva da expressão "sobrenatural", nas investigações sobre a natureza humana, nada mais fizeram do que seguir a orientação firmada pelo pensamento espírita há mais de um século.

Como se vê, desta simples exposição inicial, é inegável a natureza de síntese da Filosofia Espírita. Ela representa um daqueles momentos de confluência de todas as conquistas culturais do homem para um delta comum, a que se refere Arnold Toynbee nos seus estudos sobre o desenvolvimento das civilizações. Ernst Cassirer, filósofo alemão contemporâneo, em seu ensaio "*A Tragédia da Cultura*", analisa o processo de evolução cultural do homem através das civilizações sucessivas, demonstrando que as conquistas essenciais de cada época são transmitidas à outra por meio de concretizações, de formas sintéticas de expressão. O Espiritismo, como afirmaram Kardec, Léon Denis, Sir Oliver Lodge, Gustave Geley, e Gonzales Soriano, entre outros, é a síntese cultural do nosso tempo. A Filosofia Espírita sintetiza em sua ampla e dinâmica conceituação todas as conquistas reais da tradição filosófica, ao mesmo tempo que inicia o novo ciclo dialético da nova civilização em perspectiva.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA
Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã
J. Herculano Pires
X - PSI e a civilização do espírito

O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha. Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o caldeirão medieval de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca.

Victor Hugo já o dissera, no prefácio de Cromwell: "Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna". Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica.

Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole (contração) da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o point d'optique da expressão hugoana, em que "tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte". O desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção romântica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole (dilatação) histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

(...)

É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo através da descoberta parapsicológica de suas funções psi. Torna-se agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos — "conhece-te a ti mesmo". *Psi*, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS
Livro: O Livro dos Médiuns. Allan Kardec
Questões 208 a 210

208. Tem-se procurado encontrar processos para a formação de médiuns, bem como meios de diagnosticar a mediunidade. Até o momento não conhecemos outros mais eficazes do que esses que indicamos. Supondo que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é de ordem inteiramente material, algumas pessoas pretendem vencê-lo por uma espécie de ginástica quase capaz de deslocar o braço e a cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos chega através do Atlântico, não só por não termos nenhuma prova de sua eficácia, mas por estarmos convencidos de que pode ser perigoso para as compleições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso. Se não existirem os germes da faculdade, nada a poderá dar, nem mesmo a eletrização das pessoas, que sem êxito algum já foi empregada.

209. A fé não é condição obrigatória para o iniciante. Ela secunda os esforços, não há dúvida, mas não é indispensável. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Vimos pessoas completamente incrédulas ficarem espantadas de escreverem sem querer, enquanto crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que essa faculdade se relaciona com predisposições orgânicas. (As experiências de escrita automática na Psicologia, iniciadas por Pierre Janet, comprovam esta observação de Kardec. O fenômeno é natural e ocorre em qualquer circunstância. O problema da fé está ligado ao aspecto religioso do Espiritismo e sua importância não é fundamental no tocante aos resultados que se queiram obter. A ação da fé se manifesta no controle das manifestações, afastando influências negativas e permitindo obter-se comunicações de Espíritos amigos, de entes queridos ou de entidades superiores. (N. do T.)

210. O primeiro indício da disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar. Quase sempre, de início, traça apenas sinais sem significação. Depois, os caracteres se tornam mais precisos, e por fim a escrita se processa com a rapidez da escrita normal. Mas é sempre necessário abandonar a mão ao seu movimento natural, não embaralhando-a nem propelindo-a.

Certos médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é bastante raro. Outros fazem por muito tempo apenas traços e verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para desentramar-lhes a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida que um Espírito se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem de inútil. Nesse caso, deve-se redobrar o fervor no apelo aos Espíritos bons. Se, apesar disso, não houver modificação, é necessário parar, desde que nada se obtém de sério. Pode-se fazer a tentativa diariamente, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos, para não se dar oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações acrescenta um Espírito: "Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais. Quando, após alguns meses, não obtiverem mais do que insignificâncias, como um sim ou um não, ou letras isoladas, será inútil persistir, gastando papel em pura perda". São médiuns, mas médiuns improdutivos. Aliás, as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como exercícios a cargo de Espíritos secundários, pelo que não se deve atribuir-lhes senão um valor medíocre. Trata-se de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para treinarem o médium iniciante. Não acrediteis jamais que Espíritos elevados levem o médium a fazer esses exercícios preparatórios. Mas acontece que, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos prosseguem e se ligam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem. Cabe a eles fazer o necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.

FILOSOFIA ESPÍRITA
AMOR DA SABEDORIA E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Visite o site www.josefleuri.com.br

3) - O NASCIMENTO DA FILOSOFIA. - A REVOLUÇÃO GREGA.

Uma nova maneira de pensar e de conceber o mundo origina-se e se desenvolve na Grécia clássica, um mosaico de pequenas comunidades independentes que se espalhava junto ao Mediterrâneo – da Jônia, na Ásia Menor, até o sul da Itália. No centro estava a Grécia propriamente dita. Essa dispersão resultou das muitas invasões de povos em busca de terras cultiváveis. Ali tomam corpo, no século VI a.C., as primeiras idéias sobre as quais vai se erigir o pensamento ocidental.

Apesar de geograficamente dispersa, a Grécia Antiga tem uma vida cultural relativamente homogênea, que se expressa na língua comum, em formas de organização política, em crenças religiosas semelhantes. Essa unidade – a civilização helênica – resultou da fusão e da difusão das diversas culturas trazidas por povos variados, que sucessivamente invadiram a Grécia, misturando-se aos habitantes mais antigos.

Micênios, dórios e a “idade das trevas”.

Em 1600 a.C., aproximadamente, a Grécia passou a ser ocupada por povos que o poeta Homero, mais tarde, denominaria de aqueus. Esses povos ergueram grandes fortificações em Micenas, Tirinto, Pilos, fundando comunidades que guerreavam entre si. Micenas saiu-se como a grande vencedora dessas lutas, irradiando para toda a Grécia o seu modo de vida. A sociedade micênica tinha uma organização bastante hierarquizada em torno da família real e da aristocracia – o que se refletia na hierarquia de suas divindades. O povo dedicava-se ao comércio e à pilhagem de guerra. Seu raio de ação compreendia Tróia, Sicília, península Itálica e até mesmo o Oriente.

A partir de 1150 a.C. (data aproximada), os dórios, vindos do norte, começaram a invadir a Grécia, estabelecendo-se em Epiro, Etólia, Acarnânia, Peloponeso, Creta e Anatólia. Outros povos, como os beócios, os tessálios e os trácios também entraram em terras gregas. A civilização micênica foi destruída e a cultura, de certa maneira, retraiu-se: o comércio cedeu à economia agrícola e a escrita desapareceu, para só ser reencontrada no final do século IX a.C. Viviam-se no isolamento das aldeias, como formas de vida tribais. Por isso, esse período, que vai até o início do século VIII a.C., é conhecido como “idade das trevas”.

Transformações decisivas dão-se no plano político: a realeza desaparece e o poder político passa a ser controlado por uma aristocracia de ricos proprietários de terras. O resultado é o fim da unidade política que o rei encarnava. Sem essa unidade, a sociedade passa a ser vista como lugar de desordem, de conflitos entre os variados grupos sociais: das famílias aristocráticas entre si e entre a aristocracia e as camadas mais pobres da população. Como recuperar a ordem e a harmonia perdidas? Como preservar a unidade e a coesão da comunidade se não existe rei? A organização da polis impõe-se, aos poucos, como resposta a essas perguntas.

O desenvolvimento da pólis.

Na origem da pólis, porém, encontram-se outros fatores. A partir do século VIII a.C., o renascimento do comércio – que ganha impulso ainda maior com a invenção da moeda cunhada – acaba com o isolamento das aldeias. Isso leva a uma união que acaba por dissolver as antigas linhagens tribais. A sociedade torna-se mais complexa. Deixa de ser um aglomerado de agricultores e artesãos - o demos - reunidos em torno do palácio central.

Também o centro da cidade sofre uma mudança radical. Passa a ser a ágora, a praça pública, onde acontecem as transações comerciais e as discussões sobre a vida da cidade, a começar por sua defesa. O acesso à ágora torna-se cada vez maior, estendendo-se, com a instituição da democracia, a todos os que têm direito à cidadania, ou seja, habitantes do sexo masculino, adultos e que não sejam estrangeiros ou escravos.

Essa nova forma de organização social e política é a pólis, cujas características, segundo o historiador francês Jean-Pierre Vernant, são: 1) a supremacia do logos (que significa “palavra”, “discurso”, e “razão”), pois a decisão sobre os assuntos públicos depende apenas da força das palavras dos oradores, cuja condição social e econômica não é mais levada em conta; 2) o caráter público das discussões políticas, que deixam de ser privilégio de grupos (as leis são elaboradas em conjunto e depois escritas, para que todos possam conhecê-las); 3) a ampliação do culto, uma vez que a religião já não é um saber secreto de reis e sacerdotes, mas sim algo afeito ao Estado, público, acessível a todos.

Essa revolução política foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento humano. Na pólis, com os cidadãos em pé de igualdade, vence quem sabe convencer. É preciso valer-se exclusivamente do raciocínio e da correta exposição de idéias – em suma, do logos. Essa fórmula de raciocinar, de falar e até de polemizar não se limita à política, porém. Passa a ser o critério para pensar qualquer coisa.

O mundo do mito e o mundo do logos.

Esse novo modo de pensar, racional e filosófico, é considerado oposto ao pensamento mítico. É como se na Grécia do século VI a.C. o homem tivesse se libertado das fantasias da mitologia e da religião para se afirmar e se desenvolver racionalmente. Na verdade, porém, a relação entre o mito e o logos é muito mais complexa. Como aponta Jean-Pierre Vernant, os “filósofos não precisaram inventar um sistema de explicação do mundo: acharam-no pronto”.

Tome-se como exemplo a descrição da origem do universo feita por Hesíodo, no poema *Teogonia*. Os primeiros filósofos, assim como Hesíodo, buscam uma explicação para a relação entre o caos e a ordem do mundo. A maneira de entender essa relação é que muda. Enquanto o poeta vê os deuses como os responsáveis por tudo o que há, os antigos pensadores preferem partir das formas da natureza que esses deuses representam (terra, água, ar) para entender a vida.

Há, porém, uma diferença fundamental entre o pensamento mítico e o pensamento racional dos primeiros filósofos. A mitologia exprime na forma divina e celestial todo o conjunto de relações, quer dos homens entre si, quer entre o homem e a natureza. Assim como os deuses são criadores do mundo, o rei é o criador da ordem social, o regulador do ciclo da natureza. O universo divino, as relações sociais e o ritmo da natureza confundem-se submetidos todos ao comando do rei. Por isso, a mitologia apenas narra a sucessão de fenômenos divinos, naturais e humanos. Ela não os explica, pois a explicação já está dada pelo poder real.

O desaparecimento do “rei divino” altera esse cenário. A pólis surge como criação da vontade humana. Os acontecimentos do mundo antes considerados realizações do rei (e dos deuses) perdem a base de compreensão. Tornam-se problemas. Para resolvê-los, o homem deve servir-se do meio que ele próprio desenvolveu ao criar a pólis: o logos, a razão.

O que é o destino?

Muito antes do nascimento da pólis, porém, a Grécia já era marcada por uma vida cultural intensa, da qual Homero é o representante – embora a existência real desse poeta seja controversa. Os poemas atribuídos a ele narram as últimas guerras troianas, que, supõe-se, ocorreram entre 1260 e 1250 a.C. *Ilíada* conta a fase final dos combates, em que o guerreiro Aquiles envolve-se em uma série de aventuras contra os troianos. Derrotada

Tróia, o herói Ulisses (Odisseu) parte para Ítaca, sua terra natal, onde a esposa Penélope o espera. *Odisséia* descreve essa longa viagem (de dez anos) através dos mares.

Nos dois poemas, história, ficção, lenda, mitos e deuses se confundem. Os deuses e os mitos presentes nos relatos, por sinal, não são os dos povos em guerra. São os dos dórios, que, vindos do norte séculos depois das guerras troianas, instituíram uma sociedade aristocrática e consolidaram o que seria a civilização grega ou helênica propriamente dita.

Assim como Homero narra fatos anteriores a seu tempo, a difusão de sua obra pela Grécia também se faz muito depois da época em que teria vivido. Seus poemas só chegam a Atenas por volta do século V a.C., em tudo diferente do período homérico. O modo de vida e a cultura são outros. A sociedade aristocrática que esbanjava luxo havia cedido à vida comedida do regime democrático. Os deuses já não bastavam para explicar o mundo.

Essa época consagra Homero como “pai da cultura helênica”. E se assim o faz é porque herda do poeta uma idéia arraigada nesse novo modo de viver e de pensar: a idéia de fado, ou fatalidade, o destino implacável que comanda a vida não só do homem, mas também dos próprios deuses. O que é essa força que está acima dos deuses? Esta pergunta é uma das raízes do pensamento ocidental.

Os homens, abandonados à própria sorte.

Outra idéia também inspira os gregos a não mais recorrer aos deuses para entender o mundo: a sensação de que os deuses abandonaram os homens, que aparece já no final do século VIII a.C., na obra do poeta Hesíodo.

Em *Teogonia*, ele descreve a criação do mundo e dos deuses a partir de Caos, Gaia (Terra) e Eros (Amor). Sucedem-se outras divindades, que com caprichos quase humanos amam, mentem, traem e lutam umas com as outras. Finalmente, com a vitória de Zeus, os deuses instalam-se no Olimpo. Nesse relato, Hesíodo ordena vários mitos contraditórios, explicando também os fenômenos da natureza e a história. Mais que isso, mostra que, após a vitória de Zeus, o homem está livre das cruéis maquinações dos deuses. Zeus, que faz reinar a justiça, apenas castiga ou premia os mortais, de acordo com os atos pelos quais são responsáveis.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, escrito para pedir a punição de um irmão desonesto, Hesíodo defende a necessidade do trabalho árduo como condição humana. O ser humano, segundo narra, teria passado por cinco idades: a de ouro, a de prata, a de bronze, a dos semideuses e a de ferro. Na primeira, convive com os deuses, não conhece nem o trabalho nem a morte. Seguem-se fases intermediárias que terminam com a idade de ferro, a fase atual, em que o homem, após ter recebido o fogo roubado por Prometeu, foi separado dos deuses e condenado a trabalhar, a procriar, por conta própria. A procriação é possibilitada por Pandora, mulher que os deuses enviam aos homens como vingança pelo roubo do fogo. Dela – ou da caixa que carrega – nascem todos os dons e todos os males da Terra. O homem está abandonado, mas já é livre para fazer valer a sua justiça e para pensar.

Democracia e filosofia.

Na Grécia, entre os séculos VIII e V a.C., empreende-se a busca pela construção de uma sociedade justa e de um pensamento racional, livre de preconceitos. Dessa procura originam-se, de um lado, a democracia e, de outro, a filosofia.

A democracia grega, principalmente a de Atenas, é o resultado de lutas sucessivas. Primeiro, entre os ricos comerciantes sem acesso ao poder e a aristocracia hereditária, que o monopoliza; em seguida, entre essas duas camadas, que já compartilham o poder, e as classes mais pobres. A democracia representa um frágil e tenso equilíbrio entre as várias camadas sociais. E, apesar das divergências que as separam, adquirem todas, o direito de participação política.

Diante da democracia, a filosofia mantém uma postura nem sempre favorável, mesmo porque na Grécia o pensamento alcança um grau maior de elaboração quando esse regime já havia entrado em decadência. A despeito disso, uma e outra têm raízes comuns: as condições históricas do mundo grego.

A sociedade grega, ao contrário de outras civilizações de seu tempo, desconhece castas sacerdotais que tenham o monopólio dos livros sagrados e da verdade revelada. Tampouco a escrita é segredo de governantes e escribas. Ao contrário, é de domínio comum, e isso possibilita a ampla difusão e a discussão de idéias.

O livre desenvolvimento do pensamento também é facilitado pela ausência, quer na religião olímpica quer nas crenças mais místicas, de uma teologia elaborada que forneça explicações coerentes do mundo. Os deuses gregos, ao contrário, têm características humanas e muito pouco servem de inspiração para um pensamento mais elaborado.

De uma perspectiva política, uma religião tão frágil em fundamentos é ineficiente como instrumento de poder. Dessa maneira, já no período homérico, a idéia de rei divino desaparece, cedendo espaço para que a política e o governo se tornem cada vez mais um assunto e uma atividade essencialmente humanos. (O homem seria definido, mais tarde, por Aristóteles, como *zoón politikón*, isto é, animal político).

A reduzida dimensão das unidades políticas do mundo grego contribuiu para o surgimento dessa concepção dessacralizada de política. A Grécia Antiga não é um império cujo domínio se estende a vastas regiões e a diversas comunidades. Ao contrário, cada comunidade é uma cidade-Estado autônoma, com dimensões de um pequeno município.

É bem provável, porém, que cada pólis tivesse sua organização própria, embora oficialmente todas seguissem o modelo de Atenas. De fato, é em Atenas que o *zoón politikón* de Aristóteles aparece em sua plenitude, e disso o ateniense se orgulha, como característica que o distingue de outros povos. Ele, ao contrário dos bárbaros, que despreza, não está submetido ao mando de um rei. Tem consciência de viver em sociedade; sabe que é ateniense porque é cidadão, e que é cidadão porque participa da vida pública da cidade. Os destinos da pólis são de responsabilidade de todos os cidadãos, acima dos quais não há nada a não ser as leis que eles mesmos elaboraram. Até mesmo os espartanos em vários aspectos tão diferentes dos atenienses, imitaram-nos quando enviaram embaixadores aos persas: “Não temos outro senhor a não ser a lei”.

A idéia de que a soberania é da lei – não dos deuses ou de algum rei – constitui o fundamento da democracia grega. Até chegar a ela, os atenienses passaram por vários sistemas de governo. Diante de sérios conflitos entre grupos sociais que disputavam o poder, chegaram mesmo a escolher tiranos (que então significavam “árbitros”) para servir de mediadores dos diversos interesses, encarnando a autoridade da lei. Por fim, na democracia, a lei tornou-se impessoal, obra coletiva, resultado da decisão tomada por todos, reunidos em assembléia pública. Mas bem entendido: todos menos mulheres, crianças, estrangeiros e escravos – aos quais era negado o direito à cidadania.

Essa organização política, até então inédita, possibilitou o desenvolvimento, em um modo sistemático de pensamento, de concepções difusas, presentes na cultura helênica desde os tempos de Homero e de Hesíodo. O governo da cidade como esforço coletivo e exclusivo dos cidadãos é a tradução política da idéia de que os deuses abandonaram os homens. E a fatalidade, superior aos deuses, tem seu equivalente na visão democrática de que a lei está acima dos indivíduos. Nesse ambiente iria desenvolver-se a filosofia, um modo de pensar que busca uma lei universal, acima de todas as coisas, e que as explique sem recorrer a forças místicas e divinas.

Os primeiros filósofos. Os Pré-Socráticos. O Movimento. A Physis. (Próxima aula)

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ
 Vide site www.josefleuri.com.br

DEUS

FILOSOFIA ESPÍRITA - “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”
(ALLAN KARDEC) - AS CAUSAS PRIMÁRIAS

DEUS

I – DEUS E O INFINITO

1. O que é Deus?

– Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

2. O que devemos entender por infinito?

– Aquilo que não tem começo nem fim: o desconhecido; todo o desconhecido é infinito. (Os espíritos se referem ao Universo. Tudo quanto nele conhecemos tem começo e tem fim; tudo quanto não conhecemos se perde no infinito, no desconhecido. Aplicação da expressão francesa: *passer du connu à l’inconnu*. N. do T.)

3. Poderíamos dizer que Deus é o infinito?

– Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir coisas que estão além da sua inteligência.

Deus é infinito nas suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa por ela mesma, definir uma coisa, ainda não conhecida, por outra que também não o é.

II – PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

4. Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

– Num axioma que aplicais às vossas ciências: Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá.

Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa.

5. Que consequência podemos tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem consigo, da existência de Deus?

– Que Deus existe; pois de onde lhes viria esse sentimento, se ele não se apoiasse em nada? É uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.

6. O sentimento íntimo da existência de Deus, que trazemos conosco, não seria o efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?

– Se assim fosse, por que os vossos selvagens também teriam esse sentimento?

Se o sentimento da existência de um ser supremo não fosse mais que o produto de um ensinamento, não seria universal e nem existiria, como as noções científicas, senão entre os que tivessem podido receber esse ensinamento.

7. Poderíamos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

– Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É sempre necessária uma causa primária.

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são em si mesmas um efeito, que deve ter uma causa.

8. Que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?

– Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso como um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada.

A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e fins determinados, e por isso mesmo um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria uma falta de senso, porque o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Onde se pode ver, na causa primária, uma inteligência suprema, superior a todas as outras?

- Tendes um provérbio que diz o seguinte: Pela obra se conhece o autor. Pois bem: vede a obra e procurai o autor! É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si, e é por isso que se considera um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!

Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz, a causa primária há de estar numa inteligência superior à Humanidade.

Sejam quais forem os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem também uma causa, e quanto maior for a sua realização, maior deve ser a causa primária. Esta inteligência superior é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome pelo qual o homem a designe.

III – ATRIBUTOS DA DIVINDADE

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

– Não. Falta-lhe, para tanto, um sentido.

11. Será um dia permitido ao homem compreender o mistério da Divindade?

- Quando o seu espírito não estiver mais obscurecido pela matéria, e pela sua perfeição tiver se aproximado Dele, então a verá e compreenderá.

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que o seu senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas, e ele faz então, a seu respeito, uma idéia mais justa e mais conforme com a boa razão, embora sempre incompleta.

12. Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma idéia de algumas de suas perfeições?

– Sim, de algumas. O homem as compreende melhor, à medida que se eleva sobre a matéria; ele as entrevê pelo pensamento.

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma idéia completa de seus atributos?

– Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo; mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas idéias e às vossas sensações, não dispõe de expressões. A razão vos diz que Deus deve ter essas perfeições em grau supremo, pois se tivesse uma de menos, ou que não fosse em grau infinito, não seria superior a tudo, e por conseguinte não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não deve estar sujeito a vicissitudes e não pode ter nenhuma das imperfeições que a imaginação é capaz de conceber.

DEUS É ETERNO. Se ele tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É IMUTÁVEL. Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É IMATERIAL. Quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois de outra forma Ele não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

É ÚNICO. Se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização do Universo.

É TODO-PODEROSO. Porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que ele não tivesse feito seriam obra de um outro Deus.

É SOBERANAMENTE JUSTO E BOM. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça nem de sua bondade.

IV – PANTEÍSMO

14. Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo, reunidas?

– Se assim fosse, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa, Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra.

– Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto, de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado, todos esses sistemas; tendes que vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isto vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável.

15. Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo, seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade; ou seja, que pensar da doutrina panteísta?

– Não podendo ser Deus, o homem quer pelo menos ser uma parte de Deus.

16. Os que professam esta doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vácuo ou o nada não existindo em parte alguma, Deus está em toda parte; Deus estando em toda parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a este raciocínio?

- A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo. Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de inteligência suprema, seria em ponto grande aquilo que somos em ponto pequeno. Ora, a matéria se transformando sem cessar, Deus, nesse caso, não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as vicissitudes e mesmo a todas as necessidades da humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem ligar-se à idéia de Deus, sem que o rebaixemos em nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos aquilo que não pode ser, e este sistema está em contradição com as suas propriedades mais essenciais, pois confunde o criador com a criatura, precisamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO - (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES - PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA

*

5ª AULA - 05/MAIO/2.015

**CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**

Vide site www.josefleuri.com.br

**I – INTRODUÇÃO - Livro: Calma (Emmanuel)
NAS CRISES**

Estarás talvez diante de algum problema que te parece positivamente insolúvel.

Não acredites que a fuga te possa auxiliar.

Pensa nas reservas de força que jazem dentro de ti e aceita as dificuldades como se apresentam.

Não abandones a tua possibilidade de trabalhar e continua fiel aos próprios deveres.

Assume as responsabilidades que te dizem respeito.

Evita comentar os aspectos negativos da provação que atraveses.

Ora - mas ora com sinceridade - pedindo a proteção de Deus em favor de todas as pessoas envolvidas no assunto que te preocupa, sejam elas quem sejam.

Se existem ofensas no campo das inquietações em que, porventura, te vejas, perdoa e esquece qualquer tipo de agressão de que hajas sido objeto.

Esforça-te por estabelecer a tranquilidade em tuas áreas de ação, sem considerar sacrifícios pessoais que serão sempre pequenos, por maiores te pareçam, na hipótese de serem realmente o preço da paz de que necessitas.

Se nenhuma iniciativa de tua parte é capaz de resolver o problema em foco, nunca recorras à violência, mas sim continua trabalhando e entrega-te a Deus.

*

PÁGINA DE GRATIDÃO

Meimei

Agradeço, alma querida e boa,
A presença e o carinho
Com que vens partilhar a festa da amizade,
Espargindo esperança ao longo do caminho.

Sei que deixastes obrigações ao longe
Para colaborar
No alívio aos companheiros que carregam
Solidão, abandono, infortúnio, pesar...

Trocaste as horas de refazimento,

De alegria e lazer,
Para aceitar conosco o amparo aos semelhantes
Por sublime dever.

A ternura fraterna que nos trazes
Lembra clarão de renascente aurora,
Dissipando, de chofre, a sombra que domina,
A dor que se tresmalha e a penúria que chora.

Por mais rebusque o mundo das palavras,
Não consigo compor
A frase que enalteça ou que defina
O teu gesto de amor.

Por isso, digo apenas,
Ante a luz da oração que nos bendiz:
- Deus te guarde, alma irmã, Deus te compense,
Deus te faça feliz! ...

(De: “Taça de Luz” (Espíritos Diversos), de Francisco Cândido Xavier)

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

**Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo -A Casa do Pai
Tem Muitas Moradas - Cap. III – 14 – Mundo de Expição e Provas
Santo Agostinho. 1862.**

14. Não obstante, não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contato de Espíritos mais avançados. Vêm a seguir as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em progresso. Essas são, de algum modo, as raças indígenas da Terra, que se desenvolveram pouco a pouco, através de longos períodos seculares, conseguindo algumas atingir a perfeição intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação aí estão, se assim nos podemos exprimir, como estrangeiros. Já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos por sua obstinação no mal, que os tornava causa de perturbação para os bons. Foram relegados, por algum tempo, entre os Espíritos mais atrasados, tendo por missão fazê-los avançar, porque trazem uma inteligência desenvolvida e os germes dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes, pois são estas também as que sofrem mais amargamente as misérias da vida, por possuírem maior sensibilidade e serem mais atingidas pelos atritos do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

*

Troca de Passes – (optativo)

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Questões 220 a 221a

220. Com a mudança dos corpos, podem perder-se certas faculdades intelectuais, deixando-se de ter, por exemplo, o gosto pelas artes?

– Sim, desde que se tenha desonrado essa faculdade, empregando-a mal. Uma faculdade pode, também, ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito quer exercer outra, que não se relacione com ela. Nesse caso, permanece em estado latente, para reaparecer mais tarde.

221. É a uma lembrança retrospectiva que deve o homem, mesmo no estado de selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

– É uma lembrança que ele conserva daquilo que sabia como Espírito, antes de encarnar; mas o orgulho frequentemente abafa esse sentimento.

221-a. É à mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à doutrina espírita encontradas em todos os povos?

– Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo. É por isso que a encontramos por toda parte, e é esta uma prova da sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível. Mas quase sempre ela é faiscada pelos preconceitos, e a ignorância mistura a ela a superstição. (Os Espíritos aludem à eternidade espiritual da doutrina e sua permanente projeção na Terra. Mas devemos distinguir entre as suas manifestações falseadas, no passado, e a manifestação pura que se encontra neste livro. Os traços da doutrina espírita marcam o roteiro da evolução humana na Terra, mas só com este livro ela se apresentou definida e completa. Por isso, o Espiritismo é na Terra uma doutrina moderna, embora não seja “uma invenção moderna”, como acentua Kardec, mesmo porque ninguém a inventou. (N. do T.)

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Método - Questão 28, parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º.

28. Entre os que se convenceram estudando diretamente o assunto podemos distinguir:

1º) Os que acreditam pura e simplesmente nas manifestações. Consideram o Espiritismo como uma simples ciência de observação, apresentando uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamamo-los: *espíritas experimentadores*.

2º) Os que não se interessam apenas pelos fatos e compreendem o aspecto filosófico do Espiritismo, admitindo a moral que dele decorre, mas sem a praticarem. A influência da Doutrina sobre o seu caráter é insignificante ou nula. Não modificam em nada os seus hábitos e não se privariam de nenhum de seus prazeres. O avaro continua insensível, o orgulhoso cheio de amor-próprio, o invejoso e o ciumento sempre agressivos. Para eles, a caridade cristã não passa de uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*.

3º) Os que não se contentam em admirar apenas a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convictos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar na senda do progresso, única que pode elevá-los de posição no Mundo dos Espíritos, esforçando-se para fazer o bem e reprimir as suas más tendências. Sua amizade é sempre segura, porque a sua firmeza de convicção os afasta de todo mau pensamento. A caridade é sempre a sua regra de conduta. São esses os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*. (Sendo o Espiritismo uma doutrina eminentemente cristã, essa designação de *espírita cristão* pode parecer redundante. Por outro lado, poderia sugerir a existência de uma forma de Espiritismo não-cristão, que na verdade não existe. Kardec a emprega, porém, como designação do *verdadeiro espírita*, para distinguir estes daqueles que não seguem, como se vê acima, os princípios do Espiritismo. (N. do T.)

4º) Há, por fim, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se preferisse sempre o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele produz uma confiança cega e frequentemente pueril nas manifestações do mundo invisível, fazendo aceitar muito facilmente e sem controle aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível, pois o entusiasmo não esclarece, ofusca. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos capazes de convencer, porque se desconfia com razão do seu julgamento. São enganados facilmente por Espíritos mistificadores ou por pessoas que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles tivessem de sofrer as consequências, o mal seria menor, mas o pior é que oferecem, embora sem querer, motivos aos incrédulos que mais procuram zombar do que se convencer e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso não é justo nem racional, sem dúvida, mas os adversários do Espiritismo, como se sabe, só reconhecem como boa a sua razão e pouco se importam de conhecer a fundo aquilo de que falam.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação J. Herculano Pires - VI - O tratamento mediúnico.

O tratamento mediúnico não segue uma regra única. Varia de acordo com a natureza dos casos e as condições psicológicas específicas dos pacientes.

Deve sempre ser feito sob orientação médica, mas de médico que tenha suficiente conhecimento da doutrina. Sem esse conhecimento, muitos médicos-médiuns extraviaram-se em práticas que a pesquisa espírita já demonstrou serem inúteis e portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional aspectos supersticiosos.

Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a prescrição de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram os seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso, deve ser realizado em instituições doutrinárias em que médicos servem, como espíritas que possuem conhecimentos médicos, excluindo-se o profissionalismo.

O serviço espírita é de abnegação, é o pagamento que médiuns e médicos fazem a Deus, através do sofrimento humano por eles aliviado, do muito que diariamente recebem do amparo divino. Os que não compreendem isso, deixando-se levar pela ganância, acabam fatalmente subjugados pelos espíritos inferiores.

A pureza de intenções de médiuns e médicos é a única possível garantia da eficácia do tratamento mediúnico. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores pelo nosso esforço em favor do próximo.

VII - A cura da obsessão.

Você é um ser humano adulto e consciente, responsável pelo seu comportamento. Controle as suas idéias, rejeite os pensamentos inferiores e perturbadores, estimule as suas tendências boas e repila as más. Tome conta de si mesmo. Deus concedeu a jurisdição de si mesmo, é você quem manda em você nos caminhos da vida. Não se faça de criança mimada. Aprenda a se controlar em todos os instantes e em todas as circunstâncias. Experimente o seu poder e verá que ele é maior do que você pensa.

A cura da obsessão é uma auto cura. Ninguém pode livrar você da obsessão se você não quiser livrar-se dela. Comece a livrar-se agora, dizendo a você mesmo: sou uma criatura normal, dotada do poder e do dever de dirigir a mim mesmo. Conheço os meus deveres e posso cumpri-los. Deus me ampara.

Repita isso sempre que se sentir perturbado. Repita e faça o que disse. Tome a decisão de se portar como uma criatura normal que realmente é, confiante em Deus e no poder das forças naturais que estão no seu corpo e no seu espírito, à espera do seu comando. Dirija o seu barco. Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais.

Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se. Estabeleça pouco a pouco o controle de si mesmo, com paciência e confiança em si mesmo.

Você não depende dos outros, depende da sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza. Lembre-se dos cegos, dos mudos e dos surdos, dos aleijados e deficientes que se recuperam confiando em si mesmos. Desenvolva a sua fé.

Fé é confiança. Existe a Fé Divina, que é a confiança em Deus e no Seu Poder que controla o Universo. Você, racionalmente, pode duvidar disso? Existe a Fé Humana, que é a confiança da criatura em si mesma. Você não confia na sua inteligência, no seu bom senso, na sua capacidade de ação? Você se julga um incapaz e se entrega às circunstâncias deixando-se levar por idéias degradantes a seu respeito? Mude esse modo de pensar, que é falso.

Quando vier às reuniões de desobsessão, venha confiante. Os que o esperam estão dispostos a auxiliá-lo. Seja grato a essas criaturas que se interessam por você e ajude-as com sua boa vontade. Se você fizer isso, a sua obsessão já começou a ser vencida. Não se acovarde, seja corajoso.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita - J. Herculano Pires

III — TEORIA ESPÍRITA DO CONHECIMENTO

1 — *Como conhecemos?*

Já vimos que o problema do conhecimento é básico em Filosofia. Pois se esta tem por objeto a Sabedoria, o que vale dizer o nosso saber, aquilo que sabemos, é claro que o conhecimento e a maneira pela qual o adquirimos é de importância fundamental em toda a indagação filosófica. Por isso a Teoria do Conhecimento é uma das partes mais complexas e mais debatidas da Filosofia, em todos os tempos. Na Filosofia Espírita ela assume uma importância ainda mais profunda, pois a pergunta “Como conhecemos?” implica a relação espírito-corpo. E essa relação exige a definição dos seus componentes, envolvendo as perguntas “o que é espírito?” e “o que é corpo?”

Mas antes dessas questões há outra, relacionada com os próprios elementos do ato de conhecer. A tradição filosófica nos mostra duas posições clássicas diante desse problema: a platônica ou socrático-platônica, que envolve a questão da reminiscência das idéias inatas, e a sofística ou empírica que se refere apenas aos nossos sentidos. Há entre esses dois campos numerosas escolas e subescolas, mas para o nosso propósito bastam essas duas linhas fundamentais, que permanecem válidas em nossos dias e representam as pontas do dilema de conhecer. Nessas duas linhas a resposta à pergunta “Como conhecemos?” é dada pela seguinte contradição: 1ª.) “Conhecemos pelo espírito”; 2ª.) “Conhecemos pelos sentidos”. O primeiro a dar uma resposta conciliatória, ao que nos parece, foi Aristóteles com a sua teoria dos

dois espíritos do homem: o *formativo* e o *receptivo*. Esta dualidade é resolvida pela Filosofia Espírita de maneira dialética, como veremos.

Os elementos do conhecer podem ser definidos como a *razão* e o *sensório*. Nesses dois elementos encontramos os seus respectivos instrumentos, que podemos chamar os *instrumentos do conhecer*. Na razão encontramos os conceitos ou idéias, que Sócrates foi o primeiro a descobrir (escondidos atrás das palavras) e que Kant chamaria mais tarde de *categorias*. No sensório encontramos as sensações, que na Psicologia atual podemos chamar de *percepções*. Assim, o conhecer é um ato de relação. O conhecedor, que é o homem, se põe em relação com alguma coisa, percebe essa coisa e procura identificá-la. Mas identificá-la com o que? Com os conceitos ou idéias, com as chamadas categorias da razão, que não estão nos sentidos, mas no espírito. Essa identificação é o próprio ato de conhecer. Captamos pela vista uma forma à distância. Ela nos parece um cavaleiro. Identificamos a forma visual com a idéia ou conceito de um cavaleiro. Mas, ao nos aproximarmos, verificamos que se trata de uma pedra com forma de cavaleiro: refazemos a identificação automaticamente. É assim que um objeto captado pelos nossos sentidos pode enganar-nos, mas a verificação da razão corrige o erro.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã.

J. Herculano Pires

XI - PSI e o desenvolvimento moral

A investigação das *funções psi* tem as consequências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das consequências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. E um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional.

É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve ser sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista apresentado como uma espécie de robot, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

Em seu livro *The Reach of the Mind* (O Alcance da Mente), apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, "o problema central do homem". Sua primeira frase é sócrática: "Vós e eu, os seres humanos, o que somos?" E ele mesmo responde: "Ninguém o sabe". A seguir exclama: "É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!" Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: "Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência".

Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade do conhecer-se a si mesmo antes do conhecer o mundo. A pesquisa científica de *psi* não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de *investigações psi*, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas consequências. E as últimas consequências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na experiência quanto no pensamento — na ordem empírica e na racional — são sempre de sentido moral.

*

VII – PRÁTICA - FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Questões 212 e 213

212. Se o médium deve evitar de cair, sem querer, na dependência de Espíritos maus, mais ainda deve evitar de entregar-se voluntariamente a eles. Uma vontade incontrolada de escrever não deve levá-lo a crer no primeiro Espírito que se apresente, a menos que pretenda livrar-se dele mais tarde, quando não mais lhe convier. Mas não se pede impunemente a assistência, seja para o que for, de um Espírito mau, que pode exigir pagamento muito caro dos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o seu desenvolvimento mediúnico, que acham muito lento, lembram-se de pedir o auxílio de qualquer Espírito, mesmo que seja mau, contando mandá-lo embora depois. Muitas foram logo atendidas e escreveram imediatamente. Mas o Espírito, não se importando de haver sido chamado nessas condições, mostrou-se indócil na hora de sair. Sabemos das que foram punidas em sua presunção, julgando-se fortes para afastá-los à vontade, por anos de obsessão de toda a espécie, pelas mistificações mais ridículas, por uma fascinação tenaz ou mesmo por desastres materiais e pelas mais cruéis decepções. O Espírito mostrou-se de início francamente mau, depois tornou-se hipócrita, tentando fazer crer na sua conversão ou fingindo acreditar no pretenso poder do seu subjogado para expulsá-lo quando quisesse.

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiuns é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário habituar-se a ela. Muito frequentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco o papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomeçá-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios frequentes e regulares, feitos com muita força de vontade e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrada e que não querem responde-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a

escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos detalhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br**

Os primeiros filósofos. Os Pré-Socráticos. O Movimento. A Physis.

A noite segue o dia. As estações do ano sucedem-se umas às outras. As plantas e os animais nascem, crescem e morrem. Diante desse espetáculo cotidiano da natureza, o homem manifesta sentimentos variados – medo, resignação, incompreensão, espanto e perplexidade. E são precisamente esses sentimentos que acabam por levá-lo à filosofia. O espanto inicial traduz-se em perguntas intrigantes: o que é essa natureza, que apresenta tantas variações? Ela possui uma ordem ou é um caos sem nexos? Em suma: o que é a *physis*?

A palavra grega *physis* pode ser traduzida por natureza. Mas seu significado é mais amplo. Refere-se também à realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e transformação, a que nasce e se desenvolve. Nesse sentido, a palavra significa gênese, origem, manifestação. Saber o que é a *physis*, assim, levanta a questão da origem de todas as coisas que constituem a realidade, que se manifesta no movimento. Procura saber se há um princípio único (*arkhé*, que também quer dizer “comando”) que dirija e ordene todas as coisas do mundo, em seus diversos e contraditórios aspectos. É desses temas que vão se ocupar os primeiros filósofos.

Pouco se sabe a respeito dos pioneiros do pensamento ocidental. De seus textos restaram apenas fragmentos. Suas idéias chegaram a nós por intermédio das versões apresentadas pelos pensadores que vieram depois, e que os apresentam como “primeiros filósofos”. Não fosse isso, eles talvez fossem conhecidos como escritores com pretensões vagamente científicas, com suas investigações peculiares sobre a natureza.

Esses pioneiros surgiram na Jônia, colônia fundada na costa asiática da Grécia por antigos micênios, que ali se refugiaram das invasões dóricas. Enquanto parte dos gregos mergulhava na “idade das trevas”, os jônios desenvolveram intensas atividades artesanais e comerciais, que favoreceriam o surgimento de novos valores sociais, baseados menos na tradição, mais na iniciativa dos indivíduos. A vida cultural floresceu, e disso a obra de Homero é testemunha. A astronomia e a matemática desenvolveram-se sob a influência de contatos com os povos do Oriente. Em meio a esse fervilhar, a cidade de Mileto foi se impondo como principal centro da Jônia.

Tales, Anaximandro e Anaxímenes – que receberam o nome de pré-socráticos por ter surgido antes de Sócrates, o grande marco da filosofia ocidental -, os primeiros filósofos, formam a chamada Escola de Mileto. Apesar das diferentes idéias que elaboraram, une-os o fato de ter inaugurado a filosofia com a mesma pergunta: o que é a *physis*? Por esse motivo, Aristóteles, mais tarde, iria denominá-los *physiologoi*, “fisiólogos”, isto é, estudiosos da *physis*.

4) – A GRÉCIA E A MISSÃO DE SÓCRATES

Livro: A Caminho da Luz (Emmanuel)

NAS VÉSPERAS DA MAIORIDADE TERRESTRE

Examinando a maioria espiritual das criaturas humanas, enviou-lhes o Cristo, antes de sua vinda ao mundo, numerosa coorte de Espíritos sábios e benevolentes, aptos a consolidar, de modo definitivo, essa maturação do pensamento terrestre.

As cidades populosas do globo enchem-se, então, de homens cultos e generosos, de filósofos e de artistas, que renovam, para melhor, todas as tendências da Humanidade.

Grandes mestres do cérebro e do coração formam escolas numerosas na Grécia, que assumia a direção intelectual do orbe inteiro. A maioria desses pensadores, que eram os enviados do Cristo às coletividades terrestres, trazem, do círculo retraído e isolado dos templos, os ensinamentos dos grandes iniciados para as praças públicas, pregando a verdade às multidões.

Assim como a organização do homem físico exigira as mais amplas experiências da natureza, antes de se fixarem os seus caracteres biológicos definitivos, a lição de Jesus, que representa o roteiro seguro para a edificação do homem espiritual, deveria ser precedida pelas experiências mais vastas no campo social.

É por essa razão que observamos, nos cinco séculos anteriores à vinda do Cordeiro, uma aglomeração de inúmeras escolas políticas, religiosas e filosóficas dos mais diversos matizes, em todos os ambientes do mundo.

ATENAS E ESPARTA

Muitas teorias científicas, que provocam o sensacionalismo dos vossos dias como inovações ultra modernas, foram conhecidas da Grécia, em cujos mestres têm os seus legítimos fundamentos.

Em matéria de doutrinas sociais, grandes ensaios foram realizados, divulgando-se a mais farta colheita de ensinamentos; e quando meditamos no conflito moderno entre os Estados totalitários, fascistas ou comunistas e as repúblicas democráticas, devemos voltar os olhos ao passado, revendo Atenas e Esparta como dois símbolos políticos que nos fazem pensar na plena atualidade da Grécia antiga.

Os espartanos, sob o regime atribuído a Licurgo, nome que constitui apenas uma representação simbólica dos generais da época, vivendo a existência absoluta do Estado, não expressaram a mesma fisionomia da Alemanha e da Rússia atuais? A legislação de Esparta proibia o comércio, condenava a cultura; cerceando o gosto pessoal em face das bagatelas encantadoras da vida e do sentimento, decretou medidas de insulamento, maltratando os estrangeiros; instituiu a uniformidade dos vestuários, incumbiu-se da educação das crianças através dos órgãos do Estado, mas não cultivava a parte intelectual, abalando todo o edifício sagrado da família e criando, muitas vezes, o regime do roubo e da delação, em detrimento das mais nobres finalidades da vida.

Por essa razão, Esparta passou à história como um simples povo de soldados espalhando a destruição e os flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a Humanidade.

Atenas, ao contrário, é o berço da verdadeira democracia. Povo que amou profundamente a liberdade, sua dedicação à cultura e às artes iniciou as outras nações no culto da vida, da criação e da beleza. Seus legisladores, que, como Sólon, eram filósofos e poetas, reformaram todos os sistemas sociais conhecidos até então, protegendo as classes pobres e desvalidas, estabelecendo uma linha harmônica entre todos os departamentos da sociedade, acolhendo os estrangeiros, protegendo o trabalho, fomentando o comércio, as indústrias, a agricultura.

Lá começou o verdadeiro regime de consulta à vontade do povo, que decidia, em assembleias numerosas, todos os problemas da cidade venerável. E é fácil reconhecer aí o início das democracias modernas, que agora se organizam, nas transições do século XX, para a repressão de todas as doutrinas nefastas da força e da violência.

EXPERIÊNCIAS NECESSÁRIAS

Semelhantes experiências, no campo sociológico, foram incentivadas e acompanhadas de perto pelos prepostos de Jesus, respeitadas as grandes leis da liberdade individual e coletiva.

O mundo precisava conhecer a boa e a má semente, nas grandes transformações da sua existência. A exemplificação do Cristo necessitava de elevada compreensão no

seio da cultura e da experiência de todos os séculos transcorridos e, sem embargo das lutas renovadoras que a antecederam no orbe, há dois milênios que o Evangelho do Mestre espera a floração do perfeito entendimento dos homens.

A GRÉCIA

Ao influxo do coração misericordioso do Cristo, toda a Grécia se povoa de artistas e pensadores eminentes, no quadro das filosofias e das ciências. É lá que vamos encontrar as escolas Itálica e Eleática, à frente do fervoroso idealismo de Pitágoras e Xenófanes, sem esquecermos, igualmente, as escolas Jônica e Atomística com Tales e Demócrito, nas expressões do mais avançado materialismo.

O século de Péricles, chegando a um apogeu de beleza e de cultura com os elevados princípios recebidos da civilização egípcia, espalha os mais soberbos clarões espirituais nos horizontes da Terra. Poucas fases da evolução europeia se aproximaram desse século maravilhoso.

O Salvador contempla, das Alturas, essa época de elevadas conquistas morais, cheio de amor e de esperança. O planeta terrestre aproximava-se da sua maioridade espiritual quando, então, poderia Ele nutrir o coração humano com a sementeira bendita da sua palavra. Envia, então, às sociedades do globo o esforço de auxiliares valorosos, nas figuras de Ésquilo, Eurípedes, Heródoto e Tucídides, e por fim a extraordinária personalidade de Sócrates, no intuito de realizar o coroamento do esforço decidido de tantos mensageiros.

SÓCRATES

É por isso que, de todas as grandes figuras daqueles tempos longínquos, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga.

Superior a Anaxágoras, seu mestre, como também imperfeitamente interpretado pelos seus três discípulos mais famosos, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais, no curso de todos os séculos planetários. Sua existência, em algumas circunstâncias, aproxima-se da exemplificação do próprio Cristo. Sua palavra confunde todos os espíritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade. Nas praças públicas, ensina à infância e à juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros.

Mas Atenas, como cérebro do mundo de então, apesar do seu vasto progresso, não consegue suportar a lição avançada do grande mensageiro de Jesus.

Sócrates é acusado de perverter os jovens atenienses, instilando-lhes o veneno da liberdade nos corações.

Preso e humilhado, seu espírito generoso não se acovarda diante das provas rudes que lhe extravasam do cálice de amarguras. Consciente da missão que trazia, recusa fugir do próprio cárcere, cujas portas se lhe abrem às ocultas pela generosidade de alguns juízes.

Os enviados do plano invisível cercam-lhe o coração magnânimo e esclarecido, nas horas mais ásperas e agudas da prova; e quando a esposa, Xantipa, assoma às grades da prisão para comunicar-lhe a nefanda condenação à morte pela cicuta, ei-la exclamando no auge da angústia e desesperação:

- "Sócrates, Sócrates, os juízes te condenaram à morte..."

- "Que tem isso? - responde resignadamente o filósofo – eles também estão condenados pela Natureza."

- "Mas essa condenação é injusta..." - soluça ainda a desolada esposa.

E ele a esclarece com um olhar de paciência e de carinho:

- "E quererias que ela fosse justa?"

Senhor do seu valoroso e resignado heroísmo, Sócrates abandona a Terra, alçando-se de novo aos páramos constelados, onde o aguardava a bênção de Jesus.

OS DISCÍPULOS

O grande filósofo que ensinara à Grécia as mais belas virtudes, como precursor dos princípios cristãos, deixou vários discípulos, dos quais se destacaram Antístenes, Xenofonte e Platão. Falaremos, apenas, deste último, para esclarecer que nenhum deles soube assimilar perfeitamente a estrutura moral do mestre inesquecível. A História louva os discursos de Platão, mas nem sempre compreendeu que ele misturou a filosofia pura do mestre com a ganga das paixões terrestres, enveredando algumas vezes por complicados caminhos políticos. Não soube, como também muitos dos seus companheiros, conservar-se ao nível de alta superioridade espiritual, chegando mesmo a justificar o direito tirânico dos senhores sobre os escravos, sem uma visão ampla da fraternidade humana e da família universal.

Contudo, não deixou de cultivar alguns dos princípios cristãos legados pelo grande mentor, antecipando-se ao apostolado do Evangelho, antes de entregar a sua tarefa doutrinária a Aristóteles, que ia também trabalhar pelo advento do Cristianismo.

PROVAÇÃO COLETIVA DA GRÉCIA

A condenação de Sócrates foi uma dessas causas transcendentais de dolorosas e amargas provações coletivas, para todos os espíritos que participaram dela, na medida justa das responsabilidades pessoais entre si.

E é em razão disso que, mais tarde, vemos o povo nobre e culto de Atenas fornecendo escravos valorosos e sábios aos espíritos agressivos e enérgicos de Roma. Eles iam nas galeras suntuosas, humilhados e oprimidos, sem embargo das suas elevadas noções da vida, do amor, da liberdade e da justiça.

É verdade que iam instaurar um novo período de progresso espiritual para as coletividades romanas, com os seus luminosos ensinamentos, mas o processo evolutivo poderia ladear outros caminhos, longe do morticínio e da escravidão. Todavia, sobre a frente de muitos gregos ilustres, pairava o sanguinolento labéu daquela injusta condenação, labéu ignominioso que a Grécia deveria lavar com as lágrimas dolorosas da compunção e do cativo.

*

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE 'JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ'

Vide site www.josefleuri.com.br

CAPÍTULO III - NATUREZA DO UNIVERSO

FILOSOFIA GERAL

O mundo, no qual você e eu vivemos, já existia muito antes de nós. Como surgiu? Foi criado ou sempre existiu? Quem ou o que o fez e como foi feito? As árvores, estrelas, homens e mulheres existem realmente ou são simples criações de nosso espírito ou do espírito de Deus? Como veio a existir o universo e de que é feito?

Não existe quem não tenha indagado como surgiu o mundo. Ele, com suas flores, rios, rochas, céu, estrelas, sol e lua, tudo isso não surgiu por mero acaso, costumamos raciocinar. Tudo o que vemos em torno de nós, tudo que conhecemos, deve ter-se transformado, no que é hoje, por algum processo. Se pudéssemos compreender esse processo, compreenderíamos a natureza do universo.

Os primeiros homens, dos quais temos registro, tinham teorias sobre o começo e a natureza das coisas. Teceram-nas para suas religiões, e os sacerdotes e religiosos explicaram-nas aos jovens que, por sua vez, as transmitiram aos filhos. Uma dessas teorias encontra-se no *Gênese*, o primeiro livro da Bíblia. Ele nos diz que Deus criou o mundo do nada em seis dias, fez a luz e as trevas, o sol, a lua e as estrelas, a terra e as águas e, finalmente, fez todas as coisas vivas, inclusive o homem. Depois, quando tudo ficou terminado e o homem e a mulher foram colocados num belo jardim, Deus veio ao mundo e passeou pelo jardim, satisfeito com Sua obra.

Teoria dos Primeiros Filósofos Gregos

Os primeiros filósofos, os gregos, mostraram-se grandemente interessados no problema da natureza do universo. Realmente, foi o primeiro que atacaram. Assim como as crianças costumam quebrar os brinquedos para descobrir de que são feitos, aqueles filósofos da infância da raça humana procuraram *quebrar* no espírito, o universo e penetrar no mistério da formação de todas as coisas nele encontradas. “De que *matéria* provêm todas as coisas?” inquiriam a si mesmos.” “Como se explica que existam tantas coisas no universo?”

Tales. Que viveu em Mileto, na Grécia antiga (cerca de 600 A.C.), foi o primeiro a propor uma solução para esse problema. Declarou aos vizinhos que a água é a *matéria* donde tudo se origina. Via-a transformando-se em sólido – gelo – quando congelada, e em ar – vapor – quando aquecida. Raciocinava, pois, que tudo, desde a rocha mais dura até ao mais leve ar, se origina da água e para ela acaba voltando.

Anaximandro. Pouco tempo depois, outro cidadão de Mileto, *Anaximandro*, acreditava que a primeira *matéria*, de que tudo é feito, não era a água, conforme Tales havia sugerido, porém, uma massa viva que enche todo o espaço. A essa massa deu o nome de *infinito*. No começo dos tempos, dizia ele aos companheiros, essa massa, esse *infinito*, era inteiriço, não estava partido em pedaços. Continha, porém, *movimento*. O *movimento* fê-lo começar a agitar-se para cima e para baixo, para frente e para trás, e em volta. Lentamente, foram as peças destacando-se da massa, surgindo assim, eventualmente, as coisas que agora temos no universo. Acreditava ele que, à medida que o movimento prosseguia, aqueles inúmeros pedaços começaram a voltar e foram-se reunindo, e a massa, o *infinito*, reassumiu a forma inteiriça original. Anaximandro fez uma exposição muito minuciosa sobre a maneira como acreditava se tivessem originado dessa massa o mundo, o sol, as estrelas, o ar, os animais, os peixes e o homem.

Anaxímenes. Um terceiro filósofo de Mileto, *Anaxímenes*, não se satisfaz com as teorias expostas pelos dois pensadores que o haviam precedido. Aventou a idéia de ser o ar a primeira *matéria* de que tudo o mais, no universo, é feito. Compreendeu que o homem e os animais respiram o ar e podem viver, e, raciocinando, declarou que o ar se transforma em carne, osso e sangue. Prosseguindo em seu raciocínio, disse que o ar pode transformar-se em vento, nuvens, água, terra e pedra.

Esses três filósofos de Mileto estavam interessados em descobrir a *matéria* de que é feito tudo o mais. Seguiu-os um grupo de filósofos que, conquanto se interessasse pelo mesmo problema, tinha mais interesse em descobrir os processos a que as muitas coisas, no universo, se acham relacionadas. Foram os *pitagóricos*, um grupo ou escola fundada por *Pitágoras*.

Pitágoras. Pitágoras e os pitagóricos impressionaram-se com o fato de muitas coisas, no mundo, se acharem ligadas por processos que podiam ser enunciados pelos números. Por exemplo: a resistência de um fio ou de um pedaço de tripa acha-se relacionada ao seu comprimento, num modo que pode ser expresso em número. Por isso – raciocinavam – o número deve ser a *matéria* que os filósofos procuram. Para eles, os números passaram a ser coisas e entidades; começaram, então, a ensinar que todo o universo fora construído de números. Acreditavam que, abrangendo a oitava harmônica oito notas, o algarismo oito representa amizade. O ponto – afirmavam – é o um, e a linha, o dois. E assim prosseguiram e desenvolveram um complicadíssimo sistema de números, em seus esforços para demonstrar que tudo é realmente feito de números.

O Movimento e as Transformações.

Todos os filósofos até aqui mencionados admitiam que as coisas sofrem transformações. Viam transformar-se tudo à volta deles e não consideravam isso um problema. A água transforma-se em gelo ou em vapor, o ar em vento, os números passam a ser coisas e o movimento acha-se presente em tudo que produz tais transformações. Para eles, isso era um fato, por que se preocupar com a questão?

Mas, à proporção que os filósofos continuavam a estudar o problema da natureza do universo, começaram a reconhecer que a transformação era, por si mesma, outro problema. Que era ela? Como surgiu? Há verdadeiramente transformação, ou apenas imaginamos que as coisas se transformam? Essas indagações começaram a martelar-lhes a cabeça e a exigir uma resposta.

Heráclito. A questão impressionou tanto a *Heráclito*, filho de uma nobre família de Éfeso, que ele chegou à conclusão de que o fogo é a *matéria* primitiva, da qual tudo o mais é feito. O fogo, acreditava, está sempre se transformando, não se aquieta jamais e é sempre o mesmo. Uma vez que tudo se vai transformando constantemente, pois a transformação é a característica fundamental do universo, aquele fogo, de perene transformação, deve ser o material do universo. “Não se pode banhar duas vezes nas mesmas águas de um rio, pois elas estão sempre se renovando.” Nada existe que seja permanente, estável. Tudo se transforma.

Podemos pensar que vemos coisas que não se transformam, ensinava Heráclito, mas é puro engano. Se pudéssemos realmente enxergar o que acontece, se tivéssemos olhos bastante poderosos para ver exatamente o que está acontecendo, compreenderíamos que até a coisa mais estável está, de fato, sempre se transformando. É, pois, a *luta* que governa o universo. No momento em que uma coisa é feita, começa a *luta* a rompê-la. Todas as coisas estão constantemente se transformando. Nada é permanente.

A Permanência e a Imutabilidade

Xenófanes, Parmênides, Zenão. Enquanto Heráclito pregava a teoria de que a transformação é a essência de todas as coisas, filósofos gregos, que viviam em Eléia,

ensinavam que a transformação é impossível. Nada pode realmente transformar-se, diziam. Se pensarmos ver transformações, é engano nosso, pois elas não existem. *Xenófanes*, o mais antigo desses eleatas, acreditava que o universo é uma massa sólida, imutável, imóvel. As partes podem transformar-se, o que jamais se pode dar com o todo. *Parmênides*, outro membro da escola de Eléia, pregava que toda transformação é inconcebível. Se houvesse, raciocinava, algo teria que originar-se do nada, e isso é impossível. Aquilo que vemos com os olhos não é verdadeiro, porém ilusão. O universo é intransformável e imutável. *Zenão*, um terceiro membro da escola, tentou provar que todo aquele que procure provar a existência da transformação contradiz a si próprio.

O Enigma da Permanência e Transformação

Esses argumentos de Heráclito e dos eleatas eram tão interessantes para os filósofos, que alguns resolveram ver se as posições de ambas as partes podiam ser de certo modo conciliadas. Achavam que aquele *enigma da permanência e transformação* precisava ser resolvido, e volveram a atenção para a tarefa.

Empédocles: Mistura e Separação. Empédocles concordou com os eleatas quando declarou que, num sentido estrito, não podia haver transformação; mas também concordou com Heráclito ao sustentar que havia *mistura e separação*. O mundo, disse ele, compõe-se de quatro elementos ou *raízes de coisas*: terra, ar, fogo e água. Há milhões e milhões de pequeníssimas partículas de cada elemento. Estas se agregam de vários modos para formar todas as coisas do universo. À medida que elas se decompõem, os elementos separam-se. Podem depois vir juntos ou misturar-se novamente com outros. Os elementos jamais se transformam. São permanentes. Assim, não há verdadeiramente transformação, mas, apenas, mistura e separação dos elementos. Essa mistura e separação, acreditava ele, é causada pelo Amor e pelo Ódio. O amor une os elementos para formar as coisas. O Ódio separa-os.

Anaxágoras. A solução de Empédocles para o problema da *transformação e permanência* interessou *Anaxágoras*, mas não o satisfaz. Após muito estudo, chegou à conclusão de que devia haver mais que quatro elementos. Na realidade, acabou convencendo-se de que há inúmeros milhões de elementos ou substâncias. Cada um deles é resultado de um sem-número de milhões de minúsculas partículas. A carne resulta de milhões de elementos de carne que se unem num lugar. O osso, o resultado de milhões de elementos de osso que se combinam. É o que se dá com todas as coisas no mundo. Inúmeros elementos vêm juntos e a coisa se forma. Nenhum elemento pode transformar-se em outro. Não há, portanto, na realidade, transformação alguma. Mas como esses elementos se agregam, separam e tornam a agregar-se, temos a transformação. Agregam-se e separam-se não por causa de algo neles, mas por causa da rotação dos corpos celestes. Como se produziu na primeira massa de elementos, que jaziam imóveis, um movimento turbilhante, os elementos começaram a agrupar-se e, assim, formaram-se muitas coisas no universo.

Os Atomistas: Leucipo e Demócrito

Todas essas idéias prepararam caminho para outro importante grupo dos primeiros pensadores gregos, os *atomistas*. Os membros desse grupo que mais sobressaíram foram *Leucipo* e *Demócrito*. Eles concordaram com seus predecessores em que a transformação resulta da mistura e da separação de pequeníssimas unidades. Discordavam, porém, quanto à natureza desses elementos. Todos os pensadores que haviam antecedido aos atomistas tinham ensinado que os elementos diferem em qualidade. Havia elementos de carne, de osso, de cabelo, etc. Os de carne são diferentes dos de osso ou dos de cabelo. Os atomistas pregavam que todas as unidades ou átomos são iguais no tocante à qualidade. Uns têm ganchos; outros, olhos e outros, ainda, ranhuras, corcovas ou depressões.

À medida que esses átomos se unem de diferentes modos e em diferentes números, formam-se as coisas. Cada átomo tem um movimento no seu interior, de maneira que se move por sua própria vontade e se liga aos demais.

A transformação, pois, para os atomistas, era uma questão de mistura e desagregação de átomos. Estes não se transformam: são eternos, minúsculos e iguais. A transformação é verdadeiramente impossível. A única transformação possível está em se agruparem para formar uma coisa ou em se desagregarem.

Assim, os gregos da Antigüidade, estudando o problema da natureza do universo, durante cerca de 250 anos, chegaram à conclusão de que tudo, no universo, se compõe da união, por vários meios e em número variado, de minúsculos átomos, todos eles iguais.

Teoria de Platão Sobre o Universo

Nenhuma das primeiras teorias satisfaz *Platão*, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Na sua concepção, o mundo que contemplamos, em que tocamos e que percebemos através de outros sentidos, não é real, porém, uma cópia. Nele encontramos coisas que se transformam, vêm e vão, e em grande abundância. É um mundo repleto de erros, deformações e males. Existe e nós o sentimos todos os dias, mas não é real.

Há, entretanto, um mundo real no qual devem encontrar-se as verdadeiras coisas, das quais tudo aquilo por que passamos é mera cópia. Platão chama-o *mundo das idéias*. Nele é que se encontra a árvore ideal, da qual todas as árvores são cópias, a casa ideal e as idéias de todos os outros objetos existentes. São perfeitos, não se transformam de modo algum, não desaparecem nem morrem; ao contrário, permanecem para sempre.

Essas *idéias* ou *formas* (Platão emprega ambas as palavras para a sua descrição) não foram criadas, existem desde os primeiros tempos, justamente no estado perfeito em que sempre existirão. São independentes de todas as coisas e não se acham influenciadas pelas mudanças que se verificam no mundo que sentimos, através dos sentidos. Os objetos que percebemos são reflexos desses *modelos eternos*.

Todas as *idéias* estão dispostas em ordem no *mundo ideal*; a *idéia superior*, idéia da bondade perfeita, acha-se na parte mais alta.

Há, entretanto, outro princípio no universo, o da *matéria*. É tudo o que as *idéias não são*. Pode ser considerado como a matéria-prima, na qual as *idéias* se acham impressas. Consideremos, por exemplo, a obra de um escultor. Ele forma a idéia de uma figura que deseja, digamos, reproduzir no mármore. Ora, essa idéia é independente de todo o mármore do mundo. Mas o mármore é necessário para a realização da obra, a fim de que outros possam senti-la através dos sentidos. O escultor toma então um bloco de mármore e cria a estátua. O mármore, como matéria-prima, fica com a idéia impressa nele. O escultor poderá fazer muitas estátuas sem afetar sua idéia por pouco que seja.

Era assim que Platão concebia a criação do mundo. A natureza – tudo aquilo que sentimos através dos sentidos – deve sua existência à influência do mundo das idéias sobre a matéria. Não o mundo *real*, porém uma impressão do mundo *real* sobre a matéria. Por conseguinte, todos os erros, todas as transformações e todas as imperfeições do mundo de nossos sentidos são devidos à matéria e não às idéias.

Num dos famosos *Diálogos* de Platão, o *Timeu*, conta-nos ele como se criou o mundo de nossos sentidos. Houve um *Arquiteto*, o *Demiurgo*, que uniu o mundo ideal e a matéria, da mesma maneira que um escultor uniria sua idéia e o mármore para produzir a estátua. Esse *Demiurgo* tinha idéias perfeitas de tudo e grande quantidade de matéria. Platão não nos diz donde se originaram o *Demiurgo*, as idéias e a matéria. Já existiam quando as coisas começaram. À medida que o *Demiurgo* tinha uma idéia e a punha em contato com alguma matéria, criava-se uma coisa. Na realidade, muitas coisas foram oriundas da mesma idéia. Existe idéia perfeita num carvalho; há, no entanto, milhões de carvalhos. O mesmo se dá com tudo o mais. Tudo, no universo, é a combinação de uma

idéia perfeita com a matéria. A idéia não é, absolutamente, afetada por esta última. Permanece perfeita e eternamente imutável.

Platão foi chamado idealista porque julgava que o verdadeiro mundo é o mundo das idéias. Alguns estudantes de sua filosofia dizem que seria mais exato chamá-lo *ideísta*, porquanto estava interessado nas idéias. Mas, qualquer que seja o nome que escolhamos para chamá-lo – idealista ou ideísta – reconhecemos que ele acreditava que o universo consistia em um reino de idéias perfeitas e imutáveis, e matéria. Para ele, o das idéias era o verdadeiro mundo, o mundo real. Aquilo que sentimos através dos sentidos era, segundo ele, uma cópia, um *mundo irreal*, um mundo de objetos produzidos pela impressão de idéias perfeitas sobre a matéria. Todas as suas imperfeições advinham do fato de ser impossível imprimir, com perfeição, a idéia sobre a matéria; esta é imperfeita e, por isso, deforma até certo ponto a idéia, desfigura-a.

Concepção de Aristóteles Sobre o Universo

Demócrito e os atomistas explicaram o universo em termos de átomos idênticos que se movimentam. Platão explicou-o em termos de idéias perfeitas que, de um modo qualquer, se imprimem sobre a matéria. *Aristóteles*, que figura com Platão entre os maiores filósofos do mundo, procurou chegar a uma teoria sobre o universo que seria meio-termo entre as dos atomistas e a de Platão.

Aristóteles estava propenso a admitir que a matéria existe. Como discípulo de Platão acreditava que as idéias existem. Queria, porém, unir ambas as teorias de modo a satisfazer mais que a solução sugerida por Platão. Seu problema era então: “Como podem idéias perfeitas, imutáveis e eternas ser impressas sobre a matéria sem vida?”. E sua resposta foi que as idéias ou *formas*, conforme as chamava, não estão fora nem acima das coisas; não são *transcendentes*, mas estão *dentro* das coisas. Ensinava que a forma e a matéria se acham sempre e eternamente juntas. Por conseguinte, o mundo, que sentimos, através dos sentidos, não é, como ensinava Platão, mera cópia do mundo real e, sim, o *verdadeiro mundo*. Aqui a forma e a matéria acham-se unidas, não podendo ser sentidas separadamente. Só pelo pensamento podemos separá-las; na verdade, encontramos-as sempre juntas.

Tomemos como exemplo, uma bolota. É uma unidade de forma e matéria. Reconhecemos a forma *bolota*, que é característica de todas as bolotas. Sempre que vemos uma, descobrimos essa forma. Mas o exemplo se refere especialmente a *uma* bolota. Tampouco temos a forma *bolota* separada de outra, especial. Mas, além da forma, a que tomamos por exemplo, tem matéria. A forma *bolota* procura concretizar-se em matéria e o resultado é a que temos. Quanto mais perfeita a bolota, tanto mais perfeitamente a forma é realizada.

Mas a bolota poderá vir a ser um carvalho. Assim, a que temos na mão é matéria e a forma que ela procura realizar é o carvalho. Ao ser plantada e ao desenvolver-se está procurando realizar a forma do carvalho; procura transformar-se em carvalho. Analogamente, este pode transformar-se em tábuas usadas para a feitura de mesas, cadeiras ou outras peças de mobiliário. Nisso, o carvalho é matéria, e a peça especial de mobiliário é a forma que ele procura realizar.

Em cada caso – a bolota, o carvalho e a peça de mobiliário – temos matéria e forma. Em cada fase, o objeto existente é a realização de uma forma e também a matéria para a realização de outra forma. As formas, portanto, não mudam; são eternamente as mesmas. A forma *bolota* é sempre a mesma e não se torna a forma *carvalho*. Mas a matéria assume formas diferentes ao transformar-se. Primeiramente assume a de uma bolota, depois a do carvalho e, depois, a de uma peça de mobiliário. E esse processo prossegue indefinidamente, à medida que se opera a transformação. A matéria está sempre assumindo formas; está sempre se esforçando para realizá-las.

Onde quer que olhemos na natureza, no universo, ensinava Aristóteles, encontramos matéria e forma. Para ele, não pode haver matéria separada da forma, tampouco esta separada daquela. E ambas são eternas, não sendo criadas nem destruídas. Explica-se assim todo o universo, acreditava ele, como o processo pelo qual a matéria constantemente procura realizar forma diferente para tornar-se aquilo que deve ser.

Se desejarmos, pois, compreender o universo, podemos pensar nele em termos do escultor, que produz uma estátua. Mas, enquanto no caso de Platão o escultor é independente, livre de seu mármore, no de Aristóteles, ele depende do mármore. Sua idéia de uma estátua perfeita está no mármore, a forma que este procura realizar.

Ensinava, portanto, Aristóteles que todo objeto, no universo, tem quatro causas. A primeira corresponde à idéia da estátua que o artista tem antes de começar a obra, a forma que deve ser realizada. É o que ele chamava *causa formal*. Vem depois o mármore com o qual o artista deve trabalhar, a matéria. É a *causa material*. A terceira é aquela com a qual se faz a estátua, os instrumentos empregados para fazê-la. É o que ele chama *causa eficiente* ou *causa motriz*. A quarta é o objetivo da estátua, aquilo para que é feita a obra. Aristóteles denominou-a *causa final*.

Para Aristóteles, todas as causas operam à medida que a coisa se desenvolve, transforma, cresce e fica. Não devemos pensar num artista separado do mármore, mas preferivelmente, como parte do mármore. Um exemplo melhor é o do homem que procura ser, digamos, médico. Procura transformar-se em algo mais. Sua idéia sobre o *médico* é a *causa formal*; seu corpo, com todas as características, é a *causa material*; aquilo que ele faz para transformar-se, a *causa eficiente*; e a razão por que se transforma em médico, a *causa final*. Aqui, o homem está dentro daquilo que se transforma e é aquilo que se criou.

Segundo Aristóteles, todo movimento deve ser explicado como a união da forma à matéria. Quando esta oferece resistência àquela, temos deformidades, erros e males. Contudo, a matéria é também um auxílio para a forma, pois procura realizá-la e ser alguma coisa.

Evidencia-se, pelo que já expusemos, que o mundo de Aristóteles não é uma coisa puramente mecânica. Não é uma simples massa de unidades ou átomos movimentando-se e formando objetos, como pregavam os atomistas. Ao contrário, caracteriza-se pelos objetivos que a matéria procura atingir. Há uma luta neste mundo, uma busca para ser alguma coisa. Chamamos *teleológico* tal mundo; não é um mundo de mero acaso, porém com determinado fim.

Se a bolota procura ser carvalho e este uma peça de mobiliário, onde termina o processo? Está tudo procurando ser alguma coisa e não haverá fim a essa cadeia? Aristóteles acreditava que havia. Era o que julgava como a primeira causa ou o *motor imóvel*. É pura forma sem qualquer matéria. Nada mais causa, apenas existe. Não está na matéria e não procura imprimir-se nela. Não podemos senti-lo, porém, podemos concebê-lo.

Assim, num extremo, podemos pensar na matéria pura sem qualquer forma, matéria informe. E, noutro, podemos pensar na forma pura, a forma sem matéria. Mas não podemos senti-las. O mundo que sentimos, o mundo das cadeiras, das estrelas, da terra, do homem e de todas as demais coisas, é um mundo no qual a matéria e a forma se acham unidas. Cada objeto é a realização de uma forma e é matéria para a realização de outra forma. Assim procurou Aristóteles resolver o problema do universo.

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

*

6ª AULA – 12/MAIO/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO**J. HERCULANO PIRES**Vide site www.josefleuri.com.br**I – INTRODUÇÃO****Livro: Rumo Certo (Emmanuel)****25 - CREDORES SEMPRE**

Pais e mães – dois vínculos de amor – na experiência terrestre que não se podem esquecer sem perpetrar ingratidão.

São eles que se esquecem para que os filhos – espíritos reencarnados no mundo – deles façam berço e ninho, apoio e teto; que se arrancam das gratificações dos sentidos para sacrifício e abnegação, a fim de que os próprios rebentos não sofram carência de proteção notadamente no difícil período de adaptação, a que denominamos “infância”; que formam o lar e sustentam-no por base do aperfeiçoamento e do progresso; que garantem aos filhos a certidão de presença na Terra, doando-lhes o nome e a localização social de que necessitam.

* * *

Existem na Terra os que asseguram que a comunhão afetiva entre duas criaturas é incompatível com os serviços de fraternidade e elevação, sem se recordarem de que dispõem de um corpo em favor da própria evolução, à custa de pai e mãe que se puseram a servi-los, através da comunhão afetiva, cujo valor pretendem desconhecer.

Que se corrijam as manifestações poligâmicas, em nome do amor, é providência justa; entretanto, condenar a ligação afetiva, entre os seres que sabem honrar os compromissos que assumem e da qual se derivam todas as civilizações existentes no Planeta, seria renegar a fonte da própria vida, que nos empresta a vida na Terra, em nome de Deus.

* * *

Pais e mães, como forem e onde estiverem, são e serão sempre credores respeitáveis nos domínios da existência, principalmente para quantos se lhes erigem na condição de filhos e descendentes.

Decerto que os filhos nem sempre se harmonizam com os pais nos ideais que abraçam, como também nem sempre os pais se harmonizam com os filhos, nos propósitos a que se afeiçoam, - de vez que no campo da alma cada Espírito é um mundo por si só -; no entanto, é tão significativa a função dos progenitores, nas lides terrenas, que a voz do Mundo Maior, ouvida por Moisés, no lançamento das Leis Divinas incluiu, entre os itens mais importantes para a felicidade do homem na Terra, a legenda inesquecível – “honra-rás pai e mãe”.

*

LUZ PARA TODOS - EMMANUEL**O HOMEM NO MUNDO****Irmão Saulo**

O Espiritismo é um processo de integração do homem no mundo e não de fuga. Todas as formas de isolamento social e de segregação religiosa são condenadas pela Doutrina. Os resíduos do sectarismo religioso, alimentados em várias encarnações, permanecem ainda bastante ativos em alguns adeptos, fazendo-os sonhar com um isolacionismo sectário que atenta contra a própria essência dos ensinamentos espíritas. É o fermento velho a que se referiu Jesus, como vemos no Evangelho.

O Cristianismo teve de enfrentar esse mesmo problema em seu desenvolvimento. E, apesar da vitória das correntes cristãs mais ativas, não foi possível evitar-se a criação de ordens e congregações dedicadas à vida contemplativa, empenhadas na fuga ao mundo

para o encontro com Deus. Essa tendência à fuga é característica das religiões orientais. Basta compararmos a vida contemplativa e os ensinamentos disciplinares de Buda com a vida ativa e os ensinamentos morais do Cristo, para vermos a diferença entre o espírito oriental e o espírito ocidental nas religiões.

Na mensagem intitulada "O homem no mundo", constante do capítulo XVII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, encontramos o seguinte trecho: "Não pensem que, ao vos exortar à prece e à evocação mental, queiramos levar-vos a viver uma vida mística que vos mantenha fora das leis da sociedade. Não. Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens. Sacrificai-vos às necessidades e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com o sentimento de pureza que as possa purificar". E no capítulo "A Lei de Sociedade", de O Livro dos Espíritos, a afirmação é taxativa: "Os homens são feitos para viver em sociedade".

Os médiuns e doutrinadores espíritas têm uma missão eminentemente social. Para bem cumprir essa missão devem servir-se de todos os meios, os mais eficientes possíveis, de divulgação da doutrina. E foi o próprio Jesus quem ensinou que não devemos esconder a lâmpada embaixo da cama, mas colocá-la no alto, para que ilumine a todos.

*

Poesia

HISTÓRIA DE AMOR

Maria Dolores

Certa mulher sofrida no trabalho
E que agia tão-só na prática do bem,
Teve, um dia, saudade de Jesus
E passou a viver concentrada no Além.
Muito tempo, lutara dia-a-dia,
Vencendo sombra, empeco, tentação,
Servira a muita gente, mas supunha
Que todo o longo esforço houvera sido
vão.
Trazia os pés feridos, indagando
Se a Terra não seria estranho espinheiral,
Conquanto a fé acalentasse o peito,
Declarava temer a vitória do mal.

Suportara, sem mágoa, ingratidões e golpes,
Entretanto, cansara-se, por fim,
Queria agora a paz do Lar Celeste,
Sonhava entrar em fúlgido jardim ...
Desejava esquecer a tristeza e a fadiga,

A poeira do mundo e a cinza do pesar,
Suplicava a Jesus lhe concedesse,
O caminho do Além e o dom de descansar.
Jesus, porém, um dia, veio e disse: –
Enquanto houver na Terra algum sinal de dor,
Estarei, entre os homens, trabalhando
Para a Bênção de Deus, em tarefas de amor.

Mas se queres partir, segue adiante,
Busca os sóis da Divina Primavera,
Construíste, lutaste, padeceste,
Conquistaste o repouso, a Paz te espera.
”

Mas aquela que ouvira o Cristo Amado,
Não mais pensou no Céu, nem no Porvir,
E, seguindo a Jesus, achou na própria Terra
A alegria de amar e o prazer de servir.
(Livro Recanto de Paz. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.)

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XVII – item 7

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS - O DEVER • Lázaro •

Paris, 1863

7. O dever é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo, e depois para com os outros. O dever é a lei da vida: encontramos-lo nos mínimos detalhes, como nos atos mais elevados. Quero falar aqui somente do dever moral, e não do que se refere às profissões.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de ser cumprido, porque se encontra em antagonismo com as seduções do interesse e do coração. Suas vitórias não têm testemunhas, e suas derrotas não sofrem repressão. O dever íntimo do homem está entregue ao seu livre-arbítrio: o agulhão da consciência, esse guardião da probidade interior, o adverte e sustenta, mas ele se mostra frequentemente impotente diante dos sofismas da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem. Mas como precisar esse dever? Onde ele começa? Onde acaba? O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo, e termina no limite que não desejaríeis ver transposto em relação a vós mesmos.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelos mesmos motivos, a fim de que cada um pese judiciosamente o mal que pode fazer. Não existe o mesmo critério para o bem, que é infinitamente mais variado nas suas expressões. A igualdade em relação à dor é uma sublime previsão de Deus, que quer que os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal desculpando-se com a ignorância dos seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais. É uma intrepidez da alma, que enfrenta as angústias da luta. É austero e dócil, pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, mas permanecendo inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais que as criaturas, e as criaturas mais que a si mesmo; é a um só tempo, juiz e escravo na sua própria causa.

O dever é o mais belo galardão da razão; ele nasce dela, como o filho nasce da mãe. O homem deve amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque ele transmite à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever se engrandece e expende, sob uma forma sempre mais elevada, em cada uma das etapas superiores da humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais cessa, porque ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, mas deseja que a grandeza de sua obra resplandeça aos seus olhos.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos – Questão 843 a 850

LIVRE ARBÍTRIO

843. O homem tem livre arbítrio nos seus atos?

– Pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre arbítrio o homem seria uma máquina.

844. O homem goza do livre arbítrio desde o nascimento?

– Ele tem a liberdade de agir, desde que tenha a vontade de o fazer. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre arbítrio às coisas que lhe são necessárias.

845. As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não são um obstáculo ao exercício do seu livre arbítrio?

– As predisposições instintivas são as do Espírito antes da encarnação; conforme for ele mais ou menos adiantado, elas podem impeli-lo a atos repreensíveis, no que ele será secundado por Espíritos que simpatizam com essas disposições; mas não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder. (Ver item 361).

846. O organismo não influi nos atos da vida? E se influi, não o faz com prejuízo do livre arbítrio?

– O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravar as suas manifestações. Eis porque, nos mundos em que os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade. Mas o instrumento não dá faculdades ao Espírito. De resto, é necessário distinguir neste caso as faculdades morais das faculdades intelectuais.

Se um homem tem o instinto do assassinio, é seguramente o seu próprio Espírito que o possui e que lho transmite, mas nunca os seus órgãos. Aquele que aniquila o seu pensamento para se ocupar apenas da matéria faz-se semelhante ao bruto, e ainda pior, porque não pensa mais em se premunir contra o mal. É nisso que ele se torna faltoso, pois assim age pela própria vontade. (Ver item 367 e seguintes, **Influência do organismo**).

847. A alteração das faculdades tira ao homem o livre arbítrio?

– Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o domínio do seu pensamento, e desde então não tem mais liberdade. Essa alteração é frequentemente uma punição para o Espírito que, numa existência, pode ter sido vão e orgulhoso, fazendo mau uso de suas faculdades.

Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência: é nisso que está a ação da matéria. (Ver item 371 e seguintes).

848. A alteração das faculdades intelectuais pela embriaguez desculpa os atos repressíveis?

– Não, pois o ébrio voluntariamente se priva da razão para satisfazer paixões brutais: em lugar de uma falta, comete duas.

849. Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante: o instinto ou o livre arbítrio?

– O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Por conseguinte, tu, que és mais esclarecido que um selvagem, és também mais responsável que ele pelo que fazes.

850. A posição social não é às vezes um obstáculo à inteira liberdade de ação?

– O mundo tem, sem dúvida, as suas exigências, Deus é justo e tudo leva em conta, mas vos deixa a responsabilidade dos poucos esforços que fazeis para superar os obstáculos.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Médiuns – Questão 30

Ensino Espírita

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, nossa insistência em persuadi-lo o leva a crer na sua importância pessoal, que é uma razão para mais se obstinar. Aquele que não se convence pelo raciocínio nem pelos fatos, deve ainda sofrer a prova da incredulidade. Devemos deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há muita gente que só deseja receber a luz, para estarmos perdendo tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo destes, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras.

Ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem. Há corações aflitos a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação. O Espiritismo impregna a atmosfera: expande-se pela própria força das circunstâncias e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoando ao seu

redor, entre os seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar ou a se renderem.

*

Revista Espírita – Março de 1858

Allan Kardec

Júpiter e alguns outros mundos

De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é *Júpiter*. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons *Espíritos*. Pode-se fazer um idéia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de Júpiter não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o habitante de Júpiter se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanações nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; veem-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse

mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia, porque essa não parece com nada do que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação. O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro, mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso.

Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Várias vezes, perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem nesse mundo é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre desconfiando. Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado, ensinamento que não aceitamos com levandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. Pode-se disso ter a certeza? NÃO. Pode-se para lá ir porque há, sobre a Terra, embora em pequeno número, Espíritos bastante bons e bastante desmaterializados para não serem deslocados para um mundo onde o mal não tem acesso.

Não há a certeza disso, porque pode-se se iludir sobre o mérito pessoal, e pode-se, aliás, ter uma outra missão a cumprir. Aqueles que podem esperar esse favor, não são, seguramente, nem os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais, nem nenhum daqueles que estão dominados pelo amor aos bens terrestres; a estes, talvez, seja preciso, ainda, longas e rudes provas. Isso depende de sua vontade.

*

Livro: Obsessão, O Passe a Doutrinação

J. Herculano Pires

Roteiro da desobsessão.

1 - Ao acordar, diga a si mesmo: Deus me concede mais um dia de experiências e aprendizado. É fazendo que se aprende. Vou aproveitá-lo. Deus me ajuda. (Repita isso várias vezes, procurando manter essas palavras na memória. Repita-as durante o dia).

2 - Compreenda que a obsessão é um estado de sintonia da sua mente com mentes desequilibradas. Corte essa sintonia ligando-se a pensamentos bons e alegres.

Repila as idéias más. Compreenda que você nasceu para ser bom e normal. As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar.

3 - Mude sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado, não entre na irritação dele. Ajude-o a se reequilibrar, tratando-o com

bondade. A irritação é sintonia de obsessão. Não se deixe envolver pela obsessão do outro. Não o considere agressivo. Certamente ele está sendo agredido e reage erradamente contra os outros. Ajude-o que será também ajudado.

4 - Vigie os seus sentimentos, pensamentos e palavras nas relações com os outros. O que damos, recebemos de volta.

5 - Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente, para melhorar as relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros.

6 - Ao sentir-se abatido, não entre na fossa. É difícil sair dela. Lembre-se de que você está vivo, forte, com saúde e dê graças a Deus por isso. Seus males são passageiros, mas se você os alimentar eles durarão. É você que sustenta os seus males. Cuidado com isso.

7 - Frequente a instituição espírita com que se sintonize. Não fique pulando de uma para outra. Quem não tem constância nada consegue.

8 - Se você ouve vozes, não lhes dê atenção. Responda simplesmente: Não tenho tempo a perder. Tratem de se melhorar enquanto é tempo. Vocês estão a caminho do abismo. Cuidem-se. E peça aos Espíritos Bons, em pensamento, por esses obsessores.

9 - Se você sente toques de dedos ou descargas elétricas, repila esses espíritos brincalhões da mesma maneira e ore mentalmente por eles. Não lhes dê atenção nem se assuste com esses efeitos físicos. Leia diariamente, de manhã ou à noite, ao deitar-se, um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo e medite sobre o que leu. Abra o livro ao acaso e não pense que a lição é só para você. Geralmente é só para os obsessores, mas você também deve aproveitá-la. No caso de visões a técnica é a mesma. Nunca se ame-dronte. É isso que eles querem, pois com isso se divertem. Esses pobres espíritos nada podem fazer, além disso, a menos que você queira brincar com eles, o que lhe custará seu aumento da obsessão. Corte as ligações que eles querem estabelecer com você, usando o poder da sua vontade. Se fingirem ser um seu parente ou amigo falecido, não se deixe levar por isso. Os amigos e parentes se comunicam em sessões regulares, não querem perturbar.

10 - Leia o livro de Allan Kardec INICIAÇÃO ESPÍRITA, mas de Kardec não outros de autores diversos, que fazem confusões. Trate de estudar a Doutrina nas demais obras de Kardec.

11 - Não se deixe atrair por macumbas e as diversas formas de mistura de religiões africanas com as nossas credências nacionais. Não pense que alguém lhe pode tirar a obsessão com as mãos. Os passes têm por finalidade a transmissão de fluidos, de energias vitais e espirituais para fortalecer a sua resistência. Não confie em passes de gesticulação excessiva e outras fantasias. O passe é simplesmente a imposição das mãos, ensinada por Jesus e praticada por Ele. É uma doação humilde e não uma encenação, dança ou ginástica.

Não carregue amuletos nem patuás ou colares milagrosos. Tudo isso não passa de superstições providas de religiões das selvas. Você não é selvagem, é uma criatura civilizada capaz de raciocinar e só admitir a fé racional. Estude o Espiritismo e não se deixe levar por tolices.

Dedique-se ao estudo, mas não queira saltar de aprendiz a mestre, pois o mestrado em espiritismo só se realiza no plano espiritual. Na Terra somos todos aprendizes, com maior ou menor grau de conhecimento e experiência.

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

O que conhecemos?

O espírito é, pois, o conhecedor, é o princípio inteligente da Natureza, cuja faculdade perceptiva se desenvolve através de fases sucessivas. Primeiro, temos a sensibilidade vegetal; depois, a perceptibilidade animal; por fim, a inteligência humana. Uma frase célebre de León Denis resume todo esse processo milenar: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem." O conceito de alma foi estudado por Kardec na introdução de "*O Livro dos Espíritos*". A Filosofia Espírita define a alma como o espírito encarnado. O princípio inteligente, quando manifestado na matéria, produz a vida, segundo o nosso restrito conceito de vida. Assim, ele anima a matéria, é a *ânimo* dos latinos, a alma das coisas e dos seres. No homem, a alma é o espírito que anima o corpo. Quando o homem morre sua alma volta ao estado de espírito, liberta-se da função de alma. Não existem *almas do outro mundo*, pois estas, na verdade, são espíritos. Mas o que é que o conhecedor conhece, o que é que conhecemos através da nossa faculdade perceptiva e da nossa capacidade intelectual? Há o conhecimento das coisas exteriores e o das coisas interiores. Há a percepção objetiva, que estabelece a relação sujeito-objeto, e a percepção subjetiva, que faz do sujeito o seu próprio objeto. Isso quer dizer, em termos epistemológicos (na teoria das ciências) que há Ciência e há Filosofia. Como já vimos, a Ciência investiga os objetos exteriores, a Filosofia investiga a si mesma, é o pensamento debruçado sobre si mesmo. Podemos retornar às explicações de Platão: há o mundo sensível e o mundo inteligível. Temos acesso ao sensível por meio da percepção, captamos, sentimos, percebemos as coisas exteriores. Temos acesso ao inteligível por meio da razão e da intuição. São essas as duas faces da realidade. O verso e o reverso da moeda com que pagamos o direito de saber. Desde o tempo dos gregos a nossa Civilização Ocidental vem se debatendo entre esses dois campos do conhecimento. Hoje, temos o mundo dividido em duas partes: numa se desenvolve o pensamento materialista como ideologia oficial dos Estados; noutra, o pensamento espiritualista na mesma posição. Nem uma nem outra dessas formas de pensamento, dessas sistematizações do conhecimento conseguiu trazer nem poderá trazer ao homem a solução dos seus problemas. A Filosofia Espírita se coloca entre ambas e nos oferece a solução dialética, nos termos da velha e boa dialética de Hegel, mostrando o equívoco desse divisionismo artificial e anunciando o advento da compreensão global da realidade.

Espírito e matéria, ensina a Filosofia Espírita, são os dois elementos constitutivos do universo. Sobre ambos paira o poder unificador que é Deus. Essa, diz "*O Livro dos Espíritos*", é a trindade universal. Mas a realidade não se fecha apenas nesse tríptico, nesse esquema geral. Ela é una em essência, mas é múltipla nas suas manifestações. A lei cósmica é a da diversidade da unidade. Querer reduzir o real a um dos seus aspectos, o materialista ou o espiritualista, é simples utopia. A própria História da Filosofia nos mostra a impossibilidade de uma interpretação esquemática da realidade. Os esquemas das diversas escolas filosóficas serviram apenas de muletas do pensamento, em sua busca da verdade. Hoje, os filósofos compreendem que as escolas servem como pontos de observação, como posições estratégicas e não como trincheiras definitivas no campo de batalha do conhecimento. Não mais se formulam grandes sistemas. A época dos sistemas passou. A sistemática foi substituída pela problemática: importam os problemas, não as explicações conclusivas.

A Filosofia Espírita foi uma antecipação dessa nova atitude filosófica. Na mesma época em que surgiam os dois últimos grandes sistemas filosóficos: o Positivismo de Augusto Comte e o Marxismo, os Espíritos diziam a Kardec que era necessário apresentar

ao mundo uma Filosofia racional, "livre dos prejuízos do espírito de sistema". E lhe davam as linhas mestras do novo pensamento através do processo dinâmico do diálogo, que hoje está consagrado em todo o mundo. A forma de perguntas e respostas de "*O Livro dos Espíritos*", às vezes considerada como antiquada por alguns espíritas sequiosos de novidades, é hoje a forma preferida para a busca de soluções em todos os setores das atividades humanas. O diálogo é a maiêutica de Sócrates e a dialética de Platão e de Hegel ressuscitadas em nosso tempo. É o instrumento mais prático de conhecimento no plano social. E foi através dele que surgiu a Filosofia Espírita, no diálogo mediúnicos de Kardec com os Espíritos.

A mediunidade se apresenta como a oportunidade do diálogo paranormal. A palavra paranormal é simplesmente uma substituta da palavra sobrenatural. Classifica o fenômeno natural inabitual a que se referia Richet. Na proporção em que os homens avançam na evolução espiritual o diálogo mediúnicos se integra na normalidade. Quando Sócrates dialogava com o seu daimon (demônio ou espírito protetor) ou quando Joana D'Arc dialogava com as suas vozes, ou quando Abrahão Lincoln (à maneira do patriarca bíblico) dialogava com os Espíritos na Casa Branca, em Washington, não estavam fora da Natureza nem de normalidades. Só a ignorância das leis naturais que regem a comunicação interexistencial (a comunicação mediúnica entre os diferentes planos de existência) levou os homens a tratarem o assunto com prevenção e excesso de superstição. O diálogo mediúnicos que fez a Donzela de Orléans a empunhar a espada e salvar a França, que levou Sócrates a impulsionar o conhecimento, que fez Lincoln assinar a lei de libertação dos escravos nos Estados Unidos, que orientou Mackenzie King no governo do Canadá, e assim por diante, levou Kardec a formular a Doutrina Espírita e oferecer ao mundo a maior síntese filosófica de todos os tempos, que é a Filosofia Espírita.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

PSI e o problema da crença

Ao estudar as relações de psi com o problema da crença tocamos inevitavelmente na velha questão da origem das religiões. O que são as religiões primitivas, senão simples crenças? Mas de onde provêm essas formas de crença, tão difundidas que tanto as encontramos nas regiões polares quanto nas zonas tropicais, nas épocas remotas, reveladas pela paleontologia, quanto na atualidade? Como sabemos, a tese da chamada antropologia inglesa, a partir de Tylor e Spencer, é a da excitação da imaginação primitiva pelo mistério do mundo. Mas há uma tese contrária, além da teológica. É a dos antropólogos espiritualistas como André Lang, Max Freedom Long, Cesare de Vesme, Ernesto Bozzano que situam no plano da fenomenologia supranormal o problema da crença na sobrevivência.

Particularmente importante, para o estudo do caso, é o livro de Bozzano, *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, que ainda em 1946 foi reeditado por Edizioni Europa, de Verona, com introdução de Gastone de Boni. Importante porque Bozzano apresenta uma sinopse do problema, acrescentando informações valiosas sobre as investigações de Freedom Long entre as tribos da Polinésia e enriquecendo o volume com numerosos casos que equivalem a demonstrações positivas de suas próprias conclusões. Discípulo de Spencer, a quem presta homenagem no texto, Bozzano chega mesmo a propor uma extensão da teoria spenceriana, de maneira curiosa mas rigorosamente lógica, ampliando as proposições sensoriais do mestre no plano da percepção extra-sensorial.

A unanimidade esmagadora da crença na sobrevivência por todos os povos do mundo, em todas as fases da História, bastaria para nos indicar a origem natural dessa crença. A tese teológica, endossada pela proposição cartesiana da idéia inata de Deus, não

tem condições para enfrentar as exigências científicas modernas. Mas a tese paranormal ou supranormal de Bozzano enquadra-se nessas exigências, encontrando possibilidades de comprovação experimental no campo das atuais investigações parapsicológicas. Consideradas as *funções psi* como naturais, como faculdades comuns da espécie humana, compreende-se que as suas manifestações nos povos primitivos dessem motivo à crença na sobrevivência. Essa crença, como o afirma Bozzano, não teve a sua possível origem na simples imaginação — tanto mais que a imaginação primitiva não parece susceptível de ilações abstratas dessa natureza — mas na realidade objetiva dos fatos, dos fenômenos paranormais.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns: Allan Kardec - Questões 213 a 218

Psicografia

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiuns é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário habituar-se a ela. Muito frequentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco o papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomeçá-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios frequentes e regulares, feitos com muita força de vontade e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrada e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos detalhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que dissemos se refere à escrita mecânica. É a faculdade que todos os médiuns, com razão, querem desenvolver. Mas a função mecânica pura é muito rara, juntando-se a ela, muito frequentemente, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade: não sabe se a escrita é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente reconhecerá nos escritos muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem da sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não pode ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão inúteis, mas ele erraria se por isso se julgasse deserdado. Se possui apenas mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitá-la ao invés de repudiá-la.

Se depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo não houver nenhum indício de movimento involuntário, ou se esse a movimentos forem muito fracos

para produzir resultados, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, nem inquietar-se se é dele ou de outro: a experiência lhe ensinará a fazer distinção. Muito frequentemente, aliás, o movimento mecânico se desenvolve mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado realiza por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa que então se atribua um pensamento que lhe foi sugerido. Se boas idéias lhe ocorrem, que as agradeça ao seu bom gênio e ele lhe sugerirá outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos que procurarão explorar-lhe a presunção.

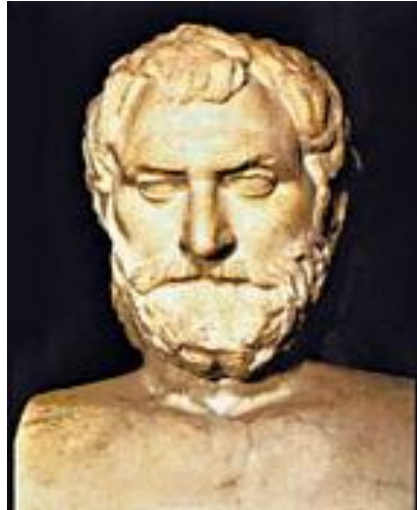
217. Uma vez desenvolvida a faculdade, o essencial para o médium é não abusar dela. A satisfação que proporciona a alguns iniciantes provoca um entusiasmo que precisa ser controlado. Devem pensar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfazer a curiosidade vã. É conveniente, portanto, que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante. Os Espíritos não estão constantemente às suas ordens e eles correm o risco de ser enganados pelos mistificadores. É bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores disposições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se tiver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO A IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br**

**OS FILÓSOFOS E SUAS DOCTRINAS
1 - TALES**



Tales, nascido em Mileto, é considerado, pela tradição clássica, o primeiro filósofo. Viveu provavelmente entre o final do século VII e meados do século VI a.C. Matemático e astrônomo, previu o eclipse do Sol de 585 a.C. Diz-se que, distraído teria caído num poço quando contemplava os astros. Mas comenta-se, também, que foi um hábil negociante, e que prosperou muito por causa da astúcia.

De seu pensamento só ficaram interpretações formuladas por outros filósofos, que lhe atribuíram uma idéia básica: a de que tudo se origina da água. A *physis*, então, teria como único princípio esse elemento natural, presente em tudo. Segundo Tales, a água, ao se resfriar, torna-se densa e dá origem à terra; ao se aquecer transforma-se em vapor e ar, que retornam como chuva quando novamente resfriados. Desse ciclo (vapor, chuva, rio, mar, terra) nascem as diversas formas de vida, vegetal e animal.

Não há dúvida de que esse pensamento logo esbarra em dificuldades. O que são, por exemplo, o calor e o frio de que depende o movimento da água, se é esta a origem única de todas as coisas? A busca da *arkhé*, um princípio único, conflita com outras forças que, por sua vez, precisam ser enquadradas em um princípio diferente. Essa dificuldade não é exclusiva de Tales; é da própria filosofia, que se desenvolve tentando resolvê-la. Se Tales aparece como o iniciador da filosofia, é porque seu esforço em buscar o princípio único da explicação do mundo não só constituiu o ideal mesmo da filosofia como também forneceu-lhe o impulso para desenvolver-se.

*

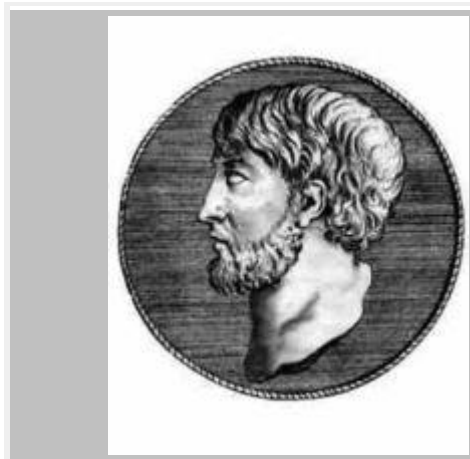
2 - ANAXIMANDRO



Contemporâneo de Tales, Anaximandro procura um caminho diferente. Para ele, o princípio da *physis* é o *ápeiron*, que pode ser traduzido como indeterminado ou ilimitado. Eterno, o *ápeiron* está em constante movimento, e disso resulta uma série de pares opostos – água e fogo, frio e calor – que constituem o mundo. O *ápeiron* é, desse modo, algo abstrato, que não se fixa diretamente em nenhum elemento palpável da natureza. Com essa concepção, Anaximandro prossegue na mesma linha de Tales, porém dando um passo a mais na direção da independência do “princípio” em relação às coisas particulares.

*

3 - ANAXÍMENES DE MILETO



O meio-termo entre Tales e Anaximandro é representado por Anaxímenes, que viveu em meados do século VI a.C. Segundo ele, a *arkhé* que comanda o mundo é o ar, um elemento não tão abstrato como o *ápeiron*, nem palpável demais como a água. Tudo provém do ar, através de seus movimentos: o ar é respiração e é vida; o fogo é o ar rarefeito; a água, a terra, a pedra são formas cada vez mais condensadas de ar. Tudo o que existe, mesmo apresentando qualidades diferentes, reduz-se a variações quantitativas (mais raro, mais denso) desse único elemento.

*

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE 'JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ'

Vide site www.josefleuri.com.br

CAPÍTULO IV - ESPÍRITO E MATÉRIA

PRIMEIRA PARTE - FILOSOFIA GERAL

É o mundo, na realidade, apenas um grande espírito ou é matéria em toda a extensão? É o espírito matéria ou a matéria é espírito? Se é espírito e matéria, qual a relação entre ambos? Como pode o espírito afetar a matéria e esta o espírito? Encontraram os filósofos solução para o problema da relação entre o espírito e a matéria?

Quem abrir os olhos para observar, descobrirá um número infinito de objetos que podem ser revolvidos, mudados de um lugar para outro, despedaçados, ajustados e moldados de muitas maneiras e que, entretanto, “parecem ser indiferentes a todo esse movimento”. Pode-se dar mil e uma formas a um bloco de argila. Uma rocha pode rolar a esmo, fragmentar-se e ser triturada até ficar reduzida ao mais fino pó.

O indivíduo que tenha notado esses fatos sabe, também, que outros objetos parecem *importar-se* com o que lhes acontece. De fato, encontra provas de que fazem planos para o futuro e se esforçam para executá-los. Um homem, por exemplo, parece traçar planos para suas ações e resistir às forças que queiram desviá-lo de seu objetivo, podendo moldar o ambiente para que se adapte aos planos. Entra numa região estéril, arquiteta planos para um gigantesco sistema de irrigação, constrói-o e acaba transformando a região num moderno Éden de flores, árvores e relva verdejante.

A diferença entre a rocha e o homem, segundo muitos filósofos, encontra-se no fato de, no último, haver um espírito, o que não se dá com a rocha. O espírito, argumentam, controla a parte do indivíduo que não é espírito, chamada *matéria*.

Os primeiros povos, dos quais temos conhecimento, notaram essa diferença entre os objetos. Observaram-na até dentro de si mesmos. Sentiram o corpo, como composto de matéria, mas estavam vagamente conscientes de que ela era animada por alguma coisa diferente e dela distinta. Tanto quanto podemos remontar aos primeiros tempos da atividade do pensamento humano, verificamos que o homem reconhecia a diferença entre o espírito e a matéria, colocando o primeiro num reino mais elevado.

As primeiras crenças sobre espírito e matéria achavam-se ligadas às relacionadas à alma e ao corpo. Na infância da Humanidade, a alma, aquilo que torna o homem diferente de outras coisas, não estava claramente definida ou compreendida. De fato, em muitas regiões, os primeiros homens acreditavam que tudo no mundo tem alma, a rocha, a árvore, o rio, assim como o corpo. Mais tarde, com o desenvolvimento do homem, a idéia de espírito como propriedade peculiar dele e distinta da matéria, tornou-se mais clara.

Os gregos expuseram todas as fases desse desenvolvimento, desde a feição mais primitiva até uma clara distinção entre o espírito e a matéria. Os primeiros registros que deles temos revelam que eram adoradores da natureza e criam que tudo, nela, é dotado de alma. Aos poucos, desenvolveram a mitologia, ou série de histórias, acerca das atividades da natureza, a qual consideravam ter vida. Tendo distinguido, por fim, as coisas animadas das inanimadas, não mais consideraram as rochas e árvores como dotadas de alma; criam que deuses as governavam. Foi o período das grandes teogonias ou genealogias dos deuses que governavam as coisas da natureza.

Ao amadurecer o espírito dos gregos, as invenções da fantasia e da infância da raça cederam lugar a estudos mais minuciosos sobre a natureza e o homem. Os deuses foram colocados num reino de glória celeste e de paz; a natureza passou a ser considerada dotada de vida, porém destituída de alma; e o homem passou a ser tido como uma singular

combinação de alma e corpo. Os gregos, então, começaram a estudar o mundo e a si mesmos. Aproximavam-se cada vez mais da crença de que deve haver clara distinção entre os dois aspectos do mundo: de um lado, a matéria, e de outro, o espírito. A realização final dessa distinção, contudo, seguiu um processo longo e difícil.

O Espírito e a Matéria Conforme Apresentados Pelos Primeiros Pensadores Gregos

Os primeiros filósofos gregos interessaram-se pelo problema da natureza do universo. Viram-no composto de uma ou mais substâncias originais e simples. Para explicar o fato de se transformarem essas substâncias básicas em o universo, apresentaram uma força que, de certo modo, as movimentava. *Anaximandro*, por exemplo, afirmava que o *infinito* era a substância básica, eterna e imperecível. Dotou-a, porém, de movimento eterno, a fim de explicar como surgiu o universo da maneira por que ele e seus adeptos o viam. Temos aí uma primeira distinção entre a massa, ou substância, e a força que a move e a transforma em objetos e coisas.

Essa distinção atravessou a primeira filosofia grega. Cada filósofo sugeriu alguma substância ou princípio básico, de que se compõe o universo, e explicou-lhe o aparecimento, acrescentando outro fator que a distinguia da substância básica e fazia assumir as muitas formas que vemos em redor de nós, no mundo.

Heráclito tentou apresentar a substância originária e a causa das formas que assume como uma só e a mesma, ao sustentar que o princípio básico do universo foi o fogo, como símbolo da transformação. Via incessantes atividades por toda a parte e, raciocinando, declarou que essa transformação ou atividade era tudo o que havia no universo. Achava, contudo, que além dessa transformação existia alguma entidade que transformava, algo diferente desse princípio de transformação.

Quando passou a falar sobre o homem, *Heráclito* revelou claramente esse fato. Fez uma distinção entre o corpo do homem e a sua alma. O corpo era material e a alma tinha afinidades com a razão divina. Vemos, pois, mesmo em *Heráclito*, uma distinção entre aquilo que move e aquilo que é movido.

Vamos encontrar em *Parmênides* a idéia de que o pensamento ou espírito é, de certo modo, o criador ou a causa daquilo que não é espírito. É este o princípio que, desenvolvendo-se mais tarde, passou a presidir o grande movimento idealista. *Parmênides* argumentava que o ser e o pensamento são um só e o mesmo, pois aquilo que não pode ser *pensado* não pode existir, e o que não pode existir não pode ser *pensado*. Para ele, pensamento ou espírito, e ser ou substância são idênticos. Toda realidade, afirmava, é dotada de espírito, e este é, de modo não muito claro, para ele, a causa de tudo. O espírito faz existir a matéria; cria-a. Se bem que *Parmênides* não percebesse tudo o que essa teoria implicava e nela não se mantivesse firmemente, vemos em seus escritos o prenúncio de uma das grandes teorias concernentes ao espírito e à matéria, a de que o espírito é tudo que existe, e, aquilo que chamamos matéria, criação do espírito para seus próprios fins.

Ao tempo de *Anaxágoras*, durante o século V A.C., vamos encontrar uma exposição clara da teoria de que todo movimento é causado pelo espírito ou *nous*, distinto da substância que se move. Esse espírito, segundo *Anaxágoras*, é a fonte de todo o movimento, uma fonte livre. Mais ainda, conhece todas as coisas do passado, do presente e do futuro e é quem dispõe e causa todas as coisas.

Os *sofistas* não se interessaram em explicar a natureza do universo. O fato é que muitos deles achavam que toda tentativa, para a descoberta de sua origem ou para localizar a primeira substância, ou substâncias, de que tudo o mais foi criado, não passava de tolice. Concentraram a atenção no homem e, especialmente, em seu espírito. Consideravam ser o espírito o eixo em torno do qual tudo o mais gira. Toda verdade é, segundo eles, medida pelo espírito do indivíduo, de modo que aquilo que o espírito de cada homem

lhe diga ser verdadeiro o é, de fato. Os sofistas aceitavam, portanto, o dualismo “espírito e matéria” e afirmavam ser o espírito que determina todas as coisas.

*

Platão, Aristóteles e os Filósofos Gregos Posteriores

Segundo *Platão*, o espírito, a que ele também chamava alma, é a sede de todos os conhecimentos. As idéias implantam-se nele antes de se estabelecerem no corpo. O nascimento obscurece-o, de modo que o indivíduo se esquece do que antes o espírito sabia. Mas, por meio de um processo de dialética, é possível – acreditava Platão – fazer o espírito lembrar-se do que sabia antes de nascer. Todo conhecimento, sustentava ele, está localizado no espírito, conhecimento adquirido de experiências anteriores ao nascimento. O indivíduo adquire o conhecimento quando este é lembrado.

Platão apegou-se firmemente à idéia de que o universo se compõe de dois princípios: espírito e matéria. O primeiro é inteiramente distinto do segundo. A seu ver, a matéria é peso morto que o espírito carrega por ter-se emaranhado nela. É a matéria-prima na qual opera o espírito. Não tem forma nem realidade, salvo quando o espírito atua sobre ela e lhe dá a forma para a vida. O espírito é a única realidade verdadeira, a coisa mais digna, o princípio das leis e da ordem do universo.

A matéria, morta e, portanto, escrava, recebe do espírito a impressão das idéias que ele experimentou no mundo ideal, idéias verdadeiras e reais. Toma a forma dessas idéias e conserva-a durante algum tempo. A árvore que você e eu vemos não é uma árvore real para Platão. Surgiu porque o espírito tomou alguma matéria e nela imprimiu a idéia de árvore. A verdadeira árvore, a árvore real, só existe no reino das idéias e foi vista pelo espírito antes de nascer.

Platão recorre a um mito para explicar como o espírito, puro e imaculado, se envolveu a princípio com a matéria. Diz que ele existia numa estrela em sua forma pura e viu-se possuído do desejo de passar para o mundo dos sentidos. Veio então a ficar prisioneiro num corpo. Dele procura libertar-se, pois quer voltar para a estrela. Naturalmente não é essa uma explicação satisfatória; é evidente que, nesse ponto, Platão não estava muito seguro de si. Estava percebendo o que viria a ser, mais tarde, um problema difícil: explicar a relação entre a matéria pura e o espírito puro. Como podem essas coisas, tão opostas, chegar a ter qualquer relação entre si? O problema tem desafiado os filósofos até hoje. Platão não pôde resolvê-lo; mantém-se ainda insolúvel.

Aristóteles não pôde solucioná-lo, mas percebeu que a solução jazia na íntima relação entre os dois. Para ele, o espírito está na matéria como princípio formador, como sua forma. Afirmava que não pode haver matéria sem espírito nem espírito sem matéria. Mesmo as formas inferiores da matéria, conhecidas, têm forma e, portanto, têm espírito. À medida que avançamos na escala até ao homem, vamos encontrar um espírito mais claro. Contudo, o espírito está em toda a parte.

O espírito, pois, para *Aristóteles*, não se acha fora da matéria como afirmava Platão, porém dentro dela, como causa de tudo o que existe. A matéria tem existência e oferece resistência ao espírito, que tenta dar-lhe forma. É, também, o terreno dos seres e deve, portanto, procurar certo meio para ser moldado. O espírito tem, pois, na matéria, um auxiliar que é, ao mesmo tempo, antagonista e cooperador.

Os *epicuristas*, em seus esforços para explicar a relação entre o espírito e o corpo, recorreram aos trabalhos de Demócrito. Esse antigo filósofo alegava que toda percepção dos sentidos resulta de *ídolos* ou imagens que os objetos expõem e atingem os órgãos dos sentidos. Por exemplo, quando contemplo uma cadeira, meus olhos estão sendo bombardeados pelos pequenos ídolos da cadeira, a qual constantemente os expõe. Essas imazinhas percorrem o espaço até aos meus olhos, e, então, eu vejo a cadeira.

O mesmo se dá – argumentavam os epicuristas – quando, por exemplo, quero correr. A imagem de *correr* surge no espírito. Este afeta a alma com a imagem. Como a alma está espalhada por todo o corpo, afeta-o com a imagem e o corpo corre. Isso parece muito cru e inacreditável hoje em dia, mas foi uma séria tentativa para explicar como o espírito, tão diferente da matéria, pode, quando tem uma idéia, afetar a matéria e fazer com que o corpo aja de conformidade com a idéia.

Os *estóicos* afirmavam que o espírito é material tanto quanto a matéria, porém, de textura mais fina. É a centelha do fogo divino. É, segundo eles, a alma que se torna racional ou adquire o poder do pensamento conceptual. O espírito é, pois, distinto da matéria apenas em grau, não em espécie.

Os *céticos*, como Pirro, por exemplo, sustentavam que é impossível provar a existência da matéria, pois tudo que temos são idéias ou pensamentos. É impossível demonstrar existir algo que corresponda aos nossos pensamentos. Precisamos agir de acordo com eles, esperando obter o que esperamos, mas sem certeza alguma. O espírito existe; quanto à matéria, não há prova de sua existência.

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI-SP

Vide site www.josefleuri.com.br

013) ORAÇÃO DE MANHÃ, À TARDE E À NOITE!

Nesta vida atormentada que vivemos, principalmente nos dias de hoje, precisamos estar sempre atentos para nossas ações e nossos pensamentos, para que eles sejam os mais sadios possíveis, para não cairmos no desespero; e, só na Oração é que vamos nos fortalecer para suportarmos os percalços da vida. Só na Oração obteremos Fé para aguentarmos e suportarmos, pois a fase em que nos arrastamos é muito pesada para podermos suportar sem queda.

Força irmãos, Fé e Muita Oração e que Deus nos ajude!

Oração de manhã, à tarde e à noite!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 23/04/1999).

A nossa cruz só não nos será pesada se a carregarmos com Fé e Paciência. (Adélia). Precisamos nos unir para obtermos um trabalho edificante.

*

015) NOSSO RETORNO. NOSSO PEQUENO GRUPO!

Boa noite, irmãos. Ora, Viva! Estamos presentes mais uma vez! Tentando... Saibam que nossos agrupamentos estão se formando em nome de Jesus. Não nos preocupemos em ser um número reduzido, em comparação aos demais grupos; pois nossos queridos irmãozinhos estão equivocados: não agem com a naturalidade que Cristo nos ensinou. Fantasiam atitudes e gestos espalhafatosos em Seu nome, com resultados, muitas vezes, até desesperadores, quando não levam à loucura. Oremos por eles, irmãos! Pois ainda estão no começo; um dia eles chegarão onde estamos e, então, aí é que começarão a entender que Jesus sempre foi simples em suas maneiras e espera que assim também o sejamos. Continuemos com fé, com trabalho, sem espalhafatos. Não esperem palmas, ou salvas para o nosso procedimento. Sejam sempre o Grupo de Jesus em toda a sua simplicidade e toda a sua Intenção.

Deus nos abençoe. Sou eu, Dolores, que fiquei feliz pelo nosso retorno. Boa noite.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 06/11/1999).

*

078) TREINAMENTOS MEDIÚNICOS

Graças a Deus irmãos, estamos todos reunidos em Seu Santo Nome.

Como é maravilhoso esse encontro, essa dedicação para melhorar nosso “status” perante o Criador.

Dificuldades existem; mas, para podermos ser fortes é necessário as provas.

Vamos encarar os treinamentos mediúnicos com seriedade, como se fosse o nosso trabalho material, e, que, depois do trabalho, vem a paga.

Depois do treinamento vem o aperfeiçoamento das faculdades para que possamos ajudar os nossos irmãos necessitados, tanto do plano material como do espiritual.

Os amigos do Plano Superior se desdobram para poder organizar os nossos trabalhos, onde somos meras ferramentas na mão do Criador; e, então, vamos fazer a lição de casa e aperfeiçoar-nos moralmente, para nos apresentarmos dignamente perante nossos irmãos do Plano Superior e seguirmos no trilho do bem.

Coragem irmãos! E muita dedicação, porque a nossa tarefa é enorme e existe trabalho em toda parte para se realizar, e nós somos os portadores da execução.

Que as bênçãos do Senhor estejam com todos e todas as famílias!

Espírito Joaquim. (Psicografia do médium João Francisco Bueno, em 06/08/2.003 – Lceu Allan Kardec 2 de Buri).

*

099) VIGILÂNCIA: EVITEM AS TRAGÉDIAS!

Cuidado com pessoas maldosas, queridos irmãos! O inimigo não se descuida e está sempre pronto para agir. Seu ataque é inexorável. Não criem oportunidades para que eles ajam. Estejam atentos e não os menosprezem. Levem em conta a lição para não levar em conta provocações, olhares desdenhosos ou palavras ofensivas. Não revidem para que não resulte disso uma tragédia.

Tomem cuidado, porque o momento é propício, pois há aqueles que estão no desespero. E o orgulho, o amor-próprio, o egoísmo, a ganância estão acima até de Deus para esses.

Portanto, queridos, olhem com quem falam; falem com quem os ouve. Não deem chance à desgraça. Evitem tragédias. Cuidem dos irmãos mais fracos e de pouca inteligência. Eles precisam de proteção. Repito: evitem as tragédias!

(Espírito: sem assinatura. Médiun: Nena. L. Allan Kardec. – Buri. 07/07/2004).

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

*

7ª AULA – 19/MAIO/2.015

**CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**

Vide site www.josefleuri.com.br

I – INTRODUÇÃO

Livro: Na Era do Espírito

Chico Xavier, Emmanuel, J. Herculano Pires

Relacionamento em família (Chico Xavier)

Chico Xavier nos conta os antecedentes da recepção desta mensagem de Emmanuel. Como se vê, cada mensagem tem uma história, é provocada pelos anseios e necessidades dos que vão visitá-lo. Passemos ao seu relato:

“As tarefas da noite foram precedidas de várias indagações que pareciam concentradas num só assunto: as dificuldades do relacionamento em família. Os grupos de irmãos procedentes de vários lugares davam a idéia de haverem previamente combinado um encontro conosco para o debate do problema. Esposos em desarmonia, filhos e pais em desacordo, parentes que se queixavam de familiares diversos, pessoas que se haviam amado no círculo doméstico e acabaram por separarem-se umas das outras sem abandonar a casa.

“Nesse clima começamos a reunião e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ofereceu-nos o item 8 do capítulo XIV para estudo. Depois dos comentários feitos por alguns dos nossos irmãos presentes, nosso Emmanuel escreveu a página que lhe envio (Chico Xavier enviando para J. Herculano Pires) e que amigos nossos, domiciliados em cidades distantes, solicitaram que fosse encaminhada às suas mãos. Cumpro com prazer o que prometi.”

Familiares problemas (Emmanuel)

Desposaste alguém que não mais te parece a criatura ideal que conhecestes. A convivência te arrancou aos olhos as cores diferentes com que o noivado te resguardava o futuro que hoje se fez presente.

Em torno, provações, encargos renascentes, familiares que te pedem apoio, obstáculos por vencer. E sofres.

Entretanto, recorda que antes da união falavas de amor e te mostravas na firme disposição em que assumiste os deveres que te assinalam agora os dias, e não recues da frente de trabalho a que o mundo te conduziu.

Se a criatura que te compartilha transitoriamente o destino não é aquela que imaginaste e sim alguém que te impõe difícil tarefa a realizar, observa que a união de ambos não se efetuará sem fins justos e dá de ti quanto possível para que essa mesma criatura venha a ser como desejas.

* * *

Diante de filhos ou parentes outros que se valem de títulos domésticos para menosprezar-te ou ferir-te, nem por isso deixes de amá-los. São eles, presentemente na Terra, quais os fizemos em outras épocas, e os defeitos que mostrem não passam de resultados das lesões espirituais causadas por nós mesmos, em tempos outros, quando lhes orientávamos a existência nas trilhas da evolução.

É provável tenhamos dado um passo à frente. Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser. Isso, porém, é motivação para auxílio, não para fuga.

Atentos ao princípio de livre arbítrio que nos rege a vida espiritual, é claro que ninguém te impede de cortar laços, sustar realizações, agravar dívidas ou delongar compromissos.

O divórcio é medida perfeitamente compreensível e humana, toda vez que os cônjuges se confessam à beira da delinquência, conquanto se erija em moratória de débito para resgate em novo nível. E o afastamento de certas ligações é recurso necessário em determinadas circunstâncias, a fim de que possamos voltar a elas, algum dia, com o proveito preciso.

Reflete, porém, que a existência na Terra é um estágio educativo ou reeducativo e tão só pelo amor com que amamos, mas não pelo amor com que esperamos ser amados, ser-nos-á possível trabalhar para redimir e, por vezes, saber perder para realmente vencer.

Assim os fizemos (J. Herculano Pires)

Os familiares desagradáveis são hoje o que deles fizemos ontem. Nada acontece por acaso, sem razão, em nossas vidas. Por isso diz Emmanuel: “Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser”. Nesta própria existência terrena isso acontece com frequência. Ao nos tornarmos adultos não suportamos as peraltices das crianças, sem nos lembrarmos das que também já fizemos quando crianças. Ao nos enriquecermos não toleramos os peditórios ou a incapacidade dos parentes pobres, esquecidos do que fazíamos quando necessitados. Ao nos ilustrarmos não suportamos nos outros a ignorância em que ontem vivíamos.

Educamos mal os nossos filhos e muitas vezes os deseducamos a gritos e pancadas. Mas quando eles crescem não suportamos o seu comportamento desrespeitoso, pelo qual somos responsáveis. Não os corrigimos em criança nem os ajudamos na adolescência, mas os fizemos desorientados e depois não os toleramos. Nas vidas sucessivas, através das reencarnações, procedemos também dessa maneira. E quando eles voltam ao nosso convívio não queremos aceitar e muito menos corrigir os seus defeitos.

Na verdade, se não os aceitarmos hoje como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo ensinou Jesus, que nos entendamos com os companheiros “enquanto estivermos a caminho com eles”. A fuga aos deveres atuais será paga mais tarde com os juros devidos. Usando o livre arbítrio podemos rejeitá-los hoje, mas a contabilidade divina anotarà o nosso débito para depois, com os acréscimos legais. O item 8 do capítulo XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* trata do problema das famílias corporais e espirituais e o item 9 desse mesmo capítulo nos explica a mecânica dos pagamentos de dívidas morais através da reencarnação. Os que desejarem aprofundar este problema devem ler com atenção os dois tópicos citados.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo VI – 15

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

ADVENTO DO ESPÍRITO DA VERDADE - Espírito da Verdade •

Paris, 1860

5. Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar os incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; e, como um segador, liguei em feixes o bem esparso pela humanidade, e disse: "Vinde a mim, todos vós que sofreis!"

Mas os homens ingratos se desviaram da estrada larga e reta que conduz ao Reino de meu Pai, perdendo-se nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer

aniquilar a raça humana. Ele quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, ou seja, mortos segundo a carne, porque a morte não existe, sejais socorridos, e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que se foram, faça-se ouvir para vos gritar: Crede e orai! Porque a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro. Homens fracos, que vos limitais às trevas de vossa inteligência, não afasteis a tocha que a clemência divina vos coloca nas mãos, para iluminar vossa rota e vos reconduzir, crianças perdidas, ao regaço de vosso Pai. Estou demasiado tocado de compaixão pelas vossas misérias, por vossa imensa fraqueza, para não estender a mão em socorro aos infelizes extraviados que, vindo o céu, caem nos abismos do erro. Ide, amai, meditai todas as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio ao bom grão, as utopias com as verdades.

Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana; e eis que, de além-túmulo, que acreditáveis vazio, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal; sede os vencedores da impiedade!

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: Astronautas do Além

(Chico Xavier, Espíritos Diversos, J. Herculano Pires)

A filha excepcional (Chico Xavier)

Há algum tempo, numa de nossas reuniões, apareceu um amigo trazendo nos braços a filha excepcional. Declarou estar a caminho de São Paulo para tentar-lhe o tratamento. Veio com ela à nossa instituição a fim de orar, em nossa companhia, solicitando para a pequenina o auxílio dos benfeitores espirituais.

Comoveu-nos a todos o carinho e o cuidado do genitor com a filha que lhe choramingava nos braços, agitada e inconsciente. Esse amigo informou proceder de uma cidade pernambucana e guardar a esperança de alcançar melhoras para a filha junto de médicos amigos da Capital bandeirante.

Diante do quadro enternecedor, penso que todo o pessoal refletia sobre os princípios da reencarnação, sem comentários. Iniciadas as tarefas da noite, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu para estudo as

Questões 371 a 378 de O Livro dos Espíritos:

IDIOTISMO E LOUCURA

371. A opinião de que os cretinos e os idiotas teriam uma alma de natureza inferior tem fundamento?

– Não. Eles têm uma alma humana, frequentemente mais inteligente do que pensais, e que sofre com a insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, como o mudo sofre por não poder falar.

372. Qual é o objetivo da Providência, ao criar seres desgraçados como os cretinos e os idiotas?

– São os Espíritos em punição que vivem em corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento a que estão sujeitos e pela impossibilidade de manifestar-se através de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.

372-a. Então não é exato dizer que os órgãos não exercem influência sobre as faculdades?

– Jamais dissemos que os órgãos não exercem influência. Eles a exercem, e muito grande, sobre a manifestação das faculdades, mas não produzem as faculdades. Esta a diferença. Um bom músico, com um mau instrumento, não fará boa música, o que não o impede de ser um bom músico.

É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo material. Mas há casos em que a matéria oferece uma tal resistência que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura. Esses são casos patológicos, e em tal estado a alma não goza de toda a sua liberdade. A própria lei humana a isenta da responsabilidade dos seus atos.

373. Qual o mérito da existência para seres que, como os idiotas e os cretinos, não podendo fazer o bem nem o mal, não podem progredir?

– É uma expiação, imposta ao abuso que tenham feito de certas faculdades; é um tempo de suspensão.

373-a. Um corpo de idiota pode então encerrar um Espírito que tivesse animado um homem de gênio numa existência procedente?

– Sim, o gênio torna-se às vezes uma desgraça, quando dele se abusa.

A superioridade moral não está sempre na razão da superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito a expiar; daí resulta frequentemente para eles uma existência inferior às que já tenham vivido, que é uma causa de sofrimento. Os entraves que o Espírito prova em suas manifestações são para ele como as cadeias que constroem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que os cretinos e os idiotas são estropeados do cérebro, como o coxo o é das pernas e o cego dos olhos.

374. O idiota, no estado de Espírito, tem consciência do seu estado mental?

– Sim, muito frequentemente. Compreende-se que as cadeias que embarçam o seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação.

375. Qual é a situação do Espírito na loucura?

– O Espírito, quando em liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente a sua ação sobre a matéria; mas encarnado, encontra-se em condições totalmente diferentes e na contingência de não o fazer senão com a ajuda de órgãos especiais.

Que uma parte ou conjunto desses órgãos sejam alterados, e a sua ação ou suas impressões, no que respeita a esses órgãos, ficam interrompidas. Se ele perde os olhos, fica cego; sem os ouvidos, fica surdo, etc. Imagina agora se o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade for parcial ou inteiramente atacado ou modificado, e fácil te será compreender que o Espírito, só tendo então a seu serviço órgãos incompletos ou alterados, deve entrar numa perturbação de que, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso já não pode deter.

375-a. É então sempre o corpo e não o Espírito o desorganizado?

– Sim; mas é necessário não perder de vista que, da mesma maneira que o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre ele numa certa medida, e que o Espírito pode encontrar-se momentaneamente impressionado pela alteração dos órgãos através dos quais se manifesta e recebe as suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual ele não se livrará senão depois da sua completa separação de toda impressão material.

376. Qual a razão por que a loucura leva algumas vezes ao suicídio?

– O Espírito sofre pelo constrangimento a que está submetido e pela impotência de manifestar-se livremente. Por isso, busca libertar-se por intermédio da morte.

377. Após a morte, o Espírito se ressentido da perturbação de suas faculdades?

– Ele pode ressentir-se durante algum tempo, até que esteja completamente desligado da matéria, como o homem que, ao acordar, se ressentido por algum tempo da perturbação em que o sono o mergulhara.

378. Como a alteração do cérebro pode reagir sobre o Espírito após a morte?

– É uma lembrança. Um peso oprime o Espírito, e como ele não teve consciência de tudo o que se passou durante a sua loucura, é necessário um certo tempo para que se ponha ao corrente. É por isso que, quanto mais tenha durado a loucura, durante a vida, mais longamente durará a tortura, o constrangimento após a morte. O Espírito desligado do corpo se ressentido por algum tempo da impressão dos seus ligamentos. ”

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA O Livro dos Médiuns – Questão 182 MÉDIUNS INSPIRADOS

182. Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas idéias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. (Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro nesse sentido. A psicologia materialista vai hoje se aproximando desse princípio, graças às pesquisas no campo da telepatia. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos. (N. do T.)

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita frequência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. Se todos estivessem compenetrados dessa verdade, com mais frequência se recorreria à inspiração do anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou fazer.

Que se invoque o Espírito protetor com *fervor e confiança*, nos casos de necessidade, e mais assiduamente se admirará das idéias que surgirão como por encanto, seja para auxiliar numa decisão ou em alguma coisa a fazer. Se nenhuma idéia surgir imediatamente, é que se deve esperar. A prova de que se trata de idéia sugerida está precisamente em que ela, se fosse da pessoa, estaria sempre ao seu dispor, não havendo razão para que não se manifestasse à vontade. Quem não é cego, basta abrir os olhos para ver quando quiser. Da mesma maneira, o que possui idéias próprias, sempre as tem ao seu dispor. Se elas não surgem à vontade é que ele precisa buscá-las fora de si mesmo. (A reflexão mental, como a própria etimologia da palavra o indica, é uma busca de sintonia. Nossas mentes não vivem isoladas, mas num processo de comunhão espiritual que o Espiritismo revelou e pesquisou. Quando pensamos seriamente num problema atraímos a colaboração de outras mentes encarnadas ou desencarnadas. Mas o orgulho humano dificilmente permite que certas pessoas aceitem essa verdade que tudo fazem para negar e rejeitar. (N. do T.)

Nesta categoria podem ainda ser incluídas as pessoas que, não sendo dotadas de inteligência excepcional, e sem sair do seu estado normal, têm relâmpagos de lucidez intelectual que lhes dão surpreendente facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento do futuro. Nesses momentos, justamente considerados de inspiração, as idéias abundam, seguem-se, encadeiam-se como que por si mesmas, num impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que o nosso Espírito se livra de um fardo.

*

**Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação. - J. Herculano Pires
Psiquiatria e Espiritismo.**

O conflito entre Psiquiatria e Espiritismo tomou vulto entre nós, em virtude do crescimento do movimento espírita. O preconceito religioso influi muito na questão, estimulando o preconceito científico. Mas as últimas conquistas das Ciências abriram uma perspectiva de trégua. Na proporção em que o conceito de matéria se pulverizou nas mãos dos físicos e atingiu o plano da antimatéria, verificou-se uma nova revolução copérnica no tocante à concepção do homem. Coube a um famoso psiquiatra norte americano, Ian Stevenson, dar novo impulso às pesquisas sobre a reencarnação. Na URSS o psiquiatra Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, reconheceu o fenômeno de lembranças de vidas anteriores e iniciou pesquisas a respeito, partindo do pressuposto de sugestões telepáticas.

Hoje há grande número de psiquiatras espíritas, o que estabelece o diálogo entre os campos opostos.

As pesquisas parapsicológicas com débeis mentais deram razão à tese espírita da distinção entre cérebro e mente. Os débeis mentais agem no plano de *psi* (fenômenos paranormais) em igualdade de condições com as pessoas normais. Isso parecia mostrar que a debilidade era apenas cerebral e não mental. Quando Rhine sustentou a natureza extrafísica da mente, que Vassiliev tentou refutar sem consegui-lo, o problema se tornou mais claro. Muitos enigmas da Psiquiatria se tornaram mais facilmente equacionáveis para uma solução. Entre eles, talvez o mais complexo, que é o da Esquizofrenia. Certos casos de amnésia, em que os pacientes substituem a memória atual por outra referente a uma possível vida anterior, lançaram nova luz sobre o intrincado problema.

A divisão da mente, a diluição da memória, o afastamento da realidade, parecem denunciar uma espécie de nostalgia psíquica que determina a inadaptação do espírito à realidade atual. Teríamos dessa forma um caso típico de auto-obsessão nas modalidades variáveis da Esquizofrenia. Os casos se agravam com a participação de entidades obsessoras geralmente atraídas pelo estado dos pacientes. Eles se encontravam em estado de ambivalência e são forçados a optar pelo passado ante a pressão obsessiva. Este é mais um fato favorável à prática da desobsessão.

Psiquiatria e Espiritismo podem ajudar-se mutuamente, ao que parece em futuro bem próximo. Não há razão para condenações psiquiátricas atuais dos processos espíritas de cura dos casos de obsessão.

Tratamento médico.

Deve também haver uma orientação médica, tendo ou não o profissional conhecimento da Doutrina. (De qualquer modo ele não poderá utilizar profissionalmente as armas que o Espiritismo pode lhe colocar nas mãos, pois o Código de Ética Médica o impede, com justa razão, no atual estado dos conhecimentos e dos determinantes culturais atuantes na maioria dos países. Os médicos que sejam espíritas não podem instituir um "tratamento espírita", mas obviamente podem, quando

solicitados, calcados em suas convicções filosóficas, opinarem sobre a situação vivencial de amigos e pacientes).

Os que se propõem a orientar os obsedados no processo de sua libertação devem ter conhecimento da Doutrina solidamente estabelecido, em vivência e em conhecimento teórico, a fim de que os processos doutrinários não se percam em práticas que a pesquisa espírita demonstrou serem inúteis e, portanto, desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional, aspectos supersticiosos. Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a recomendação de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso deve ser realizado em instituições doutrinárias, a nosso ver com duas características: orientação externa: os que necessitam vêm periodicamente à instituição, recebem a orientação preconizada e participam das práticas que a Doutrina estabelece, até o seu reequilíbrio (e obviamente a instruções complementares); orientação interna: em instituições psiquiátricas mantidas por ou com participação de espíritos. Nestas, o tratamento médico cabível seria instituído como em qualquer hospital, e a orientação e as práticas que a Doutrina estabelece seriam iniciadas com o consentimento das famílias ou dos pacientes como uma praxe filosófico-religiosa independente da orientação médica (Note-se nem associada, nem paralela, INDEPENDENTE, para não ferir o Código de Ética Médica, como foi exposto acima), o que não pode ser criticado, desde que assim seja feito, pois é questão de foro íntimo, onde ninguém deve interferir.

A pureza das intenções dos médiuns e coordenadores das reuniões desobessivas é a única possível garantia da eficácia da orientação mediúnica. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores pelo nosso esforço em favor do próximo.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita - J. Herculano Pires

O processo gnoseológico

Aplicada ao Espiritismo, na avaliação da totalidade da Doutrina, a Teoria Espírita do Conhecimento nos mostra essa doutrina como a última fase de um processo gnoseológico que abrange toda a evolução humana. Kardec explica, no cap. I de "A Gênese", os motivos do aparecimento do Espiritismo em meados do século passado. Era necessário o desenvolvimento das Ciências, a superação racional dos estágios anteriores da evolução para que o homem se tornasse capaz de compreender o problema espírita. O processo gnoseológico iniciado na era tribal se desenvolve através das fases anímica, mágica, mítica, mística ou religiosa, atingindo a científica ou racional e passando então à psicológica ou espírita.

Lembremo-nos rapidamente da lei dos três estados da evolução gnoseológica segundo Augusto Comte. Temos primeiro *o estado teológico* em que tudo se explica pela intervenção dos deuses; a seguir, *o estado metafísico* das explicações abstratas (o ópio faz dormir porque tem a virtude dormitiva) e depois *o estado positivo* em que predominam as Ciências. Kardec acrescentou a essa teoria, por sugestão de um leitor da "Revista Espírita" (Veja-se o n.º de abril de 1858) o *estado psicológico* iniciado pelo Espiritismo. Vemos hoje o acerto desse acréscimo. As ciências psicológicas dominam o mundo atual e já se abriram para o futuro através da investigação parapsicológica. A Humanidade avança, segundo a observação de Simone de Beauvoir, que não é espírita, "num constante devir". O homem se liberta da matéria, emancipando-se como espírito.

Mas o Espiritismo não é apenas a fase derradeira do processo gnoseológico em que nos encontramos como componentes da Humanidade terrena. Ele apresenta também, em si mesmo, as características de um processo gnoseológico especial. A Teoria do Conhecimento nos mostra que as fases sucessivas do conhecer se repetem no desenvolvimento do Espiritismo. Através do seu aspecto científico ele nos oferece a *captação sensorial* do mundo fenomênico, dessa faixa da Natureza em que o espírito se manifesta no sensível, e a captação extra-sensorial do inteligível, da realidade espiritual. Através da Filosofia Espírita nos dá a interpretação racional do Universo e do Homem numa visão integral. Através da Religião Espírita, — moral, normativa e jamais ritual, sacramental, destituída de resíduos mágicos — determina a orientação adequada, no plano existencial, à nossa conduta em face da realidade ampla que conseguimos descortinar.

Assim, a Teoria Espírita do Conhecimento explica, ao mesmo tempo, o problema do conhecer em sua expressão mais simples e em sua expressão mais complexa. Aprendemos, graças a ela, que o processo gnoseológico é uma conquista e uma integração. Conquistando pelo conhecimento progressivo o *saber espírita* integramo-nos na realidade multidimensional da era cósmica. Não pensamos mais em termos geocêntricos, organocêntricos ou antropocêntricos e por isso mesmo não vivemos mais apegados a temores e superstições. O Espiritismo nos confere a emancipação espiritual de cidadãos do Cosmos. Pertencemos à Humanidade Cósmica.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã - J. Herculano Pires

PSI e o realismo

O estudo que procuramos fazer, no capítulo anterior, das relações de *psi* com a crença, levou-nos naturalmente a outro tipo de relações: as de *psi* com o realismo. Não obstante a ambiguidade do termo, sua origem literária o tem definido ultimamente como uma posição existencial. O real aparece em nossa atitude diante do mundo como o aqui e o agora, o presente, e conseqüentemente o dado imediato ou o amaneirado de Heidegger. Assim, realismo é a nossa integração no real, a nossa vivência das coisas como elas são dadas ao nosso aqui e ao nosso agora, no espaço e no tempo. Humberto Mariotti, que já citamos várias vezes, ao colocar o problema das relações entre a Parapsicologia e o Materialismo Histórico, indica a necessidade de um "realismo espiritual", que supere o "realismo marxista". Este é o problema fundamental do momento e não pode ser resolvido apenas no campo religioso ou filosófico: terá de sê-lo no campo científico.

O materialismo marxista não é outra coisa senão uma atitude realista. Mas qual a realidade encarada pelo Marxismo? A realidade do dado imediato, mas um dado submetido à elaboração ideológica, um dado convertido em esquema. A realidade marxista é a da coisa no seu sentido existencial. A realidade linear de Zola ou o realismo do objeto, levado à tela pelo cinema italiano. A força desse realismo está precisamente no seu imediatismo. Contra ele ergue-se o idealismo religioso e filosófico — essa dupla forma de fuga para Passárgada — que só pode interessar aos que amam a ilusão e buscam a utopia, segundo afirmam os chamados espíritos positivos.

Mariotti encara de frente o problema e adverte: "Se o realismo marxista não for superado por um realismo espiritual que o supere em tudo, a consciência materialista continuará a se impor, e vão ser os protestos dos idealistas e religiosos.

As realidades espirituais, se de fato existem, deverão ser expostas ao homem moderno com a mesma objetividade dos fenômenos físicos e sociais". A esta posição de Mariotti só temos a opor uma objeção: a de que não podemos dividir a realidade e criar outra forma de realismo esquemático, a título de espiritualismo. Elaborar um "realismo espiritual" seria opor um esquema a outro, pura e simplesmente.

Ao provar, como afirma Rhine, a existência de um universo extrafísico, a Parapsicologia não nos oferece uma nova realidade mutilada, mas, pelo contrário, propõe-nos o restabelecimento da realidade total. No campo da Física e da Biologia abrem-se novas perspectivas para esse restabelecimento, com os progressos da Física Nuclear, o desenvolvimento da Biônica e da Cibernética. Mas, enquanto essas novas direções mergulham no imediato, perfurando sem querer o poço do futuro, emaranhadas na velha concepção materialista, a Parapsicologia, pelo contrário, rasga deliberada e corajosamente o véu conceptual do organocentrismo para mostrar o reverso da medalha. Com isso nos coloca num imediato de duas faces, oferecendo-nos um novo tipo de realismo com a inevitável polaridade físico-psíquica. É uma felicidade que na própria União Soviética o Prof. Vassiliev, por exemplo, tenha preferido o estudo das *funções psi* ao exame das simples estruturas orgânicas da vida.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns – Questão 219

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

219. Fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é o da mudança de caligrafia, segundo os Espíritos que se comunicam. E o mais notável é que a mesma caligrafia se repete sempre com o mesmo Espírito e às vezes é idêntica à que ele tinha em vida. Veremos mais tarde as conseqüências que se podem tirar disso, no tocante à identificação. Essa mudança só ocorre com os médiuns mecânicos e semi-mecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito. Não se dá o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois nestes o Espírito age apenas sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, como nas circunstâncias comuns.

Mas a uniformidade da escrita, mesmo num médium mecânico, nada prova absolutamente contra a sua faculdade, pois a mudança de caligrafia não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos, mas decorre de uma aptidão especial, de que os médiuns mais decisivamente mecânicos nem sempre são dotados. Designamos os que a possuem por médiuns polígrafos. (Os casos de reprodução mediúnica de caligrafia de mortos são numerosos e, como sempre, suscitaram hipóteses e explicações fantásticas dos negadores. Quanto mais dotado de conhecimentos científicos o negador, mais se empenha em "explicá-los" a seu modo. No campo religioso dá-se o mesmo. O prof. e rev. Otoniel Mota relata em seu livro "Temas Espirituais" um caso de comunicação escrita recebida pelo Dr. Felício dos Santos ("que por algum tempo se entregou à prática do Espiritismo, mas morreu católico praticante") nesta capital. O Espírito comunicante havia sido professor e amigo do autor, que identificou a caligrafia do mestre, embora explicando que se tratasse do Demônio. ("Temas Espirituais", Imprensa Metodista, São Paulo, 1945.) (N.do T.)

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br**

OS FILÓSOFOS E SUAS DOUTRINAS - (continuação)

4 - PITÁGORAS



A intensa vida cultural de Mileto acaba em 494 a.C., quando a cidade é destruída pelos persas. O eixo da cultura helênica, então, desloca-se para a Magna Grécia, no sul da Itália. Ali, na cidade de Crotona, floresceu o pensamento de Pitágoras e de seus seguidores.

“Pitágoras: tudo é matemática”. Pitágoras, se é que realmente existiu, teria nascido na Jônia, na segunda metade do século VI a.C. Instalando-se em Crotona, fundou uma seita religiosa e mística, que tinha como base o orfismo – um culto popular que pregava a transmigração da alma e a necessidade da purificação do homem para salvá-lo do ciclo das sucessivas reencarnações. Assim como o orfismo, a seita pitagórica tinha um caráter esotérico, secreto: suas idéias só eram acessíveis aos iniciados, que deviam praticar uma série de obrigações misteriosas.

Sob esse aspecto, as idéias de Pitágoras estão muito aquém do pensamento racional surgido na Jônia. Por outro lado, porém, o pitagorismo representaria um marco decisivo no desenvolvimento do pensamento racional e científico, por ter elevado à condição divina uma das realizações mais racionais do homem: a matemática. Com os pitagóricos, a matemática libertou-se da condição de mera técnica que atendia às necessidades práticas da agrimensura – como entre os egípcios – para constituir-se em uma ciência pura, ainda que revestida de religiosidade.

Segundo os pitagóricos, o homem, para se salvar, deve identificar-se com o divino, eliminando de sua vida todos os conflitos. Isso se faz principalmente por via da contemplação teórica, que vislumbra, por trás dos conflitos, a harmonia. A harmonia está presente, por exemplo, na música – um dos elementos-chave da prática ritual do orfismo. Conta-se que Pitágoras, examinando a música, teria descoberto que o som varia de acordo com o comprimento da corda, numa relação proporcional simples: diminuindo pela metade o comprimento da corda obtém-se uma oitava acima; um acorde (ou harmonia) mais simples é produzido quando o comprimento das cordas está na razão 3:4:5. A música, em suma, é uma relação numérica, e se soa desagradável, sem harmonia, é porque a relação entre os números não se encontra numa proporção justa.

Os pitagóricos vão estender para todas as coisas esse entendimento da música. O mundo é número – e, para mostrá-lo, reduzem tudo o que existe a figuras geométricas simples. O ponto é o número um; a linha é o número dois; a superfície é três; e o volume, quatro. O mundo se traduz nesses números e em seus múltiplos, e por isso os pitagóricos consideram sagrado o dez, a soma desses algarismos ($1 + 2 + 3 + 4 = 10$).

Se o mundo é número, cabe então descobrir as “características” de cada um, e suas relações. Dentre os vários “tipos” de números destacam-se dois: os pares (2, 4, 6...) e os ímpares (1, 3, 5...). Representados geometricamente, os pares formam sempre um

retângulo e representam a alteridade, a diferença, enquanto os ímpares, que formam sempre um quadrado, com lados iguais, constituem a identidade. Dito de outra maneira, os ímpares são o princípio do Mesmo e os pares, do Outro.

A justa medida e a harmonia. Esses dois princípios, opostos e complementares, desdobram-se em dez pares: limite e ilimitado; ímpar e par; uno e múltiplo, direita e esquerda; masculino e feminino; imobilidade e movimento; reto e curvo; luz e obscuridade; bem e mal; quadrado e retângulo. A harmonia entre ambos ocorre quando há uma medida justa (*métron*), exata, de cada um. A inexistência dessa harmonia é a responsável pela desordem do mundo, tanto em relação ao aspecto biológico (masculino e feminino) quanto ao âmbito moral e político (bem e mal).

De todos os pares, os mais importantes são o limite e o ilimitado. Este último, *ápeiron*, representa o mundo terreno, com suas mudanças e corrupções infindas. Essa instabilidade somente pode ser detida pelo limite, que lhe oferece ordem e harmonia. Nesse sentido, o limite liga-se ao divino, única garantia da proporção justa. O homem consegue a salvação quando em sintonia com esse limite pacificador – o que se dá pela matemática.

Outro exemplo de relações constantes entre os números é o famoso teorema de Pitágoras: em qualquer triângulo verifica-se a relação $a = b + c$, sendo que a é a hipotenusa e b e c são os catetos. Essa propriedade do triângulo era, na realidade, conhecida já pelos egípcios, mas o mérito de Pitágoras foi o de demonstrá-la por meios racionais.

O irracional também existe. Esse tipo de investigação, porém, levou à descoberta de algo que os pitagóricos não podiam conceber: o número irracional. Num quadrado, por exemplo, a relação entre a extensão da diagonal e a dos lados é sempre a raiz quadrada de 2, cujo valor exato, por mais que se acrescentem os decimais, é impossível de obter. O mesmo acontece com a relação entre a circunferência e o diâmetro: a razão é sempre constante – o número pi -, mas qual o seu valor? O número é par ou ímpar?

A dificuldade apresentada pelo número irracional deve-se ao fato de a matemática, na época, ser sobretudo geometria. A aritmética, entre os pitagóricos, era rudimentar, mesmo porque os números eram representados por letras, que pouco se prestam às operações. Utilizando sempre recursos geométricos, os pitagóricos não podiam compreender um número cuja representação em uma figura apresentasse uma dimensão sem fim.

Diante desses impasses, o pitagorismo apresentou uma grande flexibilidade de pensamento. Nisso também é uma seita diferente das outras, que tendem mais a se fechar em seus dogmas e a evitar problemas não previstos. Desenvolvendo constantemente suas investigações, os pitagóricos difundiram suas idéias por toda a Grécia, influenciando o pensamento científico e filosófico posterior, que encontraria na matemática um de seus modelos preferidos de raciocínio.

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE 'JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ'**

Vide site www.josefleuri.com.br

**CAPÍTULO IV – ESPÍRITO E MATÉRIA
PRIMEIRA PARTE – FILOSOFIA GERAL
(continuação)**

Teorias de Fílon e Santo Agostinho

Ao entrar o pensamento grego em contato com o pensamento religioso judaico de homens, como *Fílon*, por exemplo, procurou-se encontrar uma base para conciliar as

idéias de ambas as teorias sobre o pensamento. Fílon, fundamentalmente interessado na religião, considerava Deus o espírito do mundo que dá forma à matéria. Assim, para ele, o universo compõe-se de espírito e matéria. O pensamento puro, *nous*, constitui a principal essência do homem, sendo a matéria, ou corpo, aquilo em que o espírito opera. Por conseguinte, no homem, o espírito controla o corpo, ou matéria, da mesma maneira que o espírito do mundo, Deus, controla a matéria no mundo. Deus acrescentou a inteligência pura à alma, ligando assim o homem, no mundo, à divindade.

O Cristianismo trouxe à baila a idéia de que a matéria é a fonte de todos os males, os quais devem ser evitados. A matéria oprime a alma e deve, portanto, ser repudiada pela alma, se se quer obter a salvação. Embora os primeiros filósofos julgassem a matéria algo inferior ao espírito, morta, ou o material no qual o espírito atua, não a degradaram completamente como o fizeram, caracteristicamente, os cristãos. Mais ainda, não há o desejo ardente de escapar à matéria, desejo nascido do medo dela. Os primeiros cristãos doutrinavam que a matéria é a fonte de todos os males e que a salvação do homem estava em fugir dela e voltar para o puro espírito de Deus.

Santo Agostinho reconhecia a diferença entre o espírito e a matéria, no homem, mas afirmava que a verdade não é algo que o espírito humano cria. É, segundo ele, algo que existe independentemente do espírito, tendo sua fonte em Deus. O espírito pode descobrir a verdade, do mesmo modo que o espírito de Platão via idéias no mundo ideal. No conceito de Santo Agostinho, o espírito de Deus é a morada das idéias e da verdade.

Teorias dos Pensadores Cristãos Medievais

O Cristianismo ressaltou outro princípio que causou poderoso efeito sobre o homem. Não só depreciou a matéria, apresentando-a como fonte de males, como também o próprio espírito humano. Fê-lo para elevar Deus ao lugar, no universo, que os pensadores cristãos acreditavam devia Ele ocupar.

O espírito humano, doutrinavam os filósofos cristãos, é um instrumento pobre e ineficiente. Está cheio de erros e faltas. O homem pode, naturalmente, usá-lo para raciocinar, mas suas conclusões devem estar de conformidade com a autoridade divina. Não se pode permitir, a quem quer que seja, que chegue a uma conclusão através da atividade do espírito que conteste, de uma forma ou outra, os editos da autoridade. Acreditava-se que a Igreja e suas doutrinas são o princípio fundamental da verdade. Santo Agostinho afirmava que a verdade é independente do espírito humano. A função, pois, do espírito não é criar a verdade, mas descobri-la.

Quando a Igreja dizia ser verdadeira certa doutrina, o espírito humano tinha que aceitá-la sem contestar. *Anselmo* defendeu vigorosamente esse ponto. Argumentava que o espírito humano pode tentar compreender as doutrinas da Igreja e, caso não as possa compreender, mesmo assim as deve aceitar. Eis a primeira atitude assumida pelos pensadores cristãos: quanto mais contraditória uma coisa para a razão, tanto mais fé requer para nela se crer. O espírito humano jamais deve duvidar. A crença deve preceder a razão.

Abelardo, ao adotar o ponto de vista de que a fé deve preceder a razão, ia contra uma longa e venerável tradição. Mas não duvidou sequer um momento que a razão provasse serem verdadeiras as doutrinas cristãs. Inclina-se a dar ao espírito humano liberdade para contestá-las, mas estava convicto de que o verdadeiro raciocínio faz o espírito aceitá-las como verdadeiras, colocando-as acima de qualquer dúvida. Uma vez, porém, que se permita ao espírito humano contestar uma doutrina cristã, a estabilidade desta corre perigo. O homem não mais será torturado pela autoridade e aventurar-se-á a impugnar a doutrina. O espírito humano, que ficou durante muitos séculos preso a um corpo de doutrinas aceitas, começou, depois de Abelardo, a sondar um caminho que o conduzisse à independência.

O resultado não deixou de ser quase revolucionário. Atenuadas as limitações, começou o homem a meditar sobre muitos problemas e a contestar muitas doutrinas, o que não ousara fazer anteriormente. Começou a exercitar o espírito e a debater inúmeros problemas que, até então, evitara discutir, até mesmo os que não tinha vislumbrado anteriormente. Era a alvorada de um mundo novo e empolgante.

Tomás de Aquino, embora desenvolvesse uma teoria fundamentalmente religiosa, procurou defender o espírito humano, esforçando-se em demonstrar que o mundo, como revelação de Deus, é racional. Reconhecendo o poder do espírito, procurou mostrar que o Cristianismo, conforme a interpretação da Igreja, é logicamente consistente. Ao fazê-lo, enquadrou-se na teoria que se tornava tão importante, segundo a qual o espírito humano se transformava celeremente em tribunal de última instância. Não era mais possível a qualquer instituição, mesmo à Igreja, menosprezar a razão humana ou insultá-la, propondo doutrinas inconsistentes com os melhores fundamentos que o espírito conhecesse.

Era claro, para Tomás de Aquino, ser o homem espírito e matéria e acharem-se ambos intimamente ligados. Não acreditava, contudo, que o espírito estivesse ligado ao corpo de tal forma que não pudesse funcionar mais ou menos livre dos males da matéria. Mesmo que esta seja a sede do mal, o espírito pode criticá-la e fugir dela e de suas tentações.

Rogério Bacon e Paracelso

Com a ascensão das Ciências Naturais, o espírito humano começou a ocupar um lugar mais importante no esquema das coisas. *Rogério Bacon*, uma interessante mistura de monge medieval e letrado cientista moderno, deteve-se a meio caminho entre o antigo ponto de vista religioso e o mais moderno, o da confiança na força do espírito. Dispôs-se a usar o espírito para compreender a matéria e, em pequeno grau, controlá-la. Surpreendeu-se ao descobrir que não só podia conhecê-la como controlá-la. Nele, vemos o símbolo da Humanidade procurando galgar alturas, o do espírito atacando o mundo da matéria e obtendo êxitos que incentivavam novos ataques, e uma crescente confiança no poder do espírito.

Era inevitável que o pensamento livre assumisse um lugar cada vez mais proeminente no novo mundo que surgia. O homem, à medida que pensava e apreciava o próprio pensamento, começou a pensar mais e, gradativamente, foi se revoltando contra as autoridades que lhes negavam o direito de pensar. O êxito dava coragem e, desta, resultava maior uso do espírito e novos sucessos. O processo, uma vez iniciado, não mais cessou.

Não se podia naturalmente evitar que os primeiros clarões do êxito levassem a extravagâncias, a um excesso de entusiasmo sobre o poder do espírito. Num homem, como *Paracelso*, por exemplo, vemos provas desse excesso. Ele imaginou pequenos atalhos na estrada do domínio mental do mundo; sugeriu muitas coisas estranhas que hoje em dia parece não passarem de meras superstições. A alquimia e a magia afiguravam-se-lhe os meios pelos quais o espírito podia dominar a matéria.

Essas fantasias, porém, logo seriam corrigidas por homens que enxergavam mais longe e com mais clareza. Os grandes cientistas, entre os quais *Galileu*, *Kepler*, *Newton*, etc., perceberam que o domínio sobre o conhecimento da matéria, pelo espírito, constituía uma tarefa muito longa e árdua, que exigia minuciosos estudos e uma crescente argúcia para sua compreensão. Colocaram o homem nessa acidentada estrada de um modo explícito e provaram, pelos êxitos obtidos, que era a única estrada que conduziria ao sucesso.

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI-SP

Vide site www.josefleuri.com.br

019) OS ELOS PERDIDOS SE REENCONTRAM NOVAMENTE!

Gostaria de poder enviar mensagens de luz e esperança para todos vocês que se reúnem em nome de Jesus.

O que poderei eu dizer-lhes que faça com que seus corações vibrem com todas as forças de suas almas!

O que poderia dizer-lhes que já não sabem! É pouco, mas eu é que me sinto bem, extasiada, porque não deslumbrada; porque os elos perdidos se reencontram aos poucos, como sinal de pensamento e fé fortificados, com fé restabelecida pelo grande esforço de todos nós. Se, por nosso grande egoísmo, nos perdemos, deixamos romper os elos da corrente que nos unia, já podemos dizer que estamos bem melhores, mais evangelizados, depois de muito sofrer!

Sim, estou extasiada com a aproximação dos elos; estou feliz pela reunião. Mas não esqueçam que podemos nos perder novamente, se não houver coragem, persistência... pois o caminho é difícil e espinhoso. Unamo-nos, fortemente, com toda a garra e não esperem pelos outros elos; sejamos fortes suficientes por todos os elos que ainda estão perdidos. Oremos irmãos. Fé, Luta, Coragem, pois o Trabalho apenas começa.

Dolores.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 04/12/1999).

*

079) AÇÃO, EVOLUÇÃO, PERFEIÇÃO!

Que belo quadro vemos!

Médiuns treinando várias possibilidades,

Crianças brincando lá fora,

Carros passando apressados.

Que frio, que beleza! O frio também é belo.

Tudo isso faz parte da natureza,

Do desenvolvimento de tudo;

Cada qual em seu grande adiantamento.

Tudo é maravilhoso, tudo flui!

Deus permite; tudo se cumpre.

Nada é por acaso,

Nem nosso pensamento.

Precisamos agir para podermos-nos desenvolver:

Mal, ou bem, caminhemos!

O que não pode, é parar.

Andemos, façamos alguma coisa.

Tudo começa do zero

E caminha conforme é levado (por Deus e por nós);

Se andarmos devagar, também chegaremos.

A caminhada é longa.

Não paremos nunca!

Agindo sempre no caminho do bem,

Fazendo o bem, sem olhar a quem,

Trabalhando sempre, chegaremos lá (a perfeição).
Espírito Jairo. (Psicografia do médium João Francisco Bueno Liceu Allan Kar-
dec 2 – (em 13/08/2003)

*

104) RIQUEZA!

Da vida, após a morte,
Só leva grande tesouro
Aquele que nesta Terra
Teve um coração de ouro.

Combateu a injustiça
Proclamou só a verdade
Foi amável, foi humilde
E não esqueceu a caridade

Mesmo não sendo amado
Amou sem restrição
Ao invés de ser servido
Serviu com devoção.

Das dores não reclamou
No sofrimento, se fortaleceu
Venceu as tentações
E ao Senhor sempre agradeceu!
(Nena, 28/11/2004, 01h30min, Domingo)

*

SEXO E ESPIRITISMO

Vide site www.josefleuri.com.br

**CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO. – 2 – 06/12/2014
LIVRO “VIDA E SEXO” (ESPÍRITO EMMANUEL)**

E para não nos delongarmos em considerações desnecessárias, concluiremos que, em torno do sexo, será justo sintetizarmos todas as digressões nas normas seguintes: Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um.

Sexo é espírito e vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo. Consequentemente, reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse. Por isso mesmo, nossos irmãos e nossas irmãs precisam e devem saber o que fazem com as energias genésicas, observando como, com quem e para que se utilizam de semelhantes recursos, entendendo-se que todos os compromissos na vida sexual estão igualmente subordinados à Lei de Causa e Efeito; e, segundo esse exato princípio, de tudo o que dermos a outrem, no mundo afetivo, outrem também nos dará.

KNOW YOURSELF: SEX AND SPIRITISM. - 2 - 12.06.2014 BOOK "LIFE AND SEX" (SPIRIT EMMANUEL)

And not loosing time in unnecessary considerations, we conclude that, around sex, it is just synthesize all digressions on the following standards: No prohibition, but education. Not enforced abstinence, but decent employment, with due respect to others and yourself. Do not indiscipline, but control. Not free impulse, but responsibility. Out of it, it is simply theorize, then learn or re-learn from the experience. Without it will be deceive us, fight without profit, suffering and repeat the work of personal sublimation, many times will be need, by the mechanisms of reincarnation, because the application of the sex, before the light of love and life, is subject pertinent to the conscience of each. Sex is spirit and life in the service of happiness and harmony of the universe. So, claims responsibility and discernment, where and when to express. Therefore, our brothers and sisters need and should know what to do with the genetic energies, noting how, with whom and for which use similar resources, on the understanding that all commitments in sexual life are also subject to the Law Cause and Effect; and, according to this exact principle of all we give to others, in the affective world, others will also give us.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

*

8ª AULA – 26/MAIO/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

Vide site www.josefleuri.com.br

I - INTRODUÇÃO

Livro: Apostilas da Vida (André Luiz) – pg. 147 do site**Comecemos de Nós Mesmos**

Ensina a caridade, dando aos outros algo de ti mesmo, em forma de trabalho e carinho e aqueles que te seguem os passos virão ao teu encontro oferecendo ao bem quanto possuem.

*

Difunde a humildade, buscando a Vontade Divina com esquecimento de teus caprichos humanos e os companheiros de ideal, fortalecidos por teu exemplo, olvidarão a si mesmos, calando as manifestações de vaidade e de orgulho.

*

Propaga a fé, suportando os revezes de teu próprio caminho, com valor moral e fortaleza infatigável e quem te observar crescerá em otimismo e confiança.

*

Semeia a paciência, tolerando construtivamente os que se fazem instrumentos de tua dor no mundo, auxiliando sem desânimo e amparando sem reclamar, e os irmãos que te buscam mobilizarão os impulsos de revolta que os fustigam, na luta de cada dia, transformando-a em serena compreensão.

*

Planta a bondade, cultivando com todos a tolerância e a gentileza e os teus associados de ideal encontrarão contigo a necessária inspiração para o esforço de extinção da maldade.

*

Estende as noções do serviço e da responsabilidade, agindo incessantemente na religião do dever cumprido e os amigos do teu círculo pessoal envergonhar-se-ão da ociosidade.

*

As boas obras começam de nós mesmos.

*

Educaremos, educando-nos.

*

Não faremos a renovação da paisagem de nossa vida, sem renovar-nos.

*

Somos arquitetos de nossa própria estrada e seremos conhecidos pela influência que projetamos naqueles que nos cercam.

*

Que o Espírito de Cristo nos infunda a decisão de realizar o auto aprimoramento, para que nos façamos intérpretes do Espírito do Cristo.

*

A caridade que salvará o mundo há de regenerar-nos primeiramente.

*

Sigamos ao encontro do Mestre, amando, aprendendo e servindo e o Mestre, hoje ou amanhã, virá ao nosso encontro, premiando-nos a perseverança com a luz da ressurreição.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. IX – Item 9 O Livro dos Espíritos. Questão 826 - A CÓLERA - pg.150 do site Um Espírito Protetor • Bordeaux, 1863

9. O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação que vos possa rebaixar, e a vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante à posição social, seja ainda em relação às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que acontece, então? Entregai-vos à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos brutos, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai-a, e encontrareis quase sempre por base o orgulho ferido. Não é acaso o orgulho ferido por uma contradita, que vos faz repelir as observações justas e rejeitar, encolerizados, os mais sábios conselhos? Até mesmo a impaciência, causada pelas contrariedades, em geral pueris, decorre da importância atribuída à personalidade, perante a qual julgais que todos devem curvar-se.

No seu frenesi, o homem colérico se volta contra tudo, à própria natureza bruta, aos objetos inanimados, que despedaça, por não o obedecerem. Ah! Se nesses momentos ele pudesse ver-se a sangue-frio, teria horror de si mesmo ou se reconheceria ridículo! Que julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Ao menos pelo respeito a si mesmo, deveria esforçar-se, pois, para vencer essa tendência que o torna digno de piedade.

Se pudesse pensar que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde, compromete a sua própria vida, veria que é ele mesmo a sua primeira vítima. Mas ainda há outra consideração que o deveria deter: o pensamento de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não sentirá remorsos por fazer sofrer as criaturas que mais ama? E que mágoa mortal não sentirá se, num acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que teria de recriminar-se por toda a vida!

Em suma: a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem, e pode levar a fazer-se muito mal. Isso deve ser suficiente para incitar os esforços para dominá-la. O espírita, aliás, é incitado por outro motivo: o de que ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.

*

O Livro dos Espíritos

825. Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta?

– Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, os pequenos como os grandes.

826. Qual seria a condição em que o homem pudesse gozar de liberdade absoluta?

– A do eremita no deserto. Desde que haja dois homens juntos, há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos. Questões 592 e 593 OS ANIMAIS E O HOMEM – pg. 153 do site

592. Se comparamos o homem e os animais, em relação à inteligência, parece difícil estabelecer a linha de demarcação, porque certos animais têm, nesse terreno, notória superioridade sobre certos homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

– Sobre esse assunto os vossos filósofos não estão muito de acordo. Uns querem que o homem seja um animal, e outros que o animal seja um homem. Estão todos errados. O homem é um ser à parte, que desce às vezes muito abaixo ou que pode elevar-se muito alto. No físico, o homem é como os animais e menos bem provido que muitos dentre eles; a Natureza lhes deu tudo aquilo que o homem é obrigado **a inventar com a sua inteligência**, para prover às suas necessidades e à sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, isto é certo, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! Não sabeis distinguir-vos deles? Reconheci o homem pelo pensamento de Deus.

593. Podemos dizer que os animais só agem por instinto?

– Ainda nisso há um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais: mas não vês que há os que agem por uma vontade determinada? É que têm inteligência, porém ela é limitada.

Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal, abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Questão 226, pars. 1º. a 3º.

SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM – pg. 154 do site

226. 1. O desenvolvimento da mediunidade se processa na razão do desenvolvimento moral do médium?

— Não. A faculdade propriamente dita é orgânica e, portanto, independente da moral. Mas já não acontece o mesmo com o seu uso, que pode ser bom ou mau, segundo as qualidades do médium.

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor divino. Porque, então, não é um privilégio dos homens de bem? E por que há criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mau sentido?

—Todas as nossas faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, pois há criaturas que não as possuem. Podias perguntar porque Deus concede boa visão a malfeitores, destreza aos larápios, eloquência aos que só a utilizam para o mal. Acontece o mesmo com a mediunidade. Criaturas indignas a possuem porque dela necessitam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa os meios de salvação dos culpados? Ele os multiplica nos seus passos, coloca-os nas suas próprias mãos. Cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus lhe permitiu esse dom para que mais odiosa lhe parecesse a traição.

3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as conseqüências disso?

—Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.

*

Livro: Revista Espírita. Junho de 1858

Allan Kardec

Conversas familiares de além-túmulo

Senhor Morisson, monomaníaco

Um jornal inglês deu, no mês de março último, a notícia seguinte sobre o senhor Morisson, que acaba de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna de cem milhões de francos. Ele era, disse esse jornal, durante os dois últimos anos de sua vida, vítima de uma singular monomania. Imaginava que estava reduzido a uma pobreza extrema e deveria ganhar seu pão de cada dia por um trabalho manual. Sua família e seus amigos haviam reconhecido que era inútil procurar dissuadi-lo; era pobre, não tinha um xelim, lhe era preciso trabalhar para viver isso era a sua convicção.

Metiam-lhe uma enxada na mão cada manhã, e o mandavam trabalhar em seus jardins. Logo voltava-se a procurá-lo, sua tarefa tida como finda; pagava-se-lhe, então, um modesto salário pelo seu trabalho, e ele ficava contente; seu espírito estava tranquilo, sua mania satisfeita. Teria sido o mais infeliz dos homens se tivessem procurado contrariá-lo.

1. Peço a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de Morisson, que vem de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna considerável, se comunicar conosco. - R. Ele está aqui.

2. Lembrai-vos do estado no qual estáveis durante os dois últimos anos de vossa existência corporal? - R. Foi sempre o mesmo.

3. Depois de vossa morte, vosso Espírito se ressentiu da aberração de vossas faculdades durante vossa vida? - R. Sim. - São Luís completa a resposta dizendo espontaneamente: O Espírito liberto do corpo se ressentiu, algum tempo, da compressão dos seus laços.

4. Assim, uma vez morto, vosso Espírito, pois, não recobrou imediatamente a plenitude de suas faculdades? - R. Não.

5. Onde estais agora? - R. Atrás de Ermance.

6. Sois feliz ou infeliz? - R. Falta-me alguma coisa... Não sei o quê... Procuro... Sim, eu sofro.

7. Por que sofreis? - R. Sofre pelo bem que não fez. (São Luís.)

8. De onde vinha essa mania de vos credes pobre com uma tão grande fortuna? - R. Eu o era; o verdadeiro rico é aquele que não tem necessidades.

9. De onde provinha, sobretudo, essa idéia que vos seria preciso trabalhar para viver? - R. Estava louco; e estou ainda.

10. De onde vos chegou essa loucura? - R. Que importa! Havia escolhido essa expiação.

11. Qual foi a fonte de vossa fortuna? - R. Que te importa?

12. Entretanto, a invenção que fizestes não tinha por objetivo aliviar a Humanidade? - R. E de me enriquecer.

13. Que uso fizestes de vossa fortuna, quando gozáveis de toda a vossa razão? - R. Nada, creio; a desfrutava.

14. Por que Deus vos concedeu a fortuna, visto que não deveríeis fazer dela um uso útil para os outros? - R. Havia escolhido a prova.

15. Aquele que goza de uma fortuna adquirida com o seu trabalho não é mais desculpável por retê-la do que aquele que nasce no seio da opulência e jamais conheceu a necessidade? - R. Menos. - São Luís acrescenta: Aquele conhecia a dor que não alivia.

16. Lembrai-vos da existência que precedeu aquela que vindes de deixar? - R. Sim.

17. Que éreis então? - R. Trabalhador.

18. Disseste-nos que sois infeliz; vedes um fim para o vosso sofrimento? - R. Não. - São Luís acrescenta: É muito cedo.

19. De que isso depende? - R. De mim. Aquele que está aqui me disse.

20. Conheceis aquele que está aqui? - R. Vós o chamais Luís.

21. Sabeis o que ele foi em França, no século XIII? - R. Não... Eu o conheço por vós... Obrigado, por aquilo que me ensinam.

22. Credes em uma nova existência corporal? - R. Sim.

23. Se deveis renascer na vida corporal, de que dependerá a posição social que te-reis? - R. De mim, creio. Escolhi tantas vezes, que isso não pode depender senão de mim.

Nota. - Essas palavras: *Escolhi tantas vezes*, são características. Seu estado atual prova que, apesar de suas numerosas existências, pouco progrediu, e que é sempre recomençar para ele.

24. Qual posição social escolheríeis se pudésseis recomençar? -R. Baixa; caminha-se com mais segurança; não se está encarregado senão de si mesmo.

25. (A São Luís.) Não há um sentimento de egoísmo na escolha de uma posição inferior onde não se está encarregado senão de si mesmo? - R. Em nenhuma parte se está encarregado apenas de si; o homem responde por aqueles que o cercam, não somente as almas cuja educação lhe está confiada, mas ainda mesmo as outras: o exemplo faz todo o mal.

26. (A Morisson.) Nós vos agradecemos por consentir em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus vos dar a força para suportar novas provas. - R. Vós me aliviastes; eu aprendi.

Nota. - Reconhece-se facilmente, nas respostas acima, o estado moral desse Espírito; são breves, e quando não são monossilábicas, têm alguma coisa de sombrio e de vago. Um louco melancólico não falaria de outro modo. Essa persistência da aberração das idéias depois da morte é um fato notável, apesar de não ser constante, ou por vezes apresente um caráter completamente diverso. Teremos ocasião de citar a respeito vários exemplos, onde se estudam os diferentes gêneros de loucura.

*

Livro: Obsessão, o Passe, a Doutrinação

J. Herculano Pires - O Passe.

Suas origens, aplicações e efeitos. – pg. 157 do site

O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. Mas há um passado histórico que não podemos esquecer. Desde as origens da vida humana na Terra encontramos os ritos de aplicação dos passes, não raro acompanhados de rituais, como sopro, a fricção das mãos, a aplicação de saliva e até mesmo (resíduo do rito do barro), a mistura de saliva e terra para aplicação no doente. No próprio Evangelho vemos a descrição da cura de um cego por Jesus usando essa mistura. Mas Jesus agiu sempre racionalmente em seus atos e em suas práticas, de maneira que essas descrições, feitas entre quarenta e oitenta anos após a sua morte, podem ser apenas influência de costumes religiosos da época. Todo o seu ensino visava afastar os homens das superstições vigentes no tempo. Essas incoerências históricas, como advertiu Kardec, não podem provir dele, mas dos evangelistas. Caso, contrário, Jesus teria

procedido de maneira incoerente no tocante aos seus ensinamentos e seus exemplos, o que seria absurdo.

O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje se envolvem alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado já há muito superado. Os espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas à prece e a imposição das mãos.

Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações.

As encenações preparatórias: mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só serve para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas pilhas mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa, condenadas por Kardec, nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.

Todas essas tolices decorrem essencialmente do apego humano às formas de atividades materiais. Julgamo-nos capazes de fazer o que não nos cabe fazer. Queremos dirigir, orientar os fluidos espirituais como se fossem correntes elétricas e manipulá-los como se a sua aplicação dependesse de nós. O passista espírita consciente, conhecedor da doutrina é suficientemente humilde para compreender que ele pouco sabe a respeito dos fluidos espirituais - e o que pensa saber é simples pretensão orgulhosa. Limita-se à função mediúnica de intermediário. Se pede a assistência dos Espíritos, com que direito se coloca depois no lugar deles? Muitas vezes os Espíritos recomendam que não se façam movimentos com as mãos e os braços para não atrapalhar os passes. Ou confiamos na ação dos Espíritos ou não confiamos e neste caso é melhor não os incomodarmos com os nossos pedidos.

O passe espírita é prece, concentração e doação. Quem reconhece que não pode dar de si mesmo, suplica a doação dos Espíritos. São eles que socorrem aqueles por quem pedimos, não nós, que em tudo dependemos da assistência espiritual.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita - J. Herculano Pires

PARASSOCIOLOGIA/COSMOSSOCIOLOGIA – pg. 158 do site

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice-versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e

sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interespaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A Cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

O "*O Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

O "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" é o código moral da vida espírita e, portanto, o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", itens 55 a 58, sob o título de "Pluralidade dos Mundos". O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 "*O Livro dos Espíritos*" coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas e, conseqüentemente, da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E.: "Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos." A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: "Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons." Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: "Todos os mundos são solidários".

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superarmos os nossos conflitos na

Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã - J. Herculano Pires

PSI na medicina – pg. 160 do site

Interessam os *fenômenos psi*, e mais particularmente as *funções psi*, ao estudo da Medicina e ao preparo dos médicos? Jan Ehrenwald, em artigos publicados na revista "American Journal for Psychotherapy", em outras publicações especializadas e por último no seu livro *New Dimensions of Deep Analysis*, acentua o seguinte: "As implicações de *psi*, como revelação de um novo aspecto da mente humana, têm tamanho alcance que reclamam a revisão e a recolocação de numerosos pressupostos teóricos relativos à estrutura da personalidade, às relações psico-soma, à localização cerebral e à natureza do nosso mundo perceptivo em geral".

Nesse curioso livro *Novas Dimensões da Análise Profunda*, Ehrenwald coloca os problemas de *psi* no quadro de suas observações e experiências da clínica psiquiátrica, relatando casos e revelando as relações de *psi* com as estâncias psicanalíticas da personalidade. Esses estudos são revalidados pelas experiências e pesquisas de Eisenbud, Pader-son-Krag, Ullman, Fodor, Joost Merlok, Gillespie e outros. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, dedica um capítulo ao estudo das relações entre a Biologia e a Parapsicologia, advertindo: "Seria difícil medir a importância das conseqüências de *psi* num campo tão vasto como o da Biologia". Noutro trecho, Rhine acentua: "As investigações parapsicológicas, através de seus métodos experimentais, penetrou no nível inconsciente da personalidade, muito além da profundidade atingida pelas explorações clínicas da Psiquiatria".

As investigações de *psi* no mundo animal e as relações de *psi* com o estado e as funções fisiológicas de organismos animais e humanos são outros campos de investigação que, devidamente aprofundados, desembocam no delta das Ciências Médicas. Robert Amadou, em seu livro *La Parapsychologie*, ensaio histórico e crítico sobre as investigações de *psi*, declara: "A tendência contemporânea da Medicina de considerar o homem em sua totalidade e não descuidar no diagnóstico nem na terapêutica nenhum de seus elementos constitutivos, não lhe permite descartar-se dos *fenômenos psi*. A Medicina psicossomática ou corticovisceral terá de utilizar o conhecimento dos fenômenos parapsicológicos tanto na etiologia das enfermidades como nas relações entre o médico e o enfermo".

Os dados mais recentes da investigação de *psi* nos Estados Unidos, na Europa, na Rússia e mesmo na Argentina mostram cada vez mais a importância da Parapsicologia como vigorosa contribuição científica ao esclarecimento dos problemas médicos. As experiências de Vassiliev em Leningrado, em posição contrária à de Rhine na Duke University quanto à interpretação ideológica, não obstante confirmam e ampliam as perspectivas de *psi* no campo das relações psicossomáticas. A afirmação corajosa de Rhine de que *psi* demonstra a existência de um elemento não-físico no ser vivo serviu em parte para afastar da Parapsicologia os materialistas, mas as conseqüências de seus trabalhos práticos fizeram o contrário. As investigações da telepatia à distância, que obtiveram êxito, levaram os cientistas americanos e russos, empenhados na conquista do Espaço, a se interessarem seriamente pelas possibilidades cósmicas de *psi*, por suas possíveis aplicações na aludida conquista.

A própria Medicina espacial está hoje vivamente interessada nas investigações parapsicológicas. Diante dessa situação geral assume a importância de uma atualização do ensino médico no Brasil o projeto de lei encaminhado pelo deputado Campos Vergal, na Câmara Federal, instituindo cátedras de Parapsicologia em nossas Faculdades de Medicina. Consideramos que o projeto necessita de várias adaptações e correções, mas não há dúvida que representa um passo concreto no sentido de fazer-se alguma coisa de prático nessa direção. Ao que parece a proposição foi encarada como de segunda importância e até mesmo como simples tentativa de interferência de um mundo estranho — o mundo das crenças espiritualistas — no campo fechado das Ciências positivas. Nada mais justifica essa posição retrógrada diante de um problema científico que se encontra na maior evidência em todo o mundo civilizado. Os grandes centros universitários mundiais estão hoje empenhados no estudo e na investigação dos *fenômenos psi*, e isso nas duas áreas em que se divide o nosso mundo em conflito, a capitalista e a socialista.

Tivemos ocasião de abordar o problema das implicações de *psi* na Medicina em palestras pronunciadas em centros acadêmicos de nossas Faculdades de Medicina. Os debates que seguiram às palestras revelaram, ao mesmo tempo, o inteiro desconhecimento do problema pela maioria dos estudantes e a hostilidade da maioria dos médicos presentes à interpretação parapsicológica de fenômenos paranormais indiscutivelmente entranhados no campo da Medicina, como os do caso Arigó. A posição geral de médicos e estudantes não revelava uma atitude científica, mas uma atitude determinada por velhos preconceitos e conseqüentemente defensiva, como se a Parapsicologia constituísse uma espécie de ameaça à integridade das Ciências Médicas da atualidade. Não obstante, o simples fato de ter havido convites para as palestras, a manifestação interessada de numerosos estudantes e de alguns médicos presentes revelam que nem mesmo a citação enfática do caso Arigó consegue criar uma barreira intransponível. Isso demonstra que há uma área favorável ao exame do problema. Aliás, após a publicação da primeira edição deste livro, três cursos de Introdução à Parapsicologia foram dados pelo Instituto Paulista de Parapsicologia nas três Faculdades de Medicina existentes em São Paulo (capital), por iniciativa dos respectivos Centros Acadêmicos.

Nunca será bastante insistir neste assunto. Porque é evidente que estamos num momento decisivo da História em que a mente humana, através das concepções científicas, inclusive no campo até há pouco irreduzível da própria Física, depara com novas perspectivas para a compreensão do mundo e do homem. Não devemos permitir que num terreno da mais alta importância como o da Medicina essas perspectivas sejam afastadas, com inegáveis prejuízos para o nosso avanço cultural e a nossa atualização científica. *Psi*, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.

O campo da Psicoterapia, em todas as suas variantes, é amplamente iluminado pelas pesquisas parapsicológicas. Não se pode mais admitir, como afirmam Rhine e Pratt (*Parapsychology*, 1962) qualquer confusão entre estados psicopatológicos e manifestações paranormais. O médico de hoje deve saber distinguir com precisão entre uma coisa e outra ou estará irrevogavelmente atrasado no campo de sua profissão.

Além da importância já proclamada dos *fenômenos psigama* na Psicoterapia em geral, Rhine e Pratt acentuam, face às últimas observações de médicos-parapsicólogos, a significação de psikapa (fenômenos físicos) na Biologia e na Medicina. Os casos de Medicina popular paranormal, como o de Arigó, encarados sumária e preconceituosamente pela maioria dos médicos, revelam, em nosso país e nos demais (Veja-se o caso Edgard Cayce nos Estados Unidos) a necessidade urgente do ensino da Parapsicologia em Medicina.

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns. Questão 221: 1 a 8

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE. Pg. 162 do site INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE SO- BRE O CÉREBRO E SOBRE AS CRIANÇAS

221. 1. A faculdade mediúnica é indício de algum estado patológico ou simplesmente anormal?

— Às vezes anormal, mas não patológico. Há médiuns de saúde vigorosa. Os doentes o são por outros motivos.

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

— O exercício muito prolongado de qualquer faculdade produz fadiga. Com a mediunidade acontece o mesmo, principalmente com a de efeitos físicos. Esta ocasiona um dispêndio de fluidos que leva o médium à fadiga, mas que é reparado pelo repouso. (Esses problemas, da natureza patológica da mediunidade e da fadiga no seu exercício, vai sendo objeto de pesquisas e estudos na Parapsicologia. As conclusões atingidas até agora são inteiramente favoráveis à tese espírita. Robert Amadou, antiespírita, declara peremptoriamente: "Os fenômenos paranormais não são patológicos" (La Parapsychologie, IV Patí cap. IV n. 5). Rhine faz a mesma afirmação. Considerados como o resultado de uma faculdade humana natural e comum, esses fenômenos não podem ser encarados como patológico. Assim, a Parapsicologia resolveu cientificamente o problema criado pelos acusadores do Espiritismo. E reafirmou a afirmação espírita de que a Medicina precisa conhecer esses fenômenos. Quanto à fadiga, foi também constatado o seu efeito nas experimentações parapsicológicas. A fadiga se refere aos órgãos corporais do médium e não ao seu Espírito. (N. do T.)

3. O exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo no tocante às condições de higidez (estado de saúde), excluindo-se os casos de abuso.

— Há casos em que é prudente e mesmo necessário abster-se ou pelo menos moderar o uso da mediunidade. Isso depende do estado físico e moral do médium, que geralmente o percebe. Quando ele começa a sentir-se fatigado, deve abster-se.

4. Esse exercício teria mais inconvenientes para uma pessoa de que para outras?

— Como já disse, isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação, e a prática mediúnica seria uma delas. (Ver ns.188 e 194.)

5. A mediunidade poderia produzir a loucura?

— Não produziria mais do que qualquer outra coisa, quando a fraqueza do cérebro não oferecer predisposição para isso. A mediunidade não produzirá a loucura, se esta já não existir em germe. Mas se o seu princípio já existe, o que facilmente se conhece pelas condições psíquicas e mentais da pessoa, o bom senso nos diz que devemos ter todos os cuidados necessários, pois nesse caso qualquer abalo será prejudicial (Os adversários se servem destes conselhos sensatos para combaterem a prática geral da mediunidade. Seria o mesmo que condenar a prática geral dos esportes pelo fato de os enfermos não poderem praticá-lo. (N. do T.)

6. Será inconveniente desenvolver a mediunidade das crianças?

— Certamente. E sustento que é muito perigoso. Porque esses organismos frágeis e delicados seriam muito abalados e sua imaginação infantil muito superexcitada. Assim, os pais prudentes as afastarão dessas idéias, ou pelo menos só lhes falarão a respeito no tocante às conseqüências morais. (Este é um problema de psicologia infantil, que serve para mais uma vez comprovar a natureza e a atitude científica do Espiritismo no trato dos problemas psíquicos. Há crianças que revelam precocemente suas faculdades mediúnicas, mas seria errôneo querer desenvolvê-las de maneira sistemática. O que se deve dar às crianças em geral é o ensino oral do Espiritismo, preparando-as para uma vida bem orientada pelo conhecimento doutrinário, sem qualquer excitação prematura das faculdades psíquicas, que se desenvolverão no tempo devido. Nos casos tratados no item 7 temos o desenvolvimento espontâneo, que é diferente. (N. do T.)

7. Mas há crianças que são médiuns naturais, seja de efeitos físicos, de escrita ou de visões. Haveria nesses casos o mesmo inconveniente?

— Não. Quando a faculdade se manifesta espontânea numa criança, é que pertence à sua própria natureza e que a sua constituição é adequada.

Não se dá o mesmo quando a mediunidade é provocada e excitada. Observe-se que a criança que tem visões geralmente pouco se impressiona com isso. As visões lhe parecem muito naturais, de maneira que ela lhes dá pouca atenção e quase sempre as esquece. Mais tarde a lembrança lhe volta à memória e é facilmente explicada, se ela conhecer o Espiritismo.

8. Qual a idade em que se pode, sem inconveniente, praticar a mediunidade?

— Não há limite preciso na idade. Depende inteiramente do desenvolvimento físico e mais particularmente do desenvolvimento psíquico. (Nas traduções em geral repetem a expressão francesa *développement moral*, mas a palavra moral não tem entre nós a mesma amplitude de sentido do francês. Não se trata de desenvolvimento moral, segundo geralmente entendemos a expressão, mas do desenvolvimento psíquico da criança, como o próprio texto o indica. (N. do T.). Há crianças de doze anos que seriam menos impressionadas que algumas pessoas já formadas. Refiro-me à mediunidade em geral, pois a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo. Quanto à escrita há outro inconveniente, que é a falta de experiência da criança, no caso de querer praticá-la sozinha ou fazer dela um brinquedo.

222. A prática do Espiritismo, como adiante veremos, requer muito tato para se desfazer o embuste dos Espíritos mistificadores. Se homens feitos são por eles enganados, a infância e a juventude estão ainda mais expostas a isso, por sua inexperiência. Sabe-se também que o recolhimento é condição essencial para se tratar com Espíritos sérios. As evocações feitas levemente ou por divertimento constituem verdadeira profanação, que abre a porta aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a um ato semelhante, seria de temer que, entregue a si mesma, ela o transformasse em brinquedo. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de se desejar que uma criança dotada de mediunidade só a exerça sob a vigilância de pessoas experimentadas, que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito devido às almas dos que se foram deste mundo. Vê-se, pois, que o problema da idade está subordinado tanto às condições do desenvolvimento físico, quanto às do caráter ou amadurecimento moral. Entretanto, o que ressalta claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento da faculdade mediúnica nas crianças, quando ela não se desenvolver de maneira espontânea, e que em todos os casos é necessário empregá-la somente com grande circunspeção, não se devendo jamais provocá-la ou encorajar o seu exercício pelas pessoas fracas. Deve-se afastar da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as que apresentem os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver.

As idéias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência que as outras, mas se a loucura se declarar tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse com excesso às práticas devocionais, e a responsabilidade seria atribuída ao Espiritismo. O que se pode fazer de melhor com qualquer pessoa que revele tendência à idéia fixa é dirigir as suas preocupações em outra direção, a fim de proporcionar descanso aos órgãos enfraquecidos. (Há livros inteiros, de médicos eminentes, atribuindo ao Espiritismo a causa da maioria dos casos de loucura. Kardec, entretanto, já havia advertido, desde a publicação de *O Livro dos Espíritos*, em 1857, que a causa real não está nas idéias ou nas crenças da pessoa, mas na sua condição mental ou cerebral. O seu conselho de precauções na prática da mediunidade serviu, embora a contrassenso, para fundamentar as acusações contra o Espiritismo. Hoje, felizmente, nos meios científicos atualizados, chegou-se à compreensão da verdade ensinada por Kardec. As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, vêm confirmando a tese kardeciana. Só o fanatismo ou a ignorância podem justificar hoje a repetição dessas acusações absurdas. (N. do T.)

Chamamos a atenção dos leitores, a esse respeito, para o item XII da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br**

OS FILÓSOFOS E SUAS DOUTRINAS (continuação)

6 - DOIS CAMINHOS PARA A FILOSOFIA. – Pag. 74 do site

HERÁCLITO – PARMÊNIDES – ZENÃO – EMPÉDOCLES – ANAXÁGORAS – LEUCIPO E DEMÓCRITO

No século V a.C., a Grécia propriamente dita (ou seja, Atenas) entra em guerra com a Pérsia. O cenário das investigações filosóficas, então, divide-se em dois. Um deles passa a ser Éfeso, na Grécia asiática, e outro Eléia, no sul da Itália. São duas extremidades opostas do mundo grego, como que simbolizando as duas direções contrárias que a filosofia irá tomar. Essas direções têm em comum o mesmo ponto de partida, a herança dos primeiros filósofos da Jônia: a pergunta sobre se existe um princípio único que explique o mundo em seus diversos aspectos. Em Éfeso, a resposta de Heráclito é a de que os contrários formam uma unidade; a de Parmênides, em Eléia, de que os contrários jamais podem coexistir.

HERÁCLITO: “tudo é um”

7 - Heráclito (c. 540-480 a.C.) transforma em solução o que aos outros era problema. Para ele, o mundo explica-se não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições. Por isso, em um de seus fragmentos diz: “O combate é de todas as coisas o pai, de todas, o rei”. Em outras palavras, todas as coisas opõem-se umas às outras, e dessa tensão resulta a unidade do mundo.

Essa oposição, esse combate, é uma guerra, e não, como pretendia Anaximandro, o equilíbrio de forças iguais. Tampouco é a harmonia dos contrários assegurada, como no entender dos pitagóricos, pela justa medida imposta por um ente supremo. Para Heráclito, a harmonia nasce da própria oposição: “O divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira”.

A divergência e a contradição não só produzem a unidade do mundo, mas também a sua transformação. O mundo é um eterno fluir, como um rio; e é impossível banhar-se duas vezes na mesma água. Fluxo contínuo de mudanças, o mundo é como um fogo eterno, sempre vivo, e “nenhum deus, nenhum homem o fez”.

Mas só se compreende isso quando, ao deixar de lado a “falsa sabedoria” ditada pelos sentidos e pelas opiniões, chega-se ao *logos*, isto é, ao pensamento sensato. É o raciocínio adequado que abre as portas para o entendimento do princípio de todas as coisas. “Não de mim, mas do *logos* tendo ouvido, é sabido homologar: tudo é um”, diz um de seus aforismos.

Heráclito de Éfeso é um dos filósofos pré-socráticos mais importantes. Ele leva o discurso filosófico de Tales, Anaximandro e Anaxímenes a posições decididamente mais avançadas e em grande parte novas. Os três jônicos interessaram-se pelo problema da *physis*, constatando o dinamismo universal da realidade. Todavia eles não explicitaram e não tematizaram este aspecto preciso da realidade e nem puderam refletir sobre as múltiplas implicações desse mesmo aspecto. Foi o que fez Heráclito.

Em primeiro lugar, ele chamou a atenção para a perene mobilidade de todas as coisas. Segundo ele, nada permanece imóvel e nada permanece em estado de fixidez e estabilidade, mas tudo se move, tudo muda, tudo se transforma, sem cessar e sem exceção (“*tudo flui*”), recordando a futura e famosa afirmação de Lavoisier. Para ele, só o *devenir* das coisas é permanente, no sentido de que as coisas não têm realidade senão justamente no perene *devenir*.

Entretanto a filosofia de Heráclito está bem longe de se reduzir a mera proclamação do fluxo universal das coisas: esta é a constatação de partida. Para Heráclito, o devir é um contínuo conflito dos contrários que se alternam, é uma perene luta de um contra o outro, uma guerra perpétua. E como as coisas só têm realidade no perene devir, essa guerra se revela como o fundamento da realidade das coisas.

No entanto, essa guerra é ao mesmo tempo paz e harmonia, fazendo com que o fluir perene das coisas e o universal devir se revelem na síntese dos contrários, tornando-se o perene pacificador dos beligerantes.

Segundo Heráclito, a multiplicidade das coisas se recolhe numa unidade dinâmica superior, conforme suas próprias palavras: "*De todas as coisas o um e do um todas as coisas*". É na síntese dos opostos que está o princípio que explica toda a realidade e, por isso mesmo, é exatamente nisso que consiste Deus ou o divino. Deus é a harmonia dos contrários, a unidade dos opostos.

Mas, enquanto nos jônicos não se atribuía inteligência ao primeiro princípio divino, fica claro que Heráclito a tenha atribuído como podemos ver em suas próprias palavras: "*A natureza humana não possui conhecimentos, a natureza divina sim*" e em "*Só existe uma sabedoria: reconhecer a inteligência que governa todas as coisas através de todas as coisas*".

Heráclito chamou este seu princípio de *logos* e, para ele, a verdade não pode consistir senão em captar, entender e exprimir esse *logos* comum a todas as coisas. Por consequência desse entendimento, compreende-se a sua desconfiança nos sentidos e nas opiniões comuns dos homens, desprezando o saber dos outros filósofos.

Heráclito expressou também alguns pensamentos sobre a alma, que vão além de seus predecessores. Assim como os jônicos, ele identificou a natureza da alma com a natureza do princípio, mas adicionou a idéia de que a alma possui propriedades completamente diferentes do corpo como em: "*Mesmo percorrendo todos os caminhos, jamais encontrarás os limites da alma, tão profundo é o seu logos*". Com isso ele quer dizer que a alma estende-se ao infinito justamente ao contrário do que é físico.

Finalmente para Heráclito, a felicidade não pode consistir nos prazeres do corpo, como ele afirma de forma sublime em "*Difícil é a luta contra o desejo, pois o que este quer, compra-o a preço da alma*", adivinhando o núcleo da ética ascética do Fédon de Platão, onde saciar o corpo significa perder a alma.

*

PARMÊNIDES de Eléia: o ser e as ilusões.

8 - Parmênides (c. 540-450 a.C.), ao contrário de Heráclito, procura eliminar tudo o que seja variável e contraditório. Se uma coisa existe, ela é esta coisa e não pode ser outra, muito menos o seu contrário. Uma árvore é uma árvore, o Sol é o Sol, o homem é o homem, o que é é o que é. Em outras palavras, o ser é o ser ou, resumidamente, o ser é. Segue-se logicamente que não-ser não é, não pode existir.

Se só o ser existe, o ser deve sempre existir. Deve ser único, imóvel, imutável, sem variações, eterno. Mas o que seriam então as constantes mudanças, as contradições e os aspectos diferentes que o mundo apresenta? São ilusões, responde Parmênides, meras aparências produzidas por opiniões enganadoras, não pelo conhecimento do verdadeiro ser.

Esse pensamento inaugura a metafísica (por não se contentar com a aparência das coisas e buscar-lhes a essência) e a lógica (o princípio da não-contradição existente no ser, que é, e no não-ser, que não é). Para Parmênides, o mundo dos sentidos, por estar condicionado às variações dos fenômenos observados e das sensações, dá origem a incertezas e a opiniões diversas. Por isso, o conhecimento não pode ser alcançado por esse caminho, e sim pela certeza que a razão produz por meios lógicos e dedutivos.

ZENÃO DE ELÉIA

9 – Zenão e os Paradoxos.

O pensamento de Parmênides é levado ao extremo por seu discípulo Zenão (também de Eléia), que formula seus famosos paradoxos. “Paradoxo”, na origem, significa “contrário à opinião”, e é exatamente contra a opinião comum que Zenão pretende demonstrar que a variedade (ou a pluralidade) das coisas e o movimento são impossíveis.

Se há várias coisas, afirma Zenão, elas devem ser em determinado número, nem mais nem menos; mas entre elas deve haver sempre outras. Então é preciso admitir que exista um número ao mesmo tempo finito e infinito de coisas, o que é absurdo. Esse argumento supõe que não haja o vazio. De fato, segundo Zenão, se existe algo, esse algo está em algum lugar e assim sucessivamente. Um lugar sempre contém um outro e, por isso, não pode estar vazio: o vazio não existe.

Tampouco existe o movimento: uma flecha para atingir o alvo, ocupa a cada momento da trajetória um espaço igual a si mesma. Ou seja: a cada momento ela está parada. O movimento da flecha seria a soma de momentos em que está imóvel, o que é absurdo. O movimento é assim uma ilusão, do mesmo modo que a pluralidade das coisas o é. Só há um ser, único, imóvel, indivisível e eterno.

*

10 - O MOVIMENTO E O ÁTOMO. EMPÉDOCLES E ANAXÁGORAS LEUCIPO E DEMÓCRITO – pg. 79

O rigor do pensamento de Parmênides e de Zenão levou a filosofia a um impasse: se, pelo raciocínio lógico, é perfeitamente admissível a existência da pluralidade das coisas e do movimento, por outro lado, pela experiência cotidiana, torna-se difícil descartá-los sumariamente como meras ilusões dos sentidos e das opiniões. Surgem assim tentativas que buscam conciliar a idéia de um ser único e imóvel com a de pluralidade e de movimento – e isso sem abandonar a precisão da lógica nem violentar o que os sentidos testemunham. Desse esforço participam Empédocles e Anaxágoras de um lado, e, de outro, o atomismo de Leucipo e Demócrito.

*

11 - EMPÉDOCLES – e as quatro raízes.

Nascido em Agrigento, na Magna Grécia, Empédocles (c. 483-430 a.C.), médico e místico, defensor da democracia, faz essa conciliação ao preservar a idéia de que o ser é eterno e indivisível, mas não a de que é único e imóvel. Para ele, o mundo compõe-se de quatro princípios ou raízes: água, ar, fogo e terra. Tudo resulta da combinação, em proporções maiores ou menores, dessas quatro raízes, todas elas imutáveis e indestrutíveis. Mas, para que se combinem, é preciso algo que as faça mover-se, aproximando-as ou separando-as. Por isso, Empédocles é levado a conceber forças opostas: o Amor e o Ódio, o primeiro agindo no sentido de aproximar e misturar as raízes, e o segundo no sentido contrário.

Tanto nas quatro raízes como nas duas forças não há hierarquia. Uma não é mais importante do que a outra, nem há entre elas a idéia de anterioridade; todas encontram-se no mesmo plano. Democráticamente. Num momento, o Amor une as raízes, formando um todo único. No momento seguinte, o Ódio as separa, produzindo as diversas coisas existentes no mundo. Quando essa separação se completa, o Amor volta a agir. Esse movimento cíclico origina e refaz tudo o que há.

*

12 - ANAXÁGORAS: Um pouco de tudo em tudo.

Em vez de quatro raízes de Empédocles, um sem-número de elementos com qualidades distintas – esta é a concepção de Anaxágoras, que, nascido na Jônia, foi o primeiro filósofo a viver em Atenas, onde se instalou em 487 a.C. Para ele, tudo o que existe é

composto de todos esses elementos, uns em maior quantidade, outros em proporções tão ínfimas que nem sequer são perceptíveis. “Em tudo é incluída parte de tudo”: a pluralidade das coisas explica-se assim por infinitas combinações de todos os elementos.

E o movimento? Segundo Anaxágoras, todas as coisas estavam juntas na origem, formando um todo cujas partes não eram identificáveis, como o caos original da mitologia. Elas, porém, foram se separando pela força do *nous* (espírito ou inteligência), que, como num turbilhão, pôs em movimento todas as coisas, misturando-as em diversas proporções. O *nous* é assim a origem do movimento e da pluralidade. Ele, porém, é autônomo, isto é, não se mistura com as coisas, mas as dirige.

*

13 - LEUCIPO

LEUCIPO E DEMÓCRITO: o átomo como princípio

Outra é a concepção de Leucipo, nascido talvez em Mileto, em data desconhecida do século V a.C., e de seu discípulo Demócrito (470 a.C.-370 a.C.), de Abdera. Para eles, o mundo é composto de átomos – palavra grega que significa “não divisível”. Assim, o átomo é indivisível, mas também imutável, eterno, sempre idêntico a si mesmo. E, nesse sentido, equivale ao ser de Parmênides. Mas não é único. Os átomos existem em número infinito. A consequência disso é que entre um átomo e outro existe um algo: um vazio, um nada, um não-ser, repudiado por Parmênides e Zenão. É nesse vazio que os átomos se movem. Em seu entrelaçamento produzem diversas combinações, e daí resulta a pluralidade das coisas: o mundo em movimento.

O nascimento, assim, não passa de um agregado de átomos, enquanto a morte é apenas a destruição desse agrupamento. Nos dois casos, cada átomo permanece intacto e imutável. Eles se diferenciam, porém, numa série de aspectos, como tamanho, forma, posição. Há átomos grandes e pequenos, redondos e angulosos, em pé ou de lado. Suas combinações também variam: os átomos A e N, por exemplo, podem se reunir como AN ou NA. Essas diferenças tornam-se mais claras num dos fragmentos deixados pelos atomistas: “O sabor amargo é produzido por átomos pequenos, lisos e redondos, cuja atual circunferência é sinuosa, e por isso é viscosa e pegajosa. O sabor ácido é causado por átomos grandes, não-redondos e, às vezes, até angulosos”.

*

14 – DEMÓCRITO

460 AC em Abdera (Grécia) - 370 AC (local desconhecido).

Foi discípulo e sucessor de Leucipo na direção da escola de Abdera. Contemporâneo do sofista Protágoras, suas preocupações se voltam para o campo da ética e das técnicas. Segundo Diógenes Laércio, deixou umas noventa obras. Dentre elas, restam-nos fragmentos da *Pequena Ordem do Mundo*, *Da Forma*, *Do Entendimento*, *Do Bom Ânimo*. É considerado atomista e, também, o primeiro pensador materialista. Para solucionar o problema de Parmênides e dos eleatas, fazendo do ser uma unidade fechada e imutável e tornando incompreensível o movimento, Demócrito desenvolve o atomismo, a teoria do átomo, criada por Leucipo e destinada a conciliar o ser imóvel dos eleatas com a pluralidade mobilista de Heráclito. Seu atomismo se resume em dizer que: a) as qualidades sensíveis (sabor, odor, quente, frio, cor etc.) são aparências; b) esses corpúsculos, que são os átomos, não possuem nenhuma qualidade sensível, pois só têm propriedades geométricas (grandeza e forma); c) o movimento é função da existência do vazio. A novidade física e lógica do atomismo é a concepção mecanicista da necessidade: “nada nasce do nada, nada retorna ao nada”, “tudo o que existe nasce do acaso e da necessidade”. Os átomos constituem a explicação última do mundo.

Por convenção existe o doce e por convenção o amargo, por convenção o quente, por convenção o frio, por convenção a cor; na realidade, porém, átomos e vazio...Em

realidade não conhecemos nada de preciso, mas em mudança, a opinião de cada um depende da disposição do corpo e das coisas que nele penetram e chocam, afluência dos átomos. (Sexto Empírico, *Fundamentos*).

O fragmento acima afirma que as qualidades são uma convenção estabelecida entre os homens. Convenção (*nómos*) é aquilo que não é por Natureza (*phýsei*), mas por opinião e por acordo entre os homens. A percepção das qualidades das coisas é subjetiva, isto é, depende das disposições do corpo de cada um, varia com as variações do corpo (para o doente, o doce pode tornar-se amargo, por exemplo), de tal modo que diferentes homens terão diferentes percepções das coisas, e um mesmo homem, dependendo das disposições de seu corpo, terá percepções diferentes de uma mesma coisa. Essas qualidades, os filósofos posteriores chamarão de qualidades sensíveis, para marcar com esta expressão a idéia de que não são qualidades das coisas, mas modos subjetivos ou humanos de perceber as coisas. Ao escapar do monismo imobilista de Parmênides e do pluralismo mobilista de Heráclito, Demócrito adota um ritmo ternário: duas teorias contrárias (tese e antítese) se conciliam fundindo-se numa síntese superior. Hegel retomará esse ritmo de três tempos e fará dele a grande lei do mundo. Proverbal na Antigüidade era o sorriso contínuo de Demócrito.

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

**CAPÍTULO IV – ESPÍRITO E MATÉRIA
PRIMEIRA PARTE – FILOSOFIA GERAL
(continuação)**

Francis Bacon e Hobbes – pg. 113 do site

Surgiu então *Francis Bacon* (não confundi-lo com Rogério Bacon), um homem que pôde apreender o espírito moderno da confiança na força do espírito humano, e a ciência, também moderna, e entrelaçá-los, de modo a sugerir um método pelo qual o espírito pudesse dominar o mundo. Mostrou como essa nova força podia ser empregada e como podia indicar o caminho para o êxito.

Considerando hoje o método de Francis Bacon, vemo-lo que era bem simples. Primeiramente, ele eliminava do espírito todos os *ídolos* ou os falsos processos de raciocínio. Depois, o espírito, como instrumento livre, podia atacar o mundo por meio de cuidadosas observações e da compilação e interpretação dos dados. Era o método de *indução*, pelo qual, partindo de inúmeras provas, se chega a um princípio geral que explica os dados coligidos. Era um método que o espírito podia empregar e que, segundo Bacon, conduziria indubitavelmente ao êxito. Bacon estabeleceu, pois, uma norma para o raciocínio, incitando o homem a pensar clara e meticulosamente.

A questão sobre a relação existente entre o espírito e a matéria, contudo, surgiria inevitavelmente. Embora alguns filósofos anteriores tivessem atacado o problema, nada puderam fazer senão esboçar-lhe os contornos. Aconteceu, porém, que, durante aqueles primeiros tempos de Renascença, o homem estava empolgado pela nova força que estava descobrindo, e o problema mergulhou na obscuridade. O homem mostrava-se mais interessado em empregar o espírito do que inquirir sobre ele. Mais cedo ou mais tarde, porém, o problema surgiria novamente para exigir uma solução.

Com *Thomas Hobbes* temos a primeira tentativa moderna para explicar a relação entre o espírito e a matéria. Sendo materialista e acreditando que se podia explicar tudo em termos materiais, Hobbes afirmava ser o espírito movimento no cérebro. Em outros tópicos, refere-se ao espírito como substância, corpo sutil, na cabeça. Quando o espírito

abriga uma idéia, isso nada mais representa do que movimento da substância material, no cérebro. Nesse ponto Hobbes pareceu resolver o problema da relação entre o espírito e a matéria, afirmando que o espírito é matéria, não existindo nenhuma diferença entre um e outro. O espírito é simplesmente matéria mais sutil que a do corpo. Era a explicação antiga.

Mas, conquanto fosse materialista, Hobbes não pareceu satisfeito com essa explicação. Em outras passagens, vemo-lo falando sobre processos mentais mais como aparências e efeitos do movimento do que movimento propriamente dito. A consciência vem em seguida ao movimento, como efeito deste. Essa teoria é conhecida, na filosofia moderna, como *epifenomenalismo*.

Embora, pois, Hobbes procurasse explicar o espírito em termos de matéria, não se satisfiz muito com os resultados, parecendo, às vezes, deixar-se levar para um dualismo, de um lado o movimento, e de outro, o efeito do movimento.

Descartes e Espinosa – pg. 114 do site

Descartes viu-se desafiado pelo mesmo problema. Não procurou esquivar-se ao debate, declarando claramente que, a seu ver, o universo compreende duas substâncias, espírito e corpo, fundamentalmente diferentes. Se o espírito é inteiramente diferente do corpo, ou matéria, como pode afetar ou fazer mover o corpo? Como se explica, então, que, se uma pessoa deseja andar, anda?

É vaga e confusa a solução que *Descartes* oferece. Insistindo em apegar-se ao seu dualismo, total e absoluto, sentiu dificuldade em explicar a interação. O espírito, diz-nos ele, é perturbado pela matéria por meio dos processos que se verificam no corpo. Em outro trecho, apresentou uma interessante explicação sobre a interação, mas não completamente satisfatória. Sugeriu que o corpo e o espírito podem fazer contato com a glândula pineal, uma pequena glândula no cérebro. O corpo ou o espírito move-a. Qualquer que seja o caso, o movimento é transmitido ao outro que, então, também se move: Eu quero andar; transmito o movimento à glândula pineal; esta o transmite ao corpo, e eu ando.

Essa teoria insatisfatória prova que *Descartes*, tendo-se baseado em seus princípios sobre as diferenças entre o espírito e a matéria, não pôde encontrar qualquer explicação para o fato experimentado da interação. Parece que ele devia negar a interação, deixar a questão sem ser resolvida ou adotar a teoria de que o espírito e a matéria são bastante semelhantes para poderem afetar um ao outro.

Os sucessores de *Descartes* rejeitaram a idéia de interação e procuraram explicar a relação entre o espírito e a matéria por outro princípio. *Arnold Guelincx* ensinou que Deus, desde o começo, dispôs o mundo de tal forma que, ao ter o espírito uma idéia, a matéria se movimenta como se tivesse sido afetada; mas, verdadeiramente, não existe interação. Deus criou o mundo e, nesse momento, determinou tudo de tal modo que, ao ter meu espírito a idéia de andar, meu corpo anda. Escreveu *Guelincx*: “Deus, em sua infinita sabedoria, instituiu leis de movimento a fim de que este, que é inteiramente independente de minha vontade e poder, coincida com minha livre volição.”

Nicolau Malebranche afirmava que não sentimos o mundo da matéria e, por ele, não somos afetados. Deus, sendo um espírito, exerce a influência sobre o nosso, de modo a julgarmos sentir o mundo material. De fato, disse *Malebranche*: “Se Deus tivesse destruído o mundo criado e continuasse a afetar-me como faz agora, eu continuaria a ver o que vejo e acreditaria que este mundo (criado) existe, pois não é este mundo que age sobre meu espírito, mas o próprio Deus.”

Outro ponto de vista sustentado por muitos cartesianos foi o seguinte: Toda vez que algo acontece na matéria, Deus nos afeta para que julguemos ficar influenciados pelo acontecimento. Essa teoria é conhecida por *ocasionalismo*; o evento, no mundo da matéria, é a ocasião para Deus agir sobre nós.

Essas teorias, naturalmente, não são satisfatórias. Apresentam Deus como uma espécie de artista apresentando um número teatral, no qual nos mistifica por meio de artifício. Ficamos tentados a perguntar: Se Deus criou o mundo, por que criou tal situação? Não teria sido mais fácil ter criado um mundo, no qual o espírito e a matéria exercessem ação mútua?

Os filósofos, porém, não se sentiram satisfeitos. Esforçaram-se por encontrar uma teoria mais aceitável sobre a relação entre o espírito e a matéria. *Espinosa* declarou que ambos são atributos de uma só e mesma substância, Deus. Segundo ele, os dois atributos são absolutamente independentes um do outro, e um não pode afetar o outro. Sendo, porém, atributos de Deus, temos então o pensamento e a ação movimentando-se paralelamente, constituindo ambos o pensamento e a ação de Deus. É a teoria do *paralelismo psicofísico*. Meu espírito – argumentava Espinosa – é um modo do atributo pensante Deus; meu corpo, o modo do atributo, prolongado de Deus. Ao meu pensamento corresponde a ação no corpo, de modo que meu espírito parece afetar o corpo; mas não existe, verdadeiramente, influência direta.

Locke, Berkeley e Hume – pg. 116 do site

John Locke renunciou à tentativa de fazer duas coisas diferentes afetarem uma à outra. Seu pensamento parte da tese de que o espírito é uma espécie de tabuinha em branco, na qual o mundo da matéria escreve por meio de sensações. Esse espírito não tem idéias inatas, mas tem o poder de dispor as impressões de maneira a produzir um sistema de pensamentos consistentes. Segundo Locke, o espírito e o corpo existem como coisas reais, porém, exercem ação mútua. O corpo age sobre o espírito e produz sensações. Locke despende muito tempo desenvolvendo essa tese, mas, ao defrontar-se com a questão de como as duas substâncias diferentes exercem ação mútua, atrapalha-se; sem que o queira, cai no ocasionalismo.

George Berkeley, aceitando o dualismo *espírito e corpo*, como ponto de partida, concluiu que a matéria não existe, sendo o espírito a única coisa que podemos provar como existente. A matéria, crença que conduz ao ateísmo e ao materialismo, conforme argumentava ele, não existe. Existir significa ser percebido; portanto, os corpos não têm existência sem espírito. O espírito cria o mundo material, que tem existência somente no espírito. É a teoria idealista na filosofia moderna.

David Hume foi mais além, mostrando que, com base no dualismo de Locke, não se pode provar até mesmo a existência do espírito. Tudo o que podemos provar é que as idéias, as impressões, vêm umas após outras, não se podendo provar donde vêm. Segundo Hume, não existe mundo material nem espírito, mas tão-somente uma sucessão de impressões.

A filosofia não se sentia inclinada a submeter-se a essa teoria muito lógica. Como era lógica, os filósofos começaram a perguntar se não poderiam ser falsas as premissas – dualismo *espírito e matéria* - nas quais se baseava.

Teoria de Leibnitz – pg. 116 do site

Leibnitz atacou o problema afirmando que o corpo, ou matéria, não é algo morto e estático, mas composto de muitas mônades ou centros de força. Essas mônades diferem, em clareza de suas percepções, e o espírito compõe-se dessas percepções. Toda mônade, ou centro de força, tem o poder de percepção. Quanto mais elevada a mônade, tanto mais clara é a percepção.

Segundo ele, o organismo humano contém uma mônade central ou *mônade-rainha*, que tem diante de si a representação de todo o corpo. Deus, ao criar o mundo, dispôs as coisas de modo a que as mônades, que compõem o corpo, e a *mônade-rainha* estejam em perfeita harmonia. “As almas – escreveu ele – agem, segundo as leis das causas finais,

por meio de desejos, fins e meios. Os corpos, segundo as leis do movimento ou causas eficientes. E esses dois reinos acham-se em harmonia um com o outro.

Evidencia-se que, nesse ponto, Leibnitz tentou afastar até certo ponto a completa diferença entre o espírito e a matéria, sustentando que ambos são centros de força, sendo a *mônade-rainha* simplesmente mais clara e mais perfeita que as que compõem a matéria, ou corpo. Conquanto nenhuma *mônade*, seja *rainha* ou outra menos clara, possa afetar outra, existe, entretanto, certa relação entre elas. O espírito, ou a *mônade-alma*, mantém sua posição por ser a melhor, não por ser algo diferente das outras.

Kant e os Filósofos Alemães Posteriores - pg. 117 do site

Com *Kant* surgiu uma teoria bem definida sobre o espírito, como única fonte do conhecimento. Embora admitisse a existência de um mundo diferente do mundo do espírito, mundo do qual o último recebe impressões, afirmou que o espírito não pode conhecer este mundo, esta *coisa-em-si-mesma*. O espírito recebe impressões segundo sua natureza ou suas categorias e molda-as em padrões que não se harmonizam com o mundo fora dele e sim com a natureza do espírito.

Conhecemos, pois, somente aquilo a que o espírito dá forma e amolda. Por causa das necessidades de natureza moral, podemos crer na existência dessa *coisa-em-si-mesma*, mas o espírito não pode prová-lo, tampouco provar que seja destituída de espírito. Estamos encerrados em nosso espírito e temos que interpretar tudo em termos dele. O espaço e o tempo, por exemplo, não são realidades que existam por si, porém, por meios que o espírito possui para receber sensações e dar-lhes forma. “Elimine-se o indivíduo pensante – argumentava *Kant* – e todo o mundo corpóreo desaparecerá, pois ele nada mais é que aparência, na sensibilidade do indivíduo.”

O ponto de vista de *Kant* deu origem ao grande movimento idealista alemão do século XVIII. Os filósofos que o seguiram acharam que a única solução para o problema do espírito e da matéria estava em eliminar esta última. Parecia ser esta a concepção mais lógica. O espírito parecia evidente, mas a matéria tinha que ser interpretada como algo diferente e fora do espírito. Isso, porém, trouxe à baila o problema de como essas duas coisas, tão diferentes, pudessem atuar uma sobre a outra. O problema, e todas as suas dificuldades, podiam ser eliminados abolindo-se a matéria. Tal solução, conforme vimos, não era nova, mas foi grandemente fortalecida pelos trabalhos de *Kant*. Ele indicou o caminho e ofereceu seguras provas de que era o certo e verdadeiro.

Johann Gottlieb Fichte tomou a deixa de *Kant* e argumentou que o espírito, ou *ego*, é tudo, nada havendo fora dele. Afirmou que a *coisa-em-si-mesma*, de *Kant* possivelmente não podia existir fora do espírito. Segundo ele, o mundo material é criação do espírito, servindo como princípio limitativo para o espírito. É uma projeção, no espaço, de objetos que só existem no espírito.

Contudo, segundo *Fichte*, o espírito que cria este mundo não é o do indivíduo; é o espírito universal, o *ego* absoluto, que precedeu e está acima de todos os indivíduos. É o criador do mundo material que só existe no espírito universal. O mundo material “não é um mundo de coisas mortas, dispostas numa ordem espacial, temporal e causal: é a revelação do princípio absoluto na consciência humana, e não poderia existir não fosse o *ego universal*”. *Fichte* procurou resolver o problema tornando a matéria uma criação do espírito e negando-lhe qualquer existência diferente da que lhe é fornecida por este.

Friedrich Wilhelm Schelling apoiou-se em *Fichte* ao desenvolver sua teoria sobre o espírito. Para ele, o espírito absoluto limitou-se a criar o mundo material. Mas este é vivo, embora esteja em nível inferior e menos claro. Verdadeiramente, apenas existe uma diferença de grau entre o mundo material e o espírito. Ambos são espírito de certa espécie.

Abordando a questão um tanto diferentemente, *Hegel* segue a mesma tradição idealista. Em seu entender, a evolução do espírito atravessa três fases: a do espírito subjetivo,

a do espírito objetivo e a do espírito absoluto. O espírito subjetivo depende da natureza como alma, à qual se contrapõe como consciência e com ela se concilia como espírito. Em seu ponto mais elevado, é o criador do mundo que ele conhece.

Para Hegel, o espírito é o criador do mundo material; vamos, portanto, descobrir tanto no mundo como no espírito os mesmos princípios dialéticos. Hegel encontra, em todo o mundo, o espírito criando e concretizando-se em objetos e instituições.

A tradição idealista, desenvolvida do pensamento de Kant, predominou durante um século na Alemanha. Não satisfazia, porém, a todos os filósofos. Muitos acreditavam que o mundo material é demasiado real para ser explicado simplesmente como criação do espírito, fosse individual ou absoluto. *Herbart* é o representante dessa teoria. Sustentou que as *coisas-em-si-mesmas* existem, não sendo o mundo simples idéia nossa. Baseou seu pensamento na premissa de que a experiência constitui a única fonte do conhecimento.

Toda sensação é a sensação de alguma coisa fora do espírito. Deve haver, portanto, um mundo real que afeta o espírito. Segundo *Herbart*, esse mundo compõe-se de muitos princípios simples ou *reais*. O mundo dos *reais* é estático e imutável. A alma é um *real* que se impõe sobre outros *reais*, produzindo, assim, sensações em si. Estas, organizadas, constituem o espírito. Para *Herbart*, a vida mental é a fusão muito complicada de idéias, união e organização de sensações que passam a ser idéias ou unidades, do espírito. Este é, pois, material e da mesma natureza geral do mundo material.

Bradley, Royce e Bergson (próxima aula)

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

022) NÃO NOS IMPORTEMOS COM OS FALTOSOS: FAÇAMOS A NOSSA PARTE!

Boa noite queridos irmãos!

Outra vez juntos. Estou feliz. Mais feliz porque me foi dada a oportunidade de trilhar com vocês o caminho difícil e pedregoso da evolução espiritual. Caminhamos a passos largos pela senda do progresso espiritual. Não nos parece que evoluímos; mas é bem visível o que já estamos conseguindo. Não nos importemos com os faltosos, pois, coitados, estão a passos curtos esperando apenas do céu; façamos nossa parte e continuemos; pois o caminho apenas começou.

Não percamos a esperança, pois um mundo melhor se nos apresentará na oportunidade certa. Não nos apressemos. Apressemo-nos, sim, em nos melhorarmos cada vez mais, pois somos uma pequena fagulha no Universo do Senhor. Se somos à sua semelhança, quanto caminho temos a trilhar. Começemos logo, para chegarmos lá mais depressa, pois esse ‘depressa’ vai depender do esforço individual de cada um de nós.

As sementes há muito foram lançadas. Corramos para plantá-las antes que as aves as peguem e as consumam. Pois essas sementes são nossas e a nossa obrigação é plantá-las. Se não temos ajuda dos outros, plantemo-las nós, embora devagar, mas com carinho, e cuidemos com amor para que frutifiquem em novos ensinamentos e bênçãos para os outros e, principalmente, aos faltosos que são os mais carentes. Unamo-nos hoje, para sermos ainda mais fortes amanhã, bons irmãos. Estou contente por esta oportunidade.

Boa noite a todos. Dolores.

(Espírito: Dolores. Médium: Domitila. Liceu Allan Kardec. - Buri. 22/01/2000).

*

080) CONVITE AOS JOVENS!

Graças a Deus irmãos, estamos todos reunidos em Seu Santo Nome!

Todos aqui presentes estamos ligados por um passado comum; e, presentemente juntos, estaremos galgando um futuro melhor para pagar nossos débitos.

Todos temos potencial a desenvolver; só depende de nós, o convite está lançado.

Vamos todos estudar em casa, levantar dúvidas e trazer para o Centro, para juntos podermos aprender e acabar com elas, fortalecendo nossa fé.

Nosso grupo de jovens corpos, mas de espíritos milenares, temos muito o que trabalhar. Não nos preocupemos com grandes façanhas e grandes conquistas, vamos passo a passo e chegaremos com grande alegria e veremos o quanto somos capazes de fazer o bem e ajudar muitos que necessitam; não nos ocorre, mas só de estarmos aqui vibrando no momento exato, já é caridade.

Que todos tenham uma boa noite de bênçãos maravilhosas, e para os familiares.

Espírito Joaquim. Médiun João Francisco Bueno. L. Allan Kardec, 25/08/2003.

*

107) B. I. P. = BENEVOLÊNCIA, INDULGÊNCIA, PERDÃO!

Amanheci com vontade de escrever

Realmente, ainda não sei o que dizer

Mas tenho certeza de que algo vai nascer...

Pode ser que não seja minha criação

Todavia, será grandiosa a inspiração

Pois a mensagem deve brotar do (bater no) coração...

- Bons pensamentos debes ter

Para em bons sentimentos reverter

Então a vontade te dirá o que debes fazer...

- Tem muita paciência

Age sempre com prudência

E terá paz na consciência...

- É preciso resignação

Com as dores, meu irmão,

Às ofensas, dá o teu perdão...

- Com todos, sê benevolente

Com as imperfeições, sê indulgente

Assim deve ser o cristão crente...

- Vê o exemplo de luz

Que deu Cristo Jesus

Morrendo por nós, na cruz...

(Nena, 26/12/2004, 11h30m.)

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO -3- 07/12/2014

LIVRO: “O SEXO ALÉM DA MORTE” – R. A. RANIERI – pág. 8 do site

"A mais poderosa força que existe no organismo espiritual depois da força da mente é o sexo. Nele, Deus concentrou montanhas de energias. Liberadas indiscriminadamente, conduzem o ser à desilusão, ao desgaste e até à morte espiritual. É certo que toda a energia

da natureza pode ser recomposta com facilidade. Na crosta terrestre, o homem ainda não tem idéia exata do que representa a sexualidade. Nem se deve condenar a sexualidade nem se deve exaltar demasiado as suas alegrias. Sexo como tudo que Deus fez deve se enquadrar na Lei do Equilíbrio. Não há crime algum em coisa alguma que Deus fez." Estas palavras extraídas do presente livro, servem para dar ao leitor uma idéia do seu alto teor de espiritualidade. Não se espantem os leitores com o título dado a esta obra, pois ela mais do que nenhuma, encara corajosamente o problema do Sexo dos Espíritos. A atualidade do assunto levou o nosso querido R. A. Ranieri a derramar luzes sobre a situação dos Espíritos ainda encarnados e dos que já partiram, quanto ao problema sexual. À qualquer aspecto, porém o Dr. Ranieri, excedeu-se a si mesmo, conseguindo lançar os fundamentos de uma obra de imenso valor espiritual, descortinados através da orientação sempre segura de André Luiz num ângulo totalmente ou quase desconhecido ao leitor espírita. Nesta obra o leitor terá uma visão panorâmica da sexualidade no mundo espiritual, que até hoje os homens nunca tiveram, porque o sexo é obra divina e o criador se compraz em verificar que através dele os seres avançam universo a dentro ao encontro de maiores possibilidades e alcançam cada dia maior ascensão espiritual

*

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO – 4 – 07/12/2014

LIVRO: VAMPIRISMO – J. HERCULANO PIRES – pág. 9 do site

Vivendo no plano extrafísico, os vampiros (Espíritos obsessores) agem sobre nós por indução mental e afetiva. Induzem-nos a fazer o que desejam e que não podem fazer por si mesmos. Podemos resistir a essas induções e fazê-los afastar-se de nosso ambiente, com a simples recusa de atendê-los. Mas se aceitamos viciosamente suas ordens, acabam por nos dominar. Assim nos tornamos em seus servidores e seus comparsas, estabelecemos com eles fortes vínculos afetivos e sensoriais ou mentais. Quanto mais os obedecemos, mais submissos nos tornamos. Os vampirizados (obsidiados) que se queixam de falta de força para resisti-los mentem a si mesmos. A resistência ao vampiro é um momento decisivo da nossa vida. Nesse momento é que se revela na prática o nosso livre-arbítrio, a nossa liberdade individual, a nossa capacidade de querer e fazer.

*

KNOW YOURSELF: SEX AND SPIRITISM

BOOK: Vampirism - J. HERCULANO PIRES

Living in the extra-physical plane the vampires (obsessors spirits) act on us by mental and emotional induction. Induce us to do what they want and that cannot do for themselves. We can resist these inductions and make them move away from our ambient by simply refuse of attending them. But if viciously we accept their orders, they end up in dominating us. Thus, we become on their servers and their accomplices, establish with them strong emotional and sensory or mental ties. How much we obey them, more submissive we become to them. The vampirized (obsessed) who complain of lack of force to resist them lie to themselves. The resistance to vampire is a decisive moment of our life. At that moment is that is revealed in the practice our free will, our individual freedom, our ability of 'to want and to do'.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA.

*

9ª AULA – 02/JUNHO/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 165

I – INTRODUÇÃO – pág. 165

Livro: Educandário de Luz - Espíritos Diversos**AGRUPAMENTOS ESPÍRITAS - Emmanuel**

Os agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos.

Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas.

Nesses núcleos de estudo nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros, entre si, vigiem na boa vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência de seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento

*

Livro: Calma (Emmanuel)
SOFRENDO REPROVAÇÕES

Estarás, possivelmente, sofrendo reprovações que te pareceram injusto espancamento espiritual.

Inicialmente, adota o silêncio sem fazer comentários.

Ora, pedindo inspiração à Divina Providência.

Se não tens culpa alguma em relação aos erros que te foram atribuídos, não dêes resposta alguma e continua nas tarefas que a vida te confiou, desculpando quaisquer ofensas.

Se as críticas sofridas guardam algum fundamento, procura analisar o próprio comportamento em referência ao assunto.

Agradece em pensamento aos teus censores, procurando retificar os pontos nos quais te observes em desacerto.

Nada reclames contra quem te aponte a verdade, porquanto se agem com exagero contra os enganos de que, porventura, te inculpes, a vida se incumbirá de esclarecê-los em momento oportuno.

Não te defendas nem acuses a ninguém perante censuras recebidas.

Continua trabalhando com sinceridade, cortando as atitudes que desaproveas em ti mesmo.

Se te notares no centro de culpas, pelas quais te sintas inegavelmente responsável, prossegue agindo e servindo, quanto possível, mesmo assim, na certeza de que todos somos filhos de Deus e que Deus te concederá recursos e abrirá caminhos novos para que a paz de consciência te retome a vida e ilumine o coração.

II – RELIGIÃO ESPÍRITA – pág. 169

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo – XI, item 7

7. Esta máxima: "Dai a César o que é de César" não deve ser entendida de maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral, resumido numa forma prática e usual, e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que manda agir com os outros como quereríamos que os outros agissem conosco. Condena todo prejuízo moral e material causado aos outros, toda violação dos seus interesses, e prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja ver os seus respeitados. Estende-se ao cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, bem como para os indivíduos.

*

Livro: O Espírito da Verdade. (Emmanuel)

No retoque da palavra

Cap. XI – Item 7 de O Evangelho Segundo o Espiritismo

Seja onde for, não afirme: – “Detesto esse lugar!”

Cada criatura vive na terra dos seus credores.

Ouvindo a frase infeliz, não grite: – “É um desaforo!”

Invigilância alheia pede a nossa vigilância maior.

Atravessando a madureza, não se lamente: – “Já estou cansado”.

Sintoma de exaustão, vontade enferma.

Sentindo a mocidade, não assevere: – “Preciso gozar a vida!”

Romagem terrestre não é excursão turística.

À frente do amigo endividado, não ameace: – “Hoje ou nunca!”

Agora alguém se compromete, amanhã seremos nós.

Ao companheiro menos categorizado, não ordene: – “Faça isso!”

Indelicadeza no trabalho, ditadura ridícula.

Perante o doente, não exclame: – “Pobre coitado!”

Compaixão desatenta, crueldade indireta.

Ao vizinho faltoso, nunca diga: - “Dispensolhe a amizade.”

Todos somos interdependentes.

Sob o clima da provação, não se queixe: – “Não suporto mais!”

O fardo do espírito gravita na órbita das suas forças.

No cumprimento do dever, não clame: – “Estou sozinho.”

Ninguém vive desamparado.

Colhido pelo desapontamento, não reclame: – “Que azar!”

A Lei Divina não chancela imprevistos.

À face do ideal, não se lastime: – “Ninguém me ajuda.”

No Espiritismo temos responsabilidade pessoal com o Cristo.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA – pág. 171

Livro: O Livro dos Espíritos (A. Kardec). Questão 897, a e b.

897. Aquele que faz o bem sem visar a uma recompensa na Terra, mas na esperança de que lhe seja levado em conta na outra vida, e que nessa a sua posição seja melhor, é repreensível, e esse pensamento prejudica o seu adiantamento?

– É necessário fazer o bem por caridade, ou seja, com desinteresse.

897-a. Mas cada um tem o desejo muito natural de progredir para sair da situação penosa desta vida. Os Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse fim. Será, pois, um mal, pensar que pela prática do bem se pode esperar uma situação melhor?

– Não, por certo. Mas aquele que faz o bem sem segunda intenção, pelo prazer único de ser agradável a Deus e ao seu próximo sofredor, já se encontra num grau de adiantamento que lhe permitirá chegar mais rapidamente à felicidade do que o seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não pelo impulso do ardor natural do coração. (Ver item 894).

897-b. Não há aqui uma distinção entre fazer o bem ao próximo e cuidar de se corrigir dos próprios defeitos? Concebemos que fazer o bem com o pensamento de que nos seja levado em conta na outra vida é pouco meritório; mas emendar-se, vencer as paixões, corrigir o caráter, visando a se aproximar dos bons Espíritos e progredir, será igualmente um sinal de inferioridade?

– Não, não; por fazer o bem queremos dizer ser caridoso. Aquele que calcula o que lhe pode render cada uma de suas boas ações, na outra vida ou mesmo na vida terrena, procede de maneira egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em se melhorar com a intenção de se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo que todos devem ter em vista.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)
O obreiro do Senhor - Reunião pública de 8/5/59
Questão nº 897 de O Livro dos Espíritos

Cada criatura mora espiritualmente na seara a que se afeiçoa.

É assim que, se o justo arrecada prêmios da retidão, o delinqüente, em qualquer parte, recolhe os frutos do crime.

O obreiro do Senhor, por isso mesmo, onde surja, é conhecido por traços essenciais.

Não cogita do próprio interesse.

Não exige cooperação para fazer o bem.

Não cria problemas.

Não suspeita mal.

Não cobra tributos de gratidão.

Não arma ciladas.

Não converte o serviço em fardo insuportável nos ombros do companheiro.

Não transforma a verdade em lâmina de fogo no peito dos semelhantes.

Não reclama santidade nos outros, para ser útil.

Não fiscaliza o vintém que dá.

Não espia os erros do próximo.

Não promove o exame das consciências alheias.

Não se cansa de auxiliar.

Não faz greve por notar-se desatendido.

Não desconhece as suas fraquezas.

Não cultiva espinheiros de intolerância.

Não faz coleção de queixas.

Não perde tempo em lutas desnecessárias.

Não tem a boca untada com veneno.

Não sente cóleras sagradas.

Não ergue monumentos ao derrotismo.

Não se impacienta.

Não se exhibe.

Não acusa.

Não critica.

Não se ensoberbece.

Entretanto, freqüentemente aparece na Seara Divina quem condene os outros e iluda a si mesmo, supondo-se na posse de imaginária dominação.

O obreiro do Senhor, todavia, encarnado ou desencarnado, em qualquer senda de educação e em qualquer campo religioso, segue à frente, ajudando e compreendendo, perdoadando e servindo, para cumprir-lhe, em tudo, a sacrossanta Vontade.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA – pág. 172

Livro: O Livro dos Médiuns (Allan Kardec). Questões 237 e 238

OBSESSÃO

237. No número das dificuldades que a prática do Espiritismo apresenta é necessário colocar a da obsessão em primeira linha. Trata-se do domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas.

São sempre os Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento.

Os bons aconselham, combatem a influência dos maus, e se não os escutam preferem retirar-se. Os maus, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito da vítima e a conduzem: como se faz com uma criança.

A obsessão apresenta características diversas que precisamos distinguir com precisão, resultantes do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que este produz. A palavra obsessão é, portanto, um termo genérico pelo qual se designa o conjunto desses fenômenos, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

238. A obsessão simples verifica-se quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, intromete-se contra a sua vontade nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e substitui os que são evocados.

Não se está obsedado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso, pois o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, como entre nós as pessoas mais honestas podem ser enganadas por trapaceiros. Pode-se, pois, ser enganado sem estar obsedado. A obsessão: consiste na tenacidade de um Espírito do qual não se consegue desembaraçar.

Na obsessão simples o médium sabe perfeitamente que está lidando com um Espírito mistificador, que não se disfarça e nem mesmo dissimula de maneira alguma as suas más intenções e o seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a mistificação, e como se mantém vigilante raramente é enganado. Assim, esta forma de obsessão é apenas desagradável e só tem o inconveniente de dificultar as comunicações com os Espíritos sérios ou com os de nossa afeição.

Podemos incluir nesta categoria os casos de obsessão física, que consistem nas manifestações barulhentas e obstinadas de certos Espíritos que espontaneamente produzem pancadas e outros ruídos. Quanto a este fenômeno, remetemos o leitor ao capítulo Manifestações Físicas Espontâneas, n° 82.

*

Livro: A Gênese. (Allan Kardec). Cap. XIV, item 46.

Obsessão

46 - Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral.

Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de terceiros.

Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo, ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral.

Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral.

Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (**O Livro dos Médiuns**, 2ª Parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficis o obsessor.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação. (J. Herculano Pires) **III - A técnica do passe.**

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante.

Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade, o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto, charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual.

As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje, mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

IV - Passe à distância.

Não há distância para a ação dos passes. Os Espíritos Superiores não conhecem as dificuldades das distâncias terrenas. Podem agir e curar através das maiores lonjuras.

Esse fato, constatado e demonstrado pelo Espiritismo e ridicularizado pelos cientistas materialistas, está hoje cientificamente comprovado pelas pesquisas em todo o mundo, através de pesquisas e experiências dos principais centros universitários da atualidade.

A telepatia, transmissão do pensamento, intenções e desejos, e psicapa, ação da mente sobre a matéria, só podem ser negadas hoje por pessoas (cientistas ou não) que estiverem cientificamente desatualizadas e, portanto, sem autoridade para opinar a respeito.

Não obstante, não se deve desprezar a importância do efeito psicológico da presença do paciente no ambiente mediúnico ou da presença do passista junto a ele. Temos, nesse caso, dois elementos importantes de eficácia no tratamento por passes. O efeito psicológico resulta dos estímulos provocados no paciente por sua presença num ambiente de pessoas interessadas a ajudá-lo, o que lhe desperta sensação de segurança e confiança em si mesmo. Trata-se de uma reação anímica (da própria alma do paciente) por isso mesmo psicológica, conhecida na Psicologia como estímulo de conjunto, em que se quebra o desânimo da solidão. Por outro lado, a visita do passista ao paciente isolado em casa dá-lhe a sensação de valor social, reanimando-lhe a esperança de volta a vida normal.

Além disso, a presença do paciente numa reunião lhe permite receber a ajuda do calor humano dos outros e da doação fluídica direta, seja do médium ou também de pessoas que o acompanham.

Assim, o passe à distância só deve ser empregado quando for de todo impossível o passe de contato pessoal.

São esses também os motivos que justificam a prática dos passes individuais nos Centros, onde todos sabem que ninguém deixa de ser assistido e receber a fluidificação necessária.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – pág. 146

Livro: O Livro dos Médiuns. (A. Kardec). Questão 222.

Inconvenientes e Perigos da Mediunidade

As crianças, as pessoas fracas, excêntricas, etc.

222. A prática do Espiritismo, como adiante veremos, requer muito tato para se desfazer o embuste dos Espíritos mistificadores. Se homens feitos são por eles enganados, a infância e a juventude estão ainda mais expostas a isso, por sua inexperiência. Sabe-se também que o recolhimento é condição essencial para se tratar com Espíritos sérios. As evocações feitas levianamente ou por divertimento constituem verdadeira profanação, que abre a porta aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a um ato semelhante, seria de temer que, entregue a si mesma, ela o transformasse em brinquedo. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de se desejar que uma criança dotada de mediunidade só a exerça sob a vigilância de pessoas experimentadas, que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito devido às almas dos que se foram deste mundo. Vê-se, pois, que o problema da idade está subordinado tanto às condições do desenvolvimento físico, quanto às do caráter ou amadurecimento moral.

Entretanto, o que ressalta claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento da faculdade mediúnica nas crianças, quando ela não se desenvolver de maneira espontânea, e que em todos os casos é necessário empregá-la somente com grande circunspeção, não se devendo jamais provocá-la ou encorajar o seu exercício pelas pessoas fracas.

Deve-se afastar da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as que apresentem os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver.

As idéias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência que as outras, mas se a loucura se declarar tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse com excesso às práticas devocionais, e a responsabilidade seria atribuída ao Espiritismo. O que se pode fazer de melhor com qualquer pessoa que revele tendência à idéia fixa é dirigir as suas preocupações em outra direção, a fim de proporcionar descanso aos órgãos enfraquecidos. (Há livros inteiros, de médicos eminentes, atribuindo ao Espiritismo a causa da maioria dos casos de loucura. Kardec, entretanto, já havia advertido, desde a publicação de O Livro dos Espíritos, em 1857, que a causa real não está nas idéias ou nas crenças da pessoa, mas na sua condição mental ou cerebral. O seu conselho de precauções na prática da mediunidade serviu, embora a contrassenso, para fundamentar as acusações contra o Espiritismo. Hoje, felizmente, nos meios científicos atualizados, chegou-se à compreensão da verdade ensinada por Kardec. As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, vêm confirmando a tese kardeciana. Só o fanatismo ou a ignorância podem justificar hoje a repetição dessas acusações absurdas. (N. do T.)

Chamamos a atenção dos leitores, a esse respeito, para o item XII da introdução de O Livro dos Espíritos.

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)**

Vide site www.josefleuri.com.br

OS SOFISTAS - pág. 98 do site

**1 - A RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE (Livro: A História da Filosofia.
Os Pensadores.)**

A vitória de Atenas sobre os persas, em 479 a.C., marca também a consolidação da democracia na cidade. Dentre os novos valores que surgem está o da educação. Trata-se de formar cidadãos aptos à vida pública, e para isso deles se exige que sejam bons oradores, que saibam argumentar em público. Dessa educação encarregam-se os sofistas.

Os sofistas (literalmente, “sábios”) são todos estrangeiros. Excluídos assim da condição de cidadãos, não se interessam diretamente pelos destinos da cidade. Assim, não se preocupam com o que uma argumentação pode ter de justo ou injusto, moral ou imoral – isso é assunto dos cidadãos. Basta-lhes que seus discípulos aprendam a falar – não importa o quê, mas bem, de modo convincente – e que os remunerem pelo ensino. Dizia-se até que um aluno, para se considerar apto, devia convencer o mestre a não receber o pagamento; se não conseguisse convencê-lo, a lição fora mal ministrada e não mereceria remuneração. Se o conseguisse, não haveria por que pagar.

Mas os sofistas não são meros mercenários da arte de bem falar. Se não se preocupam com o conteúdo de um argumento é porque compartilham com os atenienses a experiência da democracia, em que o mundo humano aparece como uma criação do próprio homem. Nesse mundo não há um único princípio que a tudo comande, mas apenas convenções que os homens estabelecem para depois abandonar. Os valores e as verdades são instáveis e relativos. A própria linguagem, essa capacidade essencialmente humana,

também não passa de convenção, sem poderes para expressar a verdade, a não ser verdades relativas de cada um.

Essas idéias abalam a filosofia, que iria considerar os sofistas seus inimigos, sem, contudo, conseguir ignorá-los. As críticas chegaram a tal ponto que eles nem sequer eram considerados filósofos. A palavra “sofista” ganhou o sentido de “demagogo”, e “sofisma”, de “argumento falso”. Na Grécia clássica, odiados, eles procuravam acumular conhecimentos e técnicas sobre as mais diversas atividades humanas. De todas elas, porém, detêm-se mais na linguagem. Consideram que na democracia, na qual as diferenças sociais e econômicas não contam, a linguagem é a única força que têm os homens. Por isso é necessário conhecê-la ao máximo, da gramática às figuras.

A filosofia passa assim a se afastar das investigações dos pré-socráticos, sobre a natureza e o universo para ocupar-se mais e mais das questões propriamente humanas.

“O homem é a medida de todas as coisas”...

... **“das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são.”** A afirmação de Protágoras (c. 485-410 a.C.), considerado o primeiro sofista, significa que o mundo é aquilo que o homem faz e desfaz por intermédio dos sentidos. E, caso haja um princípio único, o ser humano não pode conhecê-lo.

Essa concepção, que separa a ordem das coisas naturais e a dos homens, abre a possibilidade da formulação de idéias não só sobre o conhecimento como também sobre a política e a moral. Uma vez que a medida de todas as coisas é o homem, seu conhecimento está limitado pelos sentidos, que mudam de um para outro (o que é doce para alguns, por exemplo, pode ser amargo para os demais). Assim, se existe algum acordo entre os homens, não resulta do conhecimento de uma suposta verdade absoluta, mas de simples convenção.

De maneira semelhante, os modos de organização social e política não derivam de um único princípio de justiça e sim das convenções criadas pelos homens de acordo com as circunstâncias e as conveniências. No âmbito da moral dá-se o mesmo. Bem e mal são simplesmente valores que o ser humano convencionou chamar por esses nomes.

Ao denunciar as certezas, ao duvidar da existência de uma única verdade, os sofistas acabaram por atrair também a ira dos cidadãos comuns. Diz-se que Protágoras teria sido condenado pela pólis. Não era para menos. Se na obra *A Verdade* ele a questiona, em *Sobre os Deuses* afirma a impossibilidade de decidir sobre a existência dos seres divinos.

Outros sofistas conhecidos são Hípias (nascido na Élide no século V a.C.) e Górgias (c. 487-380 a.C.). Do primeiro é o *Diálogo Troiano*, sobre a educação dos jovens; o segundo, depois de interpretar a obra de Parmênides dedica-se à linguagem.

*



OS SOFISTAS

2 - PROTÁGORAS (480 – 410 a.C.) Livro: *Noções da História da Filosofia*. Manoel P. São Marcos.

Protágoras escreveu um livro herético, sob o título “Sobre os Deuses”, em que punha em dúvida a existência dessas divindades, embora alegando de maneira sensata as suas razões. Quanto aos deuses, dizia, não posso ter a certeza de que existem, nem a de que não existem, nem posso saber que aspecto devem ter, pois há muitos motivos que me

impedem de ter um conhecimento seguro a esse respeito, e entre eles a obscuridade do tema e a brevidade da vida humana.

Protágoras apoiava-se numa posição cético-relativista, que levou alguns estudiosos modernos a considerá-lo como “o pai do Relativismo”, precursor do “Crítico e até do Positivismo”. Não raro é visto como “o pai da ilustração grega”, marcando na história do pensamento, com antecedência de dois milênios, o século europeu das luzes. Depois disso não se compreende a reversa que ainda hoje se faz a Protágoras, a semiobscuridade em que permanece a sua figura extraordinária. Windelband, que não apreciava os sofistas, declara que não devemos nos esquecer da “seriedade científica” com que Protágoras expôs a sua teoria do conhecimento. De fato, partindo da doutrina de Heráclito, o filósofo do eterno fluir das coisas, Protágoras procurava mostrar a impossibilidade do conhecimento **verídico** e estável, ao mesmo tempo que acentuava o caráter relativista do conhecimento. Daí a sua frase exponencial que todos os historiadores repetem, ao se referirem ao problema do conhecimento: **O homem é a medida de todas as coisas**, do ser das que são, e do não-ser das que não são.

O problema sartreano do Ser e do Nada já está aí implícito, antecipando o Existencialismo, embora em um sentido diverso. Porque, para Protágoras, o Ser não é o “em-si” estático de Sartre, mas o “para-si”, dinâmico, relativista da ação, em que o ser, não sendo é ao mesmo tempo. Aliás, o que mais aproxima Protágoras de Sartre é exatamente essa posição antinômica, contraditória. Windelband acentua muito bem essa antinomia nestas palavras, sem, entretanto, qualquer referência a Sartre: “Protágoras partia da teoria heraclitiana, porém, mais ainda do que Heráclito, acentuava a situação correlativa, em virtude da qual toda a coisa singular, mais do que existir, transforma-se a todo o instante por suas relações com as demais”. Em Sartre, vemos o “Ser em si” negar-se a si mesmo para aparecer na ação e entrar em relação com os outros. Em Protágoras, vemos o Ser negado de antemão, desprovido de qualquer existência como entidade absoluta, para somente aparecer no processo das relações, como produto por assim dizer eventual e relativo, que tão pronto aparece como desaparece, nas transformações sucessivas e infundáveis das coisas, - conhecimento incerto transitório.

No pensamento de Protágoras, tudo é movimento. As coisas são produtos do movimento. Mas este movimento processa-se dentro de uma lei **dialética** que antecipa Hegel. É necessário o conflito de dois movimentos correlativos e de direção contrária, um chamado **ativo** e o outro **passivo**, para que as coisas surjam. O mundo heraclitiano adquire assim uma estrutura e um vigor extraordinário, apresentando-nos a Natureza como uma **perpétua ebulição criadora**. O vitalismo bergsoniano não estaria presente em forma virtual, nessa concepção do mundo? O perpétuo fluir de Heráclito, transformado no correlativismo de Protágoras, não traria em si a idéia da força criadora, a gerar as coisas e suas qualidades? São perguntas possíveis, diante do pouco que sabemos, e principalmente do muito que nos falta, a respeito do pensamento do grande sofista.

Mas da mesma forma pela qual as coisas surgem do conflito de dois movimentos, as qualidades das coisas são produzidas em nossos sentidos. Protágoras formula assim a sua teoria do conhecimento. E assim é que vamos ver de que maneira o Homem se faz a medida de todas as coisas. Os sentidos humanos são tocados por movimentos que partem dos objetos exteriores, mas reagem a esses movimentos. Com isso se produz no órgão sensorial uma percepção da coisa, ou imagem da percepção, e ao mesmo tempo, nas coisas se produz a **propriedade** correspondente a essa coisa. Disso resulta que a percepção é pessoal, cada homem percebe as coisas a seu modo, e não como elas são realmente.

Estamos assim em pleno terreno kantiano. O conhecimento é um processo puramente relativo e periférico. Não atinge a essência das coisas. Não vai além do **fenômeno**.

O **númeno** de Kant é nos interdito. Julian Marias lembra uma referência de Sexto Empírico, em **Adversus Mathematicus**, a esta possível definição de Protágoras: **a verdade é uma relação.**

Wilhelm Dilthey analisa o relativismo protagórico no sentido da objetividade, para mostrar que ele não nega a realidade objetiva. “A doçura, diz ele, se suprimirmos o sujeito que a prova, já não é nada; só existe em relação com a sensação; porém, a sua teoria da percepção mostra logo que não desaparece, com a sensação do doce, do objeto mesmo.” Este sempre existe no exterior, afetando os sentidos humanos.

A teoria protagoreana do conhecimento conduz a uma situação de impasse, semelhante à do criticismo kantiano. Kant encerrou o homem nas muralhas da aparência sensível, permitindo-lhe, contudo, a compreensão do sensível, por meio das categorias da razão; Protágoras parece transformar o homem em um ponto isolado, em um ser incomunicável dentro do Universo em contínuo **vir-a-ser**.

A realidade aparece a cada indivíduo de uma forma própria, como que especial, e por isso **incomunicável**. Herculano Pires afirma que vemos, assim, em que consiste o ceticismo relativista de Protágoras. “Não sabemos se o que conhecemos realmente é; não sabemos como os outros conhecem o que conhecemos; não podemos comunicar o que conhecemos pela forma especial com que a conhecemos. Tudo muito incerto e relativo; mas tudo existente em sua inerente importância, na medida da apreensão individual, no âmbito da natureza”. (Excertos de “Os Filósofos”, J. Herculano Pires).

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

**CAPÍTULO IV - ESPÍRITO E MATÉRIA
PRIMEIRA PARTE - FILOSOFIA GERAL
(continuação)**

Bradley, Royce e Bergson – pág. 118

Há três respostas principais à questão da relação entre o espírito e o mundo material. Uma, a do Idealismo, que afirma ser o espírito, de certo modo, o criador daquilo que aparece como matéria. O método, pelo qual ele cria a matéria, pode ser julgado diferentemente por vários idealistas, mas, em todos os casos, é o espírito a coisa real, sendo a matéria criação do espírito, dele dependente para sua própria existência. Os mais recentes idealistas, *F. H. Bradley*, *Josiah Royce*, *Henri Bergson* e outros, desenvolvem de um modo ou outro essa tese.

Comte, James, Dewey e Santayana

Outra maneira de encarar a questão é-nos apresentada pelo Realismo. Nele, sustenta-se que o espírito e o mundo material são verdadeiramente materiais. Os realistas afirmam que o espírito constitui outra forma do mundo material, talvez mais aprimorada, porém, na realidade, material. Representantes recentes do Realismo são os positivistas – *Augusto Comte* – e os pragmatistas – *William James* e *John Dewey*.

Embora diverjam em muitos aspectos, concordam em ser o espírito uma espécie de conduta. Temos, por exemplo, ações de tal natureza que parecem destituídas de espírito. Outras têm natureza diferente, e a elas podemos referir-nos como guiadas pelo espírito ou tendo dele características. Assim, para esses filósofos, o espírito não é uma *coisa* e sim uma espécie de conduta.

Dada a importância moderna às Ciências Naturais e o fato de muitos filósofos deixarem de dar uma interpretação espiritual ao mundo, a teoria idealista ficou à margem. O ponto de vista materialista pareceu mais lógico, no mundo das Ciências Naturais. *Ber-*

trand Russel apresenta-se mais à vontade, nesse mundo moderno, do que *Jorge Santayana*. John Dewey exprimiu os pensamentos do homem da oficina e da rua, do homem de *bom senso*, de modo mais completo que Fichte ou Hegel.

Mas, com o advento do mundo de hoje, no qual os homens contestam seriamente as premissas materialistas, há indicação de que se vislumbra no horizonte nova forma de idealismo. O materialismo não parece explicar completamente os valores, as experiências, os ideais e as aspirações. Há uma crescente sensação entre os filósofos de hoje, de que o próximo grande passo da Filosofia será para um novo idealismo.

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

023) O PÃO DA VIDA ETERNA. – pág. 55

Era hora tardia e caminhava célere pela estrada aquela pobre mulher maltrapilha e descalça.

Seus pés sangravam ao contato com a rudeza das pedras do caminho. Seus cabelos eram levados pela força do vento que a açoitavam. Mas caminhava célere e com tanta determinação que não se via em seu olhar, hora nenhuma, sinal de cansaço, fraqueza ou dor.

Não sentia o vento forte e a borrasca já não tardava, mas ela, firme como uma rocha, caminhava sem perda de tempo. O que a movia, o que a impulsionava? Era o dever para o qual se prontificou e pelo qual lutava contra todas as intempéries, porque dela se podia esperar um pouco ou muito para alguém que a não conhecia, mas aqueles que a esperavam estavam famintos. Não levava, porém, nenhum cesto ou comida, ou um saco de roupas, pois ela mesma não os tinha sequer para si mesma. Mas levava, com tanta ansiedade e com tanta ansiedade os outros a esperavam: sedentos, famintos... Ela levava amor, levava paz, levava a palavra de Jesus para aqueles corações que a esperavam sempre às mesmas horas! Porque para eles era o alimento, era a água que lhes matava a sede.

Era ela, simplesmente, a caridade, o amor e a esperança!

Irmãos, vamos ao encontro dela. Ajudemo-la a distribuir alegria, ajudemo-la a distribuir o pão da vida eterna, ajudemo-la a fazer conhecer Jesus.

Boa noite!

(Espírito: Dolores. Médium: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 05/02/2000).

*

024) DOLORES FICA EM SILÊNCIO!

Não falamos hoje, meus irmãos, pois tínhamos que ficar em silêncio para dar chance à outra entidade que quer se manifestar e se sente presa. Necessita muito de falar, está com muita aflição para nos dizer alguma coisa, mas se sente insegura quando escrevemos. Vamos aguardar...

Dolores. 22/02/2000.

*

082) VONTADE E LAPIDAÇÃO DO ESPÍRITO!

Graças à Deus irmãos! Aqui estamos novamente a fim de cumprimentar a todos pela dedicação, esforço e vontade de deixar seus lares, para virem até aqui ao nosso trabalho.

Continuem assim, com essa vontade e tudo se realizará da melhor maneira na vida de todos, pois Jesus os recompensará pelo que fizerem aos irmãos, em caridade e amor.

Nosso passado nos reúne *aqui e agora*, para saldarmos nossas dívidas.

Meus irmãos sintam-se à vontade para falar, ver com olhos espirituais, escrever; todos têm talento divino para a faculdade mediúnica necessária.

Precisamos de todos para o nosso trabalho, que é grande. Vamos exercitar o amor que existe em nossos corações, para o alívio das dores e sofrimentos alheios.

É esse o nosso dever, já que, muitas vezes no passado, fizemos o contrário.

Todos têm conhecimento suficiente para entender e aplicar as lições aqui ministradas, e, não se esqueçam, *a quem mais é dado, mais será pedido.*

Amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou! Só assim, estaremos lapidando nosso espírito para o futuro.

Que as bênçãos de Jesus estejam com todos e todas as famílias.

O nosso trabalho é sério, mas SORRIA! O nosso sorriso traz alegria a todos que nos veem.

Que assim seja, sempre!

Joaquim (Espírito) Psicografia do médium João Francisco Liceu A.K.2 – 17/09/2003

*

111) PODEM AJUDAR...!

Podem ajudar, continuando as explicações que vêm dando nessas aulas; podem ajudar, continuando as orações que vêm fazendo por intenção dos sofredores; podem ajudar, demonstrando amor para os infelizes; podem ajudar, orando por nós.

Eu sofro..., preciso de vossas orações.

(Espírito sofredor. Médium: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 22/06/2005).

*

113) VEJA A ROSA!

Veja a rosa, veja a rosa, veja a rosa!

Olhe quanto você vai aprender dela. Veja a rosa: tão bela, de vida curta, mas onde nasce deixa seu perfume. Nasce na ponta da haste por sobre todos os espinhos e se sobrepõe a eles!

Os espinhos são como as dores, os espinhos causam machucaduras, os espinhos ferem a carne..., mas acima deles está a rosa, a beleza da rosa.

Veja a rosa, veja a rosa, veja a rosa! Reflita ao observar uma rosa e aprenda!

(Espírito: uma amiga. Médium: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 13/07/05).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO – 4 – 07/12/2014

LIVRO: “SEXO E VERDADE” – JORGE RIZZINI (MÉDIUM)

pág. 10 do site

“O SEXO NO MUNDO”

Certa noite proclamou
Um dos líderes do Umbral:
“Propaguemos pelo mundo,
Nosso fogo sexual!
Que ele queime mais que a
guerra!

Deixe em cinzas a Inglaterra!

O sexo nos dará a Terra!

Avante, ó forças do Mal!”

E um exército espantoso
De Espíritos sensuais,
Invadiu todo o planeta,
Desde o campo às capitais!
E com grandes lutas cruas,
Dominou as praças, ruas!
E hoje andam quase nuas...
Até mães angelicais!

E o sexo, assim instigado,
Fez-se do planeta o rei!
Todo ser é um vassalo,
Que se rende à sua lei!
E o Homem preso à loucura,

frei!
 No Brasil ou em Singapura,
 Hoje ri da compostura,
 Mesmo um padre ou mesmo um

E os Espíritos trevosos
 Estenderam sua ação:
 “Prendamos, agora, os cérebros,
 Afeitos à erudição!
 O sexo é filosofia,
 Quer à noite ou à luz do dia!
 Não importa que alguém ria,
 - Marcusse, escreva a lição!”

Contaminou-se a Cultura...
 Basta olhar a livraria!

Eis na vitrine romances,
 Dois não são pornografia...
 Em cada livro – heroína,
 Parenta de Messalina,
 Obras vindas lá da China,
 Da Itália, França ou da Hungria!

Acompanha-me, leitor,
 Ao teatro ou ao cinema...
 Olha estes grandes cartazes,
 Cenas do erótico tema...
 E ninguém fica perplexo!
 Até a Arte grita: “Sexo!”
 Fora dele não há nexos...
 Eis do mundo o novo esquema!
 (ESPÍRITO: CASTRO ALVES)

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA.

*

10ª AULA – 09/JUNHO/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 205

I – INTRODUÇÃO – pág. 205

Livro: Dinheiro. (Emmanuel) - 9 - ESTUDANDO A FELICIDADE

Observa o que desejas e o que fazes, a fim de que ajuízes, com segurança, sobre a felicidade que procuras.

* * *

Certifiquemo-nos de que a alegria possui igualmente diversos níveis e de que nos compete, acima de tudo, cultivar a devoção aos valores amplos e substanciais que possam sobreviver conosco na Vida Maior.

* * *

No mundo, a felicidade varia com a posição das criaturas e se buscamos o Cristo por nosso mestre é indispensável saibamos conquistar o nosso estímulo de viver no clima do Sumo Bem.

* * *

Há pessoas que se contentam com o exclusivo reconforto de comer, dormir e procriar, guardando assim tão somente a felicidade que os seres mais simples cultuam nas linhas inferiores da natureza.

* * *

Vemos espíritos atilados no cálculo que apenas se comprazem, amontoando ouro ou utilidades, com desvantagem para os semelhantes, estabelecendo, desse modo, para si mesmos a felicidade dos loucos.

* * *

Anotamos companheiros da Humanidade que somente se rejubilam com a exibição de títulos suntuários, na ordem social ou econômica, cristalizando-se na vaidade ou no orgulho que lhes facilitam a espetacular descida para a morte, forjando, dessa maneira, em prejuízo deles próprios, a felicidade dos tolos.

* * *

Identificamos irmãos que apenas se honram na crueldade, sorrindo com o alheio infortúnio e alardeando compaixão que não sentem, construindo para si mesmos a felicidade dos que se instalam no purgatório da própria consciência.

* * *

A felicidade cristã, no entanto, é diferente. Nasce da alegria que venhamos a semear para os outros, desenvolve-se no bem infatigável, frondeja no espírito de serviço, floresce na esperança e frutifica no sacrifício daquele que se oferece para a materialização da felicidade geral.

* * *

Não te demores no prazer que hoje te suscita gargalhadas para cerrar-se amanhã em amargosa penitência.

* * *

Procuremos a felicidade de Jesus, que ainda não está completamente neste mundo, para que este mundo se levante para a felicidade perfeita.

* * *

Para isso, não desdenhes a tua cruz, porque somente através do desempenho de nossas obrigações na prática do bem é que encontraremos a nossa verdadeira vitória.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA – pág. 210

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XIII/13 - Cáritas
Martirizada em Roma, Lyon, 1861

13. Chamo-me Caridade, sou o caminho principal que conduz a Deus; segui-me, porque eu sou a meta a que vós todos deveis visar.

Fiz nesta manhã o meu passeio habitual, e com o coração magoado venho a dizer-vos: Oh, meus amigos, quantas misérias, quantas lágrimas, e quanto tendes de fazer para secá-las todas! Inutilmente tentei consolar as pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! Há corações bondosos que velam por vós, que não vos abandonarão; paciência! Deus existe, e vós sois as suas amadas, as suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para mim os seus grandes olhos assustados. Eu lia em seus pobres semblantes que o corpo, esse tirano do Espírito, tinha fome, e que, se as minhas palavras lhes tranquilizavam um pouco o coração, não lhes saciavam o estômago. Então eu repetia: Coragem! Coragem! E uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e ergueu-a ao espaço vazio, como para me rogar que protegesse aquele pobre pequeno ser, que só encontrava num seio estéril alimento insuficiente.

Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e logo sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da necessidade, e envergonhados de sua miséria, não se atrevendo, eles que jamais mendigaram, a implorar a piedade dos passantes. Coração empolgado de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles, e vou para toda parte estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Eis porque venho até vós, meus amigos, e vos digo: lá em baixo há infelizes cuja cesta está sem pão, a lareira sem fogo o leito sem cobertas. Não vos digo o que deveis fazer; deixo a iniciativa aos vossos bons corações; pois se eu vos ditasse a linha de conduta, não teríeis o mérito de vossas boas ações. Eu vos digo somente: sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos sofredores.

Mas, se peço, também dou, e muito; eu vos convido para um grande festim, e ofereço a árvore em que vós todos podereis saciar-vos. Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, tomai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. Em lugar dos ramos que lhe arrancardes, porei todas as boas ações que fizerdes e levarei a árvore a Deus, para que Ele a carregue de novo, porque a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, afim de que eu vos possa contar entre os que se alistam sob a minha bandeira. Sede intrépidos: eu vos conduzirei pela via da salvação, porque eu sou a Caridade!

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA – Pág. 213

O Livro dos Espíritos – Questões 629 a 633. O Bem e o Mal

III – O BEM E O MAL

629. Que definição se pode dar à moral?

– A moral é a regra da boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus.

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

– O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.

631. O homem tem meios para distinguir por si mesmo o bem e o mal?

– Sim, quando ele crê em Deus e quando o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para discernir um e outro.

632. O homem, que é sujeito a errar, não pode enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que faz o bem quando em realidade está fazendo o mal?

– Jesus vos disse: vede o que quereríeis que vos fizessem ou não: tudo se resume nisso. Assim não vos enganareis.

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de **reciprocidade** ou de **solidariedade**, não pode ser aplicada à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Encontra ele, na lei natural, a regra desta conduta e um guia seguro?

– Quando comeis demais, isso vos faz mal. Pois bem: é Deus que vos dá a medida do que vos falta. Quando a ultrapassais, saís punidos. O mesmo se dá com tudo o mais. A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em todas as coisas, essa voz que diz: **Chega!** Evitaria a maior parte dos males de que acusa a Natureza.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA – Pág. 214

O Livro dos Médiuns – Questão 28. Par. 4º. Espíritos Exaltados

4º) Há, por fim, os *espíritos exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se preferisse sempre o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele produz uma confiança cega e frequentemente pueril nas manifestações do mundo invisível, fazendo aceitar muito facilmente e sem controle aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível, pois o entusiasmo não esclarece, ofusca. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos capazes de convencer, porque se desconfia com razão do seu julgamento. São enganados facilmente por Espíritos mistificadores ou por pessoas que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles tivessem de sofrer as conseqüências o mal seria menor, mas o pior é que oferecem, embora sem querer, motivos aos incrédulos que mais procuram zombar do que se convencer e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso não é justo nem racional, sem dúvida, mas os adversários do Espiritismo, como se sabe, só reconhecem como boa a sua razão e pouco se importam de conhecer a fundo aquilo de que falam.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação – pág. 219

J. Herculano Pires - V - Passe de auxílio mediúnico.

Nas sessões de manifestações de Espíritos para doutrinação, o passe é empregado como auxiliar dos médiuns ainda em desenvolvimento, incapazes de controlar as manifestações de entidades rebeldes. A técnica espírita não é de violência, como nas práticas superadas do exorcismo, mas de esclarecimento e persuasão. A ajuda fluídica ao médium envolvido se faz apenas através da imposição das mãos, sem tocar o médium.

Certas pessoas aflitas ou mal iniciadas no assunto procuram segurar o médium, agarrá-lo com força e sujeitá-lo. Isso serve apenas para provocar a reação da entidade, provocando tumulto na reunião. O médium se descontrola ainda mais e a entidade se aproveita disso para tumultuar a sessão. Chama-se o médium pelo nome, pede-se a ele que reaja e adverte-se a entidade para acalmar-se, sem o que se prejudicará, a si mesma.

Não se deve esquecer que a força do passe é espiritual e não a força física. Os Espíritos auxiliares estão ao redor e retiram a entidade rebelde. O médium novato e o que dá o passe de auxílio, precisam estar instruídos sobre a possibilidade dessas ocorrências e sobre o comportamento certo a adotar.

Essas observações devem ser sempre repetidas nas sessões dessa natureza para que o passe de auxílio não se converta em motivo de tumulto. Esse é um aspecto do problema do passe que muitos têm dificuldade de compreender, por falta de uma compreensão exata da natureza puramente espiritual do passe.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – Pág. 220
O Livro dos Médiuns: Questão 224. Papel do Médium nas
Comunicações

224. O Espírito comunicante compreende todas as línguas, sem dúvida, pois as línguas são formas de expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento. Mas, para transmitir esse pensamento, necessita do instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação do Espírito, só pode transmiti-la através dos órgãos corporais. Ora, esses órgãos não podem ter, para a transmissão de uma língua desconhecida, a flexibilidade que possuem para a língua familiar.

Um médium que só saiba falar o francês poderá acidentalmente dar uma resposta em inglês, se o Espírito o quiser. Mas os Espíritos, que acham a linguagem humana já por si muito lenta, em relação à rapidez do pensamento, — pois procuram abreviá-la o quanto podem, — impacientam-se com a resistência mecânica da transmissão e por isso nem sempre o fazem. Essa também a razão porque um médium novato, que escreve penosa e lentamente na sua própria língua, em geral só obtém respostas breves, sem o necessário desenvolvimento.

Por isso também os Espíritos recomendam que só perguntas simples sejam feitas por seu intermédio. Para as perguntas de maior alcance é necessário um médium desenvolvido, que não oferece nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito.

Não escolheríamos para ler um texto um aluno que apenas soletra. Um bom operário não gosta de servir-se de maus instrumentos. Acrescentemos outra consideração de grande importância no tocante às línguas estrangeiras. Os ensaios nesse sentido são sempre feitos por curiosidade com o objetivo de experimentação. Ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isso. Afastam-se quando se pretende entrar nesse caminho. Tanto gostam dos assuntos sérios e úteis, quanto lhes repugna ocupar-se de futilidades e simples curiosidade. Os incrédulos dirão que sendo para convencê-los trata-se de coisa séria, pois poderá resultar na conquista de adeptos para a causa dos Espíritos. A isso respondem os Espíritos: "Nossa causa não precisa dos que são bastante orgulhosos para se julgarem indispensáveis. Chamamos para nós aqueles que queremos, e que são sempre os mais humildes e pequenos. Jesus fez acaso os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quereis convencer-vos, tendes outros meios que não as exigências. Começai por sujeitar-vos aos fatos: não é normal que o aluno imponha sua vontade ao mestre". (Os incrédulos pensam sempre em termos de proselitismo, de acordo com os hábitos da vida terrena. Os Espíritos, entretanto, não se interessam pelo número de adeptos e sim pela qualidade moral destes. Se o incrédulo não tem condições de maturidade moral, só aceitando a realidade dos fatos segundo os seus caprichos pessoais, por mais inteligente, culto ou importante que seja, de nada valerá a sua adesão para os Espíritos, pois em nada poderá auxiliá-los no levantamento moral da Humanidade. Esta é uma das questões mais difíceis de se compreender, no tocante às relações com o mundo invisível. O que vale muito para o homem apegado ao mundo

terreno, para os Espíritos nada vale, e vice-versa. Essa diversidade de valores impede a compreensão do problema. (N. do T.)

Disso resulta que, salvo algumas poucas exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos de que dispõe, e a expressão desse pensamento pode e deve, o mais frequentemente, ressentir-se da imperfeição desses meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os mais elevados pensamentos, os mais filosóficos, falando como camponês, pois, como se sabe, para os Espíritos o pensamento está acima de tudo.

Isto responde às objeções de certos críticos quanto às incorreções de linguagem e de ortografia que se podem atribuir aos Espíritos, e que tanto podem ser deles quanto dos médiuns. É uma futilidade apegar-se a essas coisas. E não é menos pueril querer reproduzir essas incorreções com minuciosa exatidão, como vimos fazerem algumas vezes. Podemos corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam características do Espírito, caso em que será útil conservá-las como prova de identidade. Assim, por exemplo, vimos um Espírito escrever constantemente Jule (sem o s) referindo-se ao neto, porque, quando vivo, escrevia assim, embora o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome. (Este problema de correção da escrita mediúnica provocou explicações de Kardec na Revista Espírita, onde se pode encontrar o assunto mais desenvolvido. A correção permitida se refere apenas à forma: ortografia, questões de concordância ou sintaxe, pontuação e assim por diante. No tocante ao pensamento nada pode ser alterado sem que o próprio Espírito comunicante ou um Espírito provavelmente superior o autorize, o que só acontece excepcionalmente. (N. do T.)

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)**

Vide site www.josefleuri.com.br

OS SOFISTAS - pág. 99 do site



OS SOFISTAS

2 - PROTÁGORAS (480 – 410 a.C.) Livro: Noções da História da Filosofia. Manoel P. São Marcos.

Protágoras escreveu um livro herético, sob o título “Sobre os Deuses”, em que punha em dúvida a existência dessas divindades, embora alegando de maneira sensata as suas razões. Quanto aos deuses, dizia, não posso ter a certeza de que existem, nem a de que não existem, nem posso saber que aspecto devem ter, pois há muitos motivos que me impedem de ter um conhecimento seguro a esse respeito, e entre eles a obscuridade do tema e a brevidade da vida humana.

Protágoras apoiava-se numa posição cético-relativista, que levou alguns estudiosos modernos a considerá-lo como “o pai do Relativismo”, precursor do “Crítico e até do Positivismo”. Não raro é visto como “o pai da ilustração grega”, marcando na história do pensamento, com antecedência de dois milênios, o século europeu das luzes. Depois disso não se compreende a reversa que ainda hoje se faz a Protágoras, a semiobscuridade em que permanece a sua figura extraordinária. Windelband, que não apreciava os sofistas, declara que não devemos nos esquecer da “seriedade científica” com que Protágoras expôs a sua teoria do conhecimento.

De fato, partindo da doutrina de Heráclito, o filósofo do eterno fluir das coisas, Protágoras procurava mostrar a impossibilidade do conhecimento **verídico** e estável, ao mesmo tempo que acentuava o caráter relativista do conhecimento. Daí a sua frase exponencial que todos os historiadores repetem, ao se referirem ao problema do conhecimento: **O homem é a medida de todas as coisas**, do ser das que são, e do não-ser das que não são.

O problema sartreano do Ser e do Nada já está aí implícito, antecipando o Existencialismo, embora em um sentido diverso. Porque, para Protágoras, o Ser não é o “em-si” estático de Sartre, mas o “para-si”, dinâmico, relativista da ação, em que o ser, não sendo é ao mesmo tempo. Aliás, o que mais aproxima Protágoras de Sartre é exatamente essa posição antinômica, contraditória. Windelband acentua muito bem essa antinomia nestas palavras, sem, entretanto, qualquer referência a Sartre: “Protágoras partia da teoria heraclitiana, porém, mais ainda do que Heráclito, acentuava a situação correlativa, em virtude da qual toda a coisa singular, mais do que existir, transforma-se a todo o instante por suas relações com as demais”. Em Sartre, vemos o “Ser em si” negar-se a si mesmo para aparecer na ação e entrar em relação com os outros. Em Protágoras, vemos o Ser negado de antemão, desprovido de qualquer existência como entidade absoluta, para somente aparecer no processo das relações, como produto por assim dizer eventual e relativo, que tão pronto aparece como desaparece, nas transformações sucessivas e infundáveis das coisas, - conhecimento incerto transitório.

No pensamento de Protágoras, tudo é movimento. As coisas são produtos do movimento. Mas este movimento processa-se dentro de uma lei **dialética** que antecipa Hegel. É necessário o conflito de dois movimentos correlativos e de direção contrária, um chamado **ativo** e o outro **passivo**, para que as coisas surjam. O mundo heraclitiano adquire assim uma estrutura e um vigor extraordinário, apresentando-nos a Natureza como uma **perpétua ebulição criadora**. O vitalismo bergsoniano não estaria presente em forma virtual, nessa concepção do mundo? O perpétuo fluir de Heráclito, transformado no correlativismo de Protágoras, não traria em si a idéia da força criadora, a gerar as coisas e suas qualidades? São perguntas possíveis, diante do pouco que sabemos, e principalmente do muito que nos falta, a respeito do pensamento do grande sofista.

Mas da mesma forma pela qual as coisas surgem do conflito de dois movimentos, as qualidades das coisas são produzidas em nossos sentidos. Protágoras formula assim a sua teoria do conhecimento. E assim é que vamos ver de que maneira o Homem se faz a medida de todas as coisas. Os sentidos humanos são tocados por movimentos que partem dos objetos exteriores, mas reagem a esses movimentos. Com isso se produz no órgão sensorial uma percepção da coisa, ou imagem da percepção, e ao mesmo tempo, nas coisas se produz a **propriedade** correspondente a essa coisa. Disso resulta que a percepção é pessoal, cada homem percebe as coisas a seu modo, e não como elas são realmente.

Estamos assim em pleno terreno kantiano. O conhecimento é um processo puramente relativo e periférico. Não atinge a essência das coisas. Não vai além do **fenômeno**. O **númeno** de Kant é nos interdito. Julian Marias lembra uma referência de Sexto Empírico, em **Adversus Mathematicus**, a esta possível definição de Protágoras: **a verdade é uma relação**.

Wilhelm Dilthey analisa o relativismo protagórico no sentido da objetividade, para mostrar que ele não nega a realidade objetiva. “A doçura, diz ele, se suprimirmos o sujeito que a prova, já não é nada; só existe em relação com a sensação; porém, a sua teoria da percepção mostra logo que não desaparece, com a

sensação do doce, do objeto mesmo. ” Este sempre existe no exterior, afetando os sentidos humanos.

A teoria protagoreana do conhecimento conduz a uma situação de impasse, semelhante à do criticismo kantiano. Kant encerrou o homem nas muralhas da aparência sensível, permitindo-lhe, contudo, a compreensão do sensível, por meio das categorias da razão; Protágoras parece transformar o homem em um ponto isolado, em um ser incomunicável dentro do Universo em contínuo **vir-a-ser**.

A realidade aparece a cada indivíduo de uma forma própria, como que especial, e por isso **incomunicável**. Herculano Pires afirma que vemos, assim, em que consiste o ceticismo relativista de Protágoras. “Não sabemos se o que conhecemos realmente é; não sabemos como os outros conhecem o que conhecemos; não podemos comunicar o que conhecemos pela forma especial com que a conhecemos. Tudo muito incerto e relativo; mas tudo existente em sua inerente importância, na medida da apreensão individual, no âmbito da natureza”. (Excertos de “Os Filósofos”, J. Herculano Pires).

*

FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Vide site www.josefleuri.com.br

CAPÍTULO IV - *ESPÍRITO E MATÉRIA* – Pág. 120

SEGUNDA PARTE - *FILOSOFIA ESPÍRITA* - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

I – CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS

17. Pode o homem conhecer o princípio das coisas?

– Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, aqui na Terra.

18. O homem penetrará um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

– O véu se ergue na medida em que ele se depura; mas, para a compreensão de certas coisas, necessita de faculdades que ainda não possui.

19. O homem não poderá, pelas investigações da Ciência, penetrar alguns dos segredos da Natureza?

– A Ciência lhe foi dada para o seu adiantamento em todos os sentidos, mas ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.

Quanto mais é permitido ao homem penetrar nesses mistérios, maior deve ser a sua admiração pelo poder e a sabedoria do Criador. Mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o torna frequentemente joguete da ilusão. Ele acumula sistemas sobre sistemas, e cada dia que passa mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades repeliu como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Pode o homem receber, fora das investigações da Ciência, comunicações de uma ordem mais elevada sobre aquilo que escapa ao testemunho dos sentidos?

– Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar-lhe aquilo que a Ciência não consegue apreender.

É através dessas comunicações que o homem recebe, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu destino futuro.

II – ESPÍRITO E MATÉRIA

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele num certo momento?

– Só Deus o sabe. Há, entretanto, uma coisa que a vossa razão deve indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, jamais esteve inativo. Qualquer que seja

a distância a que possais imaginar o início da sua ação, podereis compreendê-lo um segundo na ociosidade?

22. Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os sentidos e é impenetrável. Essa definição é exata?

– Do vosso ponto de vista, sim, porque só falais daquilo que percebeis. Mas a matéria existe em estados que não conheceis. Ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não produza nenhuma impressão nos vossos sentidos; entretanto, será sempre matéria, embora não o seja para vós.

22-a. Que definição podeis dar da matéria?

– A matéria é o liame que escraviza o espírito; é o instrumento que ele usa, e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação.

De acordo com isto, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário, com a ajuda do qual e sobre o qual o espírito atua.

23. Que é o espírito?

– O princípio inteligente do Universo.

23-a. Qual é a sua natureza íntima?

– Não é fácil analisar o espírito na vossa linguagem. Para vós, ele não é nada, porque não é coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Ficai sabendo: nenhuma coisa é o nada e o nada não existe.

24. Espírito é sinônimo de inteligência?

– A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas um e outro se confundem num princípio comum, de maneira que, para vós, são uma e a mesma coisa.

25. O espírito é independente da matéria ou não é mais do que uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som uma propriedade do ar?

– São distintos, mas é necessária a união do espírito e da matéria para dar inteligência a esta.

25-a. Esta união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Por espírito, entendemos aqui o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades designadas por esse nome).

– É necessária para vós, porque não estais organizados para perceber o espírito sem a matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso.

26. Pode-se conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

– Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento.

27. Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo; a matéria e o espírito?

– Sim, e acima de ambos Deus, o Criador, o pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material é necessário ajuntar o fluido universal, que exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, demasiado grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, se pudesse considerá-lo como elemento material, ele se distingue por propriedades especiais. Se fosse simplesmente matéria, não haveria razão para que o espírito não o fosse também. Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria; susceptível, em suas inúmeras combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conheceis mais do que uma ínfima parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elemento, sendo o agente de que o espírito se serve, é o princípio sem o qual a matéria permaneceria em perpétuo estado de dispersão e não adquiriria jamais as propriedades que a gravidade lhe dá.

27-a. Seria esse fluido o que designamos por eletricidade?

- Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético são modificações do fluido universal, que é, propriamente falando, uma matéria mais perfeita, mais sutil, que se pode considerar como independente.

28. Sendo o espírito, em si mesmo, alguma coisa, não seria mais exato, e menos sujeito a confusões, designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente?

– As palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular a vossa linguagem, de maneira a vos entenderdes. Vossas disputas provêm, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras. Porque a vossa linguagem é incompleta para as coisas que não vos tocam os sentidos.

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham ou não uma fonte comum e os pontos de contato necessários; que a inteligência tenha existência própria, ou que seja uma propriedade, um efeito; que seja, mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, – é o que ignoramos. Elas nos aparecem distintas, e é por isso que as consideramos formando dois princípios constituintes do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que delas se distingue por atributos essenciais: é a esta inteligência suprema que chamamos Deus.

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

Pág. 58 do site

028) COMPREENSÃO GRADATIVA DA DOCTRINA ESPÍRITA!

Boa noite irmãos!

Que Deus esteja hoje e sempre conosco. Como é maravilhosa essa Doutrina. Ela nos traz alívio, esperança no futuro em que tudo haverá de ser melhor para nós.

Se ainda estamos sofrendo, se ainda vacilamos, se ainda tropeçamos é porque ainda é cedo para nós; porque ainda não entendemos na íntegra seus ensinamentos. Ela é Luz e a Divindade se expressando. Só não conseguimos entendê-la em sua plenitude porque ainda somos crianças, engatinhando para o ensinamento; mas, este, está brotando em nós, porque se hoje viemos aqui pelo sofrimento, se fomos trazidos aqui arrastados pela dor, pelo desespero, procurando uma saída, mais tarde viremos pela razão, pela compreensão e, aí então, estaremos realmente aplicando seus ensinamentos, que não é outra coisa senão: sermos todos úteis uns aos outros, todos mais compreensivos, mais humanos, pois, afinal, somos todos irmãos e necessitamos todos uns dos outros.

Estamos engatinhando para o caminho da Luz, para o caminho do Progresso; pode ser talvez, bem lento, mas será muito reforçado de entendimento, pois somos racionais e precisamos raciocinar que Ela só trouxe mensagens boas, mensagens de paz, de caridade e nós temos que caminhar para isso, pois não temos outra saída.

Começamos a amadurecer aos poucos e vamos chegar lá! Pois chega, irmãos, de tanto sofrimento, de tanta agonia, de tanto desamor; já começamos a galgar o caminho. Ela nos dará força, oremos, sempre. Busquemos na oração a alavanca que usaremos para abrir as arestas que faltam ainda para chegarmos a ser

mais compreensivos. Oremos, irmãos, tenhamos Fé. O Pai é pai de todos nós e está nos esperando com os braços abertos, pois Ele ama a todos os seus filhos.

(*Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 28/03/2000*).

*

083) TRANSFORMAÇÃO PARA O BEM! – Pág. 89 do site

Nossos maus pensamentos formam, acompanhados de desejos inconfessáveis, uma nuvem escura em torno de nós mesmos; a nossa aura se torna acinzentada e, aí, só falta a ação que é o próximo degrau do tombo inevitável.

Tudo isso, juntando com os pensamentos de outros irmãos da mesma espécie, gênero e grau retornam a nós e transforma-nos em potência de negatividade com a qual construímos o nosso mundo. Assim, damos guarida a reclamações de toda espécie, falamos mal dos governantes, dos colegas de trabalho, do cliente, do patrão, enfim, enxergamos o cisco no olho do alheio e não vemos em nós próprios os defeitos vultosos.

Devemos, portanto, manter nossa consciência pura, zelando por nossos pensamentos e conseguindo discernir, assim, a natureza das pessoas e dos pensamentos que chegam até nós, evitando possíveis males.

Sempre voltados aos estudos, estaremos aumentando nossos conhecimentos e tornando-nos mais capazes de analisar as circunstâncias que nos envolvem, auxiliando a todos e a tudo que nos rodeiam e não seremos coniventes com o mal; só assim teremos um mundo melhor, sem fome, misérias e mazelas de qualquer natureza.

A Natureza é maravilhosa, o mundo nos fornece milhões de oportunidades para a prática do bem e, ainda, para a correção de nossos erros, que, se efetivados, permite nossa elevação para Deus.

Não nos envergonhemos de nossos erros, mas tenhamos determinação para não repeti-los para que sejamos, efetivamente, instrumentos do bem comum.

Orai e vigiai, irmãos, daí deriva o bem; e a felicidade do mundo depende disso; em contrapartida, a maledicência, o orgulho, vaidade, egoísmo, sarcasmo têm-nos conduzido à situação do momento. Transformemo-nos para melhor e transformaremos o mundo.

Começemos em nossos lares essa transformação, extirpando o mal pela raiz.

Que as bênçãos maravilhosas de Deus, através de nosso irmão maior Jesus e de todos os trabalhadores da Seara Divina, estejam com todos e todos os familiares, para o fortalecimento da fé e da coragem ajudando-nos a construir um mundo melhor!

Espírito Joaquim. Mensagem psicografada pelo médium João Francisco Bueno em 13/10/2003

*

119) OBSERVE SUA CONSCIÊNCIA. ELA DIZ O QUE FAZER! – Pág. 106 do site

A situação está difícil, mas tenha fé e paciência que eu estou do teu lado. Persista, vá em frente, firme, que eu estou do teu lado. Não se deixe abater. Estamos na Terra para resgatar nossas dívidas; portanto não devemos desanimar nem nos deixar abater com as dificuldades que nos contrariam.

Paciência e fé, persistência... Eu estou do teu lado. Observe sua consciência, ela diz o que fazer. Você sabe o que é certo e o que é errado. Você faz a escolha. Não desanime, eu estou do teu lado. Tenha fé e confiança.

(Espírito: sem assinatura. Médiun: Nena. L. Allan Kardec. – Buri. 07/09/2005).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

**CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO LIVRO:
“VIDA E SEXO” – (EMMANUEL – ESPÍRITO)**

4. AMBIENTE DOMÉSTICO – Pág. 11 do site

“Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas os a quem odiara, quicá o ódio lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Do item 11, no Cap. V, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Na comunhão de dois seres para a organização da família, prevalece o compromisso de assistência não só de um para com o outro, mas também para com os filhos que procedem do laço afetivo.

Não possuímos ainda na Terra institutos destinados à preparação da paternidade e da maternidade responsáveis. A evolução e o aprimoramento das ciências psicológicas de hoje, porém, garantir-nos-ão no futuro semelhante evento.

Identifiquemos no lar a escola viva da alma. O Espírito, quando retorna ao Plano Físico, vê nos pais as primeiras imagens de Deus e da Vida.

Na tépida estrutura do ninho doméstico, germinam-lhe no ser os primeiros pensamentos e as primeiras esperanças. Não lhe será, contudo, tão fácil seguir adiante com os ideais da meninice, de vez que, habitualmente, a equipe familiar se aglutina segundo os desastres sentimentais das existências passadas, debitando-se-lhe aos componentes os distúrbios da afeição possessiva, a se traduzirem por ternura descontrolada e ódio manifesto ou simpatia e aversão simultâneas.

Pais imaturos, do ponto de vista espiritual, comumente se infantilizam, no tempo exato do trabalho mais grave que lhes compete, no setor educativo, e, ao invés de guiarem os pequeninos com segurança para o êxito em seu novo desenvolvimento no estágio da reencarnação, embaraçam-lhes os problemas, ora tratando as crianças como se fossem adultos ou tratando os filhos adultos como se fossem crianças.

Estabelecido o desequilíbrio, irrompem os conflitos de ciúme e rebeldia, narcisismo e crueldade, que asfixiam as plantas da compreensão e da alegria na gleba caseira, transformando-a em espinheiral magnético de vibrações contraditórias, no qual os enigmas emocionais, trazidos do pretérito, adquirem feição quase insolúvel.

Decorre daí a importância dos conhecimentos alusivos à reencarnação, nas bases da família, com pleno exercício da lei do amor nos recessos do lar, para que o lar não se converta, de bendita escola que é, em pouso neurótico, albergando moléstias mentais dificilmente reversíveis.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

11ª AULA – 16/JUNHO/2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 224 do site

I – INTRODUÇÃO – pág. 224

Livro: Rumo Certo (Emmanuel)

DECISÃO E VONTADE

Incerteza parece coisa de pouca monta, mas é assunto de importância fundamental no caminho de cada um.

* * *

As criaturas entram na instabilidade moral, habitam-se a ela, e passam ao domínio das forças negativas sem perceber.

Dizem-se confiantes pela manhã e acabam indecisas à noite.

Frequentemente rogam em prece: - Senhor! Eis-me diante de tua vontade! ... Mostra-me o que devo fazer! ...

E quando o Senhor lhes revela, através das circunstâncias, o quadro de serviço a expressar-se, conforme as necessidades a que se ajustam, exclamam em desconsolo: - Quem sou eu para realizar semelhante tarefa? Não tenho forças. Ai de mim que sou inútil!...

Sabem que é preciso servir para se renovarem, mas paradoxalmente esperam renovar-se sem servir.

Dispõem de verbo fácil e muitas vezes se proclamam inabilitadas para falar auxiliando a alguém nas construções do Espírito.

Possuem dedos ágeis, quais filtros inteligentes engastados nas mãos; entretanto, costumam asseverar-se inseguras na execução das boas obras.

Ouvem preleções edificantes ou mergulham-se na assimilação de livros nobres, prometendo heroísmo para o dia seguinte, mas, passada a emoção, voltam à estaca zero, à maneira de viajante que desiste de avançar nos primeiros passos de qualquer jornada.

Louvam na rua o equilíbrio e a serenidade e, às vezes, dentro de casa, disputam campeonatos de irritação.

O dever jaz à frente, a oportunidade de elevação surge brilhando, os recursos enfileiram-se para o êxito e realizações chamam urgentes, mas preferem a fuga da obrigação sob o pretexto de que é preciso cautela para evitar o mal, quando o bem francamente lhes bate à porta.

Trabalho, ação, aprendizado, melhoria!...

Não te ponhas à espera deles sob a imaginária incapacidade de procurá-los, à vista de imperfeições e defeitos que te marcaram ontem.

Realização pede apoio da fé.

Mãos à obra.

Tudo o que serve para corrigir, elevar, educar e construir, nasce primeiramente no esforço da vontade unida à decisão.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA –

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap.XXVI, item 10

Mediunidade Gratuita – pág. 229

10. A mediunidade é uma coisa sagrada, que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há uma espécie de mediunidade que requer esta condição de maneira ainda mais absoluta, é a mediunidade curadora. O médico oferece o resul-

tado dos seus estudos feitos ao peso de sacrifícios geralmente penosos; o magnetizador, e seu próprio fluido, e frequentemente a sua própria saúde: eles podem estipular um preço para isso. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos, e não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os Apóstolos, embora pobres, não cobravam as curas que operavam.

Que aquele, pois, que não tem do que viver, procure outros recursos que não os da mediunidade; e que não lhe consagre, se necessário, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, enquanto se afastarão dos que pretendem fazer da mediunidade um meio de subir na vida.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA –

Livro: O Livro dos Espíritos. - Questão 715

IV – NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO – pág. 231

715. Como pode o homem conhecer o limite do necessário?

– O sensato o conhece por intuição e muitos o conhecem à custa de suas próprias experiências.

716. A Natureza não traçou o limite do necessário em nossa própria organização?

– Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades na sua organização, mas os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades artificiais.

717. Que pensar dos que açambarcam os bens da terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo dos que não têm sequer o necessário?

– Desconhecem a lei de Deus e terão de responder pelas privações que ocasionaram.

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que não existem no estado de selvageria, e os Espíritos que ditaram esses preceitos não querem que o homem civilizado viva coma selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão colocar cada coisa em seu lugar. A civilização desenvolve o senso moral e ao mesmo tempo o sentimento de caridade que leva os homens a se apoiarem mutuamente.

Os que vivem à custa das privações alheias exploram os benefícios da civilização em proveito próprio; não têm de civilizados mais do que o verniz, como há pessoas que não possuem da religião mais do que a aparência.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA –

Livro: O Livro dos Médiuns.

Método. Espíritos incrédulos por decepção. – pág. 233

25. Não podemos esquecer uma categoria que chamaremos de *incrédulos por decepção*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, por terem sofrido desilusões. Assim, desencorajados, abandonaram tudo e tudo rejeitaram. São como aquele que negasse a boa-fé por ter sido enganado. São ainda a consequência de um estudo incompleto do Espiritismo e da falta de experiência.

Aquele que é mistificado por Espíritos, geralmente é porque lhes fez perguntas indevidas ou que eles não podiam responder, ou porque não estavam bastante esclarecidos para distinguir a verdade da impostura. Muitos, aliás, só veem o Espiritismo como uma nova forma de adivinhação e pensam que os Espíritos existem para ler a *buena-dicha*. Ora, os Espíritos levianos e brincalhões não perdem a

oportunidade de se divertirem à sua custa: é assim que anunciarão casamentos para as moças; honrarias, heranças e tesouros ocultos para os ambiciosos, e assim por diante. Disso resultam, frequentemente, desagradáveis decepções, de que o homem sério e prudente sabe sempre se preservar.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

J. Herculano Pires

Preparação para o passe. Transfusão fluídica. – pág. 237

É muito comum chegarem pessoas ao Centro, ou mesmo dirigindo-se à casa de um médium, pedindo passe com urgência. O passe não pode ser dado a qualquer momento e de qualquer maneira. Deve ser sempre precedido de preparação do passista e do ambiente bem como do paciente.

O médium precisa de preparação para bem se dispor ao ato mediúnic do passe. Atender a esses casos imediatamente é dar prova de ignorância das leis do passe. Tudo depende de sintonias que precisam ser estabelecidas. Sintonia do médium com o seu estado íntimo; sintonia do passista com o Espírito que vai atendê-lo; sintonia das pessoas presentes com o ambiente que se deve formar no recinto.

Tudo isso se consegue através da prece e do interesse de todos pela ajuda ao necessitado. Dar um passe sem essas medidas preparatórias é uma imprudência e um desrespeito aos Espíritos que podem estar empenhados em outros afazeres naquele momento.

A falsa idéia de que basta estendermos as mãos sobre uma pessoa para socorrê-la é uma pretensão que tem suas raízes nas práticas mágicas. O passe não é um ato de magia, mas uma ação consciente de súplica às entidades espirituais superiores que nos amparam.

A existência e a ação dessas entidades não são uma suposição, mas uma realidade provada cientificamente e hoje necessariamente integrada nas leis naturais, pois não decorre de visões místicas, mas de fatos, de fenômenos objetivos cujas leis já foram descobertas.

Os fenômenos paranormais não são de natureza mágica nem pertencem ao mito, mas ao real verificável por métodos adequados de pesquisa e até mesmo por meios tecnológicos.

VII - Transfusão fluídica.

O passe é uma transfusão de plasma extrafísico (para usarmos essa expressão de Rhine) certamente composto de partículas livres de antimatéria. Nas famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, em que os cientistas soviéticos (materialistas) descobriram o corpo-bioplásmico do homem, verificou-se por meios tecnológicos recentes que a força-psíquica de Willian Crookes é uma realidade vital na nossa própria estrutura psicofísica.

O ectoplasma de Charles Richet, agindo nessas experiências como um plasma radiante, confirmou a teoria espírita (de Kardec) da ação de fluidos semi-materiais nos fenômenos de telecinesia (movimento e levitação de objetos à distância).

A suposta incompatibilidade de matéria e antimatéria já havia sido afastada pela produção em laboratório de um antiátomo de Hélio, comprovando-se a realidade dos espaços interpenetrados. De todas essas conquistas resultou necessariamente a comprovação da existência dos fluidos vitais invisíveis do organismo humano e de todos os organismos vivos, fotografados pelas Câmeras Kirlian.

O oficialismo ideológico soviético fez calar os cientistas, em defesa do materialismo de Estado, mas a descoberta foi registrada e divulgada por pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall, nos Estados Unidos.

Essa epopeia científica e tecnológica da Universidade de Kirov, combatida também pelo espiritualismo igrejeiro, deu-nos a chave do mistério das mãos humanas e do passe. Raul de Montandon já havia obtido na França, por meios mais modestos, fotos de corpos bio-plásmicos de animais inferiores, e Gustavo Geley comprovava, em Paris, o fluxo de ectoplasma em torno das sessões mediúnicas.

As mãos humanas funcionam, no passe espírita como antenas que captam e transmitem as energias do plasma vital de antimatéria.

Hoje conhecemos, portanto, toda a dinâmica do passe espírita como transmissão de fluidos no processo aparentemente simplíssimo e eficaz do passe. Não há milagre nem sobrenatural na eficácia do passe, modestamente aplicado e divulgado por Jesus há dois mil anos. Essas as razões que nos levam a exigir, na atualidade, o respeito que o passe merece.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS –

Livro: O Livro dos Médiuns - CAPÍTULO XX - INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM - DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL – pág. 238

226. 1. O desenvolvimento da mediunidade se processa na razão do desenvolvimento moral do médium?

— Não. A faculdade propriamente dita é orgânica, e, portanto, independente da moral. Mas já não acontece o mesmo com o seu uso, que pode ser bom ou mau, segundo as qualidades do médium.

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor divino. Porque, então, não é um privilégio dos homens de bem? E por que há criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mau sentido?

—Todas as nossas faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, pois há criaturas que não as possuem. Podias perguntar por que Deus concede boa visão a malfeitores, destreza aos laráprios, eloquência aos que só a utilizam para o mal. Acontece o mesmo com a mediunidade. Criaturas indignas a possuem porque dela necessitam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa os meios de salvação dos culpados? Ele os multiplica nos seus passos, coloca-os nas suas próprias mãos. Cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus lhe permitiu esse dom para que mais odiosa lhe parecesse a traição.

3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as conseqüências disso?

—Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.

4. Há médiuns que recebem comunicações espontâneas, quase frequentemente, sobre um mesmo assunto, tratando de certas questões morais, por exemplo, relativas a determinados defeitos. Terá isso algum fim?

— Sim, e a finalidade é esclarecê-los a respeito do assunto constantemente repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. É por isso que a uns os Espíritos falam sempre do orgulho, a outros da caridade, pois somente a insistência poderá por fim

abrir-lhes os olhos. Não há médium empregando mal a sua faculdade, seja por ambição ou interesse, ou prejudicando-a por um defeito essencial, como o egoísmo, o orgulho, a leviandade que não receba de tempos em tempos alguma advertência dos Espíritos. O mal é que na maioria das vezes ele não a toma para si mesmo.

OBSERVAÇÃO. Os Espíritos dão as suas lições quase sempre com reserva, de maneira indireta, para deixarem maior mérito aos que as aproveitam. Mas são tais a cegueira e o orgulho de certas pessoas, que elas não se reconhecem nas lições recebidas. E ainda mais: se o Espírito lhes faz entender que se referem a elas, zangam-se e chamam o Espírito de mentiroso ou de atrevido. Basta isso para mostrar que o Espírito tem razão.

5. Ao receber lições de sentido geral, sem aplicação pessoal, o médium não age como instrumento passivo ao serviço da instrução dos outros?

— Quase sempre esses avisos e conselhos não são dirigidos a ele, mas a outras pessoas que só podemos atingir através da sua mediunidade. Mas ele também, se não estiver cego pelo amor próprio, deve tomar a sua parte. Não penses que a faculdade mediúnica seja apenas para a correção de uma ou duas pessoas. Não. O objetivo é maior: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento que, como indivíduo, importa muito pouco. Por isso, quando damos instruções de interesse geral, utilizamos os que nos oferecem as facilidades necessárias. Mas podes estar certo de que chegará o tempo em que bons médiuns serão muito comuns, para que os Espíritos bons não precisem mais servir-se de maus instrumentos.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES – pág. 120 do site - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

Sócrates não representa uma contrarrevolução na Filosofia, como parece à primeira vista, mas um desenvolvimento necessário da revolução sofística. Os revolucionários muitas vezes se extraviam na ação, e as revoluções acabam na estagnação que haviam combatido, ou na dispersão espiritual de suas forças. Por outro lado, as revoluções não começam, nunca, na plena compreensão de seus objetivos. Estes vão se delineando aos poucos, na proporção da marcha, e não raro vão ser melhor percebidos por espíritos libertos da ortodoxia revolucionária. Foi o que aconteceu com os sofistas, cujo movimento degenerou, por falta mesmo de mais perfeita visão inicial, na esterilidade da simples tagarelice.

A figura de Sócrates aparece no momento oportuno. Tendo desejado, na juventude, tornar-se fisiólogo, foi certamente despertado pelos sofistas para a compreensão de que existiam coisas mais urgentes a tratar. Sua atividade se desenvolveu, como diz Robin, “no mesmo meio social, respondendo às mesmas necessidades intelectuais e morais” que os sofistas enfrentavam. Chegou mesmo a ser confundido com eles, como vemos em *As Nuvens*, de Aristófanes. E como, por outro lado, já vimos ao tratar de Protágoras, em muitos pontos Sócrates se apresenta mais

como um êmulo (rival) do que um adversário do pai da Sofística. De qualquer maneira, a verdade incontestável é que ambos pertenceram ao mesmo movimento do iluminismo grego.

Um esclarecimento de Windelband nos ajudará a situar melhor a figura e a atividade de Sócrates na História da Filosofia. Já vimos que Pitágoras nos apresenta a Filosofia como “o amor da sabedoria”, e que os sofistas a transformam em exibição da sabedoria. Windelband, evocando *O Banquete*, de Platão, e a definição socrática do amor, que ali aparece, como intermediário entre sabedoria e ignorância, conclui: “Nesta passagem, a expressão *filosofia* adquire sua acepção apropriada, de afã de saber”. Esta evolução semântica nos mostra com bastante clareza a posição de Sócrates: um renovador, no melhor sentido do termo.

Ao contrário de Protágoras, que viera da Trácia, Sócrates era filho da Ática. Seu pai era o escultor Sofronisco, e ele mesmo foi também escultor, seguindo a carreira paterna, conforme os costumes antigos. Sua mãe era a parteira Fenareta, e veremos que, noutro sentido, Sócrates seguiu também o ofício da mãe. Mostrou-se, assim, inteiramente fiel às tradições da família. E talvez seja esta uma indicação valiosa da orientação do seu espírito, que apesar de inovador, guardou sempre a fidelidade ao passado. Veremos, mais tarde, que não se tratava de fidelidade vulgar, que consiste em repetição, mas de uma fidelidade em sentido mais profundo, levando-o a transferir as heranças para um plano superior.

Nascido em Alopece, cerca de 469 a.C., viveu até 399, quando o condenaram a tomar cicuta, nesse episódio tão conhecido, até mesmo das pessoas pouco afeitas aos problemas filosóficos. Viveu, portanto, setenta anos. Aparentemente, era um homem comum, despreocupado, da classe média, de posses moderadas, que lhe permitiam discutir à vontade com seus concidadãos, em largos ócios, sobre os principais temas da época. Platão no-lo descreve de dois ângulos: o exterior e o interior. No primeiro, temos esse tipo de burguês tranquilo, que se completa por um rosto de traços rudes, sob ampla calva, de nariz grosso e queixo voluntarioso, olhos arregalados. No segundo, temos o espírito ardente e estranho que salta dessa aparência vulgar, à menor aproximação. Esse espírito é que atrai os atenienses e converte o bom Sócrates popular no maior filósofo grego, e esse espírito é que o arrastará à morte, como aconteceu com o seu antecessor Protágoras.

Mas, por falarmos no sofista, lembremos que ele fugiu da condenação, enquanto Sócrates recusou-se a fazê-lo. Ambos morreram: um na fuga, por naufrágio do navio, e o outro no cárcere, com extraordinária serenidade, zombando dos juízes que o condenavam. Ambos estavam bem velhos, e haviam ensinado durante muitos anos. Qual seria o motivo dessa atitude contraditória em face da morte? Parece-nos que pelo menos em parte podemos supô-lo: a mesma contradição em face da vida. Sim, pois Protágoras não acreditava nos deuses, e Sócrates se considerava a serviço dos deuses. Para o primeiro, a morte era o mergulho no desconhecido; para o segundo, era a partida para uma vida melhor. Protágoras foi coerente, tentando salvar o bem que possuía, concretamente, no mundo; e Sócrates não o foi menos, recusando-se a perder, por uma fuga à condenação legal, o bem maior que possuiria, logo mais, além do mundo.

A posição espiritualista de Sócrates equivale também a um desenvolvimento do ceticismo sofístico. Examinemos rapidamente os termos do problema. Os fisiólogos partiram de uma tradição religiosa e modelaram suas escolas, como vimos em Pitágoras, pelo sistema órfico das confrarias. Tales sustentava o princípio mítico, segundo o qual o mundo se originara da água, o mesmo princípio que encontramos no Gênese judaico, sobre o qual modelamos a nossa tradição religiosa. A tradição

filosófica herdara, pois, o mito religioso do passado, e contra essa herança se levantaram os sofistas, a começar de Protágoras. Este, porém, não negava a existência dos deuses, limitando-se a pô-la em dúvida. Sócrates retoma a dúvida protagórica, voltando-a contra os mitos, mas admitindo a existência dos deuses em sentido espiritual.

É evidente a linha evolutiva do pensamento iluminista grego. Duvidando dos deuses, Protágoras duvidava também dos homens e dos seus conhecimentos, inclusive dos conhecimentos matemáticos. Foi a atitude que Descartes também assumiu, de maneira intencional, quando muito mais tarde sentiu a necessidade de voltar-se contra a tradição escolástica. A dúvida de Descartes, por sua própria natureza de atitude consciente, foi superada pelo filósofo. Mas a de Protágoras, antes impulsiva do que consciente, permaneceu ao longo de toda a existência do sofista. Sócrates representa, nesse processo histórico, a fase do *cogito* em câmara lenta, através da História. Descartes atinge a síntese num ápice, sozinho, porque atrás dele já se estendia o longo caminho do pensamento percorrido pelos gregos, pelos romanos e por toda a Idade Média.

Essa posição, aparentemente antinômica, mas no fundo complementar, de Protágoras e Sócrates, estende-se, a partir da crença nos deuses, a todos os demais problemas sofísticos. Não tendo uma base sólida para a sua concepção do mundo e da vida, Protágoras duvidava de tudo e não buscava a verdade com o devido interesse, pois nem mesmo aceitava a possibilidade de atingi-la. Apoiando-se na certeza da vida espiritual e da existência dos deuses, Sócrates acreditava nos valores humanos e na eficácia de uma busca sincera da verdade. Posições opostas, mas ao mesmo tempo complementares, desde que as vejamos no processo do desenvolvimento histórico. E mais curioso se torna esse desenvolvimento, quando passamos do plano do pensamento puro, da razão, em seu funcionamento lógico, para o plano do Psiquismo, em suas inter-relações de pensamento-afetividade-vontade. Encontramos então, em Protágoras, o analista frio, racional, que se serve da inteligência como instrumento para medir o mundo, o *homo mensura*. Mas em Sócrates encontramos o *homo sapiens*, num sentido quase bergsoniano, usando a intuição para captar a realidade em sua fluidez não-espacial.

Foi por isso, certamente, que a Pitonisa do Oráculo de Delfos, consultada sobre Sócrates, respondeu, em nome de Apolo, que ele era o mais sábio dos homens. Desde que soube disso, o filósofo se considerou, informa Robin, “como estando a serviço de Apolo, investido por ele de uma missão, que era a de procurar a razão dessa resposta”. Julgando-se destituído de sabedoria, Sócrates procura analisar os outros, os que se dizem sábios. E por fim descobre que a supremacia do seu saber está apenas no fato de que *ele sabe que nada sabe*, enquanto os outros julgam saber o que não sabem.

E é neste momento que Sócrates se volta contra os sofistas, que tudo sabem. O ceticismo de Protágoras encontra em Sócrates o seu verdadeiro sentido. E podemos dizer que a Sofística formula em Sócrates a sua autocrítica.

LOUCURA E CATALEPSIA – (próxima aula)

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

III – PROPRIEDADES DA MATERIA – pág. 122 do site

29. A ponderabilidade é atributo essencial da matéria?

– Da matéria como a entendeis, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vós, mas nem por isso deixa de ser o princípio da vossa matéria ponderável.

A ponderabilidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, da mesma maneira que não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?

– De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.

31. De onde provêm as diferentes propriedades da matéria?

– Das modificações que as moléculas elementares sofrem, ao se unirem, e em determinadas circunstâncias.

32. De acordo com isso, o sabor, o odor, as cores, as qualidades venenosas ou salutareas dos corpos não seriam mais do que modificações de uma única e mesma substância primitiva?

– Sim, sem dúvida, e só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las.

Esse princípio é demonstrado pelo fato de nem todos perceberem as qualidades dos corpos da mesma maneira: enquanto um acha uma coisa agradável ao gosto, outro a acha má; uns veem azul o que outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar.

33. A mesma matéria elementar é susceptível de passar por todas as modificações e adquirir todas as propriedades?

– Sim, e é isso que deveis entender, quando dizemos que tudo está em tudo. (Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores, que consiste em se dar, pela vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, as mais diversas propriedades: um gosto determinado, e mesmo as qualidades ativas de outras substâncias. Só havendo um elemento primitivo, e as modificações dos diferentes corpos sendo apenas modificações desse elemento, resulta que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Uma modificação análoga pode produzir-se pela ação magnética, dirigida pela vontade.

Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, torna-se corrosiva, se duplicarmos a proporção do oxigênio.)

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, e todos os corpos que consideramos simples, não são mais do que modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade, em que nos encontramos ainda, de remontar de outra maneira, que não pelo pensamento, a essa matéria, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem maiores conseqüências, considerá-los assim até nova ordem.

33-a. Essa teoria não parece dar razão à opinião dos que não admitem, para a matéria, mais do que dois elementos essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as outras propriedades não são senão efeitos secundários, que variam segundo a intensidade da força e da direção do movimento?

– Essa opinião é exata. Falta acrescentar que, também, segundo a disposição das moléculas. Como se vê, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.

34. As moléculas têm uma forma determinada?

– Sem dúvida que as moléculas têm uma forma, mas não a podeis apreciar.

34-a. Essa forma é constante ou variável?

– Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são aglomerações das primeiras. Isso que chamais molécula está ainda longe da molécula elementar.

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS
I – ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS – (próxima aula)

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

030) ENQUANTO DORMIMOS EM AGRADÁVEIS LENÇÓIS, O MUNDO, LÁ FORA, ESTÁ EM MISÉRIAS E GUERRAS! – pág. 59 do site

Irmãos: estou chegando de lugares horríveis. Nem queiram nunca ver o que vi. Passei por situações terríveis, por lugares horrendos e fétidos, como vocês nunca imaginariam existir. Vi tanta miséria, tanta gente morrendo! Tanta gente se matando. Vi quadros horríveis, quadros negros pincelados de vermelho de sangue de tantos inocentes. Vi quadros horríveis, horripilantes. Vi gente se matando e gente matando gente. Vi a Ciência progredindo, vertiginosamente, levando toda a humanidade para um grande abismo. Vi a Ciência crescendo, crescendo, enquanto o povo, por outro lado, morria de fome. Então que Ciência é essa que só fabrica armas, foguetes e não faz comida.

Vi gente morrendo, enquanto outros na opulência gritavam desvairados, felizes, tresloucados só por causa de um pouco mais de dinheiro, luxúria, vaidade, sexo. Vi os homens fedendo, apinhados uns aos outros no fundo de uma cela nauseabunda. Vi crianças descalças, maltrapilhas e famintas gritando por socorro.

Tudo isso eu vi na minha peregrinação! E o que fazemos nós, lastimando da sorte, como se a nossa dor fosse a única, como se o nosso sofrimento fosse o maior do mundo! Quão mesquinhos somos em nos comportando dessa maneira!

Enquanto dormimos em agradáveis lençóis, protegidos no santuário de nosso lar, acomodados como somos, o mundo lá fora está em guerra, e o foguete que se arremessou nos céus será o mesmo que explodirá toda a humanidade! Um bando de chacais acabando com seu próprio irmão.

Enquanto dormimos sossegados, lá fora o mundo grita por socorro. É isso só o que fazemos: dormir! Pois, enquanto dormimos, o crime ronda à nossa porta, a miséria se alastra, o homicídio se engrandece.

Enquanto dormimos acomodados, nos achando sempre vítima, o mundo aí está por se acabar em nada, pois há tanta maldade! Tanta hipocrisia, que dificilmente se poderia aproveitar algo do que hoje chamamos Ser Humano! Precisamos acordar irmãos, acordar e orar, vigiar, orar e vigiar sempre, porque enquanto dormimos a humanidade, que ainda nada conhece, se acaba por si mesma, eivada pela ambição, pelo desprezo ao seu próximo, pela vaidade, pelo orgulho e pela inércia. Oremos meus irmãos pela paz no mundo. Oremos por todos esses seres que acabei de descrever. Jesus já foi imolado na cruz de seu calvário, agora estão querendo crucificar o Seu Evangelho. Não deixemos que isso aconteça. Só nos resta, então, a oração, a oração, a oração! Oremos, que um dia tudo poderá ainda ser melhor. Oremos para que os povos se sintam realmente como irmãos, filhos do mesmo Pai e não um amontoado de cabeças pensando em apenas ludibriar, pisar, massacrar. Oremos por eles irmãos! Porque de oração é que todos estamos precisando!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 02/05/2000).

*

084) FLUIDO PURIFICADOR E FORÇA DE VONTADE! – pág. 90 do site

Oh Mestre Jesus, fazei-nos dignos, para que neste momento de amor e paz, possamos auxiliar nossos irmãos necessitados que nos procuram!

Que as bênçãos do Senhor estejam com todos e que seus corpos recebam os fluidos purificadores para que se sintam felizes e fortes a fim de enfrentar as provas do dia a dia e dar testemunho do aprendizado teórico.

Amado Mestre! Fazei de nós, simples plantinhas, árvores fortes, de sombra vasta e frutos nobres; porque de ti receberemos a força necessária.

Obrigado, Senhor! Por mais esta reunião que nos auxilia alcançar a vitória final, que é a Vossa companhia, para sempre, na luz do Pai Celestial.

Que assim seja!

Espírito Joaquim. Mensagem psicografada pelo médium João Francisco Bueno, em 12/11/03, Liceu Allan Kardec 2.

*

176) BENEVOLÊNCIA!

Benevolência, benevolência, não sejam preguiçosos... Sejam benevolentes já. Não esperem possíveis momentos apropriados. Sejam benevolentes vinte e quatro horas por dia. Sejam benevolentes sempre, a todo instante.

Que seus pensamentos sejam dirigidos para o bem de todos os irmãos. Sejam benevolentes desde o raiar do dia ao cair da noite. Sejam benevolentes.

Benevolência, irmãos. Benevolência: esse é o primeiro passo para começar a caridade, para você começar a ser melhor. Benevolência, não se esqueça!

Amoleçam vossos corações. Seus corações estão duros; por isso não estão conseguindo ser benevolentes. Insistam, resistam à dureza de seus corações. Sejam benevolentes. A benevolência é necessária para a sua salvação.

(Espírito: sem assinatura. Médium: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 03/11/06).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO - “VIDA E SEXO” – (EMMANUEL – ESPÍRITO)

5. ENERGIA SEXUAL – pág. 11 do site

“Pergunta – É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos? Resposta - Sim, a lei de atração é a mesma para todos.” Item nº 60, de "O livro dos Espíritos".

A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, à face das potencialidades criativas de que se reveste.

Nos seres primitivos, situados nos primeiros degraus da emoção e do raciocínio, e, ainda, em todas as criaturas que se demoram voluntariamente no nível dos brutos, a descarga de semelhante energia se opera inconsideradamente. Isso, porém, lhes custa resultados angustiosos a lhes lastrearem longo tempo de fixação em existências menos felizes, nas quais a vida, muito a pouco e pouco, ensina a cada um que ninguém abusa de alguém sem carrear prejuízo a si mesmo.

À medida que a individualidade evolui, no entanto, passa a compreender que a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas,

asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta.

Através da poligamia, o espírito assinala a si próprio longa marcha em existências e mais existências sucessivas de reparação e aprendizagem, em cujo transcurso adquire a necessária disciplina do seu mundo emotivo.

Fatigado de experimentos dolorosos, nos quais recolhe o fruto amargo da delinquência ou do desespero que haja estabelecido nos outros, reconhece na monogamia o caminho certo de suas manifestações afetivas. Atento a isso, identifica na criatura que se lhe afina com os propósitos e aspirações o parceiro ou a parceira ideais para a comunhão sexual, suscetível de lhe granjear o preciso equilíbrio e capaz de lhe revitalizar as forças com que se põe no encalço do trabalho imprescindível à própria evolução.

Em nenhum caso, ser-nos-á lícito subestimar a importância da energia sexual que, na essência, verte da Criação Divina para a constituição e sustentação de todas as criaturas. Com ela e por ela é que todas as civilizações da Terra se levantaram, legando ao homem preciosa herança na viagem para a sublimação definitiva, entendendo-se, porém, que criatura alguma, no plano da razão, se utilizará dela, nas relações com outra criatura, sem conseqüências felizes ou infelizes, construtivas ou destrutivas, conforme a orientação que se lhe der.

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA.

*

13ª AULA – 23 DE JUNHO DE 2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 240 do site**I – INTRODUÇÃO – pág. 240 - Livro: Pérolas do Além - CIÚME**

Por excesso de preocupações, muitos cônjuges descem às cavernas do desespero, defrontados pelos insaciáveis monstros do ciúme que lhes aniquilam a felicidade. - *Livro Pão Nosso*

*

O ciúme, propriamente considerado nas suas expressões de escândalo e de violência, é um indício de atraso moral ou de estacionamento no egoísmo, dolorosa situação que o homem somente vencerá a golpes de muito esforço, na oração e na vigilância, de modo a enriquecer o seu íntimo com luz do amor universal, começando pela piedade para com todos os que sofrem e erram, guardando também a disposição sadia para cooperar na elevação de cada um.

Só a compreensão da vida, colocando-nos na situação de quem errou ou de quem sofre, a fim de iluminarmos o raciocínio para a análise serena dos acontecimentos, poderá aniquilar o ciúme no coração de modo a cerrar-se a porta ao perigo, pela qual toda alma pode atirar-se a terríveis tentações, com largos reflexos nos dias do futuro.

Livro O Consolador

O ciúme é o amor que se dilacera.

João de Brito - Livro Falando à Terra

O ciúme parece um lobo famulento, estendendo aflição e desconfiança.

Aulus - Livro Instruções Psicofônicas

CÓLERA

Um simples raio de cólera costuma perturbar ou destruir longas e pacientes sementeiras de amor.

Mariano José Pereira da Fonseca - Livro Falando à Terra

*

A cólera não aproveita a ninguém, não passa de perigoso curto-circuito de nossas forças mentais, por defeito na instalação de nosso mundo emotivo, arremessando raios destruidores, ao redor de nossos passos...

Livro Entre a Terra e o Céu

*

A criatura enfurecida é um dínamo em descontrole, cujo contato pode gerar as mais estranhas perturbações.

Livro Entre a Terra e o Céu

*

A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos nos órgãos menos habilitados à resistência.

- É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior.

Livro Pensamento e Vida

O Punhal da nossa ira alcança-nos a própria saúde, impondo-nos o vírus da enfermidade.

Livro: Estrelas no Chão - MORTE E REPOUSO

(Página aos irmãos que, às vezes, desejam a desencarnação para repousar)

CORNÉLIO PIRES

- “Quero morrer, meu Deus, e ver se alcanço
Estar no Espaço, ao lado de meu guia!...”
Tanto rogou Cocota de Lilia
Que morreu numa queda atrás de um ganso.

Mas não achou a paz que ela queria,
Nem o Céu, nem a rede de balanço...
Acompanhava o guia sem descanso,
Trabalhando e servindo, noite e dia.

Afadigada em tanto movimento,
Reclamava chorando: “Não aguento...”
E renasceu na roça em Vila Bela...

Hoje é feliz, no Sítio da Moenda,
Destoca terra e serve na fazenda,
Carregando comida na gamela.

Chico Xavier - Livro – Estrelas no Chão

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA – pág. 244

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XVIII, item 9.

Os que dizem: Senhor! Senhor!

9. Todos os que confessam a missão de Jesus, dizem: Senhor, Senhor! Mas de que vale chamá-lo Mestre ou Senhor, quando não se seguem os seus preceitos? São cristãos esses que o honram através de atos exteriores de devoção, e ao mesmo tempo O sacrificam no altar do egoísmo, do orgulho, da cupidez e de todas as paixões? São seus discípulos esses que passam os dias a rezar, e não se tornam melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com os seus semelhantes? Não, porque, à semelhança dos Fariseus, têm a prece nos lábios e não no coração. Servindo-se apenas das formas, podem impor-se aos homens, mas não a Deus. É em vão que dirão a Jesus: "Senhor, nós profetizamos, ou seja, ensinamos em vosso nome; expulsamos os demônios em vosso nome; comemos e bebemos convosco!" Ele lhes responderá: "Não sei quem sois. Retirai-vos de mim, vós que cometeis iniquidade, que desmentis as vossas palavras pelas ações, que caluniais o próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério! Retirai-vos de mim, vós, cujo coração destila ódio e fel, vós que derramais o sangue de vossos irmãos em meu nome, que fazeis correrem as lágrimas em vez secá-las! Para vós, haverá choro e ranger de dentes, pois o Reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade de vossas palavras e de vossas genuflexões. A única via que está aberta, para alcançardes a graça em sua presença, é a da prática sincera da do amor e da caridade."

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. Não são somente a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade do homem entre as coisas da vida terrena. Eis porque todas as instituições humanas, políticas sociais e religiosas, que se apoiarem nas suas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a pedra. Os homens as conservarão, por-

que nelas encontrarão a sua felicidade. Mas aquelas que se apoiarem na sua violação, serão como a casa construída sobre areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as levarão de roldão.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos. – pág. 246 - Questões 888 e 888ª. – A Esmola.

888. Que pensar da esmola?

– O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça deve-se prover à vida do fraco sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade.

888-a. Então condenais a esmola?

– Não, pois não é a esmola que é censurável, mas quase sempre a maneira por que ela é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que ele lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; tanto está no ato quanto na maneira de fazê-la. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; se o for com altivez, a necessidade pode fazê-lo aceito mas o coração mal será tocado.

Lembrai-vos ainda de que a ostentação apaga aos olhos de Deus o mérito do benefício. Jesus disse: “Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita”, Com isso ele vos ensina a não manchar a caridade pelo orgulho.

É necessário distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede; o temor da humilhação retém o verdadeiro pobre, que quase sempre sofre sem se queixar. É a esse que o homem verdadeiramente humano sabe assistir sem ostentação.

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não olvideis jamais que o Espírito, qualquer que seja o seu grau de adiantamento, sua situação como reencarnado ou na erraticidade, está **sempre** colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa e um inferior perante o qual tem deveres iguais a cumprir.

Sede, portanto, caridosos, não somente dessa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que friamente atirais ao que ousa pedir-vos, mas ide ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes para com os erros dos vossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede afáveis e benevolentes para com todos os que vos são inferiores; sede-o mesmo para com os mais ínfimos seres da Criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

São Vicente de Paulo.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA – pág. 248

O Livro dos Médiuns - Questão 227 – Influência moral dos médiuns.

227. Se o médium, quanto à execução, é apenas um instrumento, no tocante à moral exerce grande influência. Porque o Espírito comunicante identifica-se com o Espírito do médium, e para essa identificação é necessário haver simpatia entre eles, e se assim pode-se dizer, afinidade. (Kardec estabelece aqui uma diferença entre a simples simpatia e a afinidade, porque a simpatia é às vezes um grau inferior da afinidade, sendo entretanto suficiente para atrair os Espíritos como entre nós atraí as pessoas. (N. do T.)

A alma exerce sobre o Espírito comunicante uma espécie de atração ou de repulsão, segundo o grau de semelhança ou dessemelhança entre eles. Ora, os bons

têm afinidade com os bons e maus com os maus, de onde se segue que as qualidades morais do médium têm influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

Se o médium é de baixa moral, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos a que ele apelou. As qualidades que atraem de preferência os Espíritos bons são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se apega à matéria.

*

Livro: Revista Espírita. Dezembro de 1858. – pág. 251

Dissertações de além-túmulo - O sono (Espírito não identificado)

Pobres homens que poucos conheceis os fenômenos mais comuns que fazem vossa vida!

Credeis ser bem sábios, credeis possuir uma vasta erudição, e a esta pergunta de todas as crianças: Que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos? Permaneceis interditados.

Não tenho a pretensão de vos fazer compreender o que vou vos explicar, porque há coisas às quais vosso Espírito não pode ainda se submeter, não admitindo senão o que compreende.

O sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando se dorme, se está, momentaneamente, no estado em que se acha de um modo fixo depois da morte. Os Espíritos que são logo desligados da matéria em sua morte, tiveram sonhos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres superiores a eles: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontram prontas quando morrem. Isso deve nos ensinar, uma vez mais, a não temermos a morte, porque morreis todos os dias, segundo a palavra de um santo.

É assim para os Espíritos elevados; mas para a massa dos homens que na morte devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza da qual vos falaram, aqueles vão, seja em mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições o chamam, seja procurar prazeres talvez ainda mais baixos que aqueles que têm aqui; vão haurir doutrinas mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que aquelas que professam em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra não é outra coisa senão esse fato, que se sente ao despertar, de se aproximar pelo coração daqueles com quem viemos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que explica essas antipatias invencíveis, é que se sabe, no fundo de seu coração, que aquelas pessoas têm uma outra consciência que a nossa porque são conhecidas sem tê-las jamais visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença, uma vez que não se deseja fazer novos amigos, quando se sabe que existem outros que vos amam e que vos querem. Em uma palavra, o sono influi mais que pensais em vossa vida.

Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, se encarnarem entre vós. Deus quis que, durante seu contato com o vício, eles possam ir se retemperarem nas fontes do bem, para eles mesmos não falirem, eles que vêm instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abre até os amigos do céu; é a recreação depois do trabalho, na espera da grande libertação, a liberação final que deverá devolvê-los ao seu verdadeiro meio.

O sonho é a lembrança daquilo que vosso Espírito viu durante o sono, mas notai que não sonhais sempre, porque não vos lembrais sempre do que vistes, ou de tudo o que vistes.

Vossa alma não está em todo desenvolvimento; não é, frequentemente, senão a lembrança de uma perturbação que acompanha vossa partida ou vossa reentrada, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupou no estado de vigília; sem isso, como explicaríeis esses sonhos absurdos que têm os mais sábios como os mais simples? Os maus Espíritos se servem também dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

De resto, vereis em pouco se desenvolver uma nova espécie de sonho; ela é tão antiga quanto a que conheceis, mas a ignorais. O sonho de Joana, o sonho de Jacó o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos; aquele sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a lembrança dessa segunda vida, da qual vos falei ainda há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonho dos quais vos lembrais, sem isso cairíeis nas contradições e nos erros, que seriam funestos à vossa fé.

Nota. - O Espírito que ditou esta comunicação, instado a dar seu nome, respondeu: "Para quê? Credes, pois, que não haja senão os Espíritos de vossos grandes homens que vêm dizer-vos coisas boas? Contai, pois, por nada todos aqueles que não conheceis ou que não têm nome sobre a vossa Terra? Sabei que muitos não tomam um nome senão para vos contentar."

*

**Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação - J. Herculano Pires –
VIII – A Ciência do Passe – pág. 252**

Embora com boas intenções, as pessoas que se apressaram a oferecer ao público os lineamentos de uma Ciência do Passe, baseando-se em experiências comuns do passe utilizado nos Centros Espíritas, cometeram uma leviandade. Kardec colocou o problema do passe em termos científicos, no campo da Fluídica, ou seja, da Ciência dos Fluidos. Com seu rigor metodológico, ligou o passe à estrutura dinâmica do perispírito (corpo espiritual), hoje reconhecido como a fonte de todas as percepções e atividades paranormais. A Fluídica é hoje uma Ciência Tecnológica, voltada apenas para o estudo dos fluidos materiais de propulsão. As descobertas atuais da Parapsicologia, e particularmente as da Universidade de Kirov, confirmaram a validade da posição secularmente precursora de Kardec. A Fluídica se abre, ante o avanço da Física Nuclear, para a pesquisa da dinâmica dos fluidos em todo o Cosmos. Só agora começamos a dispor de elementos para um conhecimento exato, o que vale dizer científico, da problemática bimilenar do passe.

Nas experiências de Kirov as manifestações dos fluidos foram vistas e fotografadas pelos cientistas soviéticos, que arriscaram a cabeça para proclamar a importância dos fluidos mediúnicos na terapêutica do futuro.

Essa foi mais uma vitória da Ciência Espírita através das pesquisas de cientistas materialistas. Isso prova que a Ciência, no fundo, não é mais do que o método geral da pesquisa e comprovação objetiva da realidade, que ao contrário das restrições kantianas e das múltiplas classificações metodológicas em vigor, é essencialmente uma só, como sustentava entre nós Carlos Imbassahy. Por qualquer lado que invadirmos o campo do real, através de pesquisas científicas, chegamos sempre a conclusões coincidentes.

No tocante ao passe, as teorias psicológicas da sugestão, dos estímulos provocados no organismo humano estão hoje superadas pelas descobertas objetivas da Fluídica aplicada ao Psiquismo. A Medicina Psicossomática é uma prova disso.

Quando, porém, passamos os limites da sugestão natural para os excessos da gesticulação e da fabulação - como se faz nos pedidos ao paciente para que imagine entrar numa sala doirada etc., - perturbamos através de desvios imaginários a ação, naturalmente controlada pelos dispositivos do inconsciente (consciência subliminar de Myers) o processo natural de reajuste e cura.

Quando Kardec propôs a tese da natureza semimaterial do perispírito (corpo bioplásmico) a expressão pareceu estranha e rebarbativa nos meios científicos. As pesquisas de Crookes, Notzting, Crawford, Geley, Imoda e Richet, além de outros, provaram posteriormente o acerto de Kardec.

Atualmente as Ciências reconheceram que a explicação dos campos de forças não dispensa o reconhecimento de uma conjugação constante de energia e matéria em todas as estruturas dinâmicas da Terra, do Homem e do Espaço sideral. Tudo isso nos mostra que o estudo científico do passe não pode ser feito por pessoas desprovidas de conhecimentos científicos atualizados. O Kardec superado, dos espíritas pretensiosos dos nossos dias está sempre na dianteira das conquistas atuais. O Espiritismo é a Ciência e acima de tudo a Ciência que antecipou e deu nascimento a todas as Ciências do Paranormal, desde as mais esquecidas tentativas científicas do passado até a Metapsíquica de Richet e a Parapsicologia atual de Rhine e McDougal. Qualquer descoberta nova e válida dessas Ciências tem as suas raízes no Livro dos Espíritos.

Todos os acessórios ligados à prática tradicional do passe devem ser banidos dos Centros Espíritas sérios. O que nos cabe fazer nessa hora de transição da Civilização Terrena não é inventar novidades doutrinárias, mas penetrar no conhecimento real da doutrina, com o devido respeito ao homem de ciências e cientista eminente que a elaborou, na mais perfeita sintonia com o pensamento dos Espíritos Superiores.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS - Livro: O Livro dos Médiuns - CAPÍTULO XIII – PSICOGRAFIA – pág. 254 do site - PSICOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS - PSICOGRAFIA DIRETA OU MANUAL

152. A Ciência Espírita progrediu como todas as outras e mais rapidamente que as outras. Porque apenas alguns anos nos separam dos meios primitivos e incompletos que chamávamos, trivialmente, de mesas falantes e já podemos comunicar-nos com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens entre si. E isso pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. (O progresso acentuado por Kardec foi realmente rápido. Mas depois verificou-se um retardamento. Na *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, que abre *O Livro dos Espíritos*, Kardec aponta "a leviandade do Espírito humano" como causa do desinteresse e até mesmo da reação contra os estudos espíritas. "A dança das mesas" foi considerada indigna da atenção dos homens que se julgavam sábios, o mesmo acontecendo com a escrevente. A tola vaidade humana e também os interesses feridos, as tradições ameaçadas, a fascinação do imediatismo impediram que a Ciência Espírita prosseguisse em seu desenvolvimento rápido. Mas o próprio desenvolvimento das Ciências materiais está hoje forçando os homens a reencontrarem a verdade espírita. (N. Do T.)

A escrita tem, sobretudo, a vantagem de demonstrar de maneira mais material a intervenção de uma potência oculta, deixando traços que podemos conservar, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de lápis. Eis como eram preparadas.

153. Segundo dissemos, uma pessoa dotada de aptidão especial pode imprimir movimento de rotação a uma mesa ou a qualquer objeto. Tomemos, em vez da mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, pouco importa a substância). Se agora enfiarmos um lápis através do fundo

da cestinha e o firmarmos bem, com a ponta de fora e voltada para baixo, e a mantermos em equilíbrio sobre a ponta, numa folha de papel, e pusermos os dedos na borda da cesta, ela se movimentará. Mas, em vez de girar, ela conduzirá o lápis em diversos sentidos, riscando o papel com simples traços ou escrevendo. Se um Espírito for evocado e quiser atender, poderá responder, não por pancadas, mas pela escrita.

O movimento da cesta não é automático como o das mesas girantes, pois se torna inteligente. Com o dispositivo acima, o lápis não volta para começar outra linha, quando chega ao fim do papel, mas continua a escrever em círculo. A linha escrita forma assim uma espiral, que obriga a girar o papel nas mãos para a leitura. A escrita obtida dessa maneira nem sempre é muito legível, pois as palavras não ficam separadas, mas o médium, por uma espécie de intuição facilmente a decifra. Por economia, podemos substituir papel e lápis pela lousa e o lápis de pedra. Designaremos essa cestinha pelo nome de *cesta-pião*. A própria cesta é, às vezes, substituída por uma caixa de papelão, semelhante às caixinhas de pastilhas, sendo o lápis colocado em forma de eixo, como no brinquedo chamado "rapa".

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para atingir o mesmo fim. O mais cômodo é o que chamaremos de *cesta de bico* e que consiste na adaptação à cesta de uma haste de madeira em posição inclinada, saindo dez a quinze centímetros fora da cesta, como o mastro de gurupés de um navio. Fazendo-se um furo na ponta dessa haste (ou bico) introduz-se nele um lápis bastante comprido para poder descansar a ponta no papel. O médium pondo os dedos na borda da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve como no caso anterior, com a diferença de produzir uma escrita mais legível, separando as palavras e em linhas paralelas como geralmente se escreve, porque o médium pode facilmente voltar o lápis no fim de cada linha. Dessa maneira obtemos dissertações de muitas páginas, tão rapidamente como se escrevêssemos à mão.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)
Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação)
LOUCURA E CATALEPSIA – Pág. 122 do site

No *Banquete*, de Platão, vemos Sócrates dirigir-se à casa de Agáton, na companhia de Aristodemo. Ao entrar na casa, porém, este verifica que Sócrates desaparecera. Agáton manda um escravo à procura do filósofo, e o escravo volta informando que Sócrates estava parado, imóvel, junto ao portão de uma casa vizinha, e nem sequer atendera aos seus chamados. Agáton diz ao escravo que volte e traga o filósofo. Mas Aristodemo intervém:

- Não, Agáton! Deixa-o em paz. É costume dele apartar-se às vezes de tudo e assim ficar, meditando por muito tempo, imóvel e recolhido. É um velho costume. Ordena que não o estorvem e o deixem em paz.

Mais tarde, Sócrates entra, já em meio do jantar. Agáton o convida para deitar-se ao seu lado, acrescentando:

- ...pois quero saborear um pouco da sabedoria que adquiriste ao meditar sob o alpendre. É claro que a adquiriste e que a possúis, porque ainda não teria saído de lá, se assim não fosse.

- Ótimo seria, caro Agáton – responde Sócrates – se a sabedoria fosse uma coisa que pudesse passar, por simples contato, de quem a tem para quem não a tem...

No escandaloso discurso do bêbado Alcibíades, já no fim do banquete, ouvimos esta história sobre a presença de Sócrates no cerco de Potidéia:

- Uma vez ele se pôs a meditar, e ficou de pé, no mesmo lugar, desde a madrugada. Como não encontrasse solução para o que pensava, não desistiu, mas continuou imóvel, absorvido na reflexão... Veio o meio dia, e os soldados o observaram. E diziam uns aos outros, pasmados, que Sócrates se conservava naquela posição desde a alvorada, pensando. Enfim, uns jônios – já era pelo entardecer e todos haviam jantado – arrastaram para fora suas esteiras, para dormir ao relento, pois era verão, e também para observar se Sócrates passaria ali imóvel a noite inteira. Pois ele ali permaneceu, naquela posição, até a aurora e o nascer do sol, e então fez sua prece a Hélio (Hélio ou Apolo, Deus do Sol, que tudo vê e tudo sabe), e se foi.

Além destes momentos de êxtase, ou de profunda imersão no seu mundo mental, Sócrates referia-se a um demônio que o acompanhava (*daimonion*), e que, segundo vemos no *Fedro*, sempre o impede de fazer o que deseja. Na *Apologia*, Platão o faz declarar: “Tal fato começou comigo em criança. Uma voz ressoa em mim, e toda vez que ela se manifesta, me desvia daquilo que estou para fazer.” As interpretações desse demônio socrático são as mais variadas, e muitas delas, bastante pitorescas, como as de certos psiquiatras modernos. Há mesmo quem deseje fazer a psicanálise de Sócrates, com base nesse caso do demônio.

Bertrand Russel, comentando as longas meditações de Sócrates e as referências ao seu demônio, declara simplesmente: “Joana D’Arc era inspirada por vozes, sintoma comum de loucura. Sócrates era sujeito a transes catalépticos.” É possível que Protágoras pensasse mais ou menos assim a respeito dos mesmos casos. Como vemos, a oposição da inteligência analítica à intuição psíquica não era um privilégio dos gregos.

E pouco importa que Joana D’Arc seja considerada louca, só por ouvir as suas vozes, ou que Sócrates seja acusado de anormal, por ser capaz de se absorver em seus pensamentos e também de ouvir o seu demônio. Pois não há um médico francês, o Doutor Binet Sanglé, que pretendeu provar, num livro curioso, a loucura de Jesus?

Pitágoras já dizia que a terra é a morada da opinião, e que esta corresponde ao número dois, pois voa por toda parte, como as borboletas.

DIFUSÃO DA LOUCURA – (próxima aula)

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – pág. 124 do site

I – ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

76. Como podemos definir os Espíritos?

– Podemos dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Eles povoam o Universo, além do mundo material.

NOTA – A palavra Espírito é aqui empregada para designar os seres extra-corpóreos e não mais o elemento inteligente Universal.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou não seriam mais do que emanções ou porções da Divindade, por essa razão chamados filhos de Deus?

– Meu Deus! São sua obra, precisamente como acontece com um homem que faz uma máquina; esta é obra do homem, e não ele mesmo. Sabes que o homem, quando faz uma coisa bela e útil, chama-a sua filha, sua criação. Pois bem: dá-se o mesmo com Deus; nós somos seus filhos porque somos sua obra.

78. Os Espíritos tiveram princípio ou existem de toda a eternidade, como Deus?

– Se os Espíritos não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, mas pelo contrário, são sua criação, submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, isso é incontestável; mas quando e como ele criou, não o sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se com isso entendes que Deus, sendo eterno, deve ter criado sem cessar; mas quando e como cada um de nós foi feito, eu te repito, ninguém o sabe; isso é mistério.

79. Uma vez que há dois elementos gerais do Universo: o inteligente e o material, poderíamos dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do material?

– É evidente. Os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, como os corpos são individualizações do princípio material; a época e a maneira dessa formação é que desconhecemos.

80. A criação dos Espíritos é permanente ou verificou-se apenas na origem dos tempos?

– É permanente, o que quer dizer que Deus jamais cessou de criar.

81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?

– Deus os criou, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade; mas repito ainda uma vez que a sua origem é um mistério.

82. É certo dizer que os Espíritos são imateriais?

– Como podemos definir uma coisa, quando não dispomos de termos de comparação e usamos uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo, seria mais exato; pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito deve ser alguma coisa. É uma matéria quintessenciada, para a qual não dispões de analogia, e tão eterizada, que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos pelo nome de matéria. Um povo de cegos não teria palavras para exprimir a luz e os seus efeitos. O cego de nascença julga ter todas as percepções pelo ouvido, o olfato, o paladar e o tato; não compreende as idéias que lhe seriam dadas pelo sentido que lhe falta. Da mesma maneira, no tocante à essência dos seres super-humanos, somos como verdadeiros cegos. Não podemos defini-los, a não ser por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação. (Os Espíritos revestidos do perispírito são o objeto desta referência. Sem o perispírito, nada tem de material, como vemos na resposta ao item 79. (N. do T.)

83. Os Espíritos terão fim? Compreende-se que o princípio de que eles emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se a sua individualidade terá um termo,

e se, num dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se desagregará e não retornará à massa de que saíram, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo não tenha fim.

– Há muitas coisas que não compreendeis, porque a vossa inteligência é limitada; mas não é isso razão para as repelirdes. O filho não compreende tudo o que o pai compreende, nem o ignorante tudo o que o sábio compreende. Nós te dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim; é tudo quanto podemos dizer, por enquanto.

II – MUNDO NORMAL PRIMITIVO – próxima aula

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

031) ASSISTIR DE CAMAROTE AS MISÉRIAS DA HUMANIDADE!?!? – (pág. 60 do site)

Meus irmãos, depois de tanta peregrinação, estamos novamente reunidos em torno do mesmo propósito: procurando ser um pouco melhores hoje, para podermos ajudar, o mais possível, essa humanidade descrente de que lhes falei.

E o nosso propósito principal, é claro, quando aqui chegamos, foi unicamente nos beneficiarmos dessa assistência espiritual, a fim de minorar os nossos sofrimentos. Vimos, então, que os nossos sofrimentos são sinceros, mas bem pequenos diante daqueles que lhes descrevi. Se hoje somos beneficiados com o carinho, o amor e a assistência de nossos amigos encarnados e, também, os espirituais, devemos continuar na batalha do aprendizado, da dedicação, do amor que devemos dar aos outros que ainda não tiverem esse privilégio e, que, muito cedo, não o terão.

E, como o caminho é oração, é fé, é persistência: orar, orar, orar e pensar um pouco mais nessa humanidade desprotegida, por estar oculta sob o manto da hipocrisia, do egoísmo, frutos de sua vida totalmente materializada.

Essa humanidade, da qual lhes falo, dificilmente pode captar este outro lado, este lado de amor, de caridade, de simplicidade, pois não tem tempo, pois está imbuída, principalmente, em fazer o mal, em extorquir o próximo, não poderá, com facilidade, ver essa luz moral que o Cristo nos deixou. Dificilmente se moralizará diante da dureza de seu coração. Mas, estamos aqui! Continuamos na luta do amor ao próximo. Esquecendo um pouco de nós, de nossos sofrimentos, já estamos começando a espalhar o entendimento, a caridade e o amor de que tanto necessita.

Continuemos irmãos, a tarefa é árdua, é difícil e longa, pois nós ainda estamos, também, em processo de lapidação. Mas, busquemos em Jesus, na oração, o benefício para que nós tenhamos bastante paciência, fé e coragem para distribuir com quem tem menos ou nada.

Continuemos orando, estudando, melhorando-nos. Façamos a nossa parte que Deus Nosso Pai dará continuidade ao que for necessário. Oremos e batalhemos irmãos; sejamos mais humildes para podermos ver abaixo, para podermos ajudar, pois enquanto ficamos apenas assistindo de camarote a miséria da humanidade, não estaremos contribuindo para sua melhora.

Por isso, continuemos com Fé, com Amor, com Humildade e muita Oração.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Lceu Allan Kardec. – Buri. 09/05/2000).

087) A ÁRVORE QUE NÃO DÁ FRUTOS SERÁ ARRANCADA...! – (pág. 91 do site)

Graças a Deus irmãos, estamos novamente reunidos em Seu santo nome.

Venho, por meio deste irmão, falar-lhes para essa nova etapa de luta que recomeça. Estudem muito irmãos, sobre a doutrina de Jesus, e não percam uma só oportunidade de poderem exercer os dons que Deus lhes deu, através de seus desígnios. Façam o máximo que puderem e estarão galgando novos degraus na escalada do progresso na Terra.

Estudar e praticar, eis a questão! Árvore que não cresce não dá sombra e nem frutos e será arrancada pela raiz. Que as bênçãos do Divino estejam com todos e todos os familiares.

(Esp.: Joaquim Médiun: João Francisco. L. Allan Kardec. – Buri. 14/01/2004).

214) TENHA HUMILDADE SEMPRE! – (pág. 141 do site)

A humildade é fundamental e muito necessária àquele que quer servir. Cultive-a, pratique-a. E tudo virá a seu tempo. Há hora para cada coisa. Não se apresse naquilo que ainda não é hora. A sua vez chegará. Paciência. Humildade e Fé. Não desanime e mantenha-se vigilante, porque a hora chegada pode acontecer quando menos se espera. Não seja surpreendido. E tenha humildade sempre! Boa noite!

(Espírito não identificado. Médiun Nena. Liceu Allan Kardec. Buri. 17/04/2007).

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO – 6 – LIVRO:

“SEXO E VERDADE” – JORGE RIZZINI (MÉDIUM)

“O SEXO NO MUNDO”- pág. 12 do site

Atravessamos a praça.
Eis a rua principal!
Olha as milhares de virgens,
Já envolvidas pelo Umbral!
Em casa, mostram prudência,
Trazem no rosto a inocência,
Mas que grande experiência
Na prática sexual!

Não terão dezoito anos...
Amam todos, e a ninguém;
Podem dar aulas de sexo,
No Oriente, em um harém!
As outras já têm amantes,
Mas não conhecem Cervantes,
Confundem Bach com Chopin...

Está em festas o Umbral!
Ruíram todas barreiras
Na fogueira sexual!
Jovem, velho e até criança,
Têm com as Trevas aliança,
- E nas costas um punhal!

Espíritas, companheiros,
Cuidado com a obsessão...
Vejo na treva mil olhos,
Mestres na fascinação...
Meditai sempre em Jesus!
Rogai ao Senhor mais luz!
Cuidado com a vossa cruz!
Fazei com os Céus união!
(ESPÍRITO: CASTRO ALVES)

*

A Terra pertence às Trevas!

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA.

*

14ª AULA – 30 DE JUNHO DE 2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 256 do site

I – INTRODUÇÃO Poesia Livro: Antologia da Espiritualidade- Francisco Cândido Xavier - Ditada por Maria Dolores

AGRADEÇO, SENHOR

Agradeço, Senhor, Quando me dizes “não” Às súplicas indébitas que faço, Através da oração. Muitas daquelas dádivas que peço, Estima, concessão, posse, prazer, Em meu caso talvez fossem espinhos, Na senda que me deste a percorrer. De outras vezes, imploro-te favores, Entre lamentação, choro, barulho, Mero capricho, simples algazarra, Que me escapam do orgulho... Existem privilégios que desejo, Reclamando-te o “sim” Que, se me florescem na existência, Seriam desvantagens contra mim. Em muitas circunstâncias, rogo afeto, Sem achar companhia em qualquer parte, Quando me dás a solidão por guia Que me inspire a buscar-te. Ensina-me que estou no lugar certo, Que a ninguém me ligaste de improviso, E que desfruto agora o melhor tempo De melhorar-me em tudo o que preciso. Não me escutes as exigências loucas, Faze-me perceber Que alcançarei além do necessário, Se cumprir o meu dever. Agradeço, meu Deus, Quando me dizes “não” com teu amor, E sempre que te rogue o que não deva, Não me atendas, Senhor! ...

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo Capítulo IX – itens 1 a 5 Injúrias e Violências - pág. 259 do site.

1. Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra. (MATEUS, V: 4). 2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (MATEUS, V: 9)

3. Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás, e quem matar será réu no juízo. Pois eu vos digo que todo o que se ira contra o seu irmão será réu no juízo; e o que disser a seu irmão: raca, será réu no conselho; e o que disser: és louco, merecerá a condenação do fogo do inferno. (MATEUS, V: 21-22).

4. Por essas máximas, Jesus estabeleceu como lei a doçura, a moderação, a mansuetude, a afabilidade e a paciência. E, por consequência, condenou a violência, a cólera, e até mesmo toda expressão descortês para com os semelhantes; raca era entre os hebreus uma expressão de desprezo, que significava homem reles, e era pronunciada cuspidando-se de lado. E Jesus vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco. É evidente que nesta, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta. Mas por que uma simples palavra pode ter tamanha gravidade, para merecer tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e caridade, que deve regular as relações entre os homens, manter a união e a concórdia. É um atentado à benevolência recíproca e à fraternidade, entretendo o ódio e a animosidade. Enfim, porque depois da humildade perante Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Mas o que dizia Jesus por estas palavras: "Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra?" Não ensinou ele a renúncia aos bens terrenos, prometendo os do céu? Ao esperar os bens do céu, o homem necessita dos bens da terra para viver. O que ele recomenda, portanto, é que não se dê a estes últimos mais importância que aos primeiros.

Por essas palavras, ele quer dizer que até agora os bens da terra foram açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos mansos e pacíficos. Que a estes falta frequentemente o necessário, enquanto os outros dispõem do supérfluo. E promete que justiça lhes será feita assim na terra como no céu, porque eles serão chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e caridade for a lei da humanidade, não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem espezinhados pelo forte e o violento. Será esse o estado da Terra, quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela estiver transformada num mundo feliz, pela expulsão dos maus.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA O Livro dos Espíritos – Questão 903. Perfeição Moral: As Virtudes e os Vícios - pág. 262 do site.

903. Há culpa em estudar os defeitos alheios? – Se é com o fito de criticar e divulgar, há muita culpa, porque isso é faltar com a caridade. Se é com intenção de proveito pessoal, evitando-se aqueles defeitos, pode ser útil. Mas não se deve esquecer que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros, vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades contrárias aos defeitos que criticais nos outros. Esse é um meio de vos tornardes superior. Se os censurais por serem avarentos, sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede dóceis; por agirem com mesquinhez, sede grandes em todas as vossas ações. Em uma palavra, fazei de maneira que não vos possam aplicar aquelas palavras de Jesus: “Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso”.

*

Livro: Religião dos Espíritos. (Emmanuel) 14 - Censura. (Ref. Questão 903 de O Livro dos Espíritos) Reunião pública de 27/2/59

Imagina-te aplicando vasta porção de borralho (cinzas quentes) sobre a plantação nascente da qual esperas colheita farta; servindo líquido antisséptico na água destinada àqueles cuja sede te propões extinguir; misturando certa quantidade de cal bruta à refeição do companheiro de quem desejas matar a fome; deitando fel na iguaria endereçada ao vizinho a quem almejas agradar ou vestindo alguém com determinada peça forrada com alfinetes espetantes, e compreenderás, certamente, o que seja a prática da censura incorporada ao teu propósito de servir.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA O Livro dos Médiuns Questão 220 – itens 15 e 16 Perda e Suspensão da Mediunidade - pág. 263 do site

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não o conseguem, podem chegar a conclusões negativas contra si mesmas, no tocante à boa vontade dos Espíritos para com elas? — Não, porque Deus pode haver-lhes recusado essa faculdade, como pode haver-lhes recusado o dom da poesia ou da música, mas se não gozam desses favores, podem gozar de outros.

16. Como um homem pode aperfeiçoar-se pelo ensinamento dos Espíritos, quando não tem, seja por seu intermédio ou de outros médiuns, a possibilidade de receber esse ensino direto? — Não tem ele os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus os cristãos não precisam ter ouvido as palavras da própria boca do mestre. *(A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos*

têm pressentimentos, intuições, percepções extra-sensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. O ensino direto dos Espíritos não é dado apenas através dos médiuns propriamente ditos, ou seja, das pessoas investidas de mediunato (missão mediúnica), mas também e principalmente pelas intuições boas que todos recebem, e que podem receber em maior quantidade, quanto mais as aproveitarem. Nossas relações com os Espíritos são permanentes, constituindo um aspecto da Natureza que só agora as Ciências começam a pesquisar. E o ensino espiritual, como se vê na resposta acima, encontra-se também nos livros religiosos e nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, ao alcance de todos. (N. do T.)

*

Livro: Revista Espírita. Janeiro de 1859 Conversas Familiares de Alémtúmulo Diógenes. – pág. 266 do site.

1. Evocação. - R. Ah! Venho de longe!

2. Podeis aparecer ao senhor Adrien, nosso médium vidente, tal qual éreis na existência que vos conhecemos? - R. Sim, e mesmo vir com minha lanterna, se o desejais. Retrato. Testa larga e as bossas laterais muito ossudas, nariz delgado e curvado; boca grande e séria; olhos negros e cravados na órbita; olhar penetrante e zombeteiro. Talhe um pouco alongado, magro e enrugado, tez amarela; bigode e barba incultos; cabelos grisalhos e dispersos. Roupagens brancas e muito sujas; os braços nus, assim como as pernas; o corpo magro, ossudo. Más sandálias amarradas às pernas por cordas.

3. Dissestes que vínheis de longe: de qual mundo vindes? - R. Vós não o conheceis.

4. Teríeis a bondade de responder a algumas perguntas? - R. Com prazer. 5. A existência que vos conhecemos sob o nome de Diógenes o Cínico, vos foi proveitosa para a vossa felicidade futura? - R. Muito; errastes em torná-la em zombaria, como fizeram meus contemporâneos; espanto-me mesmo que a história haja pouco esclarecido minha existência, e que a posteridade, pode-se dizê-lo, foi injusta a meu respeito.

6. Que bem fizestes, porque vossa existência era bastante pessoal? - R. Trabalhei por mim, mas pôde-se aprender muito em me vendo.

7. Quais são as qualidades que queríeis encontrar nos homens e que procuráveis com a vossa lanterna? - R. Da energia.

8. Se tivésseis encontrado, em vosso caminho, o homem que acabamos de evocar, Chaudruc Duelos, encontraríeis nele o homem que procuráveis, porque ele também se abstinha voluntariamente de todo o supérfluo? - R. Não.

9. Que pensais dele? - R. Sua alma extraviou-se na Terra; quantos são como ele e não o sabem; ele ao menos o sabia.

10. As qualidades que procuráveis no homem, segundo vós, credes havê-las possuído? - R. Sem dúvida: eu era meu critério.

11. Qual é dos filósofos de vosso tempo o que preferis? - R. Sócrates.

12. Qual é o que preferis agora? - R. Sócrates.

13. E Platão, que dizeis dele? - R. Muito duro; sua filosofia é muito severa: eu admitia os poetas, e ele não.

14. O que se conta de vossa entrevista com Alexandre é real? - R. Muito real; a história mesma a mutilou.

15. Em que a história a mutilou? - R. Entendo falar de outras conversas que tivemos juntos: credes que veio ver-me para não dizer-me senão uma palavra?

16. A palavra que se lhe imputa, a saber, de que se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes, é real? - R. Ele disse, talvez, mas não diante de mim. Alexandre era um jovem louco, vão e confiado; eu era, aos seus olhos, um mendigo: como o tirano ousaria se mostrar instruído pelo miserável?

17. Depois de vossa existência em Atenas, reencarnastes sobre a Terra? - R. Não, mas em outros mundos. Atualmente, pertenço a um mundo onde não somos escravos: isso quer dizer que se vos evocassem acordado, não faríeis o que fiz essa noite.

18. Poderíeis nos traçar o quadro das qualidades que procuráveis no homem, tais como as concebíeis então, e tais como as concebeis agora? - R. Então. Coragem, audácia, segurança de si mesmo e poder sobre os homens pelo Espírito. Agora. Abnegação, doçura, poder sobre os homens pelo coração.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação J. Herculano Pires I - A Doutrinação - pág. 267 do site.

A Doutrinação é a moderna técnica espírita de afastar os espíritos obsessores através do esclarecimento doutrinário. Essa técnica é moderna e foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as práticas bárbaras do Exorcismo, largamente usada na Antiguidade, tanto na medicina como nas religiões. O conceito do doente mental como possessão demoníaca, gerou a ideia de espancar o doente para retirar o Demônio do seu corpo. Nos hospitais a cura se processava através de espancamentos diários. Nas Religiões recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objetos sagrados como crucifixos, relíquias, rosários e terços, medalhas, aspersão de água benta, ameaças e xingos, queima de incensos e outros ingredientes, pancadas e torturas. As formas de exorcismo mais conhecidas entre nós são a judaica e a católica, sendo a judaica mais racional, pois nela se empregavam também o apelo à razão do Dibuk, considerado como espírito demoníaco ou alma penada. A tradução da palavra hebraica Dibuk, que nos parece mais acertada é a de alma penada, pois os judeus reconheciam e identificavam o espírito obsessor como espírito humano de pessoa morta que se vingava do obsedado ou cobrava débitos dele e da família. No exorcismo católico prevaleceu até hoje a ideia de possessão demoníaca. As pesquisas espíritas, do século passado, levaram Kardec a instituir e praticar intensivamente a doutrinação como forma persuasiva de esclarecimento do obsessor e do obsedado, através de sessões de desobsessão. Ambos necessitam de esclarecimento evangélico para superarem os conflitos do passado. Afastada a ideia terrorista do Diabo, o obsessor e obsedado são tratados com amor e compreensão, como criaturas humanas e não como algoz satânico e vítima inocente. A doutrinação espírita humanizou e cristianizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, influenciando nos novos rumos que a Medicina tomava nesse sentido. Alguns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, os Espíritos Benevolentes

muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos espíritos desencarnados é uma necessidade.

(....)

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS O Livro dos Médiuns Capítulo XIII – A Psicografia. Questões 155 a 157 - pág. 269 do site.

155. A inteligência manifestante se revela muitas vezes por outros sinais inequívocos. Por exemplo: chegando o lápis ao fim da página, volta espontaneamente; se quer se reportar a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, procura-a com a ponta do lápis, como faríamos com o dedo, e a sublinha. Se o Espírito quiser dirigir-se a um dos assistentes a ponta do lápis se volta para ele. Para abreviar, frequentemente faz os sinais de sim ou não, para afirmar ou negar, como fazemos com a cabeça. Se quer demonstrar cólera ou impaciência, dá repetidas pancadas com o lápis, quase sempre quebrando-lhe a ponta.

156. Algumas pessoas substituem a cesta por uma espécie de mesa em miniatura, feita especialmente, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura, e três pés a um dos quais adapta um lápis. Os outros dois são arredondados ou munidos de uma bolinha de marfim, para deslizarem facilmente sobre o papel. Outras se servem simplesmente de uma tabuinha de quinze a vinte centímetros quadrados, em forma triangular, oval ou retangular, tendo nas bordas um furo oblíquo para se enfiar o lápis. Posta no papel para escrever, ela fica apoiada num dos lados. O lado que pousa no papel é às vezes guarnecido de duas bolinhas rolantes para facilitar o movimento. Compreende-se, de resto, que todos esses dispositivos nada têm de absoluto. O mais cômodo é o melhor. Com qualquer desses aparelhos os operadores devem ser dois, não sendo necessário que ambos sejam médiuns. Um deles serve apenas para ajudar o equilíbrio do aparelho e diminuir a fadiga do médium.

157. À escrita assim obtida chamamos psicografia indireta, em contraste com a psicografia direta ou manual feita pelo próprio médium. Para compreender este sistema é necessário saber como se verifica a operação. O Espírito comunicante age sobre o médium; este, assim influenciado, move maquinamente o braço e a mão para escrever, não tendo (pelo menos no comum dos casos) a menor consciência do que escreve; a mão age sobre a cesta e esta movimentada o lápis. Assim, não é a cesta que se torna inteligente, mas apenas serve de instrumento a uma inteligência. A cesta nada mais é, praticamente, do que um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimindo o intermediário e pondo o lápis na mão, temos o mesmo resultado com um mecanismo muito mais simples, desde que o médium passa a escrever como se o fizesse em condições normais. *(A insistência de Kardec nesta explicação tem uma razão especial. É que havia surgido em Paris, e era amplamente divulgada na imprensa, uma estranha teoria dos médiuns inertes, segundo a qual os objetos eram médiuns. Ver este curioso episódio na Revista Espírita. A psicografia direta foi estudada na Psicologia como escrita automática, e as interpretações anímicas que Pierre Janet e outros lhe deram não invalidam*

a realidade do fenômeno. Na Parapsicologia, como na Metapsíquica, tem sido utilizada para experiências telepáticas eficazes. (N. do T.) Dessa maneira, toda pessoa que escreve com a cesta, a prancheta ou outro instrumento, pode também escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a escrita à mão, que alguns chamam de escrita involuntária é sem dúvida a mais simples, mais fácil e mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e se presta, como a escrita comum, às dissertações mais extensas. Voltaremos ao assunto, quando tratarmos dos médiuns.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação) – pág. 124 do site – continuação.

DIFUSÃO DA LOUCURA A loucura socrática era terrivelmente contagiosa. Tanto mais que Sócrates, à maneira de Jesus, uma vez convencido de sua missão, resolveu difundir-la o mais possível. Entende Robin, com muita razão, que o filósofo já devia ter adquirido a autoridade de um mestre, quando um de seus admiradores fez a consulta famosa ao Oráculo de Delfos. E acrescenta que Sócrates, depois de haver constatado a absoluta inconsciência da ignorância, nos outros, resolveu despertar nesses inconscientes o desejo da reflexão crítica. Em outras palavras, podemos dizer que Sócrates, tendo aplicado a si mesmo o conselho do Oráculo: *Conhece-te a ti mesmo*, compreendeu que a sua missão, dali por diante, era aplicá-lo aos outros. Começa nesse momento a difusão de perigosa loucura socrática, tão perigosa como a de Jesus, que destruiu o mundo antigo, minando pela base o poderio romano – como dizia Feuerbach e mais tarde Vítor Hugo – e até hoje continua a tresloucar os homens. Também a loucura socrática não pôde ser detida pelos séculos. Contagiu Atenas, propagou-se pela Grécia, projetou-se depois em toda a era helênica, invadiu o mundo e continua a minar a sensatez das boas criaturas, nos mais tranquilos e sensatos recantos do planeta. Sócrates compreendeu que a loucura inicial dos sofistas havia degenerado rapidamente em perigosa forma de insensatez. Esse perigo é enorme, principalmente no seio de um povo como o grego, formado ao fogo das paixões mediterrâneas. A Sofística deixara de ser uma reação ao dogmatismo tradicional, para tornar-se também dogmática. Os sofistas, acomodando-se na vida, tornaram-se simples mestres de acomodação. Ensinavam os jovens a conquistarem e defenderem suas posições, a aturdiarem os adversários, em defesa própria, e a se blasonarem de uma sabedoria que não possuíam. Sócrates compreendeu que a sua missão era a de transformar

esse meio estagnado, onde as poças verdes da vaidade, da ignorância e dos interesses criados se haviam tornado miasmáticas. E para cumprir essa missão, que Apolo lhe dera e o seu demônio confirmava, começou a fazer aos outros as perguntas que havia feito a si mesmo, aquelas terríveis perguntas que Protágoras aplicara no início da revolução sofística, para destruir a muralha do pretense saber acumulado. Ao contrário dos sofistas, que ensinavam por dinheiro, e dos antigos filósofos, que organizavam suas escolas em forma de confrarias, Sócrates resolveu trabalhar como livre-atirador. Não se filiou a nenhuma corrente filosófica, não fundou escola nem pretendeu cobrar coisa alguma pelo seu ensino. Não fosse a missão especial de que estava investido, poderíamos hoje acusá-lo de reacionário, de inimigo da honrada e malsinada classe dos professores. Mas Sócrates vivia numa sociedade muito diferente da nossa, e os sofistas do seu tempo haviam-se exagerado na caça aos jovens ricos, um pouco mais do que as belas atrizes de hoje. Tudo isso, mais a sua condição de homem remediado, que não sofria o castigo adâmico de ganhar o pão com o suor do rosto, justificam a sua atitude. É curioso notarmos que a democracia ateniense reagiu contra Sócrates e o condenou, porque ninguém mais democrático do que ele, na sua tentativa de difundir a divina loucura. Muito antes que o apóstolo Paulo oferecesse ao Homem a terceira dimensão espiritual, fazendo-o compreender a paternidade de Deus e fraternidade universal, segundo proclama Denis de Rougemont, já o filósofo ateniense a utilizava, por conta própria. Para usarmos uma expressão bíblica, ele não se deixava levar de despeitos humanos. Considerava a todos, sem qualquer distinção de classe ou de raça, como criaturas passíveis de sofrer o contágio da sua forma especial de loucura, propiciada pelos deuses. Sócrates não precisava de um local apropriado para ensinar. À maneira de Jesus, pregava nas ruas e nas praças, como nos ginásios e palestras, onde recrutava os jovens, e particularmente no Ginásio do Liceu, próximo ao Templo de Apolo, no mesmo local onde mais tarde Aristóteles estabeleceria a sua famosa escola. “Perguntador infatigável, diz Robin, sua preferência pela conversação, que associa o interlocutor ao trabalho da pesquisa não o impede de fazer também longos discursos e de praticar a leitura comentada dos poetas”. Apesar disso, não é propriamente um mestre. É um companheiro de estudos, o amigo mais velho e experiente, que reúne em seu redor um círculo familiar, para debates e pesquisas. Pertencem a esse círculo pessoas de diferentes classes e idades, atenienses e estrangeiros, e muitos destes vêm a Atenas especialmente para conversar com o filósofo, de tempos a tempos. Aliás, os “familiares” de Sócrates não formam apenas um círculo, mas vários. E há de tudo entre eles. Robin nos lembra que elementos conhecidamente filiados a diferentes escolas filosóficas o frequentaram. E cita os seguintes: Euclides, eleático; Símiás, Cebes e Fedondes, pitagóricos; Antístenes e Aristipo, alunos dos sofistas. Ao mesmo tempo, os jovens ricos que constituem a variegada caça ateniense dos sofistas também se aproximam de Sócrates, debatem com ele os mais variados problemas, submetem-se aos seus terríveis questionários. Entre eles, Platão, Xenofonte, Alcibiades. Os círculos socráticos, como se vê, são amplos, variados, abertos democraticamente a todos. Neles já podemos ver a antecipação dos diferentes caminhos que o pensamento de Sócrates tomará no futuro, através das escolas não raro contraditórias. A difusão da loucura não exige formalismos. Porque a loucura de Sócrates é divina, oposta à loucura humana, que tudo pretende saber, e que por isso mesmo se reveste de formas sutis para se difundir sem desfigurar-se. Platão e Xenofonte, o poeta-filósofo e

o general de cavalaria, os dois discípulos de Sócrates que nos transmitiram o maior volume de informações sobre ele, mostram-nos a sua intimidade com pessoas de todas as classes. Xenofonte conta, por exemplo, no Memoráveis, que Crítias, líder dos Trinta Tiranos, proibindo Sócrates de ensinar aos jovens, lhe disse: “É melhor que te ocupes dos teus sapateiros, carpinteiros e caldeiros!” Não havia, pois, necessidade de preparação especial para pertencer aos círculos socráticos. Porque todos os homens, pelo simples fato de serem homens, já traziam consigo a verdade que o filósofo lhes extrairia do íntimo.

O ESCULTOR E A PARTEIRA – continua...

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – continuação - pág. 125
do site.

II – MUNDO NORMAL PRIMITIVO

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, além daquele que vemos? – Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.

85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas? – O mundo espírita; ele preexiste e sobrevive a tudo.

86. O mundo corpóreo poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem com isso alterar a essência do mundo espírita? – Sim; eles são independentes, e não obstante, a sua correlação é incessante, porque reagem incessantemente um sobre o outro.

87. Os Espíritos ocupam uma região circunscrita e determinada no espaço? – Os Espíritos estão por toda parte; povoam ao infinito os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem saberdes; porque os Espíritos são uma das forças da Natureza, e os instrumentos de que Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios providenciais; mas nem todos vão a toda parte, porque há regiões interditas aos menos avançados.

III – FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS

88. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante? – Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. Eles são, se o quiserdes, uma flama, um clarão ou uma centelha etérea. *(Todo este trecho se refere ao Espírito puro, desprovido de perísprito. Necessário atentar para essas variações, a fim de não confundirmos as explicações. (N. do T.)*

88-a. Esta flama ou centelha tem alguma cor? – Para vós, ela varia do escuro ao brilho do rubi, de acordo com a menor ou maior pureza do Espírito. Representam-se ordinariamente os gênios, com uma flama ou uma estrela na frente. É essa uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, por ser ali que se encontra a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para atravessar o espaço? – Sim; mas rápido como o pensamento.

89-a. O pensamento não é a própria alma que se transporta? – Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também o está, pois é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado para onde deseja ir? – Uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, dar-se conta da distância que atravessa, mas essa distância pode também desaparecer por completo; isso depende de sua vontade e também da sua Natureza, se mais ou menos depurada.

91. A matéria oferece obstáculo aos Espíritos? – Não; eles penetram tudo; o ar, a terra, as águas, o próprio fogo lhes são igualmente acessíveis.

92. Os Espíritos têm o dom da ubiqüidade, ou, em outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou estar ao mesmo tempo em vários pontos? – Não pode haver divisão de um Espírito; mas cada um deles é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parecem estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol, que não é mais do que um, e não obstante irradia por toda parte e envia os seus raios até muito longe. Apesar disso, ele não se divide.

92-a. Todos os Espíritos irradiam com o mesmo poder? – Bem longe disso; o poder de irradiação depende do grau de pureza de cada um. Cada Espírito é uma unidade indivisível; mas cada um deles pode estender o seu pensamento em diversas direções, sem por isso se dividir. É somente nesse sentido que se deve entender o dom de ubiqüidade atribuído aos Espíritos. Como uma fagulha que projeta ao longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Como, ainda, um homem que, sem mudar de lugar e sem se dividir, pode transmitir ordens, sinais e produzir movimento em diferentes lugares.

IV – PERISPÍRITO – continua...

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

032) PARAÍSO CELESTIAL E VERDADEIRA VIDA! - pág. 60 do site.

Vejo caminho sinuoso à minha frente, todo ladeado de flores multicores, exalando excelso perfume. Bem lá adiante, florestas de árvores muito copadas, engalanadas de flores também multicores. E, mais adiante, lá em cima do morro, no meio de um verde colossal, desce um fio de água, bem fino, que vai caindo com força e se arremessa nas pedras cá em baixo, formando brancas espumas que vão se espraiando até se escorregarem num riacho bem pequeno e muito manso. Lá naquelas árvores, muitos pássaros, borboletas e demais bichos que alegrem o ambiente, deixando um quê de nostalgia, de belo, de sonho! É um paraíso! Vocês nem imaginam o colorido, o perfume! Não existem palavras que exprimam, com fidelidade, quão belo é tudo isso! E as almas que aqui passeiam, se refazem dos males por que passaram, saciam-se apenas do ar, do perfume e o colorido as enche de satisfação. É isso irmãos! Esse paraíso existe sim, e estou vendo-o. Um dia todos o verão, porque por aqui também terão que passar depois de tanto sofrimento físico e moral. Isso é belo, não é sonho! É a verdadeira vida que todos têm condições de viver um dia. Espero, um dia, poder fazer companhia com todos, para que possamos usufruir de tudo isto; porque isso tudo é realmente nosso. Esforcemo-nos, trabalhemos, oremos, sejamos humildes, caridosos, que um dia nos encontraremos, com toda a certeza, aqui

neste Paraíso Celestial e, então, ficaremos para sempre unidos. Boa noite irmãos. (Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 16/05/2000).

*

091) NÃO PERCAM UM SÓ MOMENTO COM PENSAMENTOS FÚTEIS! – pág. 92 do site.

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos em nome de Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso irmão maior.

Queridos irmãos, os ensinamentos são maravilhosos. Não percam um só minuto de vossos dias com coisas ou pensamentos fúteis, que não levam a nada! Relembrai durante todo o tempo dos ensinamentos de Jesus, aqui ministrados, e dai provas de que assimilaram a lição. Junto ao povo é que servirão de ferramentas de Deus para a alavanca do progresso moral na Terra. Não recuem, jamais, da tarefa; não se furtem aos compromissos assumidos no plano espiritual e, já que estão no caminho certo, aproveitem a oportunidade. Sempre com fé em Deus, haveremos de vencer as dificuldades. Que Deus e Jesus abençoem a todos e todos os familiares! (Esp.: Joaquim. Médiun: João Francisco. L. Allan Kardec. – Buri. 25/02/2004).

*

221) DE JOELHOS É MELHOR! – pág. 143 do site

Noel Rosa. “Talabarica” – algo a ser criado – aperfeiçoamento cultural/musical – (é você mesmo?) – sim – em tempo incerto – registrar (não discutir) – ouvir quando você cantou: ...de joelhos é melhor, de joelhos é melhor; Para orar ao senhor, Na alegria ou na dor, De joelhos é melhor. Médiun Nena. Liceu Allan Kardec. Buri. 29/05/2007.

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO – 09/12/2014
O SEXO ALÉM DA MORTE - R. A. RANIERI (Obra Mediúnica - Orientada pelo Espírito André Luiz) (...) XXVII - No reino de Tamerlão (REUNIÃO DE ESPÍRITOS TREVOSOS – NO UMBRAL) - pág. 13 do site.

Tamerlão (Espírito chefe das Trevas) entrou. Grande estatura, forte, musculoso, passo firme e decisivo, figura extraordinária de mongol. Cabelos pretos, bigodes enormes caídos à margem da boca, à feição chinesa. Olhar que desprendia chama. Entrou e mal cumprimentou a multidão, como se fosse um novo Napoleão. À frente da mesa parou e dirigiu-se aos seus camaradas: - Senhores, espíritos do submundo, assumo agora as legiões e o poder das trevas! Ninguém disse nada. Reinou o silêncio mais profundo. Percorreu com os olhos toda a multidão e falou: - Ninguém tente me desrespeitar porque será punido! A vingança de Tamerlão é cruel e sem fim. Quem não quiser me seguir que diga agora e se manifeste. Terá liberdade para se retirar! Fora disso será punido se vier a cometer falta no futuro. Nós não perdoaremos ninguém! Com essa afirmativa retirou do bolso da túnica um mapa, colocou sobre a mesa e com uma espécie de lápis vermelho na mão, declarou: - Não seguiremos o caminho de Gregório que fracassou. Seguiremos nova rota. Afirmando isso, riscou o estranho mapa de alto a baixo e gritou: - Iremos combater os Espíritos e os Espíritas aqui: E com traço rápido escreveu SEXO. O silêncio tornou a

envolver a todos. - Companheiros, falou de novo, só há um caminho para destruir os fanáticos da Espiritualidade Superior: atacá-los sem tréguas no Castelo do Sexo. Poucos são os que resistem à fúria sexual! Nem os heróis e nem os santos! Atacaremos primeiro os líderes do Espiritismo e aqueles que se tornaram paladinos da Espiritualidade no mundo. Nosso campo de batalha será o campo sexual onde o homem é mais fraco! Tenho certeza que poucos restarão de pé! Destruídos os ignóbeis Filhos do Cordeiro será fácil destruir a massa!

Falou e uma onda de aplausos partiu de todos os lados. Era em verdade uma ideia genial. Tamerlão sorriu. - Ordeno aos nossos amigos que chefiem, organizarem grupos para o ataque. Não perdoem nem homens nem mulheres. Desprestígio, desgaste, desmoralização através do Sexo e sairemos vitoriosos! Novos aplausos. Tamerlão com um gesto rápido de despedida saiu. Nós também nos retiramos (Ranieri e Eleutério - Espírito orientador). A lua brilhava no firmamento. Eleutério comentou: - Realmente, agora estou preocupado. Nem Adão resistiu à força do Sexo. Espírito genial e mau, Tamerlão vai fazer muito mal em nossas hostes. Precisamos preparar a defesa. Você, meu filho, entendeu o que ele disse? Com um gesto de cabeça disse que sim. - Pois é, atacará os espíritas na sua fragilidade, que é o sexo, procurará aproximar os líderes de mulheres que com eles tiveram ligações de outras vidas, que foram noutra época suas esposas ou suas amantes, e através desse velho amor buscará desmoralizá-los no mundo e inutilizar a obra evangélica que estejam realizando, pelo escândalo. Precisamos andar depressa, antes que a sua devastação seja muito grande! - Mas não haverá tempo para salvar ninguém? - Meu amigo, nesse problema sexual poucos querem ser salvos. Mas precisam compreender que o amor que lhes surgirá sorridente e amigo no caminho da vida, o amor ilegal, o amor impuro, porque fora do casamento, lhes será fatal. Espíritos dominados pelo escândalo sexual rolarão nos séculos e perderão o direito de pregar a palavra do Cristo! (...)

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

*

15ª AULA – 07 DE JULHO DE 2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 271 do siteLICEU ALLAN KARDEC - CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPITULO VII – “BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO”

*1. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus
(SÃO MATEUS, V:3).*

*MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA • Ferdinando • Espírito
protetor, Bordeaux, 1862*

13. Não vos orgulheis por aquilo que sabeis, porque esse saber tem limites bem estreitos no mundo que habitais. Mesmo supondo que sejais uma das sumidades desse globo, não tendes nenhuma razão para vos envaidecer. Se Deus, nos seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, foi por querer que a usásseis em benefício de todos. Porque é uma missão que Ele vos dá, pondo em vossas mãos o instrumento com o qual podeis desenvolver, ao vosso redor, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que dele se deve fazer? A enxada que o jardineiro põe nas mãos do seu ajudante não indica que ele deve cavar? E o que diríeis se o trabalhador, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu senhor? Diríeis que isso é horrroso, e que ele deve ser expulso. Pois bem, não se passa o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir, entre os seus irmãos, a ideia da Providência? Não ergue contra o seu Senhor a enxada que lhe foi dada para preparar o terreno? Terá ele o direito ao salário prometido, ou merece, pelo contrário, ser expulso do jardim? Pois o será, não o duvideis, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhação, até que se curve diante d'Aquele a quem tudo deve. A inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada. Se todos os homens bem dotados se servissem dela segundo os desígnios de Deus, a tarefa dos Espíritos seria fácil, ao fazerem progredir a humanidade. Muitos, infelizmente, a transformaram em instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa de sua inteligência, como de todas as suas faculdades, mas não lhe faltam lições, advertindo-o de que uma poderosa mão pode retirar-lhe o que ela mesma lhe deu.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS – CAP. I - A LEI DIVINA OU NATURAL -
I - CARACTERES DA LEI NATURAL

614. O que se deve entender por lei natural? – A lei natural é a lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem; ela lhe indica o que ele deve fazer ou não fazer, e ele só se torna infeliz porque dela se afasta.

615. A lei de Deus é eterna? – É eterna e imutável como o próprio Deus.

616. Deus teria prescrito aos homens, numa época, aquilo que lhes proibiria em outra? – Deus não se engana; os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, que são imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade.

617. O que as leis divinas abrangem? Referem-se a mais do que à conduta moral? – Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem, as da alma, e as segue.

617-a. É dado ao homem aprofundar umas e outras? – Sim, mas uma só existência não lhe é suficiente para isso. Que são, de fato, alguns anos para se adquirir tudo o que

constitui o ser perfeito, embora não consideremos mais do que a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A mais longa existência possível é insuficiente e com mais forte razão quando ela é abreviada, como acontece com um grande número. Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS - CAPÍTULO XXI - INFLUÊNCIA DO MEIO

1. O meio em que o médium se encontra exerce alguma influência sobre as manifestações? — Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam para o bem ou para o mal.

2. Os Espíritos Superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam? — Sim, quando o julgam útil, e segundo a intenção da pessoa que os consulta. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes comunicar-se, para um auxílio especial, malgrado a imperfeição do médium e do meio, mas então estes lhe permanecem completamente alheios.

3. Os Espíritos Superiores tentam levar às reuniões fúteis, intenções mais sérias? — Os Espíritos Superiores não comparecem às reuniões em que a sua presença é inútil. Aos meios de pouca instrução, mas onde há sinceridade, vamos de boa vontade, mesmo que só encontremos instrumentos deficientes. Mas aos meios instruídos, em que a ironia impera, não vamos. Neles é necessário tocar os olhos e os ouvidos, e esse é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que os que se vangloriam de sua sabedoria sejam humilhados pelos Espíritos menos sábios e menos adiantados.

4. É proibido aos Espíritos inferiores comparecerem às reuniões sérias? — Não. Às vezes permanecem nelas, a fim de aproveitarem os ensinamentos que vos são dados. Mas se calam, como os estouvados (brincalhões, imprudentes) numa reunião de sábios.

*

O CÉU E O INFERNO - CAPÍTULO IV: O INFERNO – OS LIMBOS

É verdade que a Igreja admite para certos casos particulares uma situação especial. As crianças mortas em tenra idade, não tendo praticado o mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. De outro lado, não tendo praticado o bem, não possuem nenhum direito à felicidade suprema. São então, diz ela, enviadas aos limbos, situação mista e jamais definida, na qual, embora não sofrendo não gozam também da felicidade perfeita. Mas desde que a sua sorte já está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas da felicidade por toda a eternidade. Essa privação, desde que não dependeu delas, equivale a um suplício eterno imerecido. Acontece o mesmo com o selvagem, que não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, pecam por ignorância, abandonando-se aos instintos naturais e não podem ter culpa nem mérito como os que agem em conhecimento de causa. A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus. Porque esta justiça encontra-se toda nestas palavras do Cristo: "A cada qual segundo suas obras". Mas é necessário entender por isso as boas ou más obras que se praticam livremente, voluntariamente, pois são as únicas que acarretam responsabilidade. Não é esse o caso da criança, nem do selvagem ou qualquer outro cujo esclarecimento não tenha dependido da sua própria vontade.

*

A GÊNESE CAPÍTULO XI – EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

35. - No intervalo de suas existências corporais os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e

pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.

36. - Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam por massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes ocasionam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. Os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, considerar-se como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovamento da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Na destruição, que por essas catástrofes se verifica, de grande número de corpos, nada mais há do que rompimento de vestiduras; nenhum Espírito perece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos, essa a única diferença, visto que, ou por uma causa ou por outra, fatalmente têm que partir, cedo ou tarde. As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, só com extrema lentidão esse progresso se realizaria. É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. - Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.

*

OBRAS PÓSTUMAS

Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento

É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contato. Semelhante ação evidentemente só pode ser exercida por um agente intermediário, do qual são reservatório o nosso corpo, os nossos olhos e os nossos dedos, principais órgãos de emissão e de direção. Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparso na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado? Esta questão, aliás, é secundária. O fluido perispirítico é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calórico. É-nos invisível, no nosso estado normal, e somente por seus efeitos se revela. Torna-se, porém, visível a quem se ache no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo, no estado de vigília, às pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão, ele se apresenta sob a forma de

feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado ordinário, denota matizes diversos, conforme os indivíduos que o emitem: ora vermelho fraco, ora azulado, ou acinzentado, qual ligeira bruma. As mais das vezes, espalha sobre os corpos circunjacentes uma coloração amarelada, mais ou menos forte. Sobre essa questão, são idênticos os relatos dos sonâmbulos e dos videntes. Teremos ainda ocasião de tratar disso, quando falarmos das qualidades que ao fluido imprimem o móvel que o põe em movimento e o adiantamento do indivíduo que o emite.

*

REVISTA ESPÍRITA - JANEIRO DE 1858

Diferentes naturezas de manifestações

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação. Cremos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1- Ação oculta, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc.;

2- Ação patente ou manifestação, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3- Manifestações físicas ou materiais, são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito frequentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4- Manifestações visuais ou aparições, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5- Manifestações inteligentes, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fora senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6- As comunicações, são as manifestações inteligentes que têm por objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos. A natureza das comunicações varia segundo o grau de elevação ou inferioridade, de saber ou ignorância do Espírito que se manifeste, e segundo a natureza do assunto de que se trata. Elas podem ser: frívolas, grosseiras, sérias, ou instrutivas. As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombadores e traquinas, mais maliciosos do que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem. As comunicações grosseiras se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas não emanam senão de Espíritos inferiores, ou que não estão ainda despojados de todas as impurezas da matéria. As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira que são feitas. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de toda a trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseira, e que tem um fim útil, seja de interesse privado, é, por isso mesmo, séria. As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas e mais ou menos verdadeiras, segundo o grau de evolução e de desmaterialização do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e continuem com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam

àqueles que querem se instruir e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos o cuidado de divertir, com gracejos, aqueles que não veem, nas manifestações, senão uma distração passageira. Não é senão pela regularidade e pela frequência das comunicações, que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, é preciso, talvez, mais ainda para julgar os Espíritos.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS - MIGUEL VIVES – OH! ESPÍRITAS

Em resumo:

- A Humanidade geme, chora, desespera-se, pelo muito que sofre; o egoísmo tudo devora; as vítimas da maldade se sucedem sem parar; as religiões se desviaram do caminho; os homens de bem, intermediários entre a Humanidade e a Providência, são escassos;
- os espíritas estão encarregados de trazer a luz, já que sabem porque a Humanidade sofre, porque chora, porque se desespera;
- sacrifiquemo-nos, pois, para poder explicar-lhe a causa de seus sofrimentos, de suas lágrimas, de seu desespero;
- procedamos de maneira a mostrar que a dor depura, eleva, santifica, exalta, e assim cumpriremos a nossa missão.

O espírita que muito deseja fazer por seus semelhantes não deve perder de vista o Senhor – quando o açoitavam atado ao pilar, quando o coroavam de espinhos, quando carregava a cruz, quando consumava o seu sacrifício –, para saber imitá-lo em seus atos de amor pela Humanidade, de abnegação e de sacrifício. “Vós sois o sal da terra; se o sal perder o seu sabor, com o que se há de salgar?”

*

LIVRO: OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO - J. HERCULANO PIRES

IV - Santos, diabos e clérigos

A Doutrinação nas manifestações mediúnicas da Era Apostólica, no chamado culto pneumático dos apóstolos e seus discípulos, era frequente a manifestação de espíritos diabólicos, com pesadas injúrias a Jesus e a Deus, como contam os historiadores do Cristianismo Primitivo. O Apóstolo Paulo trata desse culto na I Epístola aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais. O nome de culto pneumático deriva da palavra grega pneu, que significa sopro, espírito. Nas sessões espíritas atuais surgem as manifestações de Santos, Diabos e Padres geralmente condenando as práticas espíritas. Os Doutrinadores precisam de habilidade para distinguir os brincalhões e os mistificadores, das entidades ainda realmente apegadas às funções religiosas que exerceram em sua vida terrena. Os supostos santos usam uma linguagem melíflua, carregada de falsa bondade, com que pretendem iludir os participantes ingênuos das sessões. O doutrinador precisa lembrar-se que, se eles fossem realmente santos, não viriam combater as sessões mediúnicas e os ensinamentos mediúnicos de Jesus. Não devem perder muito tempo com eles. Basta mostrar-lhes que estão em mau caminho e que nada conseguirão com suas manhas. Os Diabos aparecem sempre de maneira grotesca, procurando fazer estardalhaço, ameaçando e roncando como bichos. Com paciência e calma, mas sem lhes dar trelas, o doutrinador os afastará logo. Os espíritos de padres e freiras, frades e outros clérigos são mais insistentes, querendo discutir sobre interpretações evangélicas. O melhor que se pode fazer é convidá-los a orar a Jesus. Embora manhosos, são espíritos necessitados de ajuda e esclarecimento. Com sinceridade e amor são facilmente doutrináveis. Mais raras são as manifestações de pastores protestantes e de rabinos judeus, mas também ocorrem. Manifestam-se sempre

demasiadamente apegados a letras dos textos bíblicos e evangélicos. Inútil entrar em discussão com eles. Tratados com amor e sinceridade acabam retirando-se e já entregues a antigos companheiros de profissão, já esclarecidos, que geralmente os trouxeram à sessão mediúnica para aproveitar as facilidades do ambiente. A doutrinação tem o duplo poder da verdade e do amor, a que eles não podem resistir por muito tempo. Alguns costumam voltar com insistência em várias sessões. Devem ser sempre recebidos com espírito fraterno e com a intenção pura de auxiliá-los.

*

LIVRO: LEIS DE AMOR EMMANUEL - VI - Consequências do passado

1 - Como podemos compreender os resultados de nossas existências anteriores? - Para compreender os resultados das existências anteriores, baste que o homem observe as próprias tendências, oportunidades, lutas e provas.

2 - Como entender, na essência, as dívidas ou vantagens que trazemos de existências passadas? - Estudos que efetuamos corretamente, ainda que terminados há longo tempo, asseguram-nos títulos profissionais respeitáveis. Faltas praticadas deixam azeda sucata de dores na consciência, pedindo reparação. Se plantamos preciosa árvore, desde muito, é natural venhamos a surpreendê-la, carregada de utilidades e frutos para os outros e para nós. Se nos empenhamos num débito, é justo suportemos a preocupação de pagar.

3 - Qual a lição que as horas nos ensinam? - Meditemos a simples lição das horas. Comumente, durante a noite, o homem repousa e dorme; em sobrevindo a manhã, desperta e levanta-se com os bens ou com os males que haja procurado para si mesmo, no transcurso da véspera. - Assim, é a vida e a morte, na lei da reencarnação que rege o destino.

4 - Qual a situação moral da alma no túmulo e no berço? - No túmulo, a alma, ainda vinculada ao crescimento evolutivo, entra na posse das alegrias e das dores que amontoou sobre a própria cabeça; no berço, acorda e retoma o arado da experiência, nos créditos que lhe cabe desenvolver e nos débitos que está compelida a resgatar.

5 - Em síntese, onde permanece, espiritualmente, a criatura reencarnada? - Cada criatura reencarnada permanece nas derivantes de tudo o que fez consigo e com o próximo.

6 - Qual a explicação lógica das enfermidades congênitas? - Os grandes delitos operam na alma; estados indefiníveis de angústia e choque, daí nascendo a explicação lógica das enfermidades congênitas, às vezes inabordáveis a qualquer tratamento.

*

POESIA AVAREZA E OBSESSÃO - Cornélio Pires

O sovina Chichico da Planura
 Foi à sessão no Ingá, pedindo ao Guia: –
 “Não me deixes, irmão, nesta agonia,
 Carrego obsessão, treva, loucura...”
 O Guia esclareceu, em voz segura: –
 “Meu amigo, a melhora principia
 Em gastar para o bem. Serve e auxilia.
 Caridade é socorro, amparo e cura...”
 Mas Chichico, escutando esse conselho,
 Levantou-se, tossiu, ficou vermelho
 E gritou para a médium Nhá Lili
 – “Custei muito a ganhar o meu dinheiro.
 Não quero falação de zombeteiro.
 Este espírito mau nunca foi guia.”

Do livro Amanhece. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

**Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação) – pág. 126 do site –
 O ESCULTOR E A PARTEIRA (O CONCEITO)**

Os homens aparecem, aos olhos de Sócrates, como possibilidades de sabedoria, ou como sabedoria em potência. Mais tarde, um seu discípulo indireto, um seu neto espiritual, Aristóteles, explicará como a sabedoria pode passar de potência a ato. Mas antes, bem antes dessas explicações minuciosas, Sócrates se incumbirá de fazer o milagre. Para isso, criará um método especial, que o identificará ao mesmo tempo com a tradição paterna e materna. Por um lado, ele se fará o escultor de homens, não mais arrancando da pedra as suas imagens, mas do espírito. Por outro lado, será um continuador da mãe, ajudando através da maiêutica o nascimento da verdade, como Fenareta ajudava o das crianças. Para esculpir nos espíritos é necessário um cinzel (instrumento de aço temperado, de que uma das extremidades é talhada em bisel – corte enviesado na aresta de uma peça -, para trabalhar a madeira, o ferro, a pedra, o mármore.) verbal. E Sócrates o fabrica: seu cabo é o conceito, seu gume é a ironia, sua lâmina penetrante é a maiêutica. Mas esse mesmo instrumento serve também aos partos do espírito, pois é evidente a semelhança entre arrancar da pedra uma imagem ou de um ventre uma criatura. Dotado desse instrumento, dessa técnica espiritual, Sócrates começa a agir. Primeiro, esculpiu-se a si mesmo, provocou o parto do seu próprio espírito. Depois, saiu ao socorro dos outros, no cumprimento da missão que indiretamente o Oráculo lhe confiara. Os fisiólogos queriam criar uma ciência geral do Universo, partindo do conhecimento das coisas. Mas como conhecermos as coisas, sem nos conhecermos a nós mesmos? Sócrates nega a importância dessa ciência geral, ou pelo menos a sua oportunidade. Depois dele, e a partir de suas ideias, e particularmente da sua descoberta do conceito, seu discípulo Platão restabelecerá o prestígio do geral. Logo depois, porém, Aristóteles o vingará, restabelecendo o prestígio do particular, como investigador naturalista. Mas o particular, para Sócrates, começará no Homem, ou melhor, na cabeça do Homem, nessa caixa de surpresas em que se esconde o conceito. A ciência de Sócrates não se refere às coisas particulares da natureza, mas ao particularismo humano. Sócrates concorda com os sofistas: o que importa é o Homem. E a primeira coisa que ele vê no Homem não é o seu corpo, como o fizeram os físicos ou médicos, nem as suas ambições, como o fizeram os sofistas, mas as suas ideias. O Homem não vive como os animais, impulsionado pelas necessidades orgânicas, mas de outra maneira, guiado pelas ideias. Estas, pois, são a chave do problema humano, da ciência do particular que é preciso construir. Existem ideias do Bem e do Mal, do Belo e do Feio, do Justo e de Injusto, da Natureza e do Social – tão discutidas pelos sofistas – do Vício e da Virtude, também são debatidas. Essas ideias são ímãs, freios, alavancas, rodas, engrenagens do espírito. Precisamos então conhecê-las, saber o que são, e aprender a utilizá-las.

Eis a chave do método socrático, eis a descoberta maravilhosa, que, como acentua, René Hubert, deu origem ao “racionalismo filosófico, à ciência positiva, às técnicas experimentais, à moral independente, e, além de tudo isso, à pedagogia consciencial e a todo o conteúdo do humanismo europeu”. Eis, enfim, o conceito, essa abstração da coisa, essa realidade subjetiva, que constitui o mundo verdadeiro do Homem, sobreposto ao concreto, em que vive o animal. O conceito é uma conquista da evolução psíquica. É o momento em que a mente se liberta do objeto, criando o seu próprio universo. Uma vez compreendida a sua função, conhecido o seu valor, o espírito se livra do peso da matéria. A antinomia existencial se define: de um lado está a coisa, o objeto, a matéria, na sua diversidade, na sua confusão; de outro está o espírito que percebe, que capta, que apreende essa diversidade; e no meio, entre um e outro, está o **conceito, representação pura do impuro, imagem perfeita do imperfeito, simbologia homogênea do heterogêneo, intermediário entre o ser e o não-ser, chave de controle de toda a realidade.** Platão está cheio de razão, mais tarde, ao considerar o conceito como a verdadeira realidade, pois, ao menos para o Homem, o mundo do conceito é que é o mundo real. Descoberto o conceito, compreendemos o valor das palavras, que são as suas representações no concreto. Sócrates aplica então o gume do cinzel na polpa movediça do concreto. Emprega a ironia. Os homens falam muito, repetem palavras, encadeiam frases. O processo verbal é como um rio, correndo sem cessar. Sócrates o fere, em rápidas cutiladas, rompendo a leve película que envolve as palavras. Se alguém fala em justiça, ele logo pergunta: - “Que é isso?” E se o interpelado responde com novo enxurro de palavras, ele insiste nas perguntas, exige definições, quer que os conceitos apareçam por trás da ganga oratória. As palavras já não podem disfarçar o pensamento, as frases não devem esconder a verdade. A razão, que em Protágoras era ainda um tateio na superfície das coisas, torna-se agora um instrumento agudo de penetração no real. E dessa penetração surge a maiêutica, o momento supremo do impacto socrático no espírito. Attingido o conceito, através da palavra, a consciência se ilumina, porque o pensamento se coordena e harmoniza. A limpidez conceptual da consciência determina então a retidão moral, porque as idéias dirigem a conduta. É assim que Sócrates, o escultor, transfere da pedra para o espírito a arte paterna. É assim também que Sócrates, o parteiro, faz que as criaturas venham à luz, rompendo o ventre da ignorância. O espírito assim esculpido, a consciência liberta do véu ilusório das palavras, podem ver-se a si mesmos. O conselho do Oráculo de Delfos já não será tão difícil de compreender e de seguir: Conhece-te a ti mesmo. Sócrates encontrou a técnica do conhecimento próprio, o que vale dizer, da libertação humana.

*

O SABER E A VIRTUDE – continua...

*

**FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

**MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – continuação - pág. 127 do site.
IV – PERISPÍRITO**

93. O Espírito propriamente dito vive a descoberto, ou, como pretendem alguns, envolvido por alguma substância? – O Espírito é envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para que ele possa elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser. Como a semente de um fruto é envolvida pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é revestido de um envoltório que, por comparação, se pode chamar perispírito.

94. De onde tira o Espírito o seu envoltório semi-material? – Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.

94-a. Dessa maneira, quando os Espíritos de mundos superiores vêm até nós, tomam um perispírito mais grosseiro? – É necessário que eles se revistam da vossa matéria, como já dissemos.

95. O envoltório semi-material do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? – Sim, uma forma ao arbítrio do Espírito; e é assim que ele aparece algumas vezes, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, podendo tomar uma forma visível e mesmo palpável.

V – DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

96. Os Espíritos são todos iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia? – São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que tenham chegado.

97. Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos? – É ilimitado o número dessas ordens, pois não há entre elas uma linha de demarcação, traçada como barreira, de maneira que se podem multiplicar ou restringir as divisões, à vontade. Não obstante, se considerarmos os caracteres gerais, poderemos reduzi-las a três ordens principais. Na primeira ordem, podemos colocar os que já chegaram à perfeição: os Espíritos puros. Na segunda, estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Na terceira, os que estão ainda na base da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o desenvolvimento.

98. Os Espíritos da segunda ordem só têm o desejo do bem; terão também o poder de o fazer? – Eles têm esse poder, de acordo com o grau de sua perfeição: uns possuem a ciência; outros a sabedoria e a bondade. Todos, entretanto, ainda têm provas a sofrer.

99. Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus? – Não; uns não fazem bem nem mal; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Há ainda Espíritos levianos ou estouvados, mais travessos do que malignos, que se comprazem mais na malícia do que na maldade, encontrando prazer em mistificar e causar pequenas contrariedades, das quais se riem.

*

VI – ESCALA ESPÍRITA – continua....

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

034) A RESPOSTA ESTÁ NO EVANGELHO! - Pág. 72 do site

Queridos irmãos, boa noite! Quando vai chegando esta hora, cada um de vocês espera que eu dê a resposta que cada um faz mentalmente e não fala. Cada um espera uma resposta para a pergunta que traz dentro de si e espera ouvir a resposta com ansiedade; mas, eu lhes digo que não vou responder, ou melhor, eu lhes digo apenas que tenham fé, resignação e muita perseverança, pois estudando a doutrina ela mesma vai lhes dar as respostas que desejam. Seria muito fácil responder o que cada um quer saber, mas, e daí? Poderia até, que não me levassem a sério e até duvidassem de mim, pois como já lhes disse, não sou a sumidade de perfeição que vocês estão pensando; também estou aprendendo e posso lhes dizer que ainda falta muito para aprender. Estou lutando, estou me esforçando, e muito! Por isso lhes digo: não sou a pessoa mais indicada para lhes responder e lhes dar a paz que estão esperando. Assim, lhes digo: perseverem na doutrina, pratiquem a caridade, tenham fé, esperança, que a resposta será dada a cada um, na ocasião propícia, conforme a necessidade. Essa verdade que cada um espera de mim está no Evangelho. Leia-o! Medite-o! Estude-o!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 06/06/2000).

*

121) A SEMEADURA E O TERRENO IMPRÓPRIO – pág. 106 do site

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos. Queridos irmãos é com grande alegria que aqui venho para vos ajudar a entender os ensinamentos de Jesus. Verdade é que encontramos lá fora um terreno ruim para cultivar a sementeira do bem, da verdade e da paz. Não devemos abaixar a cabeça por isso e sim nos servir de desafio, pois quanto maior o sacrifício para se chegar ao alvo, maior é o valor da conquista. As dificuldades são como uma cola para poder selar os ensinamentos, os exemplos do bem, da benevolência, paciência e indulgência: isso se chama caridade.

Às vezes não percebemos o que fazemos, mas quem está por perto sempre presta atenção; por isso não demos conta, muitas vezes, do bem ou do mal que fizemos. Por isso orai, orai e vigiai, porque só assim é que podemos estar sempre em ligação com bons fluidos e a disseminá-los por onde quer que estejamos. Dia virá em que poderemos vislumbrar isso tudo e qual será a nossa alegria em saber que às vezes um simples gesto ajudou a encaminhar muitos de nossos irmãos que ali estavam esperando um simples aceno de nossa parte para seguir o caminho. Que as bênçãos de Jesus esteja com todos e todos os familiares.

(Mensagem psicografada por João Francisco, em 28/9/2005, Esp. Joaquim. L. A. Kardec).

*

233) A DOR DA ALMA – pág. 148 do site

A dor física é um sinal de que algo não está bem conosco. Podemos combatê-la buscando os recursos da cura através da Medicina. Porém, quero me referir à dor da alma, que não se acha remédio a não ser em nós mesmos. Buscar na nossa consciência a causa dessa dor da alma. E corrigir nossos atos, nossas atitudes, nossos sentimentos, desejos e vontades... Digo, porém, que há remédio para TUDO! É preciso que busquemos no lugar certo; então seus efeitos serão positivos, a cura será alcançada. Aqui onde estou, sofro dessa dor da alma, e estou compreendendo o porquê de tudo, por isso falo do remédio contra a dor, seja física, ou seja da alma, esta sim, a mais dolorida e contundente. Aja de forma a evitar sofrer essa dor, porque a dor física é mais fácil de ser medicada.

(Espírito não identificado. Médiun Nena. Liceu Allan Kardec. Buri. 12/08/2007).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO. LIVRO: “SEXO E VERDADE” – JORGE RIZZINI (MÉDIUM) POESIAS – CASIMIRO DE ABREU – ESPÍRITO - “SEXO E UMBRAL” – pág. 14 do site

Não julgueis que a minha lira Por ter as notas suaves,
Não enfrenta os temas graves Que inspira o lodoso Umbral...
A lira tem seus mistérios! Basta apertar suas cordas,
Examinar todas bordas E o som reboa no Astral!

Muitas vezes vou sozinho Com o Evangelho na mão,
Cumprindo minha missão Na região umbralina...
Ouça o leitor o que digo! Nessas terras tenebrosas
Vivem almas delituosas Envoltas sempre em neblina!

População muito estranha De deformados fantasmas,
Que emanam dos lodaçais!
O chão parece arenoso, Bem pesada é a atmosfera,
Plantas com forma de fera Têm vibrações de animais...

É triste que eu lhes confesse, Que nessas duras paisagens,
Vivem muitas personagens, Inda famosas na Terra!
Políticos... cientistas... Filósofos e doutores...
Alguns grandes inventores, Todos amantes da guerra!

Neste mundo primitivo, Porém bastante complexo,
Os criminosos do sexo São a grande maioria!
Seus fluidos lembram brasas, As formas são bem grotescas,
São Almas animais Ferozes na sodomia! ...

Ninguém jamais imagina Do que são elas capazes!
São terríveis, são tenazes Na área rubra sexual...
Essas almas doentias, Nos momentos sexuais,
Transformam-se em animais, E este ato é intencional! ...

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)

*

**VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA.**

*

16ª AULA – 14 DE JULHO DE 2015**CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO****J. HERCULANO PIRES**Vide site www.josefleuri.com.br – pág. 281 do site**LICEU ALLAN KARDEC****CENTRO ESPÍRITA****SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ****O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – pág. 281 do site****CAPÍTULO V - BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS**

1. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. (MATEUS, V: 5, 6 e 10).

EUTANÁSIA • São Luís • Paris, 1860

- Mas quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem até a beira da sepultura, para em seguida retirá-lo, com o fim de fazê-lo examinar-se a si mesmo e modificar-lhe os pensamentos? A que extremos tenha chegado um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que soou a sua hora final. A Ciência, por acaso, nunca se enganou nas suas previsões?

Bem sei que há casos que se podem considerar, com razão, como desesperadores. Mas se não há nenhuma esperança possível de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também inúmeros exemplos de que, no momento do último suspiro, o doente se reanima recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, pois ignorais as reflexões que o seu Espírito poderia ter feito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos podem ser poupados por um súbito clarão de arrependimento.

O materialista, que só vê o corpo, não levando em conta existência da alma, não pode compreender essas coisas. Mas o espírita, que sabe o que se passa além-túmulo, conhece o valor do último pensamento. Aliviai os últimos sofrimentos o mais que puderdes, mas guardai-vos de abreviar a vida, mesmo que seja em apenas um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS**CAPÍTULO XII - PERFEIÇÃO MORAL****I – AS VIRTUDES E OS VÍCIOS**

909. O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços?

– Sim, e às vezes com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah, como são poucos os que se esforçam!

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar as paixões?

– Se orar a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, porque essa é a sua missão. (Ver item 459).

II – INFLUENCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS SOBRE**OS NOSSOS PENSAMENTOS E AS NOSSAS AÇÕES**

459. Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

– Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito frequentemente são eles que vos dirigem.

911. Não existem paixões de tal maneira vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para as superar?

– Há muitas pessoas que dizem: “Eu quero!” Mas a vontade está somente em seus lábios. Elas querem, mas estão muito satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões é que o seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua própria inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria.

912. Qual o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corpórea?

– Abnegar-se.

*

IV – CARACTERES DO HOMEM DE BEM

918. Por que sinais se pode reconhecer no homem o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espírita?

– O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida corpórea constituem a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que gostaria que os outros lhe fizessem.

O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou de crenças.

Se Deus lhe deu a poder e a riqueza, olha essas coisas como um depósito do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lhes deu, também poderá retirá-los. Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo; “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”.

Não é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar se não dos benefícios, porque sabe que lhe será perdoado assim como tiver perdoado.

Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus.

V – CONHECIMENTO DE SI MESMO

919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

– Um sábio da Antiguidade vos disse: “**Conhece-te a ti mesmo**”.

919-a. Compreendemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de chegar a isso?

– Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava

de reforma. Aquele que todas as noites lembrasse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, **pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá.** Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que censuraríeis nos outros, se praticastes uma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? **Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo e por fim contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.**

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento individual. **Mas, direis, como julgar a si mesmo?** Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga simplesmente econômico e previdente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e, geralmente, Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las: pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos permite sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção para os fenômenos da Natureza que vos tocam os sentidos e depois vos demos instruções que cada um de vós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos ‘O Livro dos Espíritos’.

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que uma máxima que em geral não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas: respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma das quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação) – pág. 127 do site – O SABER E A VIRTUDE

A condição da virtude é, portanto, o saber. O homem reto é o que sabe. Como se pode ser bom sem saber o que é o Bem? Está nisso todo o valor do conceito. Temos primeiro de inquirir qual a natureza do Bem. E desse inquérito resulta que o particular, o bem pessoal, o bem do homem que busca a felicidade, transforma-se naturalmente no bem geral. Porque o Bem é uma ideia, uma formulação abstrata, que parte da indução do particular, para a síntese do conhecimento.

Conhecer-nos a nós mesmo é saber o que somos, o que temos em nós, a que aspiramos. Ora, o que todos nós desejamos é a felicidade. Mas o que é a felicidade? Aí está novamente o conceito, a desafiar a nossa argúcia. Todos falam essa palavra, todos pensam nela, todos a desejam. Mas saberão o que desejam? Uns acreditam que a felicidade é o dinheiro, e correm loucamente atrás dele, para afinal verificarem que estavam em caminho errado. Outros pensam que a felicidade é o poder, a glória, a consideração alheia. Entretanto, o homem que descobriu o conceito sabe que a felicidade é uma ideia autônoma, que tem o seu próprio sentido e por isso mesmo não se confunde com outras idéias. A felicidade é um conceito. E esse conceito representa um estado do ser, uma situação humana, uma condição íntima, que nada tem com a quantidade de dinheiro ou de poder que tenhamos em mãos.

Para sermos felizes, precisamos antes de mais nada conhecer a felicidade, saber a que realmente corresponde na prática essa ideia. Mas para conhecer a felicidade precisamos primeiramente conhecer a essência humana, a nossa própria natureza como tal. Ora, essa essência aspira à libertação. Nossa natureza é a própria liberdade. Assim, quando correremos atrás do dinheiro, é porque pensamos que ele nos dá liberdade. Ao atingi-lo, verificamos que, pelo contrário, o dinheiro pesa sobre nós. Isso nos leva a compreender que ninguém age mal por querer. Pelo contrário, o mal decorre da ignorância, pois é praticado na intenção de produzir o bem. Da mesma maneira, chegamos à conclusão de que a virtude é a ciência.

Mas o conhecimento, ao menos para Sócrates, não decorre apenas da ilustração própria. Há outro fator, que age durante toda a sua vida, desde criança, mesmo antes que ele houvesse descoberto a sua técnica, para guiá-lo ao bem. É o seu demônio, que sempre o adverte, quando ele vai dar um mau passo. Windelband entende que esse demônio compromete o racionalismo socrático. Vemo-lo, entretanto, sempre em ação. E mesmo na *Apologia*, quando pretende proclamar que a morte é um bem e não um mal, Sócrates se lembra dele:

Aquela minha voz habitual do demônio, em todos os tempos passados me era sempre freqüente, e se opunha ainda nos mais pequeninos casos, cada vez que fosse para fazer alguma coisa que não estivesse muito bem. Ora, aconteceram-me estas coisas, que

vós mesmos estais vendo, e que, decerto, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males. Pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante o discurso. Em todo este processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato nem à palavra alguma.

Qual suponho que seja a causa? Eu vo-lo direi: em verdade este meu caso pode ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, os que pensamos que a morte é um mal: E disso tenho uma grande prova: que, por muito menos, o signo habitual, o meu demônio, se me teria oposto, se não fosse para fazer alguma coisa de bem.

Seja, pois, este demônio socrático, uma voz interna proveniente da intuição, uma voz divina como a do Oráculo de Delfos, “um puro instinto natural profético”, como quer Windelband, ou uma entidade intermediária entre os deuses e os homens, como na concepção de Hesíodo, a verdade é que não se pode negar a sua importância no processo ético do ensino de Sócrates.

Windelband chega a afirmar que o filósofo “considerava esse demônio como um dote puramente pessoal, ou seja, que não lhe reconhecia importância alguma para a regulamentação ética da vida humana em geral”. Bastariam os trechos da *Apologia*, que reproduzimos acima, para mostrar o contrário. Sócrates estava sempre atento à voz do demônio, e declara que ela teria modificado a sua atitude, até mesmo nesse momento supremo da sua vida, quando caminhava jubilosamente para a morte.

Como deduzir um fato dessa natureza aos limites estreitos de um “dote pessoal”, sem importância para a vida humana? Como aceitar, logo de início, a exceção absurda, ilógica e anticientífica de um “dote pessoal” exclusivo para Sócrates, que de certa maneira o apartaria da espécie? Os preconceitos culturais que agem na posição estranha de Windelband são também responsáveis pelo esquecimento quase geral desse elemento importante da ética socrática. A verdade histórica nos manda reconhecer a presença do “demônio” na aquisição do conhecimento, da ciência que produzirá a virtude, como elemento tão importante como a própria experiência pessoal do Homem na vida, ou como esse outro elemento que Sócrates chamará *Amor*, e que em termos sociológicos chamaríamos hoje por outras palavras, mais técnicas e menos ricas ou expressivas.

O saber e a virtude nunca revelaram tão profundamente a sua ligação quanto no próprio trabalho da sua pesquisa em comum, através do diálogo. Nessa pesquisa criava-se uma situação especial, em que os espíritos se ajudavam mutuamente. Formava-se um ambiente de interesse recíproco, um meio de permutas psíquicas – não apenas intelectual, mas também afetivo e volitivo – em que o amor agia como estímulo na descoberta da verdade. Dessa maneira, a ligação do saber com a virtude não era, como supõem alguns autores modernos, um ponto de confusão, de falta de clareza ou definição, na teoria socrática, mas uma decorrência lógica do desenvolvimento ético, que não pode efetuar-se sem o pressuposto do desenvolvimento intelectual. O racionalismo grego nunca atingiu maior altura. Hubert acentua: “A cultura intelectual não aparece apenas como meio de cultura ética, mas como estritamente idêntica a ela”.

Sócrates transformava, assim, a antiga camaradagem grega, de elemento fundamental da educação ética, num sistema de amizade intelectual. O poder educativo do amor, que os gregos levaram ao exagero da pederastia, era aplicado por ele num sentido mais amplo e mais lógico. Em lugar dos famosos “pares de amantes”, das parselhas do “batalhão sagrado”, que mais tarde constituiriam uma realidade histórica, Sócrates propunha os grupos de amantes, cujo amor se traduziria no esclarecimento mútuo.

Conhecemos a história do exército criado por Górgias, nos fins do IV século, no qual se destaca o “batalhão sagrado”, composto exclusivamente de amantes e amados,

sob o comando da parelha Pelópidas e Epaminondas. Esse batalhão obteve para os tebanos a vitória de Leuctras, em 371. Para compreendermos a razão desse fato, convém atentarmos para este trecho do discurso de Fedro, no *Banquete*:

... Nunca um indivíduo se mostra mais confuso do que, quando, por via de alguma falta, é surpreendido pela pessoa amada. De sorte que se fosse possível formar, por algum modo, um Estado ou um exército exclusivamente de amantes e amados, assim se obteria uma constituição política insuperável, pois ninguém faria o que fosse desonesto, e todos, naturalmente, se estimulariam na prática de belas coisas. Na luta, um desses exércitos, mesmo reduzido, obteria vitórias sobre todos os inimigos, pois se um soldado às vezes suporta que os seus companheiros o vejam largar as armas e desertar, jamais desejaria que o seu amado o visse fugir, e a isso preferiria a morte. Além disso, ninguém é tão covarde que sucumba ao medo, fuja e não auxilie ao seu amado, abandonando-o aos perigos. Eros inspira coragem aos seus adeptos, e os torna semelhantes aos que, por natureza, são bravíssimos.

Quando, porém, Sócrates começa a falar, e relata o seu diálogo imaginário com Diotima, a estrangeira, o amor se transfigura no diálogo platônico, da mesma maneira por que mais tarde se transfiguraria no diálogo evangélico entre Jesus e Madalena. Sócrates não defende a tese do amor como estímulo da coragem na guerra, mas como necessidade fundamental dos seres, humanos ou não, que buscam a imortalidade através das vicissitudes da vida mortal. É o que ele põe claramente na boca de Diotima, porta-voz da sua filosofia:

DIOTIMA -... Pois o amor não é, como pensas, o desejo do que é belo.

SÓCRATES – Que é, então?

DIOTIMA – É o desejo de procriação no belo.

SÓCRATES – Talvez.

DIOTIMA – Talvez, não, mas seguramente o é. E sabe qual a importância da procriação? É que ela representa algo perdurável: para um mortal, é a imortalidade. Ora, como vimos há pouco, o desejo de imortalidade é inseparável do desejo do bem, pois o amor consiste no desejo da posse perpétua do bem, e disso resulta que o amor é também o desejo de imortalidade.

Mas a procriação não é apenas função do corpo. Há uma forma de procriação que é superior à física, e por isso mesmo anula os meios físicos de procriar. O amor aparece, então, num plano diferente, ligando as criaturas por laços espirituais. Madalena conhecia o amor na sua forma carnal. Jesus adverte de que o amor não reside na carne e lhe abre as perspectivas do espírito. Sócrates o antecipa nesse gesto, ensinando aos gregos a beleza do amor em sua função espiritual.

Aqueles cuja fecundidade reside no corpo – diz ainda no Banquete – dirigem-se de preferência às mulheres, e assim realizam a sua maneira de amar, acreditando que atingem a imortalidade pela criação de filhos, bem como a celebridade e a felicidade eternas. Mas os que desejam procriar pelo espírito – pois há pessoas que mais desejam com a alma do que com o corpo (e esta é mais fértil que aquele) -, esses anseiam por criar o que compete à alma. Que criação será esta? A do pensamento e das demais virtudes. A criação desses homens a quem chamamos poetas, e a dos outros a quem chamamos inventores.

Basta isso para mostrar a que extremos Sócrates conseguiu levar a revolução sofística, modificando em profundidade a atitude grega em face dos problemas da vida e do mundo. Quando a própria camaradagem guerreira, pântano em que desabrocha a flor negra da pederastia helênica, é por ele transformada na camaradagem intelectual, em que floresce a sabedoria, o seu gênio revolucionário atinge as culminâncias do divino. E é

nisto que ele supera, em tamanha extensão e tão grande altura, o gênio revolucionário de Protágoras, deixando de ser o seu continuador, para se tornar quase o seu antípoda.

O HOMEM DO POVO – continua...

*

**FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – continuação - pág. 128 do site.

VI – ESCALA ESPÍRITA

100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. A classificação dos Espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por eles adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Esta classificação nada tem de absoluta: nenhuma categoria apresenta caráter bem definido, a não ser no conjunto: de um grau a outro a transição é insensível, pois, nos limites, as diferenças se apagam, como nos reinos da Natureza, nas cores do arco-íris ou ainda nos diferentes períodos da vida humana. Pode-se, portanto, formar um número maior ou menor de classes, de acordo com a maneira por que se considerar o assunto. Acontece o mesmo que em todos os sistemas de classificação científica: os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência; mas, sejam como forem, nada alteram quanto à substância da Ciência. Os Espíritos, interpelados sobre isto, puderam, pois, variar quanto ao número das categorias, sem maiores consequências. Houve quem se apegasse a esta contradição aparente, sem refletir que eles não dão nenhuma importância ao que é puramente convencional. Para eles o pensamento é tudo: deixam-nos os problemas da forma, da escolha dos termos, das classificações, em uma palavra, dos sistemas.

Ajuntemos ainda esta consideração, que jamais se deve perder de vista: entre os Espíritos, como entre os homens, há os que são ignorantes, e nunca será demais estarmos prevenidos contra a tendência a crer que eles tudo sabem, por serem Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados, são os ignorantes deste mundo, incapazes de apreender um conjunto e formular um sistema; eles não conhecem ou não compreendem senão imperfeitamente qualquer classificação; para eles, todos os Espíritos que lhes sejam superiores são de primeira ordem, pois não podem apreciar as suas diferenças de saber, de capacidade e de moralidade, como entre nós faria um homem rude em relação aos homens ilustrados. E aqueles mesmos que sejam capazes, podem variar nos detalhes, segundo os seus pontos de vista, sobretudo quando uma divisão nada tem de absoluto. Linneu, Jussieu, Tournefort, tiveram cada qual o seu método e a Botânica não se alterou por isso. É que eles não inventaram nem as plantas, nem os seus caracteres, mas apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos e as classes. Foi assim que procedemos. Nós também não inventamos os Espíritos nem os seus caracteres. Vimos e observamos; julgamos pelas suas palavras e os seus atos, e depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos nos dados que eles nos forneceram.

Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, aquela que se encontra na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo de praticar o bem: são os Espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, que atingiram o supremo grau de perfeição.

Esta divisão nos parece perfeitamente racional e apresenta caracteres bem definidos; não nos resta senão destacar, por um número suficiente de subdivisões, as nuances

principais do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benevolentes instruções jamais nos faltaram.

Com a ajuda deste quadro será fácil determinar a ordem e o grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em relação, e, por conseguinte o grau de confiança e de estima que eles merecem. Esta é, de alguma maneira, a chave da Ciência espírita, pois só ela pode explicar-nos as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as irregularidades intelectuais e morais dos Espíritos. Observaremos, entretanto, que os Espíritos não pertencem para sempre e exclusivamente a esta ou àquela classe; o seu progresso se realiza gradualmente, e como muitas vezes se efetua mais num sentido que noutro, eles podem reunir as características de várias categorias, o que é fácil avaliar por sua linguagem e seus atos.

TERCEIRA ORDEM: ESPÍRITOS IMPERFEITOS – continua...

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

035) O EVANGELHO É A NOSSA ESCADA PARA DEUS!

Queridos irmão e companheiros, boa noite!

Estive, no decorrer desta semana, acompanhando cada um de vocês. E vivi com vocês, alguns de seus momentos de dúvida, incerteza, pequenas alegrias e algumas pontas de tristeza e, até mesmo, de insegurança. Mas não se aflijam, irmãos. Isso tudo é aprendido. Vivemos vários sentimentos contraditórios no decorrer do nosso dia para poderemos aperfeiçoar nosso aprendizado, melhorar nossa vontade, através de algum esforço, alguma renúncia e algum contratempo que surja no dia a dia de nossas vidas. Mas é assim mesmo! Só lhes peço: não esmoreçam, mesmo que revezes tiverem; lutem, lutem, lutem! Lutem contra sentimentos que vos acolhem de surpresa e que vos quer derrubar. Insistam na leitura do Evangelho, diariamente, para que a paz de Jesus, encontrada e inserida nessas páginas, possam vos trazer mais força, mais resistência. Só assim vencerão os espinhos do caminho, que não estão aí por acaso. Vós os pedistes! Porque agora voltaram sem resignação, desistindo de tudo? Não, a vida é luta! É caminho para frente! E só atingirão o último degrau se galgarem um a um, aprendendo e assimilando tudo que encontrarem em cada degrau da escada de vossa elevação para o Pai Criador de todo o Universo.

Só chegarão a Ele depois de galgarem degrau a degrau, com cuidado, com toda a fé, esperança, praticando a caridade e, principalmente, observando o degrau podre que pode fazê-los cair por terra e definitivamente. Subam com fé, com esperança, com luta e, principalmente, não deixem de ter coragem. Estou com vocês, caminhando, crescendo com vocês, auxiliando-nos mutuamente no dia a dia.

Façam o Evangelho diariamente; ele será a alavanca que os impulsionará na subida da escada para Deus!

Fiquem com Ele, agora e todos os dias. Não se esqueçam: Evangelho será a dose diária que precisam para terem mais força.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 13/06/2000).

*

123) ÁGUA PURA E LUZ PARA OS ESPÍRITOS AQUI PRESENTES!

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos! Naturalmente, se a casa não está cheia de irmãos, é porque, por certo, tenham algo mais importante a fazer. Mas não devemos nos preocupar com isto; ainda que estejamos aparentemente sós, estamos acompanhados!

O aproveitamento dos estudos é sempre muito importante, e irmãos invisíveis aos seus olhos estão em grande número aqui.

O esclarecimento através de estudos consistentes, baseados em obras notáveis de irmãos que já percorreram o caminho, assistidos pelos irmãos de grande luz, designados por Deus, é água pura na fonte da Verdade. Água para lavar as impurezas dos espíritos que ainda necessitam dessas conversações para, ouvindo, consigam entender qual seu estágio, e, assim, transforma-se a água pura em luz que clareia o caminho!

Não desanimem irmãos; que as bênçãos de Deus, através de Jesus, alcancem o cérebro, os sentidos e os órgãos de todos, para se fortalecerem no amor, na mansuetude, na coragem e na fé, para levarmos água e luz a todos que necessitam, à beira do caminho.

Mais uma vez, bênçãos de Jesus a todos e todos os familiares.

(Esp.: Joaquim. *Médium: João Francisco. L. Allan Kardec. – Buri. 16/11/2005*).

*

234) ESTOU ME SENTINDO MELHOR. QUERO SER ÚTIL TAMBÉM!

Por que sinto as minhas mãos dormentes se elas não estão aqui? Meu corpo parece um formigueiro fervente. Parece que os bichinhos estão me roendo, mas não vejo meu corpo como antes. O que aconteceu? Onde estou? Que lugar estranho. Não lembro deste lugar. Acho que é a primeira vez que estou aqui. Vim aqui por causa do formigamento nas minhas mãos. Mas o que ouvi me fez compreender que eu não tenho mais carne e meu pensamento faz-me sentir como se tivesse. Compreendo que estou desencarnado. É por isso que não vejo minhas mãos como antes. Agora compreendo que não tenho corpo carnal e as dores que sinto são apenas reflexos materiais. Preciso refletir a respeito para me livrar deste incômodo e poder ser útil, porque deste jeito não consigo trabalhar.

Preciso encontrar um remédio para este estado que me encontro. Acho que receberei ajuda. E logo estarei bom. Tenho fé que sim. Então vou poder ajudar os outros também...

Obrigado pelo que vocês me disseram e que me orientou para encontrar a solução que preciso. Estou me sentindo melhor. Espero voltar logo aqui. O lugar é bom e me ajudou. Mais uma vez, obrigado.

Sou um irmão aliviado.

Espírito não identificado. Médium Nena. Liceu Allan Kardec. Buri. 12/08/2007.

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO – 8 – 10/12/2014

VIDA E SEXO – EMMANUEL (ESPÍRITO)

21. HOMOSSEXUALIDADE – pág. 17 do site

Pergunta - Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher? Resposta: - Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar. Item nº 202, de " O Livro dos Espíritos".

A homossexualidade, também hoje chamada transexualidade, em alguns círculos de Ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura para a comunhão afetiva com uma outra criatura do mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação.

Observada a ocorrência, mais com os preconceitos da sociedade, constituída na Terra pela maioria heterossexual, do que com as verdades simples da vida, essa mesma ocorrência vai crescendo de intensidade e de extensão, com o próprio desenvolvimento da Humanidade, e o mundo vê, na atualidade, em todos os países, extensas comunidades de irmãos em experiência dessa espécie, somando milhões de homens

e mulheres, solicitando atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais.

A coletividade humana aprenderá, gradativamente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, de vez que a individualidade, em si, exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo da delinquência.

A vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas.

O homem e a mulher serão, desse modo, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta.

À face disso, a individualidade em trânsito, da experiência feminina para a masculina ou vice-versa, ao envergar o casulo físico, demonstrará fatalmente os traços da feminilidade em que terá estagiado por muitos séculos, em que pese ao corpo de formação masculina que o segregue, verificando-se análogo processo com referência à mulher nas mesmas circunstâncias.

Obviamente compreensível, em vista do exposto, que o Espírito no renascimento, entre os homens, pode tomar um corpo feminino ou masculino, não apenas atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação, como também no que concerne a obrigações regenerativas.

O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfológicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfológicamente masculino, com idênticos fins. E, ainda, em muitos outros casos, Espíritos cultos e sensíveis, aspirando a realizar tarefas específicas na elevação de agrupamentos humanos e, conseqüentemente, na elevação de si próprios, rogam dos Instrutores da Vida Maior que os assistem a própria internação no campo físico, em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica pela qual transitoriamente se definem. Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra arrastamentos irreversíveis, no mundo afetivo, de maneira a perseverarem, sem maiores dificuldades, nos objetivos que abraçam.

Observadas as tendências homossexuais dos companheiros reencarnados nessa faixa de prova ou de experiência, é forçoso se lhes dê o amparo educativo adequado, tanto quanto se administra instrução à maioria heterossexual. E para que isso se verifique em linhas de justiça e compreensão, caminha o mundo de hoje para mais alto entendimento dos problemas do amor e do sexo, porquanto, à frente da vida eterna, os erros e acertos dos irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são analisados pelo mesmo elevado gabarito de Justiça e Misericórdia. Isso porque todos os assuntos nessa área da evolução e da vida se especificam na intimidade da consciência de cada um.

*

**EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)
VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA**

*

17ª AULA – 21 DE JULHO DE 2015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRESVide site www.josefleuri.com.br – pág. 290 do siteLICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZO EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPITULO XI - AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO
O MAIOR MANDAMENTO -

1. Mas os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a boca aos saduceus, juntaram-se em conselho. E um deles, que era doutor da lei, tentando-o, perguntou-lhe: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos contêm toda a lei e os profetas. (MATEUS, XXII: 34-40).

2. E assim, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a lei e os profetas. (MATEUS, 7:12).

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem. (LUCAS, VI:31).

• Pascal • Sens, 1862

12. Se os homens se amassem reciprocamente, a caridade seria melhor praticada. Mas, para isso, seria necessário que esforçásseis no sentido de livrar o vosso coração dessa couraça que o envolve, a fim de torná-lo mais sensível ao sofrimento do próximo. O Cristo nunca se esquivava daqueles que o procuravam, fossem quem fossem, não eram repelidos. A mulher adúltera, o criminoso eram socorridos por ele, que jamais temeu prejudicar a sua própria reputação. Quando, pois, o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse na Terra, o mal não dominaria, mas se apagaria envergonhado; ele se esconderia, porque em toda parte se sentiria deslocado. Seria então que o mal desapareceria; compenetrar-vos bem disso.

Começai por dar o exemplo vós mesmos. Sede caridosos para com todos, indistintamente. Esforçai-vos para não atentar (julgar) nos que vos olham com desdém. Deixai a Deus cuidar de toda a justiça, pois cada dia, no seu Reino, Ele separa o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não há tranquilidade na vida social, e digo mais, não há segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, essa vida será sempre uma corrida favorável ao mais esperto, uma luta de interesses, em que as mais santas afeições são calcadas aos pés, em que nem mesmo os sagrados laços de família são respeitados.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO VI - VIDA ESPÍRITA

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

– Mais distintamente, porque a sua vista penetra o que a vossa não pode penetrar; nada a obscurece.

249. O Espírito percebe os sons?

– Sim, e percebe até mesmo os que os vossos sentidos obtusos não podem perceber.

249-a. A faculdade de ouvir, como a de ver, está em todo o seu ser?

– Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser. Quando ele se reveste do corpo material, elas se manifestam pelos meios orgânicos; mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas

250. Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, ele pode deixar de usá-las?

– O Espírito só vê e ouve o que ele quiser. Isto de uma maneira geral, e sobretudo para os Espíritos elevados, porque os imperfeitos ouvem e veem frequentemente, queiram ou não, aquilo que pode ser útil ao seu melhoramento.

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

– Queres falar da vossa música? O que é ela perante a música celeste, essa harmonia da qual ninguém na Terra pode ter ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia; Não obstante os Espíritos vulgares podem provar um certo prazer ao ouvir a vossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime. A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas naturais?

– As belezas naturais dos vários globos são tão diversas que estamos longe de as conhecer. Sim, são sensíveis a elas, segundo as suas aptidões para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.

253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e os nossos sofrimentos físicos?

– Eles os conhecem, porque os sofreram, mas não os experimentam materialmente como vós, porque são Espíritos.

254. Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?

– Não podem sentir a fadiga como a entendeis, e portanto não necessitam do repouso corporal, pois não possuem órgãos em que as forças tenham de ser restauradas. Mas o Espírito repousa, no sentido de não permanecer numa atividade constante. Ele não age de maneira material, porque a sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Há momentos em que o seu pensamento diminui de atividade e não se dirige a um objeto determinado; este é o verdadeiro repouso, mas não se pode compará-lo ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem provar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais se elevam, de menos repouso necessitam.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO II MANIFESTAÇÕES FÍSICAS E MESAS GIRANTES

60. Chamam-se manifestações físicas as que se traduzem por efeitos sensíveis, como os ruídos, o movimento e a deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, independentes da vontade humana, e outras podem ser provocadas. Trataremos inicialmente apenas das últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros a serem observados, foi o do movimento circular numa mesa. Esse efeito se produz igualmente em qualquer outro objeto. Mas sendo a mesa o mais empregado, por ser o mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu na designação desta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, referimo-nos aos últimos tempos, pois é certo que todos os gêneros de manifestações são conhecidos desde os tempos mais distantes, e nem podia ser de outra maneira. Desde que são efeitos naturais, teriam de produzir-se em todas as épocas. Tertuliano refere-se de maneira clara às mesas girantes e falantes. (Tertuliano, famoso doutor da Igreja, nascido em Cartago, considerado grande apologista, mas que acabou caindo em heresia, depois de havê-las condenado ardentemente. Viveu entre 160 a 240 da nossa época. (N. do T.)

Este fenômeno entreteve durante algum tempo a curiosidade dos salões, que depois se cansaram e passaram a outras distrações, porque servia apenas nesse sentido. Dois foram os motivos do abandono das mesas girantes: para os frívolos, a moda, que raramente lhes permite o mesmo divertimento em dois invernos, e que prodigiosamente lhe dedicaram três ou quatro! Para as pessoas sérias e observadoras foi um motivo sério: abandonaram as mesas girantes para ocupar-se das consequências muito mais importantes que delas resultavam. Deixaram o aprendizado do alfabeto pela Ciência, eis todo o segredo desse aparente abandono, de que fazem tanto barulho os zombadores.

Seja como for, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida da Doutrina Espírita e por isso devemos tratá-las com maior desenvolvimento. E tanto mais quanto apresentando esses fenômenos na sua simplicidade, o estudo das causas será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

*

O Céu e o Inferno

CAPÍTULO IV - ESPÍRITOS SOFREDORES

O Castigo

Exposição geral do estado dos culpados por ocasião da entrada no mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

"Depois da morte, os Espíritos endurecidos, egoístas e maus são logo tomados de uma dúvida cruel a respeito do seu destino, no presente e no futuro. Olham em torno de si e nada veem que possa aproveitar ao exercício da sua maldade — o que os desespera, visto como o insulamento e a inércia são intoleráveis aos maus Espíritos.

Não levantam o olhar às moradas dos Espíritos elevados, consideram aquilo que os cerca e, então, compreendendo o abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se agarrarão a eles como a uma presa, utilizando-se da lembrança de suas faltas passadas, que eles põem continuamente em ação pelos seus gestos ridículos.

Não lhes bastando esse motejo (zombaria), atiram-se para a Terra como abutres famintos, procurando entre os homens uma alma que lhes dê fácil acesso às tentações. Encontrando-a, dela se apoderam exaltando-lhes a cobiça e procurando extinguir-lhe a fé em Deus, até que por fim, senhores de uma consciência e vendo segura a presa, estendem a tudo quanto se lhe aproxime a fatalidade do seu contágio.

O mau Espírito, no exercício da sua cólera, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que deixa de atuar, ou nos casos em que o bem triunfa do mal. Passam, no entanto, os séculos e, de repente, o mau Espírito pressente que as trevas acabarão por envolvê-lo; o círculo de ação se lhe restringe e a consciência, muda até então, faz-lhe sentir os acerados espinhos do remorso.

Inerte, arrastado no turbilhão, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar-se-lhe de terror. Não tarda, então, que um grande vácuo se faça nele e em torno dele: chega o momento em que deve expiar; a reencarnação aí está ameaçadora... e ele vê como num espelho as provações terríveis que o aguardam; quereria recuar, mas avança e, precipitado no abismo da vida, rola em sobressalto, até que o véu da ignorância lhe recaia nos olhos.

*

A Gênese

CAPÍTULO XIII - CARACTERES DOS MILAGRES

Faz Deus milagres?

15. - Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, visto que nada lhe é impossível, pode fazê-los. Mas, fá-los? Ou, por outras palavras; derroga as leis que dele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério

do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que essa criação revela, assim nas partes mais gigantescas, como nas mais mínimas, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestímanos (ilusionistas, mágicos) sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fizera? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Não é, pois, da alçada do Espiritismo a questão dos milagres; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, ele emite a seguinte opinião: Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derrogá-las. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

*

OBRAS PÓSTUMAS CARÁTER E CONSEQÜÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam.

2. Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa.

A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração.

Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprime uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc.

*

BEZERRA, CHICO E VOCÊ PROSSEGUIMENTO

... oremos pelos que nos perseguem e caluniam e continuemos fiéis ao trabalho que nos foi confiado.

De mensagem recebida em 21.04.1958.

CLARA VERDADE

... recordemos: as árvores secas não são apedrejadas e as fontes poluídas são relegadas ao abandono.

De mensagem recebida em 16.06.1958.

EM MARCHA

... o caminho de ascensão espiritual é a trilha pedregosa do sacrifício, a que, muitas vezes, se misturam ansiedade e solidão.

Prossigamos com a firmeza de todos os dias, fazendo o melhor e esquecendo agressões e pedradas, à maneira do semeador que remove, em silêncio, os detritos da gleba, a fim de ambientar a boa semente.

Há quem se desvele por nós na Vida Superior, quem nos sustente e nos guie.

De mensagem recebida em 01.06.1962.

MESMO COM LÁGRIMAS

... quanto mais dolorosa a marcha, maior o auxílio do Senhor para os que edificam o Bem.

Ainda mesmo com lágrimas saibamos sorrir, à luz da esperança, conscientes de que Jesus permanece velando.

De mensagem recebida em 24.07.1964

MARCOS DA ESTRADA

... trabalho, solidão, renúncia ao reconforto pessoal, firmeza na fé e serenidade na construção do bem foram igualmente os marcos do caminho do Mestre Divino.

De mensagem recebida em 07.09.1962.

*

CALMA – EMMANUEL PODANDO IRRITAÇÕES

Se ainda trazes, porventura, o hábito de encolerizar-te e se já consegues reconhecer-lhe os prejuízos, podes claramente erradicá-la, atendendo à própria renovação.

Inicia as atividades diárias, pensando em Deus e agradecendo as tuas possibilidades de fazer o bem.

Medita, raciocinadamente, ante o clima de conhecimento superior que já possuis, na certeza de que te encontras na ocasião de expressar o melhor de ti mesmo.

Pensa nos companheiros até agora capazes de induzir-te ao azedume, por irmãos nossos com qualidades, por enquanto, imperfeitas tanto quanto as nossas.

Se algum traço de amargura se te fixa no coração relativamente ao comportamento infeliz de alguém, através de ações que consideres lesivas aos teus ensinamentos, desculpa a esse alguém, procurando esquecer-lhe a falta naturalmente impensada.

Pondera que se os outros erram, também nós erramos, bastas vezes, na condição de espíritos, ainda ligados às múltiplas faixas da evolução terrestre.

Não te aceites por infalível, a fim de entenderes com indulgência aqueles que, acaso, te falharem à confiança.

Abstém-te de lastimar fracassos e dificuldades que já passaram e entrega-te à reconstrução da própria paz, em bases de serviço e discernimento.

Não nos esqueçamos de que, nas mais complicadas circunstâncias, a vida nos requisita a prática do bem e que, por isso mesmo, qualquer ocasião, para cada um de nós, é tempo de compreender e abençoar, auxiliar e servir.

OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO

J. HERCULANO PIRES

VI - Preparação para o passe.

É muito comum chegarem pessoas ao Centro, ou mesmo dirigindo-se à casa de um médium, pedindo passe com urgência. O passe não pode ser dado a qualquer momento e de qualquer maneira. Deve ser sempre precedido de preparação do passista e do ambiente bem como do paciente. O médium precisa de preparação para bem se dispor ao ato mediúnicos do passe. Atender a esses casos imediatamente é dar prova de ignorância das leis do passe. Tudo depende de sintonias que precisam ser estabelecidas. Sintonia do médium com o seu estado íntimo; sintonia do passista com o Espírito que vai atendê-lo; sintonia das pessoas presentes com o ambiente que se deve formar no recinto. Tudo isso se consegue através da prece e do interesse de todos pela ajuda ao necessitado. Dar um passe sem essas medidas preparatórias é uma imprudência e um desrespeito aos Espíritos que podem estar empenhados em outros afazeres naquele momento. A falsa ideia de que basta estendermos as mãos sobre uma pessoa para socorrê-la é uma pretensão que tem suas raízes nas práticas mágicas. O passe não é um ato de magia, mas uma ação consciente de súplica às entidades espirituais superiores que nos amparam. A existência e a ação dessas entidades não são uma suposição, mas uma realidade provada cientificamente e hoje necessariamente integrada nas leis naturais, pois não decorre de visões místicas, mas de fatos, de fenômenos objetivos cujas leis já foram descobertas. Os fenômenos paranormais não são de natureza mágica nem pertencem ao mito, mas ao real verificável por métodos adequados de pesquisa e até mesmo por meios tecnológicos.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS

MIGUEL VIVES

VII - O espírita perante o sofrimento

Sabemos que a Terra é lugar de expiação e dor, como sabemos que a dor purifica e eleva. A dor é um dos meios pelos quais progredimos mais rapidamente. Como, pois, devemos encarar as dores e os sofrimentos físicos da vida? Com calma, resignação, e até com alegria, lembrando sempre que a dor é o caminho mais rápido para a nossa ascensão às mais altas regiões, e o meio mais seguro de afastar-nos das veleidades humanas.

Temos visto espíritas que souberam sofrer com resignação e alegria. Embora nos momentos de paroxismo (agonia, angústia) da dor estivessem quietos e sérios, e às vezes cansados, o que é muito natural; uma vez passados esses momentos estavam relativamente tranquilos e alegres. E quando a doença lhes dava tréguas, mostravam-se expansivos e dispostos a exaltar a Justiça de Deus. Foram poucos os que vimos. Mas os que desencarnaram, e dos quais pudemos saber posteriormente, mostravam-se sempre num estado muito feliz no mundo espiritual, satisfeitos por haverem sabido sofrer com serenidade as dores da existência material.

Vimos outros espíritas que, embora aparentassem resignação, também choravam e lamentavam seus muitos sofrimentos. Entendo que esses espíritas não andavam bem, e não estavam livres de cair. Porque a tristeza engendra o mau humor, que pode dar lugar à murmuração contra o destino. E quando chegamos à murmuração, estamos a um passo da revolta. Um espírita nesse estado revela atraso moral e desconhecimento da lei divina. Que diríamos de um comerciante que reclamasse de ter muitos negócios a realizar, ganhando muito dinheiro? Diríamos que era um mau comerciante, incapaz de aproveitar as boas oportunidades. Assim são os espíritas que, diante das dores da vida, se entristecem ou se atribulam, e às vezes se revoltam.

O espírita deve encarar a existência material como um curso de provas de toda espécie: físicas e morais, que servem para levá-lo a um verdadeiro progresso. Nunca deve

confundir essa existência com a verdadeira vida, mas encará-la como um período de estudos e provas, em que se prepara com vistas a esta última, que se encontra na erraticidade. Cada dia que passamos na carne corresponde a milhares de anos que iremos viver no Espaço. Que significam, pois, estes pequenos períodos que chamamos de vida material, diante da vida espiritual que nos aguarda? Se a lei nos obriga a sofrer, porque nada na Criação escapa à Justiça, devemos fazê-lo com a maior serenidade. Pois sabemos que isso constitui para nós um grande bem, e que chegamos à hora de provar se o Espiritismo mergulhou em nosso interior ou se permanece apenas superficial. Se é superficial, não podemos chamar-nos espíritas. Se estiver arraigado no mais fundo de nossa alma, saberemos encarar as provas e dores da existência como necessárias, e honraremos a doutrina que professamos.

*

FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
 Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação) – pág.131 do site – O HOMEM DO POVO - continuação

Embora não se possa fazer de Sócrates um homem do povo, no sentido atual dessa expressão, e apesar das acusações da aristocracia que lhe são feitas, parece que é essa a melhor maneira de se definir a sua posição na sociedade grega. Não era um aristocrata, pois pertencia à classe média, como já vimos pela sua filiação. E, se mantinha relações com as mais altas personalidades, chegando mesmo a frequentar as rodas intelectuais, por outro lado vivia em contato com artesãos e trabalhadores vulgares. Se o conhecemos através das referências de discípulos aristocratas, isso se deve à impossibilidade em que se encontravam os outros de se projetarem na História.

Diógenes Laércio oferece-nos informações curiosas a respeito de Sócrates. Diz que era honesto e econômico, duas qualidades que melhor o entrosam na classe média. E acrescenta que a sua temperança era tão grande que, comendo pouco, nunca foi atingido pela peste que várias vezes assolou Atenas. Sofria perseguições e violências sem se aborrecer, e não pedia recompensas pelos serviços que prestasse. O próprio Aristófanes, que o critica acerbamente em *As Nuvens*, também lhe reconhece os méritos. Não obstante, Diógenes Laércio nos diz que Sócrates teria sido bígamo, o que contrasta com as informações anteriores de temperança. Essas contradições não são de estranhar, quando compreendemos a dificuldade de informações exatas naquele tempo.

De acordo com as informações de Aristóteles, mais amplamente conhecidas, Sócrates era casado com Xantipa, da qual teve um filho, Lamproclo. Em segundas núpcias, teria se casado com Mirto, filha de Aristides, o Justo, da qual obtivera dois filhos: Sofronisco e Menexeno. Entretanto, diz Diógenes, querem alguns informantes que ele primeiro se casasse com Mirto, e depois com Xantipa, ainda em vida daquela. Como isso teria sido possível? Baseado em Sátiro e Jerônimo de Rodes, diz Laércio que Atenas se encontrou a certo momento desfalcada de homens, em virtude das guerras e das pestes, tendo-se

então permitido aos cidadãos que tivessem duas mulheres. Sócrates, como bom cidadão, não teria negado a sua contribuição ao reerguimento demográfico de Atenas.

Já vimos que Sócrates não fazia distinções entre os homens, considerando-os a todos como igualmente aptos para a sabedoria. Isso nos mostra o seu espírito democrático, a sua vocação popular. E essa atitude é confirmada por uma informação curiosa de Laércio, segundo a qual Sócrates se recusara a receber alguns criados que Cármides lhe oferecera, para trabalharem com ele. Tratava-se, evidentemente, de escravos, e outra informação nos dará o motivo dessa recusa: Sócrates considerava o ócio como uma das melhores coisas que o Homem pode ter, em virtude de lhe proporcionar sabedoria. E certa vez propôs a Críton o resgate de Fédon, conseguindo libertá-lo da escravidão para transformá-lo num filósofo.

Compreende-se facilmente que Sócrates não aceitasse escravos, pois teria de sentir-se como espoliador. E tanto maior seria o seu crime quanto sabia estar roubando a alguém o melhor de todos os bens, que é a sabedoria, para mantê-lo no maior de todos os males, que é a ignorância.

Das suas mulheres, se realmente houve duas ou dois matrimônios, foi Xantipa, quem se tornou célebre, em virtude ao mesmo tempo do seu mau gênio e do amor que devotava ao filósofo. Muitas anedotas são contadas a respeito de Xantipa, que parece ter sido irascível e palradora. Certa vez, depois de destratar o filósofo com tremenda decompostura, lhe atirou um balde de água. Sócrates limitou-se a declarar que depois da trovoadas é natural que venha a chuva. A Alcibíades, que lhe censurava a tolerância com a mulher, respondera que o bom cavaleiro deve aprender com as piores montarias, para depois lidar com as outras.

Conta Laércio que Xantipa um dia lhe arrancou a capa no fórum, e, instado pelos familiares a castigar a mulher, Sócrates se recusou a isso. Por outro lado, Xantipa surge em muitas anedotas como preocupada com Sócrates, interessada no seu bem-estar e na sua boa figura perante os amigos. E é tocante o episódio, muito conhecido, da sua corrida à prisão, quando se lançou para Sócrates clamando contra a condenação injusta a que o haviam submetido. O filósofo se limitara a responder: - “E querias que fosse justa?”

Aristófanes oferece-nos uma imagem bastante popular de Sócrates, não obstante as referências satíricas que lhe faz: “Andando descalço e sofrendo trabalhos sem cessar, mostra não obstante um semblante sempre grave”. Diógenes Laércio afirma que “por mais fome que tivesse, nunca se fez pesado a ninguém”.

Tudo isso nos revela uma figura popular, de procedência mediana, filho de um escultor e uma parteira, e ele mesmo escultor, antes de se tornar filósofo. Desprovido de posses, desinteressado das transações comerciais que, no seu tempo, como hoje, enriquecem os homens, apegado ao estudo e à meditação, Sócrates só conseguiu formar ao seu redor um grupo aristocrata, que se incumbiu da sua celebridade, em virtude do seu gênio.

CONDENAÇÃO E MORTE - continua

*

FILOSOFIA GERAL *VERSUS* FILOSOFIA ESPÍRITA LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Vide site www.josefleuri.com.br

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – continuação - pág.129 do site.

VI – ESCALA ESPÍRITA

TERCEIRA ORDEM: ESPÍRITOS IMPERFEITOS

101. CARACTERES GERAIS. Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões consequentes. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais leviandade. Uns não fazem o bem, nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, revelam a sua inferioridade. Outros, pelo contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e os seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados, e o pouco que sabem a respeito se confunde com as idéias e os preconceitos da vida corpórea. Não podem dar-nos mais do que noções falsas e incompletas daquele mundo; mas o observador atento encontra frequentemente, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O caráter desses Espíritos se revela na sua linguagem. Todo Espírito que, nas suas comunicações, trai um pensamento mau, pode ser colocado na terceira ordem; por conseguinte, todo mau pensamento que nos for sugerido provém de um Espírito dessa ordem.

Veem a felicidade dos bons, e essa visão é para eles um tormento incessante, porque lhes faz provar as angústias da inveja e do ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea, e essa impressão é frequentemente mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente, pelos males que suportaram e pelos que acarretaram aos outros; e como sofrem por muito tempo, julgam sofrer para sempre. Deus, para os punir, quer que eles assim pensem.

Podemos dividi-los em cinco classes principais.

102. DECIMA CLASSE. ESPÍRITOS IMPUROS. – São inclinados ao mal e o fazem objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, insuflam a discórdia e a desconfiança e usam todos os disfarces para melhor enganar. Apegam-se às pessoas de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de as levar à perda, satisfeitos de poderem retardar o seu adiantamento, ao fazê-las sucumbir ante as provas que sofrem.

Nas manifestações, reconhecem-se esses Espíritos pela linguagem: a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, é sempre um índice de inferioridade moral, senão mesmo intelectual. Suas comunicações revelam a baixa de suas inclinações, e se eles tentam enganar, falando de maneira sensata, não podem sustentar o papel por muito tempo e acabam sempre por trair a sua origem.

Alguns povos os transformaram em divindades malfazejas, outros os designam como demônios, gênios maus, Espíritos do mal.

Quando encarnados, inclinam-se a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a felonias, a hipocrisia, a cupidez e a avareza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de fazê-lo, no mais das vezes sem motivo, e, por aversão ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. Constituem verdadeiros flagelos para a Humanidade, seja qual for a posição social que ocupem e o verniz da civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.

103. NONA CLASSE. ESPÍRITOS LEVIANOS. – São ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. Gostam de causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, de fazer intrigas, de induzir maliciosamente ao erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, diabretes, gnomos, trasgos. Estão sob a dependência de Espíritos superiores, que deles muitas vezes se servem como fazemos com os criados.

Nas suas comunicações com os homens, a sua linguagem é muitas vezes espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade; apanham as esquisitices e os ridículos humanos, que interpretam de maneira mordaz e satírica. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.

104. OITAVA CLASSE. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. – Seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos em diversos sentidos, sua linguagem tem um caráter sério, que pode iludir quanto à sua capacidade e às suas luzes. Mas isso, frequentemente, não é mais do que um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas que tiveram na vida terrena. Sua linguagem é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, entre os quais repontam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia de que não puderam despir-se.

105. SÉTIMA CLASSE. ESPÍRITOS NEUTROS. - Nem são bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal; tendem tanto para um como para outro e não se elevam sobre a condição vulgar da humanidade, quer pela moral ou pela inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, saudosos de suas grosseiras alegrias.

106. SEXTA CLASSE. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES. - Estes Espíritos não formam, propriamente falando, uma classe diferente quanto às suas qualidades pessoais, e podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Manifestam frequentemente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, do ar, etc. Parece que estão mais apegados à matéria do que os outros, sendo os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos, ou nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e física, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais que para as inteligentes. Quando julgam que as manifestações desse gênero são úteis, servem-se desses Espíritos como auxiliares.

SEGUNDA ORDEM: ESPÍRITOS BONS - continua

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

036) ESTAMOS EM PAZ! UM MUNDO NOVO ESTÁ NASCENDO PARA NÓS! – Pág. 63 do site.

Irmãos vejam que paz! Quanta Paz há hoje aqui! Sinto até cheiro de rosas brancas enfeitando e perfumando ao derredor. Agora sim me sinto bem! Isto é Paz! É pena que os outros não possam estar aqui reunidos para usufruir esse perfume, essa beleza. Essa quietude, essa Paz!

Sim, estamos em Paz. Um mundo novo está nascendo para nós. Vejo caminhos floridos, cheios de passarinhos: beija-flores, bem-te-vis e papagaios. Todos parecem cantar. Cantar essa paz que irradia do amor que o Pai derrama por sobre nós. Paz de dever cumprido. Paz porque procuramos nos elevar sempre a Ele com pensamento puro, de bondade, de vontade de ajudar e, principalmente, de vencermos o furacão que temos dentro de nós.

Paz, porque finalmente deixamos de ser tão rudes, tão mesquinhos; deixamos de ter pressa de viver essa vida vazia que há lá fora, para poder unirmo-nos nesta paz que vem dos ensinamentos de Jesus. Dessa paz que finalmente estamos entendendo.

A verdadeira vida lá fora exige luta, sacrifício, perdão, doação. E, para podermos sair lá fora com força moral e espiritual precisamos, antes de tudo, combater o furor que há em nós reunindo-nos e pedindo paz, perdão por nossos erros; agradecer esse clima de

paz que finalmente se irradia em torno de nós; pois, agora, estamos em paz conosco mesmos.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 20/6/2000).

*

126) NÃO DESANIMEM! – Pág. 108 do site.

Graças a Deus irmãos estamos novamente juntos em mais um ciclo de estudos para desvendar as leis que nos regem aqui na Terra. Vamos aproveitar para nos aprofundarmos e dedicarmos-nos cada vez mais aos estudos e na aplicação do que vamos aprendendo. Não se choquem com alguns acontecimentos que venham a aborrecer no caminho; tenham sempre calma e paciência – essa é a prova da vida. Continuemos todos tratando todas as questões com amor e humildade sem nos deixarmos tomar pelo desânimo. Muitas vezes as coisas corriqueiras nos dão a impressão que tudo o que fazemos não adianta, mas tenham paciência, façam a sua parte que no fim tudo se encaminhará, pois Deus que tudo vê, sabe o que cada um merece e, no momento oportuno, tudo será acertado.

Não é necessário cobrar resultados imediatos; sigamos sim em frente sem lamentar, com fé em Deus, amor e esperança, que nosso papel é este.

Que Deus e Jesus abençoem a todos e todos os familiares e que este ano seja de grandes avanços para todos.

Joaquim (Espírito). Médiun: João Francisco, 08/02/2006.

*

237) O DIA DE NATAL ESTÁ CHEGANDO... – pág. 149 do site.

O Dia de Natal está chegando... Entretanto, não nos esqueçamos de que Natal deve ser TODO DIA, porque Natal significa amor, alegria, fraternidade, paz, solidariedade, honestidade, caridade...

Essas qualidades têm de estar presentes na nossa vida todos os dias, todas as horas, todos os minutos. Isto é que nos torna filhos amados por Deus e, sendo obedientes a Ele, estaremos praticando o que Seu Filho ensinou aos homens; dessa forma, comemoramos o Natal todos os dias.

Queridos irmãos, que o espírito de Natal esteja vivo no coração de vocês durante todos os dias do ano. Portanto, vivam o Natal! Vivam o Amor! Vivam a fraternidade! Vivam a caridade! Será o mais agradável presente àquele de quem comemoramos o aniversário: JESUS! E também Seu Pai se agrada conosco!

Paz a todos. Bênçãos a todos!

Espírito Pedron. Médiun Nena. Buri. 15/12/2007.

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

HOMOSSEXUALISMO – POESIA – GUERRA JUNQUEIRO

I – (Pág.19 do site)

O monstro que vivera em Gomorra e Sodoma,
Caçando virgindade até nos santuários,
- Não sabe o meu leitor – o Papa trouxe à Roma,
Há dois mil anos quase através dos vigários.

Tinha a Igreja a esse tempo os dias sempre pálidos...
Cansava a santidade em frequente oração...
Tornara-se premente aos padres quase esqueléticos,
Dar entretenimento, alguma distração.

E o monstro foi trazido e o clero bateu palma;

Falou o papa, então, erguendo os olhos baços:
 “O monstro é muito alegre e o vosso tédio acalma,
 Mas que ninguém o veja exposto nos terraços!”

E o monstro que dormira em terras de Gomorra,
 Transformado que fora em estátua de sal,
 Assim que despertou pôs de lado a modorra,
 E o clero todo riu de forma bestial...

E o monstro corruptor – o sexo desvairado! –
 Aos poucos exigiu, as cortesãs rosadas,
 Que o clero, cauteloso, atrás do cortinado,
 Passou a receber em todas madrugadas...

Depois o monstro andou por conventos, igrejas,
 Até que foi levado aos grandes seminários,
 E entre copos de vinho e ao lado de cerejas,
 Fez da rapaziada um bando de ordinários!

E os Espíritos maus de hálitos sensuais,
 Ao ver o seminário, esse curral imundo,
 Tiveram logo a ideia... Os homossexuais...
 Unidos nos dão força! É impô-los já no mundo!

*

TERCEIRO MILÊNIO: A CIÊNCIA E ‘A ERA DO ESPÍRITO’

1 - PROVA CIENTÍFICA DA REENCARNAÇÃO

<http://hotmart.net.br/show.html?>

A prova científica da reencarnação. Sim, a alma existe. 7 de julho de 2015H.D Supremo
 Muitas pessoas são resistentes à ideia de uma “*alma*” porque da forma como este termo ficou envolto em superstição religiosa e dogma. Algumas pessoas pensam que é completamente ridículo. Mas o conceito de consciência de ser capaz de separar o corpo oferece um monte de poder explicativo quando se trata de fenômeno como Experiências de Quase Morte, Fora-do-corpo, projeções astrais, e até mesmo a reencarnação.

De fato, a evidência para a reencarnação é a melhor evidência científica que temos para a existência de uma alma. Esta é uma afirmação ousada, mas a evidência para a reencarnação é inegável e não podem coletivamente ser atribuída ao acaso ou qualquer outra explicação física. Se a reencarnação existe, existe a alma. Vamos dar uma olhada!

A evidência científica para a reencarnação

Dr. Ian Stevenson, Ph.D., ex-professor de Psiquiatria na Universidade de Virginia School of Medicine, passou 40 anos pesquisando histórias de reencarnação dentro crianças. Este ex-presidente do Departamento de Psiquiatria e Neurologia investigou mais de 3000 histórias independentes de crianças que afirmaram ter memórias e conhecer pessoas de suas supostas vidas passadas. De acordo com Stevenson, o número de casos que valem a pena considerar é tão elevado que ultrapassa a capacidade dele e de sua equipe para investigar todos eles.

*

2 - NOVO PLANETA SEMELHANTE A JÚPITER – EM ZONA HABITÁVEL

15/07/2015 11h01 - Atualizado em 15/07/2015 12h17

Brasileiros descobrem novo planeta semelhante a Júpiter. Exoplaneta foi encontrado com a ajuda de telescópio do ESO, no Chile. Achado abre possibilidade de sistema planetário parecido com o nosso.

- Descoberto o 1º exoplaneta do tamanho da Terra em zona habitável
- Sonda New Horizons, da Nasa, atinge ponto mais próximo de Plutão

Cientistas brasileiros lideram a descoberta de um novo planeta com massa semelhante à de Júpiter e que orbita uma estrela que tem características similares às do Sol.

O achado ocorreu graças ao instrumento Harps do telescópio 3p6 do Observatório Europeu Sul, o ESO, instalado no Chile. A informação foi divulgada nesta quarta-feira (15).

*

14/07/2015 15h46 - Atualizado em 14/07/2015 15h46 - NOVA PARTÍCULA: PENTAQUARK

Depois da 'partícula de Deus', cientistas descobrem o pentaquark

Observação de nova partícula foi anunciada pelos pesquisadores que trabalham no Grande Colisor de Hádrons, na fronteira entre a França e a Suíça.

Paul Rincon Editor de Ciência da BBC News Cientistas que trabalham no Grande Colisor de Hádrons (LHC, na sigla em inglês) - um acelerador de partículas gigantesco que fica na fronteira entre a França e a Suíça - anunciaram a descoberta de uma nova partícula, batizada de pentaquark. A primeira previsão da existência do pentaquark foi feita na década de 1960, mas, assim como o Bóson de Higgs (ou "partícula de Deus"), os cientistas não conseguiram detectar o pentaquark durante décadas.

saiba mais

- Análise indica 'fortemente' que nova partícula é o bóson de Higgs, diz Cern
- Bóson de Higgs foi o principal avanço científico de 2012, diz revista
- François Englert e Peter Higgs ganham Nobel de Física de 2013

Em 1964, dois físicos, Murray Gell-Mann e George Zweig, propuseram, separadamente, a existência de partículas subatômicas conhecidas como quarks.

As teorias deles afirmavam que as propriedades mais importantes de partículas conhecidas como bárions e mésons poderiam ser melhor explicadas se, na verdade, elas fossem formadas por partículas ainda menores. Zweig chamou estas partículas menores de "ases", um nome que não ficou muito popular. Gell-Mann as chamou de "quark", o nome pelo qual elas são conhecidas hoje.

O modelo proposto pelos cientistas também permitiu a descoberta de outros estados dos quarks, como o pentaquark.

FLUÍDO CÓSMICO UNIVERSAL - PERISPÍRITO

Esta partícula - antes puramente teórica - é composta de quatro quarks e um anti-quark (o equivalente em antimatéria de um quark comum).

O anúncio é o equivalente à descoberta de uma nova forma de matéria e foi divulgado na revista especializada "Physical Review Letters".

"O pentaquark não é apenas uma nova partícula qualquer... Representa uma forma de agregar quarks, os principais componentes dos prótons e nêutrons comuns, em um padrão que nunca foi observado antes em mais de 50 anos de buscas experimentais", afirmou Guy Wilkinson, porta-voz do LHC. "Estudar suas propriedades pode permitir uma melhor compreensão de como a matéria comum, os prótons e nêutrons, são constituídos."

*

EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO) VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO) E ENCERRAMENTO DA AULA

*

18ª AULA – 28 DE JULHO DE 2.015**CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**Vide site www.josefleuri.com.br – pág. 302 do site**LICEU ALLAN KARDEC - CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ****O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPITULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO
FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO –
FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**

9. Fora da verdade não há salvação seria equivalente a Fora da Igreja não há salvação, e também exclusivista, porque não existe uma única seita que não pretende ter o privilégio da verdade.

Qual é dos homens que pode jactar-se de possuí-la integralmente, quando a Área do conhecimento aumenta sem cessar, e cada dia que passa as ideias são retificadas? A verdade absoluta só é acessível aos Espíritos da mais elevada categoria, e a humanidade terrena não pode pretendê-la, pois que não lhe é dado saber tudo, e ela só pode aspirar a uma verdade relativa, proporcional ao seu adiantamento. Se Deus houvesse feito, da posse da verdade absoluta, a condição expressa da felicidade futura, isso equivaleria a um decreto de proscricção geral, enquanto que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que a salvação independe da forma de crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não estabelece: Fora do Espiritismo não há salvação, e como não pretende ensinar toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, máxima que dividiria em vez de unir, e que perpetuaria a animosidade.

*

**O LIVRO DOS ESPÍRITOS - CAPÍTULO VII
RETORNO À VIDA CORPORAL**

335. O Espírito tem o direito de escolher o corpo ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?

– Ele pode escolher também o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha nem sempre depende dele, que pode pedi-la.

335-a. Pode o Espírito, no último momento, recusar o corpo escolhido?

– Se o recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.

336. Poderia acontecer que um corpo que deve nascer não encontrasse Espírito para encarnar-se nele?

– Deus proveria a isso. A criança, quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada; nada é criado sem um desígnio.

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

– Pode ser imposta, da mesma maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de castigo.

338. Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para ocupar um mesmo corpo que vai nascer, o que decidiria entre eles?

— Muitos podem pedi-la, mas é Deus quem julga, em casos assim, qual é o mais capaz de preencher a missão a que a criança se destina. Mas, como já disse, o Espírito é designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS - CAPÍTULO XXV DAS EVOCAÇÕES

11. Será inconveniente evocar Espíritos inferiores e será de temer que eles dominem o evocador?

— Eles só dominam os que se deixam dominar. Quem for assistido por Espíritos bons nada tem a temer, porque se impõe aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Os médiuns quando sós, principalmente quando iniciantes, devem evitar essa espécie de evocações. (Ver n° 278)

12. Há algumas disposições especiais para as evocações?

— A disposição principal é a do recolhimento, quando se deseja a comunicação de Espíritos sérios. Com fé e o desejo do bem há maior capacidade para se evocar Espíritos superiores. Ao elevar a alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, a gente se identifica com os Espíritos bons e os dispõe a se manifestarem.

13. A fé é necessária para as evocações?

— A fé em Deus, sim. Quanto ao mais, a fé se desenvolverá com o desejo do bem e a intenção de instruir-se.

14. Reunidos pela unidade de pensamentos e intenções os homens se tornam mais fortes para evocar os Espíritos?

— Quando todos se reúnem pela caridade e para o bem, conseguem grandes coisas. Nada é mais nocivo para o êxito das evocações do que a divergência de pensamentos.

15. É útil o hábito de formar corrente, dando-se as mãos por alguns minutos no começo das reuniões?

— A corrente é um meio material que não produz a união entre vós se ela não existir nos pensamentos. Mais eficaz que essas coisas é a união num pensamento comum, apelando cada qual para os Espíritos bons. Não sabeis o que se poderia obter numa reunião séria, da qual se houvesse afastado todo sentimento de orgulho e de personalismo, reinando um perfeito sentimento de mútua cordialidade.

*

O CÉU E O INFERNO - CAPÍTULO IV - O INFERNO

Intuição das penas futuras

1 — Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura devia ser feliz ou infeliz segundo o bem ou o mal que se tivesse feito neste mundo. Mas a ideia que ele fez a respeito estava em relação com o desenvolvimento do seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que possuía do bem e do mal. As penas e as recompensas são reflexos dos instintos que nele predominavam.

Foi assim que os povos guerreiros colocaram as suas supremas felicidades nas honrarias tributadas à bravura; os povos caçadores na abundância da caça; os povos sensuais nos prazeres da voluptuosidade. Enquanto dominado pela matéria o homem só pode compreender imperfeitamente a espiritualidade. Foi por isso que ele fez das penas e dos gozos futuros um quadro mais material do que espiritual. Imaginou que se deve beber e comer no outro mundo, mas de maneira melhor do que na Terra e servindo-se de coisas melhores.

Mais tarde vamos encontrar nas crenças sobre o futuro uma mistura de espiritualidade e materialidade. É assim que ao lado da bem-aventurança contemplativa ele coloca um inferno de torturas físicas.

2 — Não podendo conceber senão o que via, o homem primitivo decalcou naturalmente o seu futuro da vida presente. Para compreender coisas diferentes das que tinha sob os olhos faltava-lhe o desenvolvimento intelectual que só devia realizar-se com o tempo. Da mesma maneira, o quadro que compôs dos castigos da vida futura é o reflexo das maldades humanas, mas em maior proporção. Reuniu todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou na Terra. É assim que nas regiões de clima quente imaginou um inferno de fogo e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde lhe permitiria compreender o mundo espiritual, ele só podia conceber penalidades materiais. Eis porque, com algumas pequenas diferenças formais, o inferno é semelhante em todas as religiões.

*

A GÊNESE - CAPÍTULO II - DEUS

Existência de Deus

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

A visão de Deus

31. - Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Tais as perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise; entretanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta (**Nota da Editora:** Kardec escreveu de acordo com os conhecimentos da época, antes de 1894), vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. - Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus. Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais purificadas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Uma comparação vulgar o tornará facilmente compreensível.

33. - Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol.

Se entra a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol.

Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

O mesmo se dá com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à proporção que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são quais camadas nevoentas que lhe obscurecem a

visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mácula a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

34. - Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes dele do que os outros; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz. O que há é que as imperfeições daqueles Espíritos são vapores que os impedem de vê-lo. Quando o nevoeiro se dissipa, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das belidas (manchas, sombras) que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus está em toda parte.

*

OBRAS PÓSTUMAS - *Questões e problemas* AS EXPIAÇÕES COLETIVAS

QUESTÃO — *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como consequências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatam tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.*

Resposta. — Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se lhes a universalidade dos resultados. Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contato com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

*

BEZERRA, CHICO E VOCÊ RESPONSABILIDADE

... é indispensável manter o Espiritismo qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquistas a poderes terrestres transitórios.

De mensagem recebida em 1963.

CONTABILIDADE ESPIRITUAL

... o tempo, com o trabalho, exige sempre novos caminhos de segurança.

A obra é do Cristo, no entanto, somos aqueles mordomos responsáveis pelos patrimônios materiais e espirituais que o Senhor nos confia.

De mensagem recebida em 03.11.1961.

UNIÃO

... unamo-nos.

Só a união conseguirá fortalecer-nos para o exato cumprimento de nossas obrigações, com o serviço e a humildade por normas de ação.

De mensagem recebida em 16.05.1964.

AMOR E CARIDADE

O *Amor* é luz divina.

A *Caridade* é benemerência humana.

A claridade revela.

A bondade socorre.

*

Consagraste o coração ao ministério bendito com Jesus e esperamos que os espinhos da senda produzam flores para a tua fé renovadora e vibrante e que as pedras da estrada se convertam, ao toque de tua compreensão e de tua boa vontade, em sublime pão do espírito.

Em verdade, a sementeira e a seara são infinitas. Cada setor reclama mil braços e cada leira exige devotamento e vigilância; entretanto, um discípulo somente, que se afeiçoe ao Mestre, pode realizar os milagres do amor e da caridade por onde passe, acordando corações para o serviço redentor.

Não nos cansemos, pois, na dedicação com que nos devotamos ao apostolado de renúncia.

*

PÃO NOSSO – EMMANUEL

15 - PENSAMENTOS

“Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai.” — Paulo. (FILIPENSES, CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 8.)

Todas as obras humanas constituem a resultante do pensamento das criaturas. O mal e o bem, o feio e o belo viveram, antes de tudo, na fonte mental que os produziu, nos movimentos incessantes da vida.

O Evangelho consubstancia o roteiro generoso para que a mente do homem se renove nos caminhos da espiritualidade superior, proclamando a necessidade de semelhante transformação, rumo aos planos mais altos. Não será tão-somente com os primores intelectuais da Filosofia que o discípulo iniciará seus esforços em realização desse teor. Renovar pensamentos não é tão fácil como parece à primeira vista. Demanda muita capacidade de renúncia e profunda dominação de si mesmo, qualidades que o homem não consegue alcançar sem trabalho e sacrifício do coração.

É por isso que muitos servidores modificam expressões verbais, julgando que refundiram pensamentos. Todavia, no instante de recapitular, pela repetição das circunstâncias, as experiências redentoras, encontram, de novo, análogas perturbações, porque os obstáculos e as sombras permanecem na mente, quais fantasmas ocultos.

Pensar é criar. A realidade dessa criação pode não exteriorizar-se, de súbito, no campo dos efeitos transitórios, mas o objeto formado pelo poder mental vive no mundo íntimo, exigindo cuidados especiais para o esforço de continuidade ou extinção.

O conselho de Paulo aos filipenses apresenta sublime conteúdo. Os discípulos que puderem compreender-lhe a essência profunda, buscando ver o lado verdadeiro, honesto, justo, puro e amável de todas as coisas, cultivando-o, em cada dia, terão encontrado a divina equação.

*

OBSESSÃO, O PASSE, A DOUTRINAÇÃO

J. HERCULANO PIRES

III - A técnica do passe.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante. Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual. As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS MIGUEL VIVES

IX Enfrentando as tentações

Assim como é muito difícil encontrar na Terra quem esteja sempre em perfeito estado de saúde física, mais ainda é encontrar alguém com perfeita saúde moral. Ninguém é perfeito neste mundo. Assim como a atmosfera e as condições materiais influem diretamente em nosso organismo, predispondo-o a certas enfermidades, os elementos espirituais que nos cercam influem sobre a nossa condição moral. Aproveitam-se das coisas mais insignificantes, para provocar-nos sofrimentos e mal-estar interior, objetivando mortificar-nos ou deter-nos na via do progresso.

Os elementos espirituais que nos cercam infiltram-se constantemente em nosso psiquismo, como os elementos atmosféricos o fazem, em relação ao nosso corpo. E criam ao nosso redor condições propícias ao desenvolvimento de enfermidades, se não estivermos aptos a repeli-las. Assim, pois, devemos estar prevenidos para afugentar ambas as influências. Mas assim como, por maiores que sejam as nossas precauções, não podemos afastar de todo as influências do frio e do calor, em suas bruscas variações, tampouco podemos evitar completamente as tentações. O que podemos fazer é não cair na sua rede. Aqui, pois, deve estar a base do nosso método. A isto devemos dirigir toda a nossa atenção, todo o nosso cuidado, mesmo que nos custe o maior sacrifício.

Que fazemos com os elementos atmosféricos? No inverno, abrigamo-nos, e no verão aliviemos as roupas e procuramos os lugares frescos. Mas se, com isso, não evitamos as moléstias do tempo, temos de nos conformar a não lhes dar importância. Sofremos resignados e procuramos resistir o quanto possível, dizendo “Isto é o frio”, ou “Assim é o calor”, e concluímos: “Logo passará”, sem mais nos incomodarmos. Da mesma maneira devemos fazer com as tentações. Porque constituem um mal que atinge a todos, não há ninguém que não as sofra. Quase diríamos: é uma condição necessária. E quase nos atrevíamos a afirmar, indispensável ao nosso progresso.

Entenda-se, porém, que a tentação não tem sempre e para todos os indivíduos o mesmo caráter e as mesmas formas. Da mesma maneira que os graus da virtude e dos defeitos são múltiplos, também são muitas as variedades da tentação. Nem sempre o espírito que nos tenta se limita a excitar desejos e pensamentos maus em nossa mente:

Às vezes penetra em nossa consciência e nos faz sentir desejos que nos parecem necessidades próprias, que devemos satisfazer. Tanto podem ser os de ordem

física, como a sensualidade e as extravagâncias várias, o descanso indevido, os vícios, e assim por diante, como podem ser os de ordem moral, como desejos de vingança, de crítica maldosa, de paixões exageradas ou de repulsa para determinadas pessoas.

Há criaturas de suficiente retidão e de tão boas intenções, que o espírito das trevas encontra muita dificuldade em penetrar no seu íntimo. Muito amiúde, porém, acontece que essas pessoas, à primeira contrariedade, soltam palavras inconvenientes, em tom áspero, ou excitam-se por pouca coisa, e embora nada de mal sentissem no seu íntimo, o espírito das trevas, que as vinha espreitando, aproveita-se da oportunidade para fazê-la cair. Geralmente, a tentação deita suas raízes em nosso entendimento, e por isso a chamamos assim, mas não é somente dessa maneira que age o espírito das trevas, para fazer-nos cair.

Sucede às vezes que sentimos uma tristeza e um mau-humor sem motivo aparente, ou por motivo tão insignificante, que nos surpreendemos com o seu efeito. Esse estado é antes um início de possessão do que uma tentação. O espírito que a causa pode não somente tirar-nos a tranquilidade, mas também comprometer-nos e alterar-nos a saúde. De outras vezes, a forma da tentação ou da possessão é outra. Leva-nos a gostar demasiado de alguma pessoa, sem sabermos porque, a fim de fazer-nos cometer injustiças. Isto pode acontecer no seio da família ou com pessoas estranhas. Essa forma de ação, como a anterior, pode fazer-nos sofrer muito, e necessitamos de muita força de vontade para vencê-la.

É então que devemos recordar as palavras do Mestre: “Vigiai e orai”. É quando devemos manter o pensamento bem elevado e agir com muita justiça, evitando afastarmos, o mínimo que seja, dos nossos deveres. E, se assim mesmo não pudermos afastar a possessão, nem por isso devemos desanimar, mas pedir e sustentar o pensamento elevado, opondo uma paciência e uma resignação a toda prova às más influências, pois dessa maneira conseguiremos adiantar-nos muito. Estas penas ocultas, que às vezes por nada no mundo comunicaríamos a quem quer que fosse, têm grande mérito perante Deus e fortalecem muito o espírito encarnado.

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)
Vide site www.josefleuri.com.br E FILOSOFIA GERAL**



1 – SÓCRATES - (Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

**Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires – (continuação) – pág. 133 do site –
CONDENAÇÃO E MORTE**



A morte de Sócrates

A Atenas se poderia aplicar a apóstrofe de Jesus a Jerusalém, a cidade que matava os seus profetas. Vimos, no capítulo referente a Protágoras, como Atenas foi implacável para com o grande sofista. Diógenes Laércio apresenta uma relação de injustiças bastante curiosas: os atenienses multaram Homero em cinquenta dracmas, considerando-o louco, e fizeram o mesmo a Tirteu e a Astidamante. Entretanto, para sermos justos, temos de lembrar que Atenas se arrependeu da condenação de Sócrates e até mesmo a vingou, desterrando os seus acusadores, condenando um deles à morte e honrando o filósofo com uma estátua de bronze, feita por Lisipo e colocada numa galeria de varões ilustres. Laércio diz ainda que os atenienses fecharam seus ginásios e palestras em homenagem ao filósofo injustiçado.

O processo movido contra Sócrates foi dos mais movimentados e tem sido objeto das mais diversas interpretações. Entendem uns que Sócrates foi acusado de herege, de não crer nos deuses e inventar outras divindades, que seriam, afinal, apenas o seu próprio demônio. Outros, que o filósofo foi acusado de corromper a juventude, desviando-a do cumprimento das tradições e do respeito às divindades locais.

Para Windelband, Sócrates foi vítima do rancor dos democráticos contra a ilustração filosófica, o que de certa maneira coincide com os motivos anteriores. Menzel, que realizou meticuloso estudo do processo, sob o ponto de vista jurídico, entende também que a condenação decorreu de motivos políticos, pois Sócrates representava um perigo para a restauração do poderio ateniense, com base nas antigas tradições, que a nova democracia tentava realizar.

Quando se procedia ao julgamento de Sócrates, ocorreu um incidente que bem nos revela a tensão de espírito reinante no ambiente. Justo Tiberiense é quem o revela, segundo Laércio. O jovem Platão subiu inesperadamente à tribuna e iniciou um discurso com as seguintes palavras: - “Sendo eu, ó atenienses, o mais jovem dos que já subiram a este lugar...” Mas não pôde prosseguir, diante da grita geral dos juízes, determinando que ele descesse da tribuna. Platão viu-se obrigado a descer, tendo de assistir ao julgamento, de que mais tarde nos deixaria um relato emocionante e minucioso, em sua *Apologia de Sócrates*, fonte em que hoje se abeberem todos os que escrevem sobre o episódio.

Diógenes Laércio entende que o motivo real da condenação de Sócrates foi a inveja, provocada pelo pronunciamento da Pitonisa de Delfos sobre a sua sabedoria. Anito e Melito teriam sido atingidos pela acusação indireta de ignorância. Diógenes diz mesmo que Anito incitou Aristófanes contra Sócrates, e por fim conseguiu que Melito o acusasse de ímpio e corruptor da juventude. Formou-se assim com esses dois e mais o orador Lícon, o trio dos acusadores: um político restaurador, um poeta trágico obscuro e um retórico sem prestígio. A oração de acusação, segundo Diógenes, teria sido escrita pelo sofista Polícrates ou pelo próprio Anito.

Lísias quis salvar a Sócrates e escreveu uma apologia em sua defesa. Leu-a para o filósofo, que respondeu serenamente ao amigo: - “É uma boa peça, Lísias, mas não me convém”. E como este houvesse estranhado a contradição (pois se era boa, por que não convinha?), Sócrates esclareceu: - “Pois não pode haver roupas e calçados excelentes, que não sirvam para mim?” É que Lísias confessava o erro e pedia perdão aos juízes. Sócrates, que detestava os sofistas e os militantes do foro, que combatia as chicanas forenses, em defesa da verdade e da justiça, não poderia aceitar essa espécie de defesa, juridicamente boa, mas moralmente má. Platão nos conta ainda a recusa de Sócrates em fugir da prisão, quando podia facilmente escapar da morte.

Em 399 a.C., no tempo correspondente ao nosso mês de maio, Sócrates bebeu a taça de cicuta, deitou-se e morreu, serenamente, consolando os discípulos que choravam ao seu redor. Platão descreve no *Fédon*, de maneira tocante, o episódio da morte do filósofo. Tomando a taça de cicuta das mãos do carrasco, Sócrates lhe perguntou se podia

fazer uma libação aos deuses. O carrasco respondeu que a dose de cicuta era a exatamente necessária, ao que o filósofo retrucou:

- “Entendo. Mas pelo menos me será permitido, e é mesmo um dever, dirigir uma oração aos deuses, pelo bom êxito desta mudança de residência, deste mundo para o Além. E esta é a minha prece. Assim seja!”

“Em seguida – diz Platão -, sem sobressalto, sem relutar nem dar mostras de desagrado, bebeu a taça até o fim”. Os discípulos que o cercavam caíram em pranto, mas Sócrates os advertiu: - “Que é isso? Que incompreensão! Mande as mulheres embora para evitar esta cena, pois me ensinaram que é com belas palavras que se deve morrer. Acalmem-vos, vamos, dominem-vos!”

Depois de andar, pelo aposento, disse que sentia as pernas pesadas e deitou-se. A morte o foi envolvendo aos poucos. Suas últimas palavras foram estas: - “Críton, devemos um galo a Asclépio (é o nome grego de Esculápio, deus da Medicina entre os gregos e os romanos. Filho de Apolo, não só curava os doentes, como ressuscitava os mortos.); não te esqueças de pagar a dívida”. Era um sacrifício ao deus da Medicina – o Esculápio dos romanos -, por lhe ter permitido morrer prontamente, livrando-se o quanto antes do peso do corpo.

*

2 – PLATÃO – próxima aula
(427 a.C. – 347 a.C.)

Livro: Os Filósofos. José Herculano Pires.

*

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ
Vide site www.josefleuri.com.br

MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS – continuação - pág. 131 do site.

VI – ESCALA ESPÍRITA

SEGUNDA ORDEM: ESPÍRITOS BONS

107. CARACTERES GERAIS. - Predomínio do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem estão na razão do grau que atingiram: uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua ordem, os traços da existência corpórea, seja na linguagem, seja nos hábitos, nos quais se encontram até mesmo algumas de suas manias. Se não fosse assim seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e gozam já da felicidade dos bons. Sentem-se felizes quando fazem o bem e quando impedem o mal. O amor que os une é para eles uma fonte de inefável felicidade, não alterada pela inveja nem pelos remorsos, ou por qualquer das más paixões que atormentam os Espíritos imperfeitos; mas terão ainda de passar por provas, até atingirem a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem durante a vida aqueles que se tornam dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre os que não comparam nela.

Quando encarnados, são bons e benevolentes para com os semelhantes; não se deixam levar pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não provam ódio, nem rancor, nem inveja ou ciúme, fazendo o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, foram considerados divindades benfazejas. Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

108. QUINTA CLASSE. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. – Sua qualidade dominante é a bondade; gostam de prestar serviços aos homens e de os proteger; mas o seu saber é limitado: seu progresso realizou-se mais no sentido moral que no intelectual.

109. QUARTA CLASSE. ESPÍRITOS SÁBIOS. – O que especialmente os distingue é a amplitude dos conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais aptidão; mas só encaram a Ciência pela sua utilidade, livre das paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. TERCEIRA CLASSE. ESPÍRITOS PRUDENTES. – Caracterizam-se pelas qualidades morais de ordem mais elevada. Sem possuir conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite julgar com precisão os homens e as coisas.

111. SEGUNDA CLASSE. ESPÍRITOS SUPERIORES. – Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira benevolência, é sempre digna, elevada e frequentemente sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos proporcionar as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que nos é dado conhecer. Comunicam-se voluntariamente com os que procuram de boa-fé a verdade, e cujas almas bastante libertas dos liames terrenos para a compreender; mas afastam-se dos que são movidos apenas pela curiosidade, ou que, pela influência da matéria, desviam-se da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de progresso, e então nos oferecem o tipo de perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM: ESPIRITOS PUROS – continua

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

037) A FORÇA DA PALAVRA E DO PENSAMENTO! – pág. 63 do site

Há muito foi me dado o privilégio da palavra fácil. Era-me dado o lugar de destaque para qualquer explanação. Onde quer que houvessem algumas pessoas, um certo número, lá estava eu a falar, a falar!

As palavras como que fluíam dos meus lábios num vernáculo de fácil entendimento deixando extasiados quem ouvia. E eu falava, falava, falava. Falava com o coração, com a alma; minha voz se levantava com tanta eloquência que, às vezes, até me fazia tremer. E sempre falava.

E, agora, vejo-me calado! Sempre só! Onde está a multidão que me aplaudia? A multidão que vibrava e fazia vibrar? A multidão está por aí. São todos aqueles que se encontram ao meu redor. E não me ouvem. Não querem me ouvir. Acham que vou ficar mais exposto, mais visível, mais famoso e, então, fingem não me ver, me ignoram!

Sim, porque eles sabem muito bem que as palavras que eu proferia eram a mais pura realidade. A pureza de pensamento que me afluía, aos poucos ia conturbando suas mentes e queria que eles se modificassem. Então, têm medo de me ouvir, porque sabem que minhas palavras serão um imperativo de renúncia, de reforma, um imperativo de andar cada vez mais e mais no lugar onde eles não gostariam de ir, porque, se eles não me ouvirem, podem fingir que não sabem, e a Verdade eles estão cansados de saber. E então fogem!

Para quem vou falar, então? Para quem vou explicar o que já está centenas de vezes mais que explicado?

Vejo-me, então, só, com meus pensamentos! Falando comigo mesmo. Mas, o pensamento também é uma força que pode se exteriorizar! Então, estou pensando, pensando

muito, como se estivesse dirigindo-me a todos eles; e o meu pensamento é apenas de: fé, coragem, luta, reforma, caridade, oração.

E, eu peço ao Pai, neste momento em que me é dado o dom do pensamento, que ilumine, também, o pensamento deles, para que vislumbrem à sua frente um mundo real de irmandade, de carinho, de amor, de respeito; não preciso falar para que eles me ouçam; meu pensamento será forte, suficientemente, para quebrar as amarras do egoísmo, da ingratidão, da covardia, da inimizade.

Meu pensamento é de Paz e, em Paz, peço ao Pai que nos coloque a todos nós: os ouvintes de hoje e de outrora.

Muita Paz, irmãos! Sou aquele que vem pela primeira vez e queria falar com vocês!

(Espírito: Afonso. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 04/07/2000).

*

038) PLANO DE PAZ, SIM! PLANO DE GUERRA, NÃO!

Boa noite irmãos! Que a Paz do Senhor esteja sempre conosco!

Hoje, mais do que nunca, fala-se em Paz. Nem mesmo em época de guerra se falou tanto em paz, como agora. Mas não devemos ser como os demais que apenas falam, falam bonito e nada concretizam para que essa paz se efetue. É necessária muita força de vontade, de renúncia, de perdão, para que possamos ter paz.

Começando no recinto do nosso lar, que é o local onde impera mais raiva, mais rancor, mais discórdia. Se, cada um, por sua vez, renunciar aos gritos, aos palavrões e contribuir para a harmonia no recinto doméstico, será um lar a menos para guerrear. Um lar a mais onde começará o Plano de Paz!

Por que se faz Plano de Guerra, com emboscada e tudo o mais? Mas, Plano de Paz, ninguém nunca ouviu falar. Pois bem meus irmãos! Vamos fazer um Plano de Paz, começando pelo Primeiro item e, daí, até o fim, quantos forem eles necessários; para que, no final, olhemos, analisemos se realmente cumprimos esse Plano. Vamos fazer um Plano, enumerar os itens e colocar em lugar bem visível e, todos os dias, devemos examiná-lo para ver se o cumprimos. Se não conseguimos cumprir alguns itens, ou nenhum deles, devemos pedir auxílio ao Pai e começar tudo outra vez. Assim, estaremos contribuindo para a Paz Universal, começando por nós mesmos, que somos o maior perigo para a Paz.

Dando, cada um, a sua contribuição, estaremos no caminho certo, embora demore a verdadeira Paz que todos necessitamos. Vamos, irmãos, façam um Plano de Paz e coloquem-no bem visível para todos lerem e peçamos ao Pai que ilumine os outros lares, suavizando os corações feridos dos que sofrem por não enxergarem que o motivo de tanta dor está neles mesmos. Peçamos ao Pai que lhes ilumine o coração e que enxerguem que a Paz tem que começar pelo primeiro. Em seguida, virão os outros, seguindo-lhes o exemplo. Comecem um Plano de Paz ainda hoje e podem esperar que dias melhores virão.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 11/07/2000).

*

128) OS DEVERES MORAIS E O EGOÍSMO! – pág. 109 do site

Graças a Deus estamos novamente juntos. Gostaria, neste momento de estudos, dizer-vos que muitas vezes o conforto e o egoísmo nos tornam preguiçosos para os deveres morais a que somos enviados a realizar aqui na Terra. Muitas vezes, também, alegamos qualquer tipo de futilidades para não cumprirmos com as obrigações morais. Mas se não aproveitarmos essa oportunidade, pode acontecer que ela se vá embora e depois teremos que trabalhar muito mais para alcançar o posto de hoje. Irmãos, não vamos perder tempo e nem a oportunidade, pois o tempo é curto para tarefa tão grandiosa. Aproveitemos o tempo em casa, na rua, no trabalho ou escola; em qualquer momento do dia ou da

noite, sempre tem alguém necessitado, no mínimo, de preces e de um sorriso amigo. Aproveitem. Que Jesus abençoe a todos e aos familiares.

(LAK. Mensagem psicografada pelo médium João Francisco. Espírito Joaquim. Buri, 08/03/06).

*

230) COSTURAR SEMPRE! TODO DIA! – pág. 146 do site

Florizinho, não se preocupe com os buracos e rasgos. À medida que forem surgindo buracos, vamos colocando remendos com pano novo. Assim, de buraco em buraco, de remendo em remendo, tornaremos a peça nova.

Assim, devagar, costurando aqui, costurando ali, remendando um buraco, fechando um rasgo, vamos modificando... e, o que era velho e rasgado, acabará se tornando novo.

Assim espero, assim desejo e, assim eu peço nas minhas orações.

Costurar, e sempre, todos os dias!

Deus abençoe você, meus “fios” e toda essa gente que se preocupa com as coisas estragadas.

Vamos remendar os Espíritos e torná-los bons e novos.

Com muita saudade,

SINHANINHA.

(Espírito SINHANINHA. Médium: Domitila. Mensagem psicografada no Centro Espírita Sinhaninha. Buri – SP em 01/julho/2007)

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO LIVRO: “SEXO E VERDADE” – JORGE RIZZINI (MÉDIUM) POESIAS – GUERRA JUNQUEIRO (ESPÍRITO) - HOMOSSEXUALISMO II - pág. 19 do site

Os homossexuais (produtos de uma infância
Com excesso de amor ou de atenção isenta)
Em tempos que lá vão causavam repugnância,
Talvez inda maior que a chaga pustulenta.
Mostravam-se viris para esconder o fato,
Temendo a sociedade, o achincalhe, a denúncia;
Jamais lhes ocorreu criar um sindicato
Como querem os de hoje a afetar a pronúncia!
Nas ruas de New York houve estranho espetáculo
Que faria pasmar até o Marquês de Sade:
Os homossexuais, em marcha, sem obstáculo,
A mostrar a bandeira “O Sexo em Liberdade”!
E o Parlamento inglês, outrora respeitável,
Onde Churchill falava e o mundo todo ouvia,
Criou a nova lei, espantosa e execrável,
A oficialização da vil pederastia!
Os homossexuais de sexos semelhantes
Já lá vão se casar e usar uma aliança...
Em breve iremos ver, os padres, delirantes,
Abençoá-los no altar da Catedral da França.
E muitos chamam a isto “evolução do tempo”,
“Processo natural”, “evolução biológica”,
“Eis o terceiro sexo!” ou “mero passatempo”,
Quando é a realidade horrenda e patológica!

*

TERCEIRO MILÊNIO: A CIÊNCIA E 'A ERA DO ESPÍRITO'
--

O PENSAMENTO E A FÍSICA QUÂNTICA Professor Moacyr

Antes do advento do paradigma quântico-relativístico, a ciência oficial nada tinha a declarar sobre o pensamento, sua possibilidade de transmissão e interferência na matéria. Acreditava-se que, no máximo, o pensamento poderia influenciar atitudes positivas ou não do pensador, podendo criar situações de autossugestão, com resultados sempre limitados e discutíveis. A ciência acadêmica nos descrevia um universo pronto e acabado, cabendo-nos apenas observar suas leis, sem que sobre elas tivéssemos a menor possibilidade de interferência. Essa posição é um corolário adotado pela concepção newtoniana do universo-máquina e consagrada nos postulados do materialismo realista. Entretanto, bem antes do exame filosófico dos postulados da Física Quântica, disciplinas científicas, como a parapsicologia, hoje conhecida como ciência noética, realizavam experiências, comprovadas por métodos estatísticos probabilísticos, demonstrando a possibilidade de transmissão do pensamento, o que restou catalogado como telepatia. Na década de 70, do século passado, as jornalistas americanas Sheila Ostrander e Lynn Schroeder¹, em viagem pela então União Soviética, relatam uma série de experiências na área chamada paranormal, em que se verificava, independentemente de distância, a transmissão do pensamento. Hernani Guimarães Andrade noticia interessantíssimo experimento realizado pelo pesquisador russo Leonid Vassiliev. Nessa experiência, conseguiu-se hipnose por telepatia, estando hipnólogo e sensitivo em salas separadas, com as paredes feitas de chumbo e emendas em mercúrio. Vale dizer que nenhuma radiação eletromagnética conhecida poderia se transmitir de uma sala a outra. As primeiras conclusões apontavam para a possibilidade tetradimensional da chamada onda produzida pelo pensamento. Atualmente Dean Raskin, ph.D, realiza experiências semelhantes. Coloca em salas separadas, com as mesmas características daquelas acima descritas, pessoas, conhecidas ou não, uma em cada sala, com suas cabeças ligadas a pet-scanners, aparelhos de alta sensibilidade, registradores das ondas cerebrais. Um dos sujeitos da experiência recebe uma série de flashes luminosos em seus olhos. Na outra sala, as ondas cerebrais do outro participante do experimento sofrem alterações, como se o cérebro houvesse recebido os estímulos correspondentes a setenta por cento dos recebidos pelo outro colaborador.

Segundo Raskin, a experiência comprova, - **continua na próxima aula**

*

**EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)
VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA**

*

19ª AULA – 04 DE AGOSTO DE 2015**CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**Vide site www.josefleuri.com.br – pág. 314 do site**LICEU ALLAN KARDEC - CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ****Em Louvor das Mães - EMMANUEL**

O lar é a célula ativa do organismo social e a mulher, dentro dele, é a força essencial que rege a própria vida.

Se a criança é o futuro, no coração das mães é que repousa a sementeira de todos os bens e de todos os males do porvir.

O homem é o pensamento.

A mulher é o ideal.

O homem é a oficina.

A mulher é o santuário.

O homem realiza.

A mulher inspira.

Compreender a gloriosa missão da alma feminina, no soerguimento na Terra, é apostolado fundamental do Cristianismo renascente em nossa Doutrina Consoladora.

Auxiliar, assim, o espírito materno, no desempenho de sua tarefa sublime, constitui obrigação primária de todos nós que abraçamos nos Centros Espíritas, novos lares de idealismo superior, e que buscamos na Boa Nova do Divino Mestre a orientação maternal para a renovação de nossos destinos.

Nesse sentido, se nos cabe reconhecer no homem o condutor da civilização e o mordomo dos patrimônios materiais na gleba planetária, não podemos esquecer que na mulher devemos identificar o anjo da esperança, ternura e amor, a descer para ajudar, erguer e salvar nos despenhadeiros da sombra, oferecendo-nos, no campo abençoado da luta regenerativa, novos tabernáculos de serviço e purificação.

Glorifiquemos, desse modo, o ministério santificante da maternidade na Terra, recordando que o Todo-Misericordioso, quando se designou enviar ao mundo o seu mais sublime legado para o aperfeiçoamento e a elevação dos homens, chamou um coração de mulher, em Maria Santíssima, e, através das suas mãos devotadas à humanidade e ao bem, à renúncia e ao sacrifício, materializou para nós o coração divino de Nosso Senhor Jesus Cristo, a luz de todos os séculos e o alvo de redenção da Humanidade inteira.

Pelo Espírito Emmanuel

XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas do Coração*. Espíritos Diversos. LAKE

*

FONTE VIVA - EMMANUEL**47 – AUTOLIBERTAÇÃO**

“... Nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele.” —

Paulo. (1ª EPÍSTOLA A TIMÓTEO, capítulo 6, versículo 7.)

Se desejas emancipar a alma das grilhetas escuras do “eu”, começa o teu curso de autolibertação aprendendo a viver “como possuindo tudo e nada tendo”, “com todos e sem ninguém”.

Se chegaste à Terra na condição de um peregrino necessitado de aconchego e socorro e se sabes que te retirarás dela sozinho, resigna-te a viver contigo mesmo, servindo a todos, em favor do teu crescimento espiritual para a imortalidade.

Lembra-te de que, por força das leis que governam os destinos, cada criatura está ou estará em solidão, a seu modo, adquirindo a ciência da auto-superação.

Consagra-te ao bem, não só pelo bem de ti mesmo, mas, acima de tudo, por amor ao próprio bem.

Realmente grande é aquele que conhece a própria pequenez ante a vida infinita.

Não te imponhas, deliberadamente, afugentando a simpatia; não dispensarás o concurso alheio na execução de tua tarefa.

Jamais suponhas que a tua dor seja maior que a do vizinho ou que as situações do teu agrado sejam as que devam agradar aos que te seguem. Aquilo que te encoraja pode espantar a muitos e o material de tua alegria pode ser um veneno para teu irmão.

Sobretudo, combate a tendência ao melindre pessoal com a mesma persistência empregada no serviço de higiene do leito em que repousas. Muita ofensa registrada é peso inútil ao coração.

Guardar o sarcasmo ou o insulto dos outros não será o mesmo que cultivar espinhos alheios em nossa casa?

Desanuvia a mente, cada manhã, e segue para diante, na certeza de que acertaremos as nossas contas com Quem nos emprestou a vida e não com os homens que a malbaratam.

Deixa que a realidade te auxilie a visão e encontrarás a divina felicidade do anjo anônimo, que se confunde na glória do bem comum.

Aprende a ser só, para seres mais livre no desempenho do dever que te une a todos, e, de pensamento voltado para o Amigo Celeste, que esposou o caminho estreito da cruz, não nos esqueçamos da advertência de Paulo, quando nos diz que, com alusão a quaisquer patrimônios de ordem material, “nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele”.

*

PAZ E RENOVAÇÃO – ESPÍRITOS DIVERSOS

8 - CHAVES LIBERTADORAS

DESGOSTO

Qualquer contratempo aborrece.

No entanto, sem desgosto, a conquista de experiência é impraticável.

OBSTÁCULO

Todo empeco atrapalha.

Sem obstáculo, porém, nenhum de nós consegue efetuar a superação das próprias deficiências.

DECEPÇÃO.

Qualquer desilusão incomoda.

Todavia, sem decepção, não chegamos a discernir o certo do errado.

ENFERMIDADE

Toda doença embaraça.

Sem a enfermidade, entretanto, é muito difícil consolidar a preservação consciente da própria saúde.

TENTAÇÃO

Qualquer desafio conturba.

Mas, sem tentação, nunca se mede a própria resistência.

PREJUÍZO

Todo o golpe fere.

Sem prejuízo, porém, é quase impossível construir segurança nas relações uns com os outros.

INGRATIDÃO

Qualquer insulto à confiança estraga a vida espiritual.

No entanto, sem o concurso da ingratidão que nos visite, não saberemos formular equações verdadeiras nas contas de nosso tesouro afetivo.

DESENCARNAÇÃO

Toda morte traz dor.

Sem a desencarnação, porém, não atingiríamos a renovação precisa, largando processos menos felizes de vivência ou livrando-nos da caducidade no terreno das formas.

Compreendamos, à face disso, que não podemos louvar as dificuldades que nos rodeiam, mas é imperioso reconhecer que, sem elas, eternizaríamos paixões, enganos, desequilíbrios e desacertos, motivo pelo qual será justo interpretá-las por chaves libertadoras, que funcionam em nosso espírito, a fim de que nosso espírito se mude para o que deve ser, mudando em si e fora de si tudo aquilo que lhe compete mudar.

André Luiz

*

ENTREVISTAS – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

63 – NECESSIDADE DE ESTUDO

P – Quanto ao estudo, que dizem os nossos Benfeitores Espirituais?

R – Os amigos espirituais nos informam que o estudo deve ser para nós uma obrigação, em qualquer idade ou circunstância da vida.

Muitas vezes, quando na infância ou na juventude, somos constrangidos a estudar e sentimos muita dificuldade em observar as disciplinas estabelecidas, seja por nossos pais ou professores, tutores ou amigos, às vezes, fugimos de aula, desertamos do dever estudantil, mas com o tempo, se observarmos a vida dentro da realidade que lhe é própria, quando entramos na condição de adultos somos induzidos a estudar voluntariamente porque sabemos que o estudo é a luz no coração do espírito.

Na ignorância não conseguiríamos, como não conseguiremos, enxergar o caminho real que Deus traçou a cada um de nós na Terra.

Todos nós, sejamos crianças ou jovens, adultos ou já muitíssimo maduros, devemos estudar sempre.

*

CHICO, BEZERRA E VOCÊ

PRESENÇA DA LEI

... os textos evangélicos nos confirmam sempre os imperativos inolvidáveis que fulguram por ápices do caminho de ascensão para a Vida Imperecível:

“amai”

“amar sempre”

“amemos”

“ama o próximo como a ti mesmo”

“que amemos incessantemente”

“o amor nos cobre a multidão das faltas”...

E ensinando-nos o verbo sublime, a plataforma do Cristo é inconfundível.

Entretanto, quase sempre, somos aqueles filhos de Deus na Terra buscando “ser amados” e, comprazendo-nos nisso, as dificuldades se nos ampliam constantemente.

*

... falamos a vós outros, de modo geral, conhecendo embora os anseios pessoais multiformes que nos caracterizam.

Se possível, seríamos, com a maior satisfação, aquele mensageiro das boas novas, de ordem particular para cada um dos corações amigos que se congregam conosco para os mesmos objetivos.

Ainda assim, queridos amigos, urge considerar que a mensagem do Evangelho nos serve a todos.

Cada qual de nós pode retirar dela as derivações construtivas de que necessitamos para a edificação íntima a que nos cabe atender.

*

... amemos e penetremos os pórticos das realizações que demandamos na caminhada espiritual.

De mensagem recebida em 18.11.1972.

*

O QUE É O ESPIRITISMO

15 - Médiuns e feiticeiros

RESPOSTAS DE KARDEC AO CRÍTICO

Visitante. — Desde que a mediunidade não é mais que um meio de entrar em relação com as potências ocultas, médiuns e feiticeiros são mais ou menos a mesma coisa?

A. K. — Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação que os feriu.

Basta-nos comparar o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos verdadeiros médiuns, para conhecermos a diferença, mas a maioria dos críticos não se quer dar a esse trabalho.

Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretense poder sobrenatural, de suas fórmulas, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à sua razão crer que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que os Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros.

V— Neste caso, todos os efeitos que certos médiuns acreditados obtêm, à vontade e em público, não são, ao vosso ver, senão charlatanice?

A. K. — Não o digo em absoluto. Tais fenômenos não são impossíveis, porque há Espíritos de baixa categoria que se podem prestar à sua produção e que se divertem, talvez por já terem sido prestidigitadores na vida terrena; também há médiuns especialmente próprios para esse gênero de manifestações; porém, o vulgar bom-senso repele a idéia de virem os Espíritos, por menos elevados que sejam, representar palhaçadas e fazer escamoteações para divertimento dos curiosos. A obtenção desses fenômenos à vontade, e sobretudo em público, é sempre suspeita; neste caso a mediunidade e a prestidigitação se tocam tão de perto que é difícil muitas vezes distingui-las; antes de vermos nisso a ação dos Espíritos, devemos observar minuciosamente e ter em conta, quer o caráter e os

antecedentes do médium, quer um grande número de circunstâncias que só o estudo da teoria dos fenômenos espíritas nos pode fazer apreciar.

Deve-se notar que esse gênero de mediunidade, quando mediunidade nisso exista, limita-se a produzir sempre o mesmo fenômeno, salvo pequenas variantes, o que não é muito próprio para dissipar dúvidas, O desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade.

Qualquer que seja o grau de veracidade desses fenômenos, como efeitos mediúnicos, eles produzirão bom resultado, por darem voga à idéia espírita. A controvérsia que se estabelece a respeito provoca em muitas pessoas um estudo mais aprofundado.

Não é certamente aí que se deve ir beber instruções sérias sobre o Espiritismo, nem sobre a filosofia da doutrina; porém, é um meio de chamar a atenção dos indiferentes e obrigar os recalcitrantes a falarem dele.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS - *CAPÍTULO X* - LEI DE LIBERDADE VI – FATALIDADE

853. Certas pessoas escapam a um perigo mortal para cair em outro; parece que não podem escapar à morte. Não há nisso fatalidade?

– Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos.

853-a. Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a nossa hora não chegou?

– Não, não morrerás, e tens disso milhares de exemplos. Mas quando chegar a tua hora de partir, nada te livrará. Deus sabe com antecedência qual o gênero de morte por que partirás daqui, e frequentemente teu Espírito também o sabe, pois isso lhe foi revelado quando fez a escolha desta ou daquela existência.

854. Da infalibilidade da hora da morte segue-se que as precauções que se tornam para evitá-la são inúteis?

– Não, porque as precauções que tornais vos são sugeridas com o fim de evitar a morte que vos ameça; são um dos meios para que ela não se verifique.

*

MENSAGENS DOS MESTRES - ANTÔNIO F. RODRIGUES *PEQUENA FÁBULA ORIENTAL*

Um dia, estando o Sultão em seu palácio em Damasco, um belo rapaz, que era seu guardião, apareceu-lhe agitado, dizendo que tinha de partir imediatamente para Bagdá e implorando ao soberano que lhe emprestasse o mais veloz cavalo de sua cavalaria.

Surpreso, o Sultão perguntou-lhe por que tinha tanta pressa de ir para Bagdá.

– Porque – respondeu o jovem -, ao passar agora mesmo pelos jardins do palácio, vi a Morte ali postada. Quando ela me avistou, estendeu os braços, como que a ameaçar-me. Não há tempo a perder. Tenho de fugir-lhe!

O Sultão deu ao aflito rapaz consentimento para que usasse o melhor cavalo do palácio. Tendo ele partido, o soberano, indignado, desceu aos jardins e ali encontrou a Morte.

– Como se atreve a fazer gestos ameaçadores ao meu guardião? – gritou ele.

A Morte, atônita, respondeu:

– Asseguro à Vossa Majestade que não o ameacei. Ergui apenas os braços, de surpresa, por vê-lo aqui. Tenho um encontro marcado com ele esta noite, em Bagdá...

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA – AMOR DA SABEDORIA – E FILOSOFIA GE-
RAL**

(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)

Vide site www.josefleuri.com.br



**2 – PLATÃO – Pág. 135 do site
(427 a.C. – 347 a.C.)**

Livro: Os Filósofos. José Herculano Pires.

Platão é o primogênito de Sócrates, o seu herdeiro direto. Recebeu em mãos toda a fortuna do pai e cultivou-a para o futuro. Mas teve também o seu primogênito, Aristóteles, a quem transferiu o patrimônio herdado e imensamente ampliado. Há, pois, uma dinastia socrática no vasto império da filosofia grega, que é, em última análise, o Império da Filosofia.

Platão foi acusado de desvirtuar a doutrina de Sócrates, de transformar o seu mestre em personagem de seus diálogos e porta-voz de suas próprias idéias. Aristóteles, por sua vez, é acusado de rebelião contra o pensamento platônico. Até que ponto essas dissensões na família socrática são reais e podem ser levadas a sério?

Sócrates descobriu o conceito e proclamou a sua importância para a vida humana. O conceito é a ideia geral, a representação sintética do particular, mas por isso mesmo traz em si a chave de todos os segredos, de todas as dificuldades que encontramos no particular. Sócrates serviu-se do geral para devolver o pensamento ao particular, tirá-lo da especulação abstrata das causas primárias e dirigi-lo com firmeza às secundárias.

Foi assim que criou a Moral. Mas a moral socrática se funda na metafísica do conceito, e é justo que seu discípulo Platão, ao herdar a primeira, herdasse também a última. O que vamos ver em Platão é justamente um aprofundamento da metafísica do conceito. Não há nisso nenhum desvirtuamento, mas tão-somente uma continuação do trabalho socrático.

Aristóteles criticou a teoria das idéias de Platão, voltou-se contra o mestre e parece ter querido construir uma filosofia própria, inteiramente autônoma. Isso, na aparência. Na realidade, Aristóteles descobriu, por trás do conceito, a *ousia*, ou seja: a *substância*. O conceito socrático, em que Platão descobrira a realidade ideal, parece a Aristóteles simplesmente a máscara que oculta o rosto de um personagem da grande tragédia. Por trás da máscara é que está a realidade. Assim, a revolta de Aristóteles não é mais do que o desenvolvimento da herança platônica.

Na trindade socrática da filosofia grega há, portanto, um pai, um filho e um espírito santo. O pai é o dispensador da verdade, o doador da vida: Sócrates, que revelou o conceito. O filho é o verbo – e que poderoso verbo! – o pregador da verdade e transmissor

da vida: Platão. O espírito santo é o esclarecedor das consciências, o iluminador dos espíritos, o Consolador, do *Evangelho de João*, que vem completar a obra da revelação.

No plano das aparências, no mundo das sombras, em que vivemos, essas três figuras podem parecer-nos antagônicas. Mas, quando aprofundamos o olhar além das sombras da caverna, e o acostumamos à luz do sol, somos capazes de ver as conexões ocultas.

PLATÃO E A REALIDADE
(O mito da Caverna) – continua na próxima aula

*

FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ
Vide site www.josefleuri.com.br

PRIMEIRA ORDEM: ESPÍRITOS PUROS – Pág. 132 do site

112. CARACTERES GERAIS. - Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos Espíritos das outras ordens.

113. PRIMEIRA CLASSE. CLASSE ÚNICA. Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis, vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material, mas essa felicidade não é a de uma ociosidade monótona, vivida em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a manutenção da harmonia universal. Dirigem a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e determinam as suas missões. Assistir os homens nas suas angústias, incitá-los ao bem ou à expiação de faltas que os distanciam da felicidade suprema, é para eles uma ocupação agradável. São às vezes designados pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria o que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

VII - PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que procuram melhorar-se?

– Os Espíritos mesmos se melhoram; melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma superior.

115. Uns Espíritos foram criados bons e outros maus?

– Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e progressivamente conduzir à perfeição, pelo conhecimento da verdade e para os aproximar Dele. A felicidade eterna e sem perturbações, eles a encontrarão nessa perfeição. Os Espíritos adquirem o conhecimento passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino; outros não conseguem sofrê-las sem lamentação, e assim permanecem, por sua culpa, distanciado da perfeição e da felicidade prometida.

115-a. Segundo isto, os Espíritos, na sua origem, se assemelhariam a crianças, ignorantes e sem experiência, mas adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrer as diferentes fases da vida?

– Sim, a comparação é justa: a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu menor ou maior aproveitamento depende da sua docilidade. Mas a vida do homem tem fim, enquanto a dos Espíritos se estende ao infinito.

116. Há Espíritos que ficarão perpetuamente nas classes inferiores?

– Não; todos se tornarão perfeitos. Eles mudam, embora devagar, porque, como já dissemos uma vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente os seus filhos. Querias que Deus, tão grande, tão justo e tão bom, fosse pior que vós mesmos?

117. Depende dos Espíritos apressar o seu avanço para a perfeição?

– Certamente. Eles chegam mais ou menos rapidamente, segundo o seu desejo e a sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa que uma rebelde?

118. Os Espíritos podem degenerar?

– Não. À medida que avançam, compreendem o que os afasta da perfeição. Quando o Espírito conclui uma prova, adquiriu conhecimento e não mais o perde. Pode permanecer estacionário, mas não retrogradar.

119. Deus pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem?

– Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito, sem a luta? De outro lado, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade, e a missão que lhes cabe nos diferentes graus está nos desígnios da Providência, com vistas à harmonia do Universo.

Como, na vida social, todos os homens podem chegar aos primeiros postos, também poderíamos perguntar por que motivo o soberano de um país não faz, de cada um dos seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são superiores; por que todos os alunos não são professores. Ora, entre a vida social e a espiritual existe ainda a diferença de que a primeira é limitada e nem sempre permite a escalada de todos os seus degraus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar ao posto supremo.

120. Todos os Espíritos passam pela fieira do mal, para chegar ao bem?

– Não pela fieira do mal, mas pela da ignorância.

121. Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem, e outros o do mal?

– Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem quanto para o mal; os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm a consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um lado que para outro?

– O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa estranha à vontade do Espírito. A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação e outros a resistiram.

122-a. De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

– Dos Espíritos imperfeitos que procuram envolvê-lo e dominá-lo, e que ficam felizes de o fazer sucumbir. Foi o que se quis representar na figura de Satanás.

122-b. Esta influência só se exerce sobre o Espírito na sua origem?

– Segue-o na vida de Espírito, até que ele tenha de tal maneira adquirido o domínio de si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo.

123. Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal?

– Como ousais pedir a Deus conta dos seus atos? Pensais poder penetrar os seus desígnios? Entretanto, podeis dizer: A sabedoria de Deus se encontra na liberdade de escolha que concede a cada um, porque assim cada um tem o mérito de suas obras.

124. Havendo Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto, e outros o do mal absoluto, haverá gradações, sem dúvida, entre esses dois extremos?

– Sim, por certo, e constituem a grande maioria.

125. Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

– Sim, mas as eternidades serão mais longas para eles.

Por essa expressão, as eternidades, devemos entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade dos seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver. Essa ideia se renova em todas as provas nas quais sucumbem.

126. Os Espíritos que chegam ao supremo grau, depois de passarem pelo mal, têm menos mérito que os outros, aos olhos de Deus?

– Deus contempla os extraviados com o mesmo olhar, e os ama a todos do mesmo modo. Eles são chamados maus porque sucumbiram; antes, não eram mais que simples Espíritos.

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?

– São criados iguais, mas não sabendo de onde vêm, é necessário que o livre-arbítrio se desenvolva. Progridem mais ou menos rapidamente, tanto em inteligência como em moralidade.

Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem, nem por isso são Espíritos perfeitos; se não têm más tendências, não estão menos obrigados a adquirir a experiência e os conhecimentos necessários à perfeição. Podemos compará-los a crianças que, qualquer que seja a bondade dos seus instintos naturais, têm necessidade de desenvolver-se, de esclarecer-se, e não chegam sem transição da infância à maturidade. Assim como temos homens que são bons e outros que são maus, desde a infância, há Espíritos que são bons ou maus, desde o princípio, com a diferença capital de que a criança traz os seus instintos formados, enquanto o Espírito, na sua formação, não possui mais maldade que bondade. Ele tem todas as tendências, e toma uma direção ou outra em virtude do seu livre-arbítrio.

*

CAPÍTULO V - O HOMEM NO UNIVERSO – Cont. próxima aula

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

039) RECORDAÇÃO DOS TEMPOS FELIZES! – Pág. 65 do site

Era hora da Ave Maria!

Eu, lá fora, sentado em baixo de uma árvore, num banco tosco de madeira, meditava... Meus pensamentos divagavam... E me vi criança, descalço, chutando pedrinhas na estrada; outra vez me recordava dos colegas de rua, de meu pai, de minha mãe, e senti saudade do meu tempo de criança. Vi-me empurrando um caminhãozinho outra vez, jogando bolinha, empinando pipa... E uma grande saudade me invadiu, senti grande tristeza, não sei por que chorei, chorei bastante, um choro gostoso que extasia! Um choro que foi me envolvendo, sacudindo e levando-me a tempos distantes que não mais hão de voltar. Senti saudade de mim mesmo. Senti saudade de tudo que me rodeava. Então as lágrimas foram parando, parando e uma grande calma me invadiu a alma. Pois recordei todos os tempos felizes que passei na infância e me vi feliz então!

Nessa hora, uma brisa suave me envolveu, a noite caiu completamente e entrei na casa, acendi minha lamparina que estava sobre a mesa e ali, naquela semiobscuridade, orei, orei porque sei que fui feliz; que os momentos de solidão que agora sinto já não são tantos, pois a nostalgia daquela hora me fez reviver momentos que nunca mais sairão da mente. Não estou sozinho: trago todo um passado comigo. Agora já posso dormir enquanto a lamparina se extingue.

Ai que saudade...!

(Espírito desconhecido. *Médium: Domitila. L. Allan Kardec. – Buri. 17/10/2000*).

*

040) NOSSO CAMINHO AGORA É OUTRO! NOSSA META É OUTRA! – pág. 65 do site.

Amigos, Irmãos, Boa noite!

Estamos outra vez aqui, tentando nos melhorar um pouco mais. Agora, mais do que nunca, não podemos perder tão sábia oportunidade. Sim, é a nossa grande chance. Foi a oportunidade que pedimos. Não vamos desperdiçar o nosso tempo e continuar fazendo aquilo que fazíamos e pedimos, agora, para não fazermos mais. Sim, não desperdicemos a chance. Já estivemos envolvidos nesses revezes da sorte com a nossa comunidade e se continuarmos assim estaremos malhando sempre em ferro frio.

O que temos que fazer e pensar é que agora o nosso caminho é outro. Nossa meta é outra. E nosso interesse é outro. Aquilo que passou não queremos nem lembrar. Apenas que nos sirva de lição para não cairmos na mesma cilada. Não nos igualemos àqueles que nós não aceitamos por perto. E, se estamos em nível mental negativo, por certo não somos diferentes deles. Oremos, sim, sempre com muita fé e lembremos que nunca devemos ficar remoendo o que de mal os outros farão ou deixarão de fazer por nós, e contra nós; mas, sim, o que de mal estamos fazendo contra eles, caindo na mesma sintonia vibratória; ou o que deixamos de fazer para modificar esse mal, que continua a se alastrar através de várias reencarnações, sem um pingão de progresso moral.

Isto sim devemos lembrar: agir para o bem comum, mudando nossa sintonia vibratória e deixar o mal para trás, lembrando sempre de pedir a Jesus as bênçãos àqueles que persistem no erro. Orar, sim, por eles e não sermos como eles, um ou uns a mais no mesmo nível.

Sejamos diferentes, porque é a nossa obrigação moral e por isso pedimos essa chance: não a desperdicemos. Não joguemos fora o tempo que é precioso e é necessário saber aproveitá-lo, para não lastimarmos amanhã e sempre!

E continuemos em sintonia com Ele que é a luz do nosso caminho.

(Espírito: Dolores. *Médium: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 24/10/2000*).

*

131) A PERFEIÇÃO: O JUGO SUAVE E O FARDO LEVE! – pág. 109 do site

Graças à Deus estamos novamente juntos. Quando desencarnamos levamos conosco somente a nossa moralidade (ou imoralidade). Não levamos a maioria daquilo que nos toma a maior parte do tempo. Sabemos que o nosso planeta é de prova e expiação. Então porque essa enorme dificuldade para sermos logo perfeitos, como o Pai é perfeito? Porque ainda estamos longe disso; então é melhor que façamos um esforço maior para chegar à perfeição. Naturalmente que sim; mas damos de cara todos os dias com os interesses materiais que são necessários para o desenvolvimento da vida e, neles, embutidas todas as oportunidades de sermos caridosos, benevolentes e amorosos. Pensem nisso então e verão como tudo irá fluir melhor em suas vidas e sentirão que o objetivo não está tão longe assim. Porque o fardo se tornará leve e o jugo suave! Que as bênçãos de Jesus parem sobre todos e todos os familiares.

(Liceu Allan Kardec. *Mensagem psicografada pelo médium João Francisco. Espírito Joaquim. Buri, 21/04/06*).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO –

**LIVRO: “SEXO E VERDADE” – JORGE RIZZINI (MÉDIUM)
POESIAS – GUERRA JUNQUEIRO – ESPÍRITO –
HOMOSSEXUALISMO – III - pág. 20 do site**

Na TV, no teatro, imprensa ou no cinema,
De segunda a domingo, impreterivelmente,
A aberração sexual é o preferido tema.
Na América, na Europa e no velho Oriente.

Essa ideia obsessiva é parte de um esquema
Criado pela Treva enferma e inteligente,
Que visa transformar a moral num postema (abscesso),
Em câncer purulento a família decente.

E já soprou a Treva a um círculo erudito,
Que os homossexuais só têm explicação
Na obra de Kardec, hercúlea, de granito!
E a falsear a Lei, sim, da Reencarnação,
A Treva há de aumentar o fétido delito,
A fim de se nutrir com a vampirização!...

- IV -

Podeis imaginar dois grandes homens nus
Jogados numa cama aos beijos sensuais,
Ato que espantaria, embora à pouca luz,
Os tigres e leões, panteras e chacais?

Ora, não me faleis que a homossexualidade
É fato natural, vem da Reencarnação! ...
A ideia é bem sutil, mas tal enfermidade
Só surge numa infância alheia à orientação.

É preciso entender estes seres sem sorte
São vítimas do meio e não da Lei Sublime!
Mimaram-nos as mães... Brincaram com o mais forte...
A treva farejava e organizou o crime.

Se a verdade é clara (escutai, fariseus!)
Clara como o cristal, reta como a Justiça,
Como quereis julgar a nobre Lei de Deus,
Usando de artifício, uma falsa premissa?

Então, a rija Lei da Justiça Perfeita
É culpada por ver-se até homens senis,
Pela rua, aos milhões, em posição suspeita,
A falar do perfume e rendas de Paris?

Explica o Espiritismo esses rudes fracassos,
Que nada têm a ver com a mudança de sexo!
Se a alma é libertina os atos são devassos,
Na matéria ou num corpo etéreo e bem complexo...

Sabeis que qualquer moça em traje masculino,
O busto bem coberto e com fatal olhar,
Oculta em sua Alma um sonho feminino,
Tal como a ostra oculta a pérola, no mar!

Encontrou em seus pais pouquíssima afeição...
Ou no ser masculino um desprezo cruel...
Nela o homossexualismo é pois compensação,
Que o sonho é ter um filho... Olhai por trás do véu!

Mas vejo junto a vós, ó seres infelizes,
A vos vampirizar o fluido incandescente,
Os Espíritos maus, viciados, meretrizes,
Em forma de dragão e em forma de serpente!

Os homossexuais se arrastam pelo mundo...
Faliu a sociedade! Eis no chão a moral!
Comanda hoje o sexo o vício mais imundo,
À custa do chicote erguido pelo Umbral!

No entanto, afirmo agora aos homossexuais
Que pode ser aberta essa horrída prisão:
Só vos libertareis das trevas abismais
Praticando o Evangelho em contínua oração!

*

TERCEIRO MILÊNIO: A CIÊNCIA E 'A ERA DO ESPÍRITO' O PENSAMENTO E A FÍSICA QUÂNTICA Professor Moacyr

(Continuação da última aula e final)

(...) - Segundo Raskin, a experiência comprova, como tantas outras do mesmo gênero, que seria exaustivo elencar, a lei fundamental da Física Quântica, segundo a qual nada no Universo está isolado, chamada Lei da Interconectividade ou do Emaranhamento. Raskin é também responsável pela criação dos chamados geradores aleatórios. São máquinas, colocadas em diferentes lugares que, ao longo do dia, emitem aleatoriamente os algarismos zero e um. Ao final de 24 horas, como num jogo de cara ou coroa, o número de algarismos, zero e um, deve ser praticamente o mesmo. No entanto, acontecimentos que envolvem grandes emoções, responsáveis pela emissão em bloco de pensamentos semelhantes, alteram a paridade dos algarismos. Essas máquinas foram instaladas no tribunal e em vários pontos dos Estados Unidos, por ocasião do julgamento do atleta O. J. Simson. Assim, havia delas em locais públicos, onde as pessoas se reuniam para assistir ao julgamento televisado para quase todo o país. Nos momentos de maior impacto, de grande emoção e conseqüente liberação de energia, desaparecia o equilíbrio entre os algarismos emitidos, com larga predominância de um deles. Por ocasião do atentado às Torres Gêmeas, a verificação dos registros dos geradores mostrou que, desde que o plano foi posto em andamento, começou a se ampliar a diferença entre o número de algarismos emitidos, chegando essa diferença ao máximo por ocasião da colisão do primeiro avião com uma das torres.

A Física Quântica, que trouxe definitivamente a consciência do observador como elemento atuante nos fenômenos físicos, nos demonstra o fato de ser o pensamento uma forma de energia, transmitida através de espaços com mais de três dimensões. Em 1935,

foi realizada a experiência que revolucionou a lógica tradicional e os conceitos mais ortodoxos da ciência: a experiência da dupla fenda. Nela, elétrons lançados contra uma chapa com dois orifícios, às vezes se comportavam como onda, produzindo um padrão de interferência e, às vezes, se comportavam como partículas. As consequências técnicas surgiram de pronto. Mas muito tempo passou até que os cientistas tivessem a coragem de fazer a pergunta cuja resposta causava temor aos ortodoxos: O que é que faz o elétron assumir um comportamento ou outro? E chegaram à mais revolucionária conclusão da ciência contemporânea: “A consciência do observador”, o pensamento do observador. Os físicos começaram a falar em grau de consciência das partículas. O elétron, como consciência menor, tentando comportar-se de modo a satisfazer a expectativa de uma consciência maior. Uma confirmação das afirmações de Kardec⁴, ao postular a existência de uma consciência em desenvolvimento, do átomo ao Arcanjo. Hoje sabemos que as partículas subatômicas mudam de comportamento ao passarem de não observadas para observadas. O simples ato de medir altera seu comportamento, logo não há mais um observador apartado do observado e sim uma interconexão. Esta, para Stuart Hameroff, diretor do Centro de Estudos da Consciência da Universidade do Arizona, é uma das melhores confirmações da espiritualidade. A respeito da influência do pensamento sobre a matéria, encontramos em Fritjof Capra⁵: “Minha decisão consciente sobre a forma como vou observar um elétron irá, até certo ponto, determinar-lhe as propriedades. Se eu fizer uma pergunta própria de partícula, ele me dará uma resposta de partícula. Se eu fizer uma pergunta própria de onda, ele me dará resposta de onda”. Para Capra, o observador não é necessário apenas para observar as propriedades de um fenômeno atômico, mas é necessário até para causar essas propriedades. William Tiller, ph.D., criou um aparelho eletrônico chamado holodeck. É um verdadeiro materializador de pensamentos. Assim, colocando meditadores próximos ao aparelho, concentrando-se no pensamento de que esse aparelho adquirirá a propriedade de fazer o ph da água baixar uma unidade, esse pensamento outorga ao equipamento a propriedade desejada. Vê-se, então, que para a Física Quântica, num universo entrelaçado, o pensamento é uma forma de energia que nos guindou da posição de meros observadores para participantes, utilizando a expressão do físico John Wheeler. Candace Pert⁶ revelou que, através de nossos pensamentos e emoções, produzimos, no hipotálamo, químicos que irão alimentar nossas células de modo benéfico ou prejudicial. Por isso, o perdoar, mudar a faixa vibratória, é de extrema utilidade para quem perdoa, pois é este quem se beneficia e se liberta. A Física Quântica explica porque Jesus mandou perdoar. E os cientistas se interrogam: Quem é o observador? Quem produz o pensamento? E William Tiller, Fred Allan Wolf e Amit Goswami, entre outros, não titubeiam ao responder: O espírito.

Referências: 1. OSTRANDER, Sheila & SCHROEDER, Lynn. Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro. São Paulo, Ed. Best Seller, 1966 2. GUIMARÃES ANDRADE, Hernani. Parapsicologia Experimental. Ed. Centro Espírita do Calvário, 1967 3. RASKIN, Dean. Entangled Minds. Ed. Harper Collins 4. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo. 5. KAPRA, Fritjof. O Tao da Física. Ed. Cultrix. São Paulo, 1984 6. PERT, Candace. Molecules of Emotion. Ed Scribner. New York. 2003.

*

**EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)
VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA**

*

20ª AULA E ÚLTIMA DO CURSO PREPARATÓRIO
11 DE AGOSTO DE 2.015

CURSO PREPARATÓRIO PARA ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES

Vide site www.josefleuri.com.br – pág. 321 do site

LICEU ALLAN KARDEC - CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPÍTULO XII – AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Pagar o Mal com o Bem

1. Tendes ouvido o que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos. Fazei bem ao que vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e vir chuva sobre justos e injustos. Porque, se não amardes senão aos que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também assim? E se saudares somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? - Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior e mais perfeita que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus. (MATEUS, V:20, 43-47).

O ÓDIO • Fénelon • Bordeaux, 1861

10. Amai-vos uns aos outros, e sereis felizes. Tratai sobretudo de amar aos que vos provocam indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, que deveis tornar o vosso modelo, deu-vos o exemplo dessa abnegação: missionário do amor, amou até dar o sangue e a própria vida. O sacrifício de amar os que vos ultrajam e perseguem é penoso, mas é isso, precisamente, o que vos torna superiores a eles. Se vós os odiásseis como eles vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. É essa a hóstia imaculada que ofereceis a Deus, no altar de vossos corações, hóstia de agradável fragrância, cujos perfumes sobem até Ele.

Mas embora a lei do amor nos mande amar indistintamente a todos os nossos irmãos, não endurece o coração para os maus procedimentos. É essa, pelo contrário, a prova mais penosa. Eu o sei, pois durante minha última existência terrena experimentei essa tortura. Mas Deus existe, e pune, nesta e na outra vida, os que não cumprem a lei do amor. Não vos esqueçais, meus queridos filhos, de que o amor nos aproxima de Deus, e o ódio nos afasta d'Ele.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO VIII - EMANCIPAÇÃO DA ALMA
I – O SONO E OS SONHOS

400. O Espírito encarnado permanece voluntariamente no envoltório corporal?

– É como perguntar se o prisioneiro está satisfeito sob as chaves. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais deseja ver-se desembaraçado.

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

– Não, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.

SONAMBULISMO

432. Como explicar a visão à distância, em alguns sonâmbulos?

– A alma não se transporta, durante o sono? O mesmo se verifica no sonambulismo.

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?

– De uma e de outra; há disposições físicas que permitem ao Espírito libertar-se mais ou menos facilmente da matéria.

434. As faculdades de que o sonâmbulo desfruta são as mesmas do Espírito após a morte?

– Até certo ponto, pois é necessário ter em conta a influência da matéria, a que ele ainda se acha ligado.

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

– A maioria os vê muito bem; isso depende do grau e da natureza da lucidez de cada um; mas às vezes ele não compreende, de início, e os toma por seres corporais. Isso acontece, sobretudo, com os que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo; eles ainda não compreendem a natureza dos Espíritos, o fato os espanta, e é por isso que julgam estar vendo pessoas vivas.

O mesmo efeito se produz no momento da morte, entre os que ainda se julgam vivos. Nada ao seu redor lhes parece modificado, os Espíritos lhes aparecem como tendo corpos semelhantes aos nossos, e eles tomam a aparência de seus próprios corpos como corpos reais.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO IX - LOCAIS ASSOMBRADOS

14. Que pensar da eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos dos locais assombrados?

— Vistes muitas vezes esse meio dar resultados? Não vistes, ao contrário, redobrar-se a tropelia após as cerimônias de exorcismo? E eles se divertem ao serem tomados pelo Diabo. Os Espíritos que não têm más intenções podem também manifestar a sua presença por meio de ruídos ou mesmo tornar-se visíveis, mas não fazem jamais tropelias incômodas. São quase sempre Espíritos sofredores, que podeis aliviar fazendo preces por eles. De outras vezes são mesmo Espíritos benevolentes que desejam provar a sua presença junto a vós, ou, por fim, Espíritos levianos que se divertem. Como os que perturbam o repouso com barulhos são quase sempre Espíritos brincalhões, o que melhor se tem a fazer é rir do que fazem. Eles se afastam ao verem que não conseguem amedrontar ou impacientar. (Ver o cap. V: Manifestações Físicas Espontâneas.)

Resulta das explicações acima que há Espíritos que se apegam a certos locais e neles permanecem de preferência, mas não têm necessidade de manifestar a sua presença por efeitos sensíveis. Qualquer local pode ser a morada obrigatória ou de preferência de um Espírito, mesmo que seja mau, sem que jamais haja produzido alguma manifestação.

Os Espíritos que se ligam a locais ou coisas materiais nunca são superiores, mas por não serem superiores não têm de ser maus; de alimentar más intenções. São mesmo, algumas vezes, companheiros mais úteis do que prejudiciais, pois caso se interessem pelas pessoas podem protegê-las.

*

O CÉU E O INFERNO

CAPÍTULO II - ESPÍRITOS FELIZES

6. Há materialistas bastante endurecidos para acreditarem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser reduzidos a nada?

— Sem dúvida, há os que creem nisso até à última hora. Mas no momento da separação o Espírito sofre um retorno às profundezas de si mesmo, a dúvida então o envolve e o tortura, levando-o a se perguntar no que irá se transformar. Ele quer compreender alguma coisa e não consegue. A separação nunca se faz sem essa impressão.

Um Espírito nos deu, em outra ocasião, o quadro seguinte do fim do incrédulo:

O incrédulo endurecido experimenta nos seus últimos momentos as angústias desses terríveis pesadelos em que nos vemos à beira de um precipício, prestes a cair no abismo, fazendo inúteis esforços para escapar, sem conseguir recuar. Nesses momentos queremos agarrar a alguma coisa, encontrar um ponto de apoio, mas nos sentimos deslizar. Queremos gritar e não podemos articular palavras. É assim que vemos o moribundo se contorcer, crisar as mãos e emitir sons angustiados, sinais certos do pesadelo em que se encontra. No pesadelo comum o despertar nos livra do desespero e ficamos felizes ao constatar que tudo foi apenas um sonho. Mas o pesadelo da morte se prolonga, às vezes por longo tempo, até mesmo por anos, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que ele às vezes se vê mergulhado.

*

A GÊNESE

CAPÍTULO II - DEUS

A Visão de Deus

35. - O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas.

Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não veem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara. Não o veem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe respondam a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36. - Nenhum homem, conseqüentemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão despreendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação.

Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

*

OBRAS PÓSTUMAS

As Cinco Alternativas da Humanidade

§ I — DOCTRINA MATERIALISTA

A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem **nada é antes, nem depois** da vida corporal.

Consequências. Sendo o homem apenas matéria, os gozos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil.

*

**FILOSOFIA ESPÍRITA AMOR DA SABEDORIA –
E FILOSOFIA GERAL
(VOLUME II DE IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)**

Vide site www.josefleuri.com.br

**2 – PLATÃO – (427 a.C. – 347 a.C.) - Pág. 136 do site
Livro: Os Filósofos. José Herculano Pires. (Continuação)
PLATÃO E A REALIDADE - (O mito da Caverna)**

Sócrates quer mostrar a Glauco a triste condição do Homem na vida terrena, e propõe-lhe, no livro sétimo da *República*, o mito da caverna. Este mito é uma síntese alegórica de toda a doutrina de Platão. Enfileiram-se os homens no fundo de uma caverna, acorrentados de tal maneira, desde a infância, que não podem voltar-se para trás. Estão de face para o fundo, em cuja parede se projetam as sombras do que se passa lá fora. O sol é o grande projetor, o fogo misterioso que gera o movimento das sombras. Mas se um dia um desses escravos se libertar, poderá voltar-se, andar, encarar a luz que entra pela boca desconhecida da caverna e descobrir a realidade.

Não obstante, há um preço, que o liberto terá de pagar pela sua liberdade. A princípio, será deslumbrado pela luz e verá as coisas com tamanha dificuldade, que continuará atribuindo realidade às sombras da parede. Desviará os olhos do sol, e perceberá que as sombras são mais nítidas. Saindo, e começando a subir o “caminho escarpado” que se eleva ante a boca da caverna, em direção ao sol, sofreria ainda mais. Até que seus olhos se acostumassem com a luz, teria de desviá-los dos objetos reais para as suas sombras, projetadas no solo, ou para os seus reflexos na água. “Precisaria de tempo – diz Sócrates – para se adaptar à claridade da região superior”.

Suponhamos agora que o escravo liberto já se habituou à luz e tornou-se capaz de encarar o próprio sol. Então compreenderá a verdadeira natureza das sombras projetadas na parede da caverna. E se voltar para lá, e disser aos companheiros o que viu e o que aprendeu, será acusado de haver sofrido perturbações visuais, por ter subido à região superior. E ainda mais: “... se alguém quisesse proporcionar-lhes a mesma liberdade, mereceria ser preso e morto”. Mas o que viu a luz aprenderá a desdenhar as sombras, e acima de tudo compreenderá que não se pode dar a ciência como quem dá vista a um cego. “Não se trata de dar a alma a faculdade de ver, que ela já possui, mas de corrigir a direção dos seus órgãos visuais”.

O Mito é para a realidade “algo assim como uma abreviatura”, diz Julián Marías, ao tratar dos mitos de Platão. “O papel do Mito – acentua – é manifestar-nos a realidade, ainda que de maneira imperfeita e parcial, para mostrar ao que ela se assemelha. O Mito, longe de ser um substituto da definição, é superior a ela. O verdadeiro conhecimento, para Platão, se encontra no Mito. Mas o mito platônico, que parte da definição, não é como o mito pré-filosófico”. E vemos aqui, no mito da caverna, quanto são reais essas conclusões. Como uma abreviatura, uma síntese, este mito nos dá a visão geral da doutrina platônica.

A realidade, para Platão, está fora da caverna. Pertence ao mundo da luz, à estrada escarpada que as criaturas têm de subir em direção ao Bem Supremo, ou à ideia do Bem. A realidade, pois, é a Ideia. E a irrealidade está nas coisas, no mundo sensível. Sua concepção do mundo é assim dualista, existindo o sensível e o inteligível. O sensível não tem estabilidade, não tem segurança, pois flui continuamente, como as águas de um rio ou as labaredas do fogo heraclítico. Pode haver maior prova de irrealidade do que essa fluidez? Se os homens, em geral, pensam que o real está no sensível, é porque são escravos da matéria, voltados para as sombras que se projetam no fundo da caverna. Vivemos na sombra, entre sombras inconsistentes, e nós mesmos nada mais somos do que sombras, mas trazemos em nós a lembrança oculta do mundo das idéias.

(Continua na próxima aula)

*

**FILOSOFIA GERAL VERSUS FILOSOFIA ESPÍRITA
LIVRO DE JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Vide site www.josefleuri.com.br

**CAPÍTULO V – pág. 136 do site
O HOMEM NO UNIVERSO - PRIMEIRA PARTE
FILOSOFIA GERAL**

É o homem o predestinado senhor do universo ou é o “verme do pó”? Que relação existe entre o homem e o universo? É o homem o centro do universo, o alvo de toda a criação ou mero incidente sem maior significado no universo que uma partícula de pó? É o universo amistoso ou inamistoso para com o homem, ou é simplesmente indiferente?

“Quando contemplo os vossos céus, a obra de vossas mãos, a Lua e as estrelas que instituístes, que é o homem para que vos lembreis dele?” Escreveu o antigo salmista hebreu há muitos séculos; e sua resposta revelou uma opinião elevada sobre a dignidade do homem: “Contudo, fizeste-o pouco menos do que Deus e o coroastes de glória e honra. Fazei com que ele tenha domínio sobre as obras das vossas mãos; tudo pusestes debaixo de seus pés.”

Eis aí uma atitude com relação ao problema do lugar do homem no universo. É a crença de que ele é a obra-prima de todo o processo criador, podendo dominar tudo no universo. Ele é “pouco menos do que Deus”.

Outra crença acerca do lugar do homem na natureza foi expressa pelo autor bíblico do *Eclesiastes*. Esse homem cético doutrina: “Porque aquilo que acontece aos filhos do homem acontece também aos animais... como morre um, assim morre o outro... o homem não tem predomínio sobre os animais... Todos vão para um só lugar, todos são pó e todos ao pó tornarão.”

Eis um pessimismo extremado sobre o homem. Ele nada é senão pó, um verme miserável sem proeminência ou força. Sofre, luta e é esmagado pelas forças da natureza, que são consideráveis e poderosas. Sua vida é um “mar de sofrimento”, um “vale de lágrimas e tristezas”.

Da mesma maneira que os primeiros sábios do Judaísmo pensavam sobre esse problema, assim pensavam também os de outras raças e povos. Os egípcios, babilônios, assírios, fenícios e outros povos antigos esforçavam-se por compreender o homem em relação ao universo. Havia, entre eles, otimistas que o colocavam acima de tudo o mais, e pessimistas que o consideravam nada mais que um insignificante segundo no tempo.

Importância do Homem Segundo os Filósofos Gregos Antigos

Conquanto os primeiros gregos da Antiguidade não tivessem debatido diretamente o problema do lugar do homem no universo, suas teorias sobre a natureza deste deixavam-no, por inferência, como parte do universo. Para *Tales*, por exemplo, o homem, como tudo o mais, na natureza, originou-se da água. Surgiu através de um processo natural e, no devido tempo, retorna à matéria original do universo.

No pensamento de todos aqueles gregos antigos, a natureza é suprema e o homem uma parte dela, *Heráclito* doutrinava que o homem é uma parte do fogo universal e está sujeito às leis do universo. Escreveu: “Essa ordem de coisas não foi feita por nenhum dos deuses ou pelo homem; sempre existiu, existe e existirá um fogo eternamente vivo, alimentando-se segundo medidas fixas e extinguindo-se também segundo medidas fixas”. Temos aí uma ideia nítida da absoluta supremacia do universo, da natureza. O homem, como tudo o mais, os deuses inclusive, está sujeito ao universo e nada pode fazer para mudá-lo ou para dele escapar.

Segundo *Empédocles*, o homem, à semelhança das demais coisas, compõe-se dos elementos do mundo: terra, ar, fogo e água. Todas as coisas no mundo são vivas e têm o poder de pensar. O homem difere das demais visto possuir maior soma desse poder.

Os *atomistas* doutrinavam que o homem é o resultado da mistura de átomos, da mesma maneira que o são a árvore, a estrela ou qualquer outra coisa. A criatura humana tem *átomos-alma*, em abundância, que respira e expele durante toda a vida. Ao cessar esse processo, ela morre e os *átomos-alma* se espalham.

Todos os filósofos gregos, antes dos *sofistas*, julgavam o homem uma parte do universo, composto dos mesmos elementos de tudo o mais e sujeito às mesmas leis. No homem, alguns dos elementos são um pouco mais requintados do que os existentes em outros corpos; essa é, porém, toda a diferença. Para eles, o homem é produto do universo e tem que cumprir suas exigências sem o que será destruído.

Os sofistas tomaram posição contrária. Julgavam o homem o centro do universo. “O homem” – disse *Protágoras*, o mais destacado dos sofistas – “é a medida de todas as coisas.” *Protágoras*, com outros sofistas, passou do estudo da natureza para a do homem e suas relações. Segundo eles, o homem não se achava mais ligado ao universo e sujeito às suas leis inevitáveis. Ao contrário, era considerado livre, capaz de determinar o próprio destino, moldar o mundo ou, pelo menos, a parte que lhe é de maior importância, de tal modo que seus desejos viessem a ficar satisfeitos. Os sofistas desligaram o homem da lei natural e procuraram fazê-lo senhor de seu destino.

Com isso, os sofistas abriram o problema sobre o lugar do homem na natureza. Tornaram-se céticos quanto à possibilidade de o homem compreender o universo e concentraram-se no estudo do próprio homem e suas relações com os demais.

Teorias de Sócrates, Platão e Aristóteles – continua na próxima aula

*

PSICOGRAFIAS – LICEU ALLAN KARDEC – BURI

Vide site www.josefleuri.com.br

041) RECONCILIAI-VOS, ENQUANTO ESTAIS A CAMINHO! O MOMENTO É AGORA! – pág. 66 do site

Amigos, irmãos!

Irmãos, irmãos! Já vos falei, de outra vez, que nossos momentos são muito preciosos e, se, não os usarmos bem estaremos perdendo tempo precioso e necessário para o nosso aprimoramento. Não deixemos escapar esses momentos que são tremendamente úteis para a nossa passagem por este lugar, para que finalmente aprendamos algo de útil e concreto, que utilizaremos em outra etapa de nossas vidas.

Sei que estão cheios de mágoas, rancores e muitos dissabores atualmente; mas, lembrem-se, que tudo o que se passa com vocês, com cada um de vocês agora, se pensam ser um mal, então será um mal necessário e útil, senão para fazê-los acordar para a realidade que estão passando, será para acordar ou despertar alguém que convive convosco.

Sei que passam por momentos muito difíceis e se perguntam: será que mereço isso? Ou, ah! Eu não mereço tanto sofrimento! Tanta ingratidão!

Merecem, sim, e deem graças a Deus por estarem passando por esses maus momentos, pois vocês os pediram, para poderem aceitar melhor o que não tiveram paciência de suportar outrora. Não percam esses momentos: com raiva, com blasfêmia e imprecizações. Vivam esses momentos da melhor forma possível e sejam úteis para alguém. O momento é “agora”. Só aprendemos com a queda.

Com a revolta contra os outros que nos fazem mal, deixando de aproveitar o momento para aprender a amar, a perdoar, então estamos novamente perdendo o nosso tempo. Por que estão aqui se não foi para a reabilitação perante os outros? Então, não

percam tempo: deem-se as mãos agora, para não serem inimigos na eternidade. Aproveitem com as tristezas e maus momentos, porque nos bons momentos é fácil ser bom, é fácil aceitar os defeitos e falhas dos outros. O momento é agora, pelo que estão passando: tristeza, mágoa, revolta. Deixem para lá, e sigam o caminho que pediram, sem mais perda de tempo.

Os momentos são importantes. E a companhia de seres que nos afetam de alguma maneira é necessária: não os rejeitem!

Aceitem e perdoem. Eles precisam de seu amor e de sua oração; tenham piedade, porque nem sempre sabem o que fazem. O momento é agora! Perdoem!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 31/10/2000).

*

133) FORÇA JOVEM! – pág. 110 do site

Graças a Deus irmãos estamos juntos novamente. Graças a Deus estamos felizes por contar com tamanho recurso para desenvolver nossas atividades. Jovens com muito potencial para alavancar o progresso moral em nossa terra. Nós do plano espiritual também ficamos muito agradecidos pela presença de todos daí. A força jovem é de grandíssima importância para nós. A casa está repleta de luz que vem de Jesus. As lições fluíram com naturalidade e persuasão. Agradeçamos a Jesus e a Deus por este momento maravilhoso. Os irmãos desencarnados necessitados foram atendidos a contento. Graças a Deus que as bênçãos estejam com todos e todos os familiares.

(Médiun: João Francisco. Espírito: Joaquim. Liceu A. Kardec, Buri, 05/05/2006).

*

134) BIP! BENEVOLÊNCIA, INDULGÊNCIA, PERDÃO!

Graças a Deus irmãos estamos novamente juntos. Se ainda convivo com a dor é porque não tenho amor suficiente. Se ainda sofro as tentações é porque ainda sou devedor. Porque a Justiça de Deus não cobra de quem não deve. Podemos ser úteis, amorosos e caridosos, mas, muitas vezes, nos acomodamos no conforto do lar e esquecemos que podemos fazer muito mais pelo nosso próximo. *Orai e vigiai porque oportunidades de fazer o bem é o que mais tem.* Não vamos pecar por omissão. Vamos viver de forma intensiva a nossa passagem por aqui; intensiva de amor, de caridade, de benevolência para com todos. Precisamos sentir as necessidades do próximo para poder ajudá-lo e até mesmo para termos consciência do que somos capazes de fazer. Que a bênção de Jesus esteja com todos e todos os familiares.

(Liceu Allan Kardec, Médiun: João Francisco. Espírito: Joaquim. Buri, 12/05/2006).

*

SEXO NÃO É PECADO – COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SEXO

Vide site www.josefleuri.com.br

**CONHECE-TE A TI MESMO: SEXO E ESPIRITISMO –
O SEXO E O AMOR EM NOSSAS VIDAS - CELSO MARTINS**

**TRANSEXUALIDADE – pág. 22 do site
RESPOSTAS CÁRMICAS SEVERAS**

Na espécie humana as funções sexuais traduzem intensas trocas de energias que transcendem a organização física. Poderíamos dizer que as forças desenvolvidas pelo encontro sexual representariam um grande alimento e complemento para o Espírito. O homem necessitando dos eflúvios perispirituais da mulher, e esta absorvendo os componentes energéticos da organização masculina. Dois seres que realmente se amam complementam-se mutuamente; desenvolvem energias nutridoras para as fontes de seus respectivos espíritos. Se o desenvolvimento dessas energias pela prática homossexual se faz no

atendimento dos sentidos, é claro e lógico pensar-se que forças da mesma polaridade sexual serão absolutamente destrutivas para as raízes da alma. O abuso neste setor concorrerá para rupturas e desestruturações dos campos espirituais. Nestes casos; as respostas cármicas serão severas e de conseqüências funestas para as etapas reencarnatorias vindouras.

Na educação, compreensão dos problemas sob as luzes da dinâmica espírita, evitando o confronto e absorção das energias do mesmo sexo, e jamais atendendo as solicitações dos sentidos, estaria o caminho não só do entendimento, mas, principalmente, da libertação. Aos que se encontram nos anseios da patologia homossexual terão possibilidade de equilíbrio se desviarem essas energias para os campos construtivos das artes, literatura, trabalhos técnicos, assistência social, etc., e que por estarem envoltas nas energias criativas desaguariam em seguras posições do psiquismo, equacionando novas trilhas evolutivas com autênticas manifestações de criatividade e progresso

*

**EXERCÍCIO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO – (OPTATIVO)
VIBRAÇÕES – PRECE DE AGRADECIMENTO (PAI NOSSO)
E ENCERRAMENTO DA AULA**

*